



ANA LAURA DONEGÁ

**PUBLICAR FICÇÃO EM MEADOS
DO SÉCULO XIX: UM ESTUDO DAS REVISTAS
FEMININAS EDITADAS PELOS IRMÃOS LAEMMERT**

**CAMPINAS
2013**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ANA LAURA DONEGÁ

**PUBLICAR FICÇÃO EM MEADOS
DO SÉCULO XIX: UM ESTUDO DAS REVISTAS FEMININAS
EDITADAS PELOS IRMÃOS LAEMMERT**

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Mestra em Teoria e
História Literária, na área de História e
Historiografia Literária.**

**CAMPINAS
2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
CRISLLENE QUEIROZ CUSTODIO – CRB8/8624 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

D716p

Donegá, Ana Laura, 1987-

Publicar ficção em meados do século XIX: um estudo
das revistas femininas editadas pelos irmãos Laemmert /
Ana Laura Donegá. -- Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientadora: Márcia Azevedo de Abreu.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Eduardo & Henrique Laemmert (Editora). 2. Editores
e edição. 3. Ficção brasileira. 4. Prosa brasileira. 5.
Imprensa. I. Abreu, Márcia. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Publishing fiction in the mid of the nineteenth century: a study
of women's magazines edited by the Laemmert brothers.

Palavras-chave em inglês:

Eduardo and Henrique Laemmert (Presses)

Publishers and publishing

Brazilian fiction

Brazilian prose literature

Press

Área de concentração: História e Historiografia Literária.

Titulação: Mestra em Teoria e História Literária.

Banca examinadora:

Márcia Azevedo de Abreu [Orientadora]

Jefferson Cano

Alessandra El Far

Data da defesa: 25-02-2013.

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA:

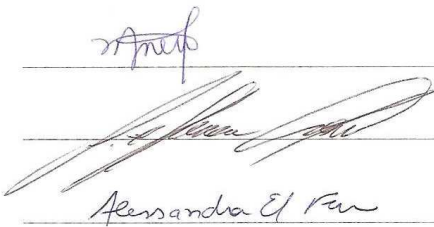
Márcia Azevedo de Abreu

Jefferson Cano

Alessandra El Far

Ilana Heineberg

Ana Cláudia Suriani da Silva Grütter



Handwritten signatures of the examiners: Márcia Azevedo de Abreu, Jefferson Cano, and Alessandra El Far.

IEL/UNICAMP
2013

*Dedico esta dissertação a minha família, em
agradecimento ao apoio, suporte e carinho
recebidos em todos os momentos e minutos da
minha existência.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha orientadora, Profa. Dra. Márcia Abreu, ao lado de quem tenho me aventurado nos labirintos dos periódicos brasileiros desde a Iniciação Científica. A ela devo a leitura cuidadosa das inúmeras versões deste texto, as valiosas dicas de bibliografia e as sugestões enriquecedoras que permitiram que esta dissertação chegasse aos resultados atuais. Márcia, aproveito para expressar minha eterna gratidão por você ter me acolhido entre seus orientandos e por tudo aquilo que me ensinou, não apenas sobre o mundo acadêmico, mas sobre a vida como um todo ao longo desses seis anos!

Aos professores que participaram do exame de qualificação, Prof. Dr. Jefferson Cano e Profa. Dra. Ilana Heineberg. Ao primeiro, agradeço pelos comentários enriquecedores que iluminaram alguns aspectos ainda obscuros e apontaram novos caminhos para a pesquisa. À segunda, pela gentil acolhida em sua casa, pela conversa descontraída na cidade de Bordeaux e pela indicação de livros desconhecidos que se mostraram extremamente úteis a meus propósitos.

À Profa. Dra. Ana Cláudia Suriani da Silva, que muito afetosamente aceitou se encontrar comigo em Londres, por me oferecer a oportunidade de assistir à palestra sobre moda no século XIX no British Museum, pela divertida companhia nos corredores do museu e pela leitura atenta do meu projeto de pesquisa.

Ao Prof. Dr. Jean-Yves Mollier, que orientou meu estágio acadêmico na França, na Université de Versailles Saint Quentin-en-Yvelines, entre os meses de fevereiro a agosto de 2012. Agradeço pela chance de participar de seus seminários de pesquisa nessa instituição de ensino, pelas sugestões bibliográficas pertinentes ao tema da História do Livro e da Leitura e pelas valiosas dicas sobre como trabalhar nas diferentes bibliotecas parisienses.

Aos funcionários do Instituto de Estudos de Linguagem. Agradeço ao Miguel, à Rose, ao Cláudio e principalmente à Francis por terem esclarecido dúvidas sobre a parte administrativa e ajudado a gerenciar a documentação necessária para a realização da minha viagem à França.

A todos os colegas que auxiliaram na realização desta pesquisa: à Andréa Correa Paraiso Müller, pela revisão cuidadosa dos meus textos em francês; à Bruna Grasiela da Silva Rondinelli, pela simpática companhia desde a Iniciação Científica; à Clara Carolina Santos, por ter pacientemente me instruído sobre questões diversas, que nem sempre dizem respeito ao dia a dia universitário; à Izenete Garcia Nobre, por sempre alegrar nossas reuniões de orientação com seu bom humor; ao Lucas Lamônica, que sabe como ninguém aliviar os momentos de tensão com uma boa dose de otimismo, e ao Leandro Thomaz de Almeida, por todas as preciosas dicas que facilitaram – e muito! – a vida à beira do Sena.

Não poderia deixar de fora aquelas que acompanharam mais de perto meu trabalho: minhas amigas Danielle Crepaldi de Carvalho, ao lado de quem visitei diferentes acervos, bibliotecas, teatros e pontos turísticos do Rio de Janeiro, e Juliana Maia de Queiroz, cujo carisma tão particular sempre consegue alegrar o meu dia. Agradeço especialmente à Lígia Cristina Machado, por todas as conversas que ajudaram a diminuir as tensões com os percalços acadêmicos e a amenizar a saudade da família, quando eu me encontrava do outro lado do Atlântico; e à Valéria Cristina Bezerra, por ter me ensinado que é possível encontrar uma amizade verdadeira em um meio tão competitivo como o nosso. Obrigada por ter ficado a meu lado, comemorado comigo e incentivado todos os passos dessa pesquisa, sobretudo aqueles que disseram respeito ao estágio em Paris – que, como você bem sabe, muito mais do que uma simples viagem, foi a realização de um verdadeiro sonho para mim!

Ao Júlio que, a despeito da grande distância e do pouco tempo que faz desde que nos conhecemos, já conseguiu conquistar um espaço gigantesco dentro do meu

coração. A seu lado, os dias em Paris se tornaram mais doces e completos. Agradeço pelo incentivo constante à minha profissão, pelo interesse demonstrado mesmo nas minúcias do meu cotidiano, por ouvir, de forma paciente e repetidas vezes, minhas angústias, crises e desabafos e ainda pelo suporte emocional oferecido a cada um dos meus sonhos e pensamentos.

À minha família, pelo apoio incondicional sem o qual não seria possível o desenvolvimento desta pesquisa. A meu pai, Álvaro (*in memoriam*), cujas histórias antes de dormir, lidas repetidamente todas as noites, foram responsáveis por criar em mim o gosto por livros, mundos fantásticos e aventuras no meio das letras. À minha mãe, Cristiane, por ter estado ao meu lado em todos os momentos e comemorado até as mínimas vitórias da minha vida estudantil. Aos meus irmãos, Beatriz e Álvaro Júnior, que inúmeras vezes tiveram que abrir mão dos momentos de lazer, desligar o rádio ou mesmo diminuir o volume da TV para que eu pudesse manter a concentração. À primeira, agradeço ainda por trazer organização à minha vida e impedir que eu me perca no meu próprio caos e, ao segundo, por ajudar esta pesquisadora, por vezes demasiadamente estressada, a relaxar, se distrair e esquecer um pouco das obrigações.

Por último, mas não menos importante, à Fapesp, pelos dois anos de bolsa de Mestrado e pelos cinco meses de bolsa BEPE (Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior), que permitiram o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação investiga a presença e a circulação da ficção em prosa no Rio de Janeiro Oitocentista, tomando como base duas revistas femininas editadas por Eduardo e Henrique Laemmert: o *Correio das Modas* (1839-1840) e o *Novo Correio de Modas* (1852-1854). Reconstituímos as condições de existência dos periódicos, situando-os no interior da ação editorial dos Laemmert, considerando suas redes de produção e de circulação e, ainda, avaliando de que maneira eles se relacionaram com outras publicações da época. Observamos os valores que ambos ajudaram a propagar, partindo da análise das seções dedicadas à prosa ficcional, nas quais o intuito de guiar o comportamento das leitoras se mostrou especialmente evidente. Identificamos as narrativas difundidas pelas revistas, apresentamos sua procedência, distinguimos as nacionais das traduzidas e estabelecemos comparações entre as traduções e os originais, atentando para modificações, cortes e acréscimos. Por fim, observamos o diálogo estabelecido nos dois periódicos entre a literatura estrangeira e a literatura nacional devido ao compartilhamento de uma mesma temática nestas narrativas, que foram centradas em questões morais.

Palavras-chave: Eduardo e Henrique Laemmert – ficção em prosa – imprensa feminina

ABSTRACT

This work investigates the presence and circulation of fictional prose at the nineteenth century Rio de Janeiro. Its basis are two feminine magazines, *Correio das Modas* (1839-1840) and *Novo Correio de Modas* (1852-1854), edited by Eduardo and Henrique Laemmert. We reconstituted the conditions of existence of these two journals, placing them within Laemmers' publishing action, taking into consideration their production and circulation networks, and evaluating how they were related to other publications of that time. We analyzed sections dedicated to fictional prose, in which the intention of guiding the readers' behavior was proved specially evident, and where we observed the values they helped to spread. We identified the narratives these magazines disseminated, presented their origin, distinguished the national narratives from the foreign ones, and compared the translations to the original texts, highlighting changes, cuts, and additions. At last, we observed on these two journals a dialogue between foreign literature and national literature due to sharing a common theme in narratives, which were centered on moral issues.

Keywords: Eduardo and Henrique Laemmert – prose fiction – women's press

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT	9
1.1 A trajetória de Eduardo e Henrique Laemmert	9
1.2 Os best-sellers da tipografia	20
1.3 As obras de belas-letras	34
CAPÍTULO 2: AS REVISTAS FEMININAS DA TIPOGRAFIA UNIVERSAL.....	45
2.1 Origens da imprensa feminina no Brasil	45
2.2 Em busca do público leitor	51
2.3 Apresentando o Correio das Modas e o Novo Correio de Modas	60
2.4 A importância da moda.....	70
CAPÍTULO 3: A EUROPA E O BRASIL	79
3.1 Direitos autorais e tradução no Brasil Oitocentista	79
3.2 As traduções de Henrique Veloso de Oliveira	87
3.3 As fontes estrangeiras das revistas: França e Inglaterra.....	95
3.4 As fontes estrangeiras das revistas: Portugal e Alemanha	108
3.5 As narrativas brasileiras	117
CAPÍTULO 4: A IMPORTÂNCIA DA MORAL	131
4.1 Normas de comportamento para os cônjuges	131
4.2 Normas de comportamento para pais e filhos	142
4.3 Preceitos para mães e moças	152
4.4 Preceitos gerais	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175
ANEXOS	195

ANEXOS

1. CATÁLOGOS DA LIVRARIA UNIVERSAL	195
1.1 Segunda parte do novo catálogo sistemático de escolhidos livros em português publicados e à venda no Rio de Janeiro na Livraria Universal (data desconhecida).....	195
1.2 Catálogo das obras poéticas em português à venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert mercadores de livros Rua da Quitanda 77 (1866).....	199
2. ORIGENS DAS NARRATIVAS DO <i>CORREIO DAS MODAS</i> E DO <i>NOVO CORREIO DE MODAS</i>	209
2.1 Correio das Modas (1º. semestre de 1839).....	209
2.2 Correio das Modas (2º. semestre de 1840).....	217
2.3 Novo Correio de Modas (1º. semestre de 1852).....	234
2.4 Novo Correio de Modas (2º. semestre de 1852).....	240
2.5 Novo Correio de Modas (1º. semestre de 1853).....	249
2.6 Novo Correio de Modas (2º. semestre de 1853).....	258
2.7 Novo Correio de Modas (1º. semestre de 1854).....	266
2.8 Novo Correio de Modas (2º. semestre de 1854).....	274
3. TABELAS ORIGENS DAS NARRATIVAS	283
3.1 Correio das Modas (1º. semestre de 1839).....	283
3.2 Correio das Modas (2º. semestre de 1840).....	284
3.3 Novo Correio de Modas (1º. semestre de 1852).....	286
3.4 Novo Correio de Modas (2º. semestre de 1852).....	287
3.5 Novo Correio de Modas (1º. semestre de 1853).....	288
3.6 Novo Correio de Modas (2º. semestre de 1853).....	290
3.7 Novo Correio de Modas (1º. semestre de 1854).....	291
3.8 Novo Correio de Modas (2º. semestre de 1854).....	292
3.9 Tabela origens das narrativas do Correio das Modas	293
3.10 Tabela origens das narrativas do Novo Correio de Modas.....	294
3.11 Tabela origens das narrativas geral	296
4. NARRATIVAS DE ORIGEM FRANCESA	297
4.1 Retiradas de livros do(s) autor(es).....	297
4.2 Assinadas por um autor francês, veiculadas na imprensa periódica de língua francesa e/ou publicadas em periódicos estrangeiros sob indicação de que se trata de uma tradução do francês.....	302
5. NARRATIVAS DE ORIGEM INGLESA.....	309
5.1 Retiradas de livros do(s) autor(es).....	309

5.2 Assinadas por um autor inglês, veiculadas na imprensa periódica de língua inglesa e/ou publicadas em periódicos estrangeiros sob indicação de que se trata de uma tradução do inglês.....	311
6. NARRATIVAS DE ORIGEM PORTUGUESA	315
6.1 Retiradas de livros do(s) autor(es).....	315
6.2 Assinadas por um autor português ou veiculadas na imprensa periódica de língua portuguesa.....	315
7. NARRATIVAS DE ORIGEM ALEMÃ.....	319
7.1 Retiradas de livros do(s) autor(es).....	319
7.2 Assinadas por um autor alemão, veiculadas na imprensa periódica de língua alemã e/ou publicadas em periódicos estrangeiros sob indicação de que se trata de uma tradução do alemão.....	320
8. NARRATIVAS DE ORIGEM ESPANHOLA.....	323
8.1 Retiradas de livros do(s) autor(es).....	323
8.2 Assinadas por um autor espanhol, veiculadas na imprensa periódica de língua espanhola e/ou publicadas em periódicos estrangeiros sob indicação de que se trata de uma tradução do espanhol	324
9. NARRATIVAS DE ORIGENS ÁRABE OU ITALIANA	325
9.1 Retiradas de livros do(s) autor(es).....	325
9.2 Assinadas por autor de línguas italiana ou árabe e/ou veiculadas na imprensa periódica desses dois idiomas.....	325
10. NARRATIVAS DE ORIGENS PERSA, POLONESA E RUSSA.....	327
10.1 Retiradas de livros do(s) autor(es).....	327
10.2 Assinadas por autor persa, polonês ou russo, veiculadas na imprensa periódica de uma dessas línguas e/ou publicadas em periódicos estrangeiros sob indicação de que se trata de uma tradução desses três idiomas	328
11. NARRATIVAS DE ORIGEM BRASILEIRA	329

INTRODUÇÃO

Entre os diversos comerciantes estrangeiros que participaram do mercado de livros no Brasil Oitocentista, merecem destaque as figuras de dois irmãos provenientes de Rosenberg – cidade situada no território hoje conhecido como Alemanha –, chamados Eduardo e Henrique Laemmert. A trajetória dos Laemmert no país teve início em 1827, quando Eduardo chegou ao Rio de Janeiro para trabalhar como representante na filial de uma livraria francesa. Alguns anos mais tarde, inaugurou seu próprio estabelecimento comercial e convidou o irmão mais novo para fazer parte dos negócios. Juntos, eles abriram uma oficina tipográfica, a Tipografia Universal, que se tornou especialmente famosa pela publicação de almanaques e guias com informações úteis para o cotidiano dos moradores da corte e das províncias – o *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial para o Rio de Janeiro* e as *Folhinhas de Laemmert*.

O investimento em obras destinadas a públicos amplos rendeu-lhes lucros surpreendentemente altos e ainda renome entre autoridades e instituições. Contudo, Eduardo e Henrique Laemmert não se limitaram às impressões acima mencionadas. Pelo contrário, o projeto editorial dos irmãos foi ambicioso e bastante diversificado. Eles investiram também em livros didáticos, científicos e históricos, em obras de referência – como dicionário e enciclopédias –, em traduções de clássicos infantis e em manuais técnicos autoinstrutivos sobre temas variados, incluindo agricultura, culinária, etiqueta e medicina. Além disso, participaram do mercado de belas letras, ajudando a resguardar árcades brasileiros – como Tomás Antonio Gonzaga e José Bonifácio – e a impulsionar a carreira de escritores iniciantes – como Gonçalves Dias e Sousândrade, que a essa altura estreavam no mundo das letras e publicavam seus primeiros livros.

O trabalho dos irmãos com a literatura pode ser igualmente averiguado nos diversos periódicos impressos pela Tipografia Universal entre os anos de 1839 a 1854. Em janeiro de 1839, os prelos da tipografia lançaram o *Correio das Modas: jornal crítico, literário, das modas, bailes, teatros etc.* (1839-1840). Dedicada ao sexo feminino, a revista trouxe modelos de figurino, debuxos de bordados para suas assinantes, narrativas

ficcionais, poesias e charadas. Dez anos mais tarde, apareceu o *Museu pitoresco, ou livro recreativo das famílias* (1849), um periódico ricamente ilustrado com gravuras vindas da Europa que representavam monumentos, como a torre de Belém, na entrada do Tejo, ou a praça de S. Marcos, em Veneza. Como indica seu subtítulo, era consagrado essencialmente à divulgação de “novelas morais”, “tanto nacionais como traduzidas dos melhores autores franceses, ingleses e alemães”. De acordo com Costa, trouxe ainda alguns contos holandeses e russos.¹ No ano seguinte, os irmãos deram início ao *Novo Gabinete de Leitura: repertório oferecido às famílias brasileiras para seu recreio e instrução* (1850). Contou com a participação de importantes letrados nacionais, condição que garantiu que fosse citado na obra *Histoire de la Littérature Brésilienne*, de Ferdinand Wolf, como um dos periódicos disseminadores da poesia romântica do país.²

Alguns anos mais tarde, os Laemmert voltaram a investir na imprensa periódica feminina. No começo de 1852, eles publicaram o *Novo Correio de Modas: novelas, poesias, viagens, recordações históricas, anedotas e charadas* (1852-1854). A revista apresentou inúmeras diferenças em relação a sua antecessora, a começar pela presença de outros nomes entre os redatores e colaboradores. Ademais, trouxe matérias que não haviam aparecido nas páginas do *Correio das Modas*, como, por exemplo, viagens e recordações históricas. Por fim, teve outra organização, sendo iniciada com uma narrativa e finalizada com a exposição de uma gravura de figurino, exatamente o contrário do que ocorrera com a revista anterior. Dessa forma, o adjetivo “novo” não parecer ter sido utilizado como mero acessório. Ele indica a intenção de retomar um periódico e de alterá-lo parcialmente por meio de algumas inovações.

Os títulos e os subtítulos dos quatro periódicos lançados pela Tipografia Universal fizeram referência a palavras como “novela”, “moral”, “literatura” e “recreação”, o que sugere o interesse de se usar essas narrativas para transmitir ensinamentos aos leitores e, ao mesmo tempo, diverti-los. Tais textos ficcionais imbuídos de finalidades práticas, que visaram à moralização, à instrução e ao entretenimento dos leitores, apresentaram origens diversas. Alguns foram escritos por autores nacionais, engajados em impulsionar a ainda

¹ COSTA, Ferreira, Orlando da. **Imagem e Letra: Introdução à Bibliologia Brasileira – A Imagem Gravada**. 2ª. ed. São Paulo, Edusp, 1994. p. 435.

² WOLF, Ferdinand. **Le Brésil Littéraire: histoire de la littérature brésilienne**. Berlim: A. Asher, 1863. p. 219.

recente literatura brasileira, enquanto outros vieram das penas de escritores estrangeiros, provenientes de países como França e Inglaterra. Ao acolherem essas narrativas importadas e as traduzirem para seus leitores, *O Correio das Modas*, o *Museu Pitoresco*, o *Novo Gabinete de Leitura* e o *Novo Correio de Modas* exerceram o papel de mediadores entre o Brasil e a Europa. Em outras palavras, eles favoreceram a circulação da produção literária do Velho Mundo desse lado de cá do Atlântico e estimularam o contato dos habitantes do Rio de Janeiro com culturas diferentes.

A apropriação de textos estrangeiros era uma prática recorrente na imprensa da época, permitida devido à inexistência de leis que regulamentassem a atividade, protegessem os autores e lhes garantissem os direitos sobre suas produções. De acordo com Ramicelli, a medida tinha a finalidade de “enriquecer o meio cultural brasileiro, reconhecidamente incapaz de fornecer por si só toda a variada matéria cultural de que um periódico se alimenta”.³ É possível, no entanto, que em certos casos decorresse mais de comodismo do que de qualquer objetivo patriótico. Ao menos é o que indica a introdução da narrativa “A morte de uma filha”, publicada pelo *Correio das Modas*, no dia 16 de fevereiro de 1839. Segundo o tradutor, a “falta de talento próprio” teria feito com que ele optasse por utilizar um texto de um dos “mais elegantes escritores Franceses”:

“Mas o artigo... É verdade! Em falta de talento próprio, deve aproveitar-se o alheio. O artigo que vos ofereço, é d’um dos mais elegantes escritores Franceses, e, para me servir da linguagem e comparações de autores antigos, é uma rosa colhida no jardim do amor paterno e materno. Li-o no *Journal des Enfants* e chorei... Para que este sorriso de mofa? Talvez vos admireis que um homem de barba na cara leia o *Periódico dos Meninos* e chore. Si fora para outros que escrevesse, por certo não daria satisfações, mas a vós são elas devidas. O *Periódico dos Meninos* é uma das mais belas Coleções de novelas que hei visto, e não se persuada alguém que são histórias para acalantar crianças. (...)”⁴

A menção feita pelo tradutor ao *Journal des Enfants* foi uma exceção. Quando folheamos as revistas impressas pela Tipografia Universal – assim como outros periódicos

³ RAMICELLI, Maria Eulália. **Narrativas itinerantes**: aspectos franco-britânicos da ficção brasileira em periódicos do século XIX. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 2-3.

⁴ **Correio das Modas**. 1º. sem. de 1839, n. 7, 16/02/1839, p. 51. Optamos por atualizar a ortografia de acordo com as normas do português do Brasil hoje em vigor.

lançados no Brasil no século XIX –, raramente deparamo-nos com dados como esse. Na maioria das vezes, não se indicava nem a fonte utilizada, nem mesmo o nome do autor, de modo que o leitor da época não conseguia diferenciar se se tratava de uma tradução ou de uma produção própria dos periódicos. Para superar ao menos parte dessa lacuna, avaliar de que maneira as publicações dos Laemmert colocaram os leitores brasileiros em contato com a ficção estrangeira, descobrir quem eram os autores mais recorrentes, os assuntos abordados e as fontes utilizadas, selecionamos para análise as revistas *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas*.

Diferentes motivos orientaram essa escolha: em primeiro lugar, ambas circularam durante um período de tempo maior em comparação aos outros periódicos da Tipografia Universal. Sendo assim, possuem mais narrativas para serem estudadas do que o *Museu Pitoresco* e o *Novo Gabinete de Leitura*. O segundo motivo foi a presença da temática da moda unindo as duas publicações. Isso acentuou nossa curiosidade em descobrir se havia outros pontos de convergência entre elas – para além das tendências de vestuário e das regras de etiqueta – e ainda se essas semelhanças atingiam as seções das narrativas – ou, em outras palavras, se os assuntos, os autores e as origens desses textos eram, se não idênticos, ao menos parecidos. Por último, mas não menos importante, levamos em conta o direcionamento dos dois periódicos para o público feminino. O estudo desses materiais pode ajudar a compreender qual era o papel social esperado das mulheres na época – ao menos do ponto de vista dos redatores e colaboradores –, bem como quais concepções a esse respeito procurou-se transmitir às leitoras nos vários artigos publicados pelas revistas.

A princípio, nosso objetivo era analisar todos os folhetins difundidos por esses periódicos. Contudo, a maior parte das narrativas ficcionais apresentadas por eles se limitou a apenas um número, sendo raros os casos de publicações seriadas. Logo, precisamos abandonar essa meta inicial e englobar tanto as narrativas veiculadas sequencialmente, quanto aquelas cuja aparição se restringiu a um único número. Essa mudança revelou um novo problema: a grande quantidade de material. As duas revistas publicavam, em média, quatro narrativas ficcionais a cada número – dependendo, é claro, do tamanho dos textos. Se considerarmos que o *Correio das Modas* totalizou 26 números no primeiro semestre de

1839 e 53, no segundo semestre de 1840⁵; enquanto o *Novo Correio de Modas* computou, ao todo, 43 números em 1852, 53, em 1853 e 50, em 1854, chegaremos a um total de 225 números e 900 textos. Diante desses altos valores, limitamos o *corpus* da pesquisa às narrativas com ao menos uma página de extensão, eliminando anedotas curtas e outros textos breves. Mesmo assim, os números mantiveram-se altos: ao todo, buscamos a origem de 278 narrativas, sendo 96 do *Correio das Modas* e 182 do *Novo Correio de Modas*.

A internet revelou-se uma grande aliada nessa etapa da pesquisa, especialmente sites de busca como *Google Books* e *Open Library*, onde se encontra parte do acervo de grandes bibliotecas brasileiras e internacionais. Em um primeiro momento, procuramos pela tradução em língua francesa, inglesa e espanhola dos títulos das narrativas. Poucos resultados foram obtidos com tal estratégia. Os tradutores desse período não se mantinham fiéis aos títulos, substituindo-os com certa frequência. Por exemplo, a narrativa “Comment on se fait aimer de sa femme”, publicada em 1850 na *Revue pittoresque: musée littéraire rédigé par les premiers romanciers et illustré par les premiers artistes*, foi traduzida para as páginas do *Novo Correio de Modas* como “Joana, ou um amor contrariado”.⁶ Na mesma revista, apareceu “A mão esquerda”, uma tradução de “Dieu et le diable”, de Alphonse Karr, publicada em 1835 no *Les cent-et-une nouvelles nouvelles des cent-et un*.⁷

Embora costumassem modificar os títulos, os tradutores do século XIX respeitavam, na maioria das vezes, os nomes próprios utilizados pelo autor. Assim, o nome de uma personagem, de uma cidade, de um monumento, de um rio, ou de uma montanha geralmente permanecia o mesmo na versão original e na versão traduzida. Diante dessa constatação, passamos a buscar os nomes próprios que apareciam nas narrativas em fontes digitais, obtendo resultados cada vez mais positivos. Alguns textos foram localizados

⁵ Somente o primeiro semestre de 1839 e o segundo semestre de 1840 foram conservados. Procuramos os meses faltantes em instituições de leitura, como a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o Real Gabinete Português de Leitura, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Museu Histórico Nacional, mas não os localizamos.

⁶ “Joana, ou um amor contrariado”. *Novo Correio de Modas*. 1º sem. de 1852, n. 18, p. 137-140. Fontes: estrangeiras MONSELET, Charles. “Comment on se fait aimer de sa femme”. *Revue pittoresque: musée littéraire rédigé par les premiers romanciers et illustré par les premiers artistes*, 1850, p. 24-27; “O que fez um marido para que sua mulher o amasse”. *Revista Popular*: seminário de literatura, ciência e indústria. v. V, janeiro de 1852, p. 28-30.

⁷ “A mão esquerda”. *Novo Correio de Modas*. 1º sem. de 1853, n. 15, p. 113-?. Fonte estrangeira: KARR, Alphonse. “Dieu et le diable”. *Les cent-et-une nouvelles*. v. II. Paris: Chez Ladvocat, 1835. p. 97-114.

rapidamente, outros demandaram uma busca detalhada. Encontramos a narrativa “O serralheiro da Filadélfia”, publicada em 1839 no periódico inglês *Bentley’s Miscellany*, sob o título de “The Locksmith of Philadelphia”, após procurar no *Google Books* o nome do protagonista Amos Sparks.⁸ Já para descobrir a fonte de “O leque e a ventarola”, buscamos nesse mesmo site o nome da personagem, Leucippe, mais uma expressão em língua estrangeira não traduzida na versão brasileira, Festa di Cathedra. A narrativa é uma tradução de “L’éventail”, título com o qual foi veiculada, em 1851, nas páginas da revista *Le conseiller des dames: journal d’économie domestique et de travaux d’aiguille*.⁹

A adoção dessa estratégia de pesquisa levou à localização da origem de diversas narrativas estrangeiras. Contudo, como os dados disponibilizados no *Google Books* e no *Open Library* não permitem a leitura integral desses materiais, para comparar a tradução com os textos estrangeiros foi imprescindível o acesso direto aos originais em bibliotecas e arquivos. Felizmente, a partir desse momento, já sabíamos em quais periódicos procurar. E não só isso: as datas de publicações, as páginas que faltavam e, com um pouco de sorte, até mesmo os títulos dos textos. Nossos resultados foram bastante satisfatórios com a localização da origem de 65,62% dos textos publicados no *Correio das Modas* e de 79,12% do *Novo Correio de Modas*.

Para atingir as metas desta pesquisa delineadas anteriormente, dividimos a presente dissertação em quatro capítulos. O primeiro, chamado **Eduardo e Henrique Laemmert**, reconstitui a trajetória dos irmãos enquanto homens dos livros. Discorremos sobre *Almanaque Laemmert* e as *Folhinhas de Laemmert*, as mais conhecidas publicações da Tipografia Universal, e ainda sobre algumas obras de belas-lettras lançadas pelos irmãos, evidenciando a rede de relações estabelecida por eles com alguns literatos da época. O objetivo aqui é mostrar parte do trabalho de Eduardo e Henrique Laemmert com as letras

⁸ “O serralheiro da Filadélfia”. *Novo Correio de Modas*. 1º sem. de 1852, n. 1, p. 3-4 e ?. Fonte estrangeira: PEREGRINE. “The Locksmith of Philadelphia”. *Bentley’s Miscellany*, 1839, p. 272-280.

⁹ “O leque e a ventarola”. *Novo Correio de Modas*. 1º sem. de 1852, n. 6, p. 43-45. Fonte estrangeira: BROOT, Alphonse. “L’éventail”. *Le conseiller des dames: journal d’économie domestique et de travaux d’aiguille*. t. IV, Avril 1851, p. 177-180.

brasileiras – questão que não costuma ser muito comentada pelos pesquisadores do período – e ainda os papéis desempenhados por eles no favorecimento de trocas culturais entre o Brasil e a Europa, por meio do ofício de livreiros – portanto, da venda de obras traduzidas e de livros importados na corte –, ou por meio do trabalho enquanto editores – ou seja, da impressão de obras de autores de origens diversas na tipografia.

Dentre as produções editoriais dos Laemmert, destacaram-se as revistas *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas*, nas quais ficou nítida a articulação entre o que vem de fora e a produção local. Por isso, no segundo capítulo, intitulado **As revistas femininas da Tipografia Universal**, tratamos das matérias contempladas por elas, que incluíam uma ampla gama de assuntos, e delimitamos quem seriam seus assinantes, considerando o preço das subscrições. No intuito de compreender como os periódicos se relacionaram com outros do mesmo período, falamos brevemente da imprensa feminina contemporânea. Destacamos da mesma forma a temática da moda, uma vez que as gravuras de figurino que acompanhavam os exemplares tinham, na maioria das vezes, origem francesa – aspecto esse constantemente valorizado pelos redatores das publicações.

No terceiro capítulo, chamado **A Europa e o Brasil**, mostramos que, além de aproximar as leitoras da moda francesa, os periódicos favoreceram o contato daquelas que liam suas colunas com a produção literária estrangeira. De início falamos da noção de tradução em voga na época, evidenciando que a atividade se assemelhava mais da adaptação que da simples passagem de certo conteúdo de uma língua para outra. A fim de evidenciar essa questão, analisamos três traduções feitas por Henrique Veloso de Oliveira para o *Novo Correio de Modas*: “Profecias modernas”; “Cagliostro, o célebre alquimista” e “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental”.¹⁰ Em seguida, apontamos as fontes estrangeiras utilizadas pelo *Correio das Modas* e pelo *Novo Correio de Modas*, mencionando alguns autores, materiais e assuntos mais recorrentes. Para

¹⁰ “Profecias modernas”. *Novo Correio de Modas*. 1º sem. de 1854, n. 9, p. 65-67 e n. 10, p. 72-74; “Cagliostro, o célebre alquimista”. Ibidem. 2º sem. de 1854, n. 19, p. 145-147, n. 20, 153-156 e n. 21, p. 161-164; e “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental”. Ibidem. 1º sem. de 1852, n. 09, p. 66-68, n. 10, p. 73-76 e n. 11, p. 81-84. Fontes estrangeiras: MACKAY, Charles. **Memoirs of extraordinary popular delusions and the madness of crowds**. Philadelphia: Lindsay and Blakiston, 1850; e **LES MILLE et une jours: comptes persans, turcs et chinois**. Trad. par Cardonne, Petit de la Croix et al. Paris: Purrat Frères, 1844.

finalizar, apresentamos alguns textos ficcionais de origem nacional encontrados nos dois periódicos, cuja autoria foi atribuída a nomes como Maciel da Costa, Martins Pena, Josino do Nascimento, João José de Sousa e Silva Rios e Firmino Rodrigues da Silva.

Por fim, no quarto e último capítulo, designado **A importância da moral**, demonstramos que o zelo pela instituição familiar esteve presente nas duas publicações, orientando tanto a seleção das narrativas importadas quanto a escrita dos colaboradores brasileiros. Evidenciamos que os textos ficcionais estrangeiros publicados pelo *Correio das Modas* e pelo *Novo Correio de Modas* não foram escolhidos de forma arbitrária, pois se procurou privilegiar aqueles que criticavam certas condutas impróprias. Como se tratava de duas revistas femininas, a maior parte dos ensinamentos morais foi dirigido às leitoras – daí a recorrência de textos que preconizavam a resignação com os defeitos dos maridos, a fidelidade conjugal em todos os casos, a abdicação das vontades próprias em prol dos filhos e o abandono de sentimentos pouco elevados, como a vaidade e o ciúme excessivos. Essas normas de comportamento para o sexo feminino apareceram com a mesma força nas produções de origem brasileira, sendo um aspecto comum com a literatura traduzida.

A leitura das narrativas estrangeiras e brasileiras publicadas pelas revistas, empreendida dessa forma, nos permitiu lançar um novo olhar sobre a produção e a circulação da literatura no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. Mostrou que o processo de constituição da literatura nacional, que tanto preocupava os românticos desse período, ocorreu em paralelo à forte presença da literatura estrangeira – cujo acesso era facilitado devido à ausência de direitos autorais – e que o propósito moralizador foi uma equivalência nos conteúdos da produção nacional e internacional, servindo de guia para ao menos parte da escrita dos autores daqui e d'além mar.

CAPÍTULO 1

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

1.1 A trajetória de Eduardo e Henrique Laemmert



Figura 1: Imagem de Eduardo Laemmert
(10/08/1806 – 14/01/1880).

Fonte: *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, 1881.



Figura 2: Imagem de Henrique Laemmert
(27/10/1812 – 10/10/1884).

Fonte: HALLEWELL, 1985.

Eduardo Laemmert nasceu em 10 de agosto de 1806 e seu irmão, Henrique, em 27 de outubro de 1812. Eram provenientes de Rosenberg, cidade localizada no grão-ducado de Baden¹¹, e filhos de um ministro protestante chamado F. W. Laemmert. Incentivados pelo pai, de quem receberam instrução nas línguas clássicas e outros conhecimentos necessários na prática comercial, partiram para Carlsruhe, a capital do ducado, a fim de

¹¹ A cidade de Rosenberg se localiza nas margens do rio Reno, no território atualmente conhecido como Alemanha. A unificação do país ainda não havia ocorrido no período em que Eduardo e Henrique Laemmert nasceram. Na época, diversos reinos, ducados e cidades livres compunham o território. Mais tarde, eles foram integrados em um mesmo país. Por isso, optamos por não utilizar os adjetivos “alemão” ou “germânico” quando nos referimos aos dois editores.

aprenderem o ofício de livreiro-editor.¹² Aos 14 anos de idade, o mais velho dos irmãos conseguiu emprego na Gottlieb Braun, onde permaneceu até 1825, quando viajou para a capital francesa. Seis anos mais tarde, Henrique entrou na casa do livreiro Marx.

Em Paris, Eduardo Laemmert teve a oportunidade de trabalhar na tradicional livraria Bossange, uma gigante internacional fundada em 1785, cuja rede “cobria o mundo todo”.¹³ Logo conquistou a simpatia de Hector Bossange, que na época estava no comando da firma paterna. Por isso, quando o proprietário decidiu abrir, em associação com Jean Pierre Aillaud, uma filial no Rio de Janeiro, escolheu o jovem livreiro para ajudá-lo em seu empreendimento.¹⁴ Aos 21 de idade, Eduardo aportou em território nacional ao lado de um português chamado Francisco Luís Caldas e Sousa. Em abril de 1827, eles abriram a firma Souza, Laemmert & Cia¹⁵:

“Souza, Laemmert e C., sócios de J. P. Aillaud e Bossange de Paris têm a honra de participarem ao Respeitável Público desta Capital, que acabam de estabelecer uma loja de livros, na rua dos Latoeiros n. 88. Acha-se neste estabelecimento uma escolha de obras francesas modernas, tanto em Filosofia, Administração, Jurisprudência, como também em Artes, Ciências, Poesias Alemãs, Inglesa, Latina, Italiana, Espanhola e Portuguesa.

A sociedade que os Participantes contraíram com duas casas assaz conhecidas em Paris, sua ligação com elas, as frequentes relações com Livreiros em Inglaterra, Espanha, Itália, Portugal, Alemanha &c., lhe procuram todos os meios de suprirem por preços módicos, e receberem dos indicados Países, no mais breve espaço de tempo as obras que não se acharem no seu estabelecimento. Todos os volumes são encadernados pelos melhores encadernadores de Paris. Igualmente tem a vender um sortimento completo, e moderno de música Italiana e Francesa.

O catálogo se distribui grátis.”¹⁶

¹² SILVA, Inocêncio Francisco da (org.). **Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil**. t. IX (C-G). Lisboa: Imprensa Nacional, 1870. p. 164.

¹³ COOPER-RICHET, Diana. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX?. Tradução de Carla Furtado Lins. **Varia historia**, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, p. 539-555, Jul/Dez 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752009000200009&lng=en&nrm=isso>. Acesso em: 24/01/2013.

¹⁴ SILVA, Inocêncio Francisco da, *op. cit.*, 1870. p. 164.

¹⁵ RENAULT, Décio. **O Rio de Janeiro nos anúncios dos jornais: 1808-1850**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p. 75.

¹⁶ **Jornal do Comércio**, edição de 09/04/1828, seção de anúncios. Fonte: MANÇANO, Regiane. **Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. p. 48.

O anúncio acima, veiculado nas páginas do *Jornal do Comércio*, evidencia a variedade de obras disponíveis no catálogo da Souza, Laemmert & Cia., que englobava livros provenientes de muitos países sobre os mais diversos assuntos. Isso dependia em grande parte da atuação de Jean Pierre Aillaud e de Hector Bossange, responsáveis por fornecer o material vendido pelos representantes na capital do Império. A nova livraria certamente contribuiu para ampliar a circulação de obras estrangeiras no Rio de Janeiro, garantindo a atualização dos leitores cariocas com os impressos publicados no exterior. No entanto, ela fechou suas portas rapidamente, apenas cinco anos após o início de suas atividades. A esse respeito, encontra-se nos arquivos de Paris a seguinte informação:

“Este estabelecimento recebeu como capital 25.000 francos de livros a 15% de desconto somente sobre o catálogo. O ato de fundação da sociedade é de 6 de abril de 1827 e expirou a 1º. de março de 1833. O comércio estando já muito asfiziado no Rio de Janeiro, a última revolução o aniquilou.”¹⁷

Os anos de 1830 constituíram um período tumultuado da história e tiveram como resultado a abdicação de D. Pedro I diante da forte reivindicação popular contrária à política do Imperador – fatos a que a documentação francesa atribuiu o fracasso do empreendimento. Contrariando a atitude dos comerciantes que representava, Eduardo Laemmert decidiu continuar investindo no mercado de livros brasileiro. Procurou se incorporar à cultura local por meio do domínio da língua portuguesa e do casamento com uma jovem de rica família, filha de um deputado. Quando a sociedade entre Bossange e Aillaud terminou, em março de 1833, ele empregou suas economias e o dote da esposa para instalar-se individualmente com uma livraria na Rua da Quitanda n. 139.¹⁸

No dia 31 de março desse mesmo ano, ele publicou um anúncio no *Jornal do Comércio* a fim de informar a população sobre a inauguração de sua loja. O reclame indica que Eduardo Laemmert não introduziu profundas modificações no catálogo do novo estabelecimento comercial, mantendo o predomínio de obras de caráter científico, filosófico

¹⁷ Archives de Paris, dossier D11 U3 87, faillite 6948 du 16 juillet 1831. Apud: COOPER-RICHET, Diana, *op. cit.*, s/ p.

¹⁸ HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil (sua história)**. Trad. de Maria da Penha Villalobos e Lolio Lourenço de Oliveira, São Paulo: EDUSP, 1985. p. 233.

e administrativo, que haviam sido o grande destaque da Souza, Laemmert & Cia., como vimos anteriormente:

“LIVROS À VENDA

Eduardo Laemmert, tem a honra de anunciar ao respeitável público, que acaba de abrir sua livraria na rua da Quitanda n. 139, entre a rua do Ouvidor e a do Rosário; acha em sua casa um grande sortimento de livros em diferentes idiomas, sobre comércio, economia, política, jurisprudência, filosofia, teologia, medicina, cirurgia, farmácia, matemática, assim como uma grande coleção de música moderna para piano, e outros instrumentos, papel e livros de diferentes qualidades em branco, e os números avulsos dos periódicos publicados nesta Corte.”¹⁹

Em 1835, dois anos após a fundação da livraria, Eduardo Laemmert retornou à Europa e convidou o irmão para participar de seu negócio. Nessa altura, aos 22 anos de idade, Henrique já possuía longa experiência no comércio editorial, no qual trabalhava desde 1826 – tendo permanecido durante sete anos em Carlsruhe, na casa Marx, e depois passado à livraria de J. G. Cotta, em Stuttgart, onde ficou por três anos.²⁰ O livreiro regressou à capital brasileira no dia 29 de maio de 1835, declarando-se “mercador de livros” na alfândega.²¹ Seu irmão mais novo chegou alguns meses mais tarde, em 10 de agosto do mesmo ano. O oficial da alfândega afirmou que ele tinha “cabelos louros, olhos pardos, rosto comprido, pouca barba, estatura ordinária, nariz e boca regulares”, em contraste com Eduardo, que possuía “cabelos castanhos, olhos azuis, nariz e boca regulares, rosto comprido e pouca barba.”²²

Os irmãos passaram a residir na Rua da Quitanda, nº. 139, endereço inicial da casa de livros, que foi transferida para o número 77 da mesma rua, onde se manteve ao longo de alguns anos.²³ Em 1838, Henrique, que vinha trabalhando como funcionário na

¹⁹ **Jornal do Comércio**, edição de 31/05/1833, seção de anúncios.

²⁰ HALLEWELL, Laurence, *op. cit.*, p. 233.

²¹ BURGER, Paulo. **A tipografia no Rio de Janeiro**: impressores bibliográficos 1808-1900. Rio de Janeiro: Cia Industrial de papel Pirahy, 1984. p. 24.

²² *Ibidem*. p. 25.

²³ Nunca houve consenso entre os pesquisadores acerca da localização inicial da livraria Laemmert. Gilberto Ferrez afirmou que Eduardo teria iniciado seu negócio na Rua da Quitanda, nº. 77, opinião compartilhada por Laurence Halewell, Hélio Vianna e também por Paulo Burger. No entanto, ao analisar as etiquetas de diversos estabelecimentos dedicados à venda de livros, Ubiratan Machado deparou-se com uma exemplar peculiar da casa, na qual o endereço Rua da Quitanda nº. 139 havia sido riscado e substituído pelo nº. 77. Questionando-se sobre o motivo dessa troca, o autor propôs que o caso refletiria um possível erro de impressão, ou então a

empresa, ascendeu ao posto de sócio da firma, a partir de então designada como “Eduardo e Henrique Laemmert, mercadores de livros e de músicas.”²⁴ De acordo com Ubiratan Machado, “era uma loja requintada, onde se vendiam também artigos importados da França, como águas minerais, chocolates e pastilhas”²⁵ – o que indica que a relação comercial estabelecida pelos Laemmert com a Europa ia além do mundo dos livros. Logo no início da sociedade, no dia 2 de janeiro de 1838, eles abriram uma oficina tipográfica, chamada Tipografia Universal, dedicada não apenas à impressão, mas também à encadernação.²⁶ Numa época em que o adjetivo “brasileiro” aparecia com muita recorrência – como nos títulos de romances, por exemplo –, o nome do estabelecimento não parece ter sido escolhido ao acaso. Talvez fizesse referência à origem estrangeira dos editores ou mesmo à variedade de assuntos contemplados pelas publicações da casa.

Em 1842, o cunhado dos irmãos, Carlos Guilherme Haring, entrou na sociedade e assumiu o posto de gerente da tipografia. Sob sua direção, ela assistiu a um crescimento vertiginoso, superando outras concorrentes localizadas tanto no Brasil quanto na América Latina. No ano de 1859, a ela contava com 120 funcionários distribuídos em diversas funções, sendo empregados em torno de 40 compositores na gráfica e mais 50 operários na oficina de encadernação. Os “quatro prelos a *Stanhope*” e as “duas máquinas de movimento circular construídas pelo sistema de König & Bauer” existentes na firma eram capazes de produzir um total de 24 mil folhas por dia. Os altos números se mantinham na oficina de encadernação, que originava entre 4 a 5 mil encadernações e entre 13 a 14 mil brochuras

mudança de localização da livraria, que continuou aproveitando as antigas etiquetas com o endereço anterior. De fato, em seus primeiros anos, a loja de livros de Eduardo se encontrava na Rua da Quitanda n. 139, conforme indicam o anúncio publicado pelo próprio livreiro no *Jornal do Comércio*, em 1833, e também as páginas de rosto de algumas obras disponíveis em seu estabelecimento comercial. A esse respeito, ver: FERREZ, Gilberto. A obra de Eduardo Laemmert. **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, Brasília - Rio de Janeiro, n. 331, p. 193- 211, 1981; HALLEWELL, Laurence, *op. cit.*, p. 233-250; VIANA, Hélio. A casa Laemmert. **Jornal do Comércio**, edição de abril de 1968, s./p.; BURGER, Paulo. *op. cit.*, p. 23-25; UBIRATAN, Machado. **A etiquetas de livros no Brasil: subsídios para uma história das livrarias brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2003. p. 21.

²⁴ HALLEWELL, Laurence, *op. cit.*, p. 25.

²⁵ MACHADO, Ubiratan. **Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. p. 37.

²⁶ SILVA, Inocêncio Francisco da, *op. cit.*, 1870. p. 165.

mensais. Após aproximadamente 30 anos de atividade, os irmãos se orgulhavam de terem produzido mais de 500 títulos diferentes.²⁷

Além do trabalho como livreiros e tipógrafos, Eduardo e Henrique Laemmert colaboraram na redação das publicações mais importantes da Tipografia Universal, as *Folhinhas de Laemmert* e o *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, das quais trataremos adiante. O mais novo dos irmãos participou ainda de alguns periódicos, como o *Museu pitoresco* e o *Novo Gabinete de Leitura*.²⁸ Já o mais velho criou a revista *Enciclopédia do riso e da galhofa*, escondido sob o singular pseudônimo de Pafúncio Semicúpio Pechincha. Em 1862, os fascículos iniciais, com cerca de 112 páginas cada, foram reunidos em 14 tomos que juntos somaram 2.648 verbetes.²⁹ Conforme apontou Saliba, a *Enciclopédia* pode ser considerada, ao lado da *Revista Ilustrada* – redigida em 1860 por Henrique Fleiuss – e da *Semana Ilustrada* – publicada em 1876 por Ângelo Agostini –, como uma dos primeiros periódicos de cunho humorístico veiculados com regularidade no Brasil.³⁰

Eduardo Laemmert dedicou-se também à tradução: em 1865, ele verteu para o português o *Novo método completo de piano*, de Henri Rosellen, um afamado compositor francês, cujo nome era recorrente nas páginas de periódicos europeus dedicados à crítica musical. Um anúncio localizado no referido *Almanaque*, nesse mesmo ano, indica que a obra tinha o objetivo de ajudar na “arte de tocar piano” e de ser acessível mesmo àqueles que não contavam com “disposições extraordinárias para a música”.³¹ Para Inocêncio Francisco da Silva, ela seria resultado do grande interesse de Eduardo Laemmert pelo assunto, a quem definiu como um “apaixonado e inteligente amador de música”.³²

²⁷ FERREZ, Gilberto, *op. cit.*, p. 198 e HALLEWEEL, Laurence, *op. cit.*, p. 25.

²⁸ SILVA, Inocêncio Francisco da, *op. cit.*, 1860, p. 14. O bibliógrafo português apontou que o editor havia colaborado na revista *Correio das Modas*. Contudo, não localizamos nenhum artigo assinado com seu nome ou suas iniciais, o que nos leva a questionar a informação trazida por Silva.

²⁹ **Enciclopédia do riso e da galhofa em prosa e verso: repertório de anedotas joviais, oferecida aos inimigos da tristeza, por Pafúncio Semicúpio Pechincha, patusco jubilado.** Rio de Janeiro: Tip. dos Editores E. & H. Laemmert, 1863.

³⁰ SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 46.

³¹ **Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1865.** Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1864. p. ii.

³² SILVA, Inocêncio Francisco da, *op. cit.*, 1870. p. 165.

O livreiro também ajudou José Feliciano de Castilho a terminar sua tradução de *Fausto*, provavelmente a primeira versão em português existente da peça. Interessado em auxiliar na difusão da cultura alemã entre os lusos, Castilho começou a verter para o português textos de alguns escritores, como Klopstock, Wieland e Schiller. A dificuldade encontrada com a obra de Goethe – “tão abstruso no pensamento, tão fora do comum no estilo, e tão cheio de nós górdios na linguagem” –, fez com que ele recorresse a Eduardo Laemmert, um “valente e zeloso auxiliar” que dominava os dois idiomas.³³ Em 1872, Antonio Feliciano, irmão de José Feliciano de Castilho, publicou uma nova edição, na qual se encontra a seguinte referência ao “inédito” enviado alguns anos antes por Eduardo Laemmert:

“Nada mais curioso que este inédito; sente-se em cada frase e em cada palavra a probidade, o escrúpulo quase beato do intérprete. O como ele depois de colocar as palavras portuguesas na confusa ordem das alemãs as concerta fora do hipérbato segundo a nossa ordem usual! O como procura e acha as frases, os modismos quando os há, que melhor se correspondem com os do idioma que transplanta! A sinonímia com que os termos embaraçosos do original vêm com ilustrada crítica trocados em miúdos! E sobretudo a franqueza de verdadeiro sabedor, com que às vezes declara que não aventa o senso ou a intenção do seu poeta, senso e intenção que os mais finos alemães não dissimulam escapar-lhes a miúdo.”³⁴

Conforme apontou Hallelwell, esse testemunho coloca em xeque a opinião tradicional acerca da tradução feita por Antonio Feliciano de Castilho. Costuma-se pensar que ele tomou como base uma edição francesa do poema de Goethe, no entanto, provavelmente ele também utilizou a versão realizada por Eduardo Laemmert a pedido de seu irmão, José Feliciano de Castilho.³⁵

³³ GOETHE, Johann Wolfgang. **Fausto**. Trad. de Antonio Feliciano de Castilho. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/faustogoethe.html>>. Acesso em: 24/01/2013.

³⁴ Ibidem.

³⁵ HALLEWELL, Laurence, *op. cit.*, p. 242. Para Augusto Meyer, o escritor português teria utilizado nada menos do que sete versões do poema para criar a sua tradução: “Se a tradução está para o original assim como a lua está para o sol, a de Castilho pode ser considerada uma lua da lua: Eduardo Laemmert fez para uso de José Feliciano uma tradução interlinear fidelíssima; José Feliciano de Castilho, irmão de Castilho, trocou a prosa em versos variados; Castilho tomou deste segundo parto e retraduziu o monstro em vernáculo, auxiliado, como ele mesmo esclarece, por sete intérpretes, a tradução interlinear e ilustrada do prestimoso Laemmert, a de José Feliciano, a de Agostinho D’Ornelas e quatro francesas em prosa entremeadas de verso. É fácil imaginar o resultado, um dos subprodutos mais estranho da história das traduções, refogado na panela

Eduardo e Henrique Laemmert sempre mantiveram contato com sua cultura natal. Prova disso é a presença de diversos autores de língua alemã nos catálogos da Livraria Universal, como mostraremos adiante. Por isso, quando o mais velho dos irmãos se afastou dos negócios da família, em 1877, retornou à capital do ducado de Baden. Desde muito antes ele visitava a cidade por motivos de saúde e para cuidar da educação de sua única filha, que morava em companhia de uma senhora. Em 22 de novembro de 1864, redigiu uma carta ao livreiro Domingos José Gomes Brandão – cuja loja se encontrava nas vizinhanças de seu estabelecimento, na Rua da Quitanda, nº. 70³⁶ –, solicitando-lhe notícias da família, dos negócios e da economia no Brasil:

“O motivo destas poucas linhas ao acabar-se este ano velho, é de me chamar à sua memória e de saber da sua saúde e da sua estimada família, pedindo-lhe de me favorecer também de algumas linhas (à Rua da Quitanda 77), com as quais – encerrando bem notícias a respeito da sua pessoa, do andamento dos negócios, como lhe foi durante e depois da crise, como vão as coisas do Brasil – muito gosto me dará. Diga-me também como passa o seu sogro, o Sr. Agra, e queira dar-lhe os meus respeitos, assim como saudades aos seus meninos, se ainda se lembrarem de mim.

Como Vossa Senhoria terá sabido, regressei felizmente à minha terra, achei a minha filha, hoje de 14 ½ anos de idade, bem crescida e educada por uma Senhora Viúva de 42 anos de idade, que ao mesmo tempo nos governa a casa há cinco anos (com uma cozinheira e uma criada de quarto), de maneira que passamos uma vida regrada e muito tranquila, não me faltando distrações de viagens que faço tão fácil como frequentemente, assim como desfruto aqui teatros, concertos, lindos passeios em uma cidade célebre por seu asseio e limpeza. Isto, com a saúde de que gozo, me dá cada vez mais desejos de se me prolongar o fio da existência, qual, aproximando-se muito dos terríveis sessenta janeiros, não deixa de me inspirar sério cuidados.

do purismo com recheio de excertos.” Fonte: MEYER, Augusto. Traduções. **Remate de males**, Revista do Departamento de Teoria Literária, Campinas, n. 4, p. 204-205, dez. de 1884. Logo após a publicação da obra, ferverham críticas na imprensa, dando origem a uma polêmica que se tornou conhecida como a “Questão do Fausto”. As opiniões a esse respeito foram as mais diversas: Camilo Castelo Branco saiu em defesa de Castilho, Antero de Quental questionou a habilidade do tradutor com o idioma alemão e Joaquim de Vasconcelos classificou a obra como “um aborto nacional”. A esse respeito, ver: BRITO, A. Ferreira. Carolina Michaëlis, paradigma da lusofilia do seu tempo. **Revista da Faculdade de Letras Língua e Literaturas**, Porto, v. XVIII, p. 191-198, 2001.

³⁶ **Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1864**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1863. p. 338.

Muito desejo, meu caro Sr. Brandão, que estas linhas o achem no gozo de saúde e venturas, e que me creia com sentimentos de estima e consideração, seu atento venerador criado e Amigo.”³⁷

No dia 11 de janeiro de 1880, ainda em Carlsruhe, o livreiro faleceu repentinamente. Henrique Laemmert deu continuidade ao empreendimento, incorporando como sócios seu genro, Edgon Widmann, além de Artur Sauer e Gustavo Massow. Eles transformaram a loja de livros em Livraria Universal de Henrique Laemmert & Cia e a tipografia em Tipografia Universal de Laemmert & C.³⁸ Quatro anos mais tarde, em 10 de outubro de 1884, o falecimento de Henrique não alterou os rumos da firma, que manteve suas atividades sob direção dos três associados. Juntos, eles reformaram o antigo prédio da livraria, substituindo-o por um luxuoso edifício de três andares em frente à Garnier, e abriram novas filiais em São Paulo e no Recife.³⁹ Mais tarde, os direitos autorais da empresa foram adquiridos por Francisco Alves, cuja política editorial levou à compra dos fundos de outras nove lojas de livros nessa mesma época.⁴⁰ A tipografia, por sua vez, permaneceu em pleno vapor com a veiculação do *Almanaque Laemmert* e foi extinta muitas décadas depois.

Eduardo e Henrique Laemmert dedicaram boa parte de suas vidas ao mercado de livros brasileiro. Quando o mais velho dos irmãos morreu, a Livraria Universal contava com quase cinco décadas de atividade, enquanto a oficina tipográfica comemorava pouco mais de 40 anos. O trabalho desenvolvido por eles nesse período resultou em um bom patrimônio financeiro. É o que mostra a herança deixada por Eduardo Laemmert que, segundo Hallewell, atingiu a quantia de Rs600:000\$000 (seiscentos contos de réis).⁴¹ Trata-

³⁷ VIANA, Hélio. A casa Laemmert (II). **Jornal do Comércio**, edição de abril de 1968, s/p.

³⁸ BURGER, Paulo, *op. cit.*, p. 24.

³⁹ EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 20.

⁴⁰ “Nessa quadra de prosperidade e expansão, 10 casas foram incorporadas na Livraria Francisco Alves. Assim é que no Rio de Janeiro foram adquiridas: a ‘Empresa Literária Fluminense’, a ‘Livraria Luso-Brasileira’ de Lopes da Cunha, a ‘Livraria Domingos de Magalhães’ e o fundo editorial das Livrarias ‘Savin’, ‘Viúva Azevedo’ e ‘Laemmert’. Em São Paulo: a ‘Livraria Falcone’ e a ‘Livraria Editora’. Em Portugal: a ‘A Editora’ e a ‘Biblioteca de Instrução Profissional’. Além disso, os dois sócios daqui se associaram à ‘Librairie Aillaud’, de Paris, e à ‘Livraria Bertrand’ de Lisboa. Em consequência, ficou a Livraria Francisco Alves de posse das publicações de 13 casas editoras.” Fonte: **HISTÓRICO da Livraria Francisco Alves e Relação completa das obras publicadas pela Livraria Francisco Alves: 1854-1954**. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda.

⁴¹ HALLEWELL, Laurence, *op. cit.*, p. 247.

se de uma verdadeira fortuna para a época. Para se ter uma ideia, o ganhador de uma loteria promovida pelo estado da Bahia, em 1893, ganhou o total de Rs15.000\$000 (quinze mil contos de réis) – 40 vezes menos que o valor deixado pelo livreiro.⁴²

Com essa quantia, seus herdeiros poderiam adquirir dezenas de imóveis no Rio de Janeiro ou mesmo alugá-los durante um longo período. Nas últimas décadas do século XIX, uma casa térrea na capital do Império custava o equivalente a Rs10:000\$000, enquanto uma casa com chácara saía por Rs4:200\$000. O preço dependia – é claro – da localização do imóvel. Por isso, enquanto o aluguel de uma casa na Candelária ficava em torno de Rs45\$000 mensais, o de um sobrado na Rua Senhor dos Passos, numa região mais valorizada que a primeira, era praticamente o dobro, atingindo Rs85\$000 por mês.⁴³ A herança deixada por Eduardo Laemmert permitia, assim, que fossem compradas 30 casas térreas e 71 casas com chácara na cidade, ou ainda que se alugassem 37 casas na Candelária e 19 sobrados na Rua do Senhor dos Passos por 10 anos. Esses dados mostram que o comércio de livros no Brasil podia ser uma atividade bastante rentável no século XIX – por isso talvez tantos estrangeiros tenham se consagrado à atividade na época.⁴⁴

Além de êxito financeiro, os irmãos conquistaram reconhecimento por parte de moradores, autoridades e instituições. Eduardo Laemmert foi agraciado com os títulos de cavaleiro pelas seguintes ordens: Imperial Ordem da Rosa, no Brasil; Ordem Grão-ducal de Baden; Ordem de Leão, em Zachringue; Real Ordem do Nosso Senhor Jesus Cristo, em Portugal; Ordem de Isabel, a Católica, na Espanha, e Ordem da Águia Vermelha, da Prússia. Exerceu também as funções de cônsul do Grão-ducado de Baden, no Rio de Janeiro, de membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) e de membro honorário da Imperial Associação Tipográfica Fluminense.⁴⁵

⁴² Fonte: **Gazeta de Notícias**, edição de 08/07/1893, seção de anúncios.

⁴³ Fonte: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Numeros/index.htm>. Acesso em: 24/01/2013.

⁴⁴ O editor Garnier deixou uma herança de Rs7.000:000 (sete mil contos) para seu irmão e 80 contos de réis para sua esposa. Esse dado mostra o grande êxito de Eduardo e Henrique Laemmert, pois eles parecem ter superado com facilidade – ao menos do ponto de vista financeiro – seu principal concorrente. Fonte: PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: o homem e o empresário. In.: *I Seminário Brasileiro Livro e História Editorial*, 2004, Niterói/Rio de Janeiro. **I Seminário Brasileiro Livro e História Editorial**. Niterói/Rio de Janeiro, 2004, p. 1-14.

⁴⁵ **Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da corte e província do Rio de Janeiro, inclusive alguns municípios da província, e a cidade de Santos para o ano de 1874**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1873. p. iii.

Henrique Laemmert recebeu as referidas condecorações brasileira, badense e prussiana, além dos títulos de cavaleiro das ordens Grão-ducal de Hessen, Filipe, o magnânimo, e da ducal Ernestina, da Saxônia. Foi igualmente membro honorário da Imperial Associação Tipográfica Fluminense, cônsul do Grão-ducado de Baden – desde 1857, quando seu irmão se retirou do cargo – e membro da diretoria da Comunidade Alemã Protestante do Rio de Janeiro.⁴⁶ Em 18 de junho de 1861, os Laemmert foram honrados com a visita de D. Pedro II à tipografia. Eles imprimiram o seguinte testemunho como forma de demonstrar gratidão ao Imperador:

“Senhor. – A augusta presença de Vossa Majestade Imperial n’esta oficina tipográfica é mais uma luminosa prova do interesse e desvelo que Vossa Majestade dispensa às ciências e às artes.

É grato, senhor, para os tipógrafos que seu imperador venha animando entre eles com sua augusta presença aos distintos e incansáveis lidadores que fundaram e ainda sustentam este estabelecimento, onde tantos súditos de Vossa Majestade saem adquirir o pão cotidiano aplicando-se a uma arte que, farol do progresso, ilumina e dissipa os nevoeiros da ignorância.

Jubilosos, senhor, agradecemos a Vossa Majestade em nome d’esta corporação e d’aqueles que benignamente nos acolhem, à subida honra que se digna fazer à Tipografia Universal de Laemmert, aguardando a nova aurora que surge no horizonte tipográfico fluminense.

Somos, senhor, de Vossa Majestade Imperial, respeitosos e reverentes súditos – *os artistas tipógrafos*.”⁴⁷

Outra prova do prestígio dos livreiros no Brasil veio do discurso promovido por Olegário Herculano de Aquino e Castro, orador do IHGB, em 1880. Durante uma reunião do instituto, ele homenageou alguns sócios recentemente falecidos, incluindo na lista figuras como Duque de Caxias, Manuel de Araújo Porto Alegre e Eduardo Laemmert. O orador não poupou elogios ao último, destacando sua profunda dedicação ao trabalho e sua capacidade empreendedora em trechos como o reproduzido abaixo:

“Eduardo Laemmert, já o disse alguém, foi quem introduziu no Brasil a arte de fazer livros, e, com efeito, a ele devemos achar-se no Brasil na atualidade ao nível das nações mais adiantadas da Europa, no que diz respeito ao desenvolvimento da indústria que se propõe a perpetuar em

⁴⁶ SILVA, Inocêncio Francisco, *op. cit.*, 1870. p. 14.

⁴⁷ Fonte: **Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, t. XXVIII, parte primeira, p. 220-221, 1865.

movimentos de perdurável estabilidade a memória dos grandes serviços prestados por aqueles que com os seus bons escritos têm poderosamente concorrido para a civilização e progresso de nossa sociedade.”⁴⁸

Na obra *Corografia histórica, cronográfica, genealógica, nobiliária e política do império do Brasil*, Mello Moraes também valorizou o trabalho realizado pelos irmãos, designando-os como “incessantes propagadores das letras no Brasil.”⁴⁹ De fato, Eduardo e Henrique Laemmert investiram em diferentes segmentos do mercado, embora tenham privilegiado aqueles consagrados a públicos amplos. A presença de manuais e guias entre as publicações da casa, como a *Folhinha de Laemmert* e o *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, aponta nesse sentido. Adotando uma estratégia comercial astuciosa, eles conseguiram não apenas atrair um grande número de leitores como obter resultados muito profícuos, como veremos a seguir.

1.2 Os best-sellers da tipografia

Aníbal Bragança define o editor como o profissional encarregado da publicação de uma obra, pois cabem a ele as tarefas de “dar à luz o livro impresso” e de “torná-lo publicamente conhecido, isto é, difundido, distribuído, consumido e lido.”⁵⁰ Segundo o autor, o ofício exige o desempenho de atividades complexas que incluem: 1) escolher – ou seja, selecionar os originais a serem impressos –, 2) fabricar – ou, em outras palavras, produzir a obra, por meio de tarefas como organização e normalização – e 3) distribuir – ou garantir a circulação dos exemplares por meio de contatos com livreiros ou com representantes de instituições escolares e professores, no caso dos materiais didáticos.

⁴⁸ AQUINO E CASTRO, Olegário Herculano. Discurso do orador Dr. Olegário Herculano de Aquino e Castro. **Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro fundado no Rio de Janeiro sob os auspícios da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, debaixo da imediata proteção de S. M. I. o Senhor D. Pedro II.** Tip. de E. & H. Laemmert. Rio de Janeiro, 1880. p. 602-607.

⁴⁹ MORAES, Alexandre José Mello. **Corografia histórica, cronográfica, genealógica, nobiliária e política do império do Brasil.** Rio de Janeiro: Tipografia de J. Soares de Pinho, 1858. p. X-XI.

⁵⁰ BRAGANÇA, Aníbal. Sobre o editor: notas para sua história. **Revista Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 220-221, jul/dez de 2005.

Para o pesquisador, o livro é resultado da conjunção dos esforços do editor e do autor, o que faz com que o processo de criação de um impresso caiba também ao primeiro profissional. Devido a sua interferência nos originais e às diversas contribuições que opera no interior do texto – que incluem propostas de mudanças, incisões, aposições de títulos e cortes – podemos afirmar que, em alguns casos, o editor dá “forma, corpo e roupa à obra”, sendo por esse motivo uma espécie de autor. Em certos momentos ainda, ele participa diretamente da criação:

“Nesta última situação, por exemplo, pode-se incluir muitas obras conhecidas de referência, como enciclopédias, dicionários, atlas geográficos, almanaques, coletâneas de textos, antologias literárias, etc., que, não por acaso, recebem no título, muitas vezes, o nome dos editores, como se autores fossem (...).”⁵¹

As obras de referência a que se refere Bragança são “ideadas e concretizadas” por editores, que reúnem em torno de si uma equipe de colaboradores especializados com o objetivo de concretizar o empreendimento. É o caso, por exemplo, da *Grande Enciclopédia Delta Larousse*, organizada pela Editora Delta, sob a direção de Antônio Houaiss. Nesta categoria, podemos incluir ainda as *Folhinhas de Laemmert* e o *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, as mais famosas publicações da Tipografia Universal.

As primeiras foram lançadas logo em 1839, no segundo ano das atividades da editora. No Brasil, a veiculação de obras desse tipo era comum desde pelo menos o ano de 1824, quando R. Ogier deu início à empreitada em sua tipografia.⁵² Nas décadas seguintes, além de Eduardo e Henrique Laemmert, outros livreiros da corte – como Seignot Plancher, Manuel José Cardoso e Paula Brito – investiram na publicação de suas próprias folhinhas.⁵³

⁵¹ Ibidem. p. 222.

⁵² Em 1843, Ogier publicou o seguinte anúncio: “Folhinhas de Ogier para o ano de 1842. Estas folhinhas já são conhecidas há 16 anos, por suas matérias úteis, e variadas, que é desnecessário recomendá-las ao público. Acham-se à venda na tipografia e livraria dos editores, ruas do Rosário n. 84, e Hospício n. 51.” Fonte: **Diário do Rio de Janeiro**, edição de 09/04/1828, seção de anúncios.

⁵³ Os principais livreiros cariocas desse período divulgaram suas folhinhas nas páginas do *Jornal do Comércio*. Em 03 de julho de 1834, Seignot Plancher anunciou a venda das seguintes obras: *Folhinha Imperial e Constitucional; dos Guardas Nacionais; Mágica; Explicação dos Sonhos; Comercial; Simão de Nântua; Cristã e de Porta*. Em 24 de setembro de 1842, Manuel J. Cardoso fez propaganda de suas folhinhas contendo o dicionário de flores e frutos, o ABC de amores, o dicionário ABC e diversas poesias amorosas.

A narrativa “D. Urânia”, veiculada no dia 04 de maio de 1839 pelo *Correio de Modas*, trouxe algumas informações interessantes a respeito da história desses materiais no Rio de Janeiro e da importância deles para a população local. D. Urânia, a protagonista, era uma moça curiosa, com grande interesse pela meteorologia. Os materiais utilizados por ela em seus estudos incluíam instrumentos deixados por seu pai, um antigo cientista, além das folhinhas de diferentes editores:

“(...) sua pequena *Urânia* que aprendeu a soletrar e ler na folhinha, e cujas disposições de tão forma encantaram o bom homem, que na hora da morte legou à primogênita os seus *Réaumes*. A pequena, de manhã e de noite os consultava, e cada ano lia a nova folhinha, ou para melhor dizer as novas; porque mais feliz do que o autor de seus dias, limitado à triste folhinha da imprensa régia, principiaram no seu tempo *Plancher* e *Ogier* a publicarem as suas, imbuídas em todas as cores e destinos como se vê nos anúncios e cartazes.”⁵⁴

As folhinhas eram divididas em duas partes. Na primeira costumavam figurar a introdução do redator, a retrospectiva do ano anterior, o calendário (com os dias de gala, feriados, datas de audiências e sessões dos tribunais e juízes, tábuas do sol, da lua e dos mares), a lista da Câmara dos senadores e dos deputados, a tabela com as datas de partidas dos correios provinciais para a capital e vice-versa, a genealogia das casas de alguns soberanos, o arrolamento do corpo diplomático e consular brasileiro e a crônica nacional com os principais acontecimentos históricos ocorridos em nosso país desde 1500. As páginas dedicadas a esses dados geralmente eram as mesmas nas diferentes folhinhas lançadas pela editora no mesmo ano.

Apenas na segunda parte apareciam as informações que diferenciavam uma publicação da outra. A *Folhinha Patriótica Brasileira para o ano bissexto de 1852*, por exemplo, contou com a seção designada como “História poética do Brasil contada por vários escritores nacionais”, na qual foram inseridas as seguintes poesias: “A descoberta do Brasil”, de Joaquim Norberto de Sousa e Silva; “O cruzeiro do Sul, ao descobrimento do

Quatro anos mais tarde, no dia 21 de abril de 1846, Paula Brito publicou um reclame de sua *Folhinha Nacional*, com uma “Miscelânea proveitosa e recreativa, em prosa e verso”. Conferir: **Jornal do Comércio**, edições de 03/07/1834, 24/09/1842 e 21/04/1846, seção de anúncios.

⁵⁴ “D. Urânia”. **Correio das Modas**. 1^o sem. de 1839, n. 17, 27/04/1839, p. 138-143.

Brasil” e “Visão de Cabral, ou o descobrimento do Brasil”, ambas do cônego Fernandes Pinheiro Júnior; “Brasiliana”, de um escritor anônimo; e um excerto do *Caramuru*, de Santa Rita Durão, chamado “Descobrimento do Brasil”.⁵⁵ Dez anos mais tarde, a *Folhinha Patriótica para o ano de 1862* apresentou, no lugar dos poemas, uma lista das diferentes obrigações cívicas do cidadão para com a família, os pais, os filhos, os cônjuges, os irmãos e os parentes. De acordo com o texto, da boa conduta no lar dependeria a moral da nação, daí a necessidade de se atentar para as virtudes domésticas com o objetivo de alcançar a felicidade do Estado.⁵⁶

Já a *Folhinha de Anedotas Brasileiras para o ano de 1861* ofereceu algumas narrativas divertidas protagonizadas por personagens ilustres da história ou mesmo por simples desconhecidos. Na anedota chamada “Bailes mascarados”, por exemplo, os redatores trataram de uma dessas reuniões sociais, comuns na corte durante a época do Carnaval, na qual um “homem espirituoso” decidiu se fantasiar de “homem de bem” de modo a não ser reconhecido. Outra, designada “A mulher do poeta”, contou um suposto desentendimento ocorrido entre Gregório de Matos e sua mulher, D. Maria dos Povos, que resultou no rompimento do casal. Devido à intercessão de um tio, o escritor aceitou se reconciliar com sua esposa, impondo como condição que ela viesse “atada como escrava fugida” para que aprendesse sua lição. Segundo os redatores, a publicação dessas narrativas teria o objetivo de conservar “as anedotas, os ditos espirituosos, os repentes felizes” brasileiros, alçando o país à esfera ocupada pelas outras nações europeias nas quais a prática seria comum desde longa data.⁵⁷

Um aspecto comum entre as folhinhas e as revistas femininas da Tipografia Universal foi a presença da tríade instrução, deleite e edificação. Além de informações úteis para o cotidiano, essas publicações apresentaram textos capazes de garantir a diversão e

⁵⁵ **Folhinha Patriótica Brasileira para o ano de 1852 contendo a Crônica Nacional, notícias curiosas e interessantes, e o primeiro volume da Historia do Brasil cantada em verso por Joaquim Norberto de Sousa e Silva.** Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1852.

⁵⁶ **Folhinha Patriótica para o ano de 1862 contendo a Crônica Nacional, notícias curiosas e interessantes e a primeira coleção de cartas do príncipe regente depois D. Pedro I imperador do Brasil.** Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1862. p. 253.

⁵⁷ **Folhinha de Anedotas Brasileiras para o ano de 1861 contendo a chronica nacional, noticias curiosas e interessantes e uma nova coleção de anedotas nacionais e ilustradas com vinhetas.** Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1861. p. 20.

colaborar com a elevação moral dos leitores. Vejamos a questão mais de perto. Em 1875, os irmãos imprimiram a *Folhinha das três novelinhas*, contendo os seguintes textos em prosa ficcional: “A tesoura”, “O castelo das três torres” e “O homem que perde a memória”.⁵⁸ A primeira narrou a história de uma jovem de rara beleza, abençoada pela fada das tesouras, ente mágico que fazia de seu pai, um velho alfaiate, o melhor costureiro da região. Com a ajuda da fada, a moça descobriu uma conspiração contra o rei, obtendo como recompensas um título de nobreza e o consentimento para se casar com um conde por quem estava apaixonada. No final, o narrador explicou o desenlace dizendo que a fada da tesoura nada mais era do que a fada do trabalho, uma vez que a qualidade das roupas feitas pelo alfaiate resultava de sua longa experiência nesse ofício e não de uma intercessão sobrenatural.

A segunda narrativa publicada pela referida folhinha versou sobre um castelo mal-assombrado a quem nenhum comprador se dirigia devido aos boatos da presença de fantasmas em seu interior. Tudo não passava das artimanhas de um vizinho que pretendia adquirir o terreno há algum tempo e espantava os possíveis concorrentes. Finalmente, a terceira narrativa abordou o triste fim de um homem muito rico, cuja sede por poder e riqueza motivaram-no a se esquecer de seus pais e a se envergonhar de sua origem humilde. Amaldiçoado por um antigo conselheiro que apagou toda a sua memória, ele sofreu o resultado de suas más ações, sendo levado à loucura e, depois, à morte. Cada uma das narrativas encontradas na *Folhinha das três novelinhas* trouxe um ensinamento para os leitores: “A tesoura” defendeu a importância do trabalho, “O castelo das três torres” criticou a superstição e “O homem que perde a memória” valorizou o bom comportamento dos filhos.

Enquanto as folhinhas editadas pelos concorrentes tiveram curta duração, as de Eduardo e Henrique Laemmert conquistaram muitas gerações e alcançaram, inclusive, o século XX. Os irmãos empenharam-se em aperfeiçoar esse material, procurando superar seus concorrentes por meio da abordagem de temas variados, capazes de atrair a atenção dos mais diversos clientes. No início, as *Folhinhas de Laemmert* eram apenas quatro: *Folhinha com as novas máximas do Exmo. Marquês de Maricá*, *Folhinha joco-séria em*

⁵⁸ **Folhinha das três novelinhas para o ano de 1875 contendo a crônica nacional, preceitos de agricultura, horticultura e jardinagem e notícias curiosas e interessantes.** Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1875.

verso e prosa, com anedotas, Folhinha com um ramallete de novelas, e romances e Folhinha judiciária com o código do processo criminal. Oito anos mais tarde, já atingiam 20 tipos diferentes:

“– Acham-se à venda na rua da Quitanda, no. 77, as afamadas e bem sortidas

FOLHINHAS DE LAEMMERT PARA 1848,

ornadas com uma nova gravura em aço, representando S M a Imperatriz em figura inteira, e contendo o ano novo, a minuciosa relação da viagem de S. M. na província do Rio de Janeiro, a crônica nacional de 1846 – 1847, a cronologia de 1772 – 1790, e exactíssimo calendário com todos os seus pertences, dias de gala, audiências, taboas de sol e da lua, senadores, partidas dos correios, corpo diplomático e consular, genealogia dos principais soberanos, precedida de augustíssima casa imperial etc.

Listas das diferentes folhinhas que todas também contém no princípio as matérias acima especificadas, a saber:

- 1º. Folhinha Biográfica da historia de Napoleão.
- 2º. Folhinha de Cupido, com o Dicionário de Bom Gosto, em verso, ou nova genuína da linguagem das flores, frutos etc.
- 3º. Folhinha Dramática contendo a comédia o Desertor, e o drama Lapeyrouse, para leituras e representação.
- 4º. Folhinha de Pilhérias, anedotas e casos galantes.
- 5º. Folhinha do Trovador, em um novo almanaque poético.
- 6º. Folhinha da Saúde, com tratado sobre o onanismo etc.
- 7º. Folhinha Romântica, com romances e novelas.
- 8º. Folhinha com a Historia do Brasil.
- 9º. Folhinha Lusitana. 10. Das Damas. 11. De Segredo. 12. História. 13. Constitucional. 14. Judiciária. 15. De justiça. 16. Do Sábio. 17. De História natural. 18. Das flores. 19. Dos sonhos. 20. De Jogos.”⁵⁹

Segundo Inocêncio Francisco da Silva, em 1869, havia 65 tipos de *Folhinhas de Laemmert* sobre os mais diversos assuntos, incluindo temas religiosos – *Folhinha cristã, Folhinha das Tribulações do S. P. Pio IX, Folhinha religiosa, Folhinha bíblica, Folhinha religiosa brasileira, Folhinha civil e eclesiástica* –; científicos – *Folhinha da saúde, Folhinha das hemorróidas, Folhinha da medicina doméstica* –; literários – *Folhinha de leitura amena, Folhinha de ensaios poéticos, Folhinha teatral, Folhinha poética, Folhinha dramática, Folhinha do fabulista* –; humorísticos – *Folhinha humorística, Folhinha do novo charadista, Folhinha divertida, Folhinha joco-séria, Folhinha enigmática, Folhinha*

⁵⁹ **Diário do Rio de Janeiro**, edição de 10/12/1847, seção de anúncios.

divertida, Folhinha das anedotas nacionais, Folhinha do charadista, Folhinha das sortes, Folhinha de jogos – entre outros.⁶⁰

Ao que tudo indica, a estratégia comercial empregada pelos Laemmert garantiu a conquista de muitos clientes e o bom êxito das folhinhas, que obtiveram uma tiragem de 80 mil exemplares por ano na década de 60, cifra elevada para 100 mil exemplares no final do século XIX.⁶¹ Se compararmos esses dados com os apresentados por Lyons a respeito das publicações na França, perceberemos que estes números são surpreendentes: de acordo com o autor, os três maiores best-sellers franceses da década de 50, *História da França*, de Saint-Ouen, *Fábulas*, de La Fontaine, e *Fábulas*, de Florian, alcançaram, na época, tiragens de 144.000, 63.000 e 40.600 exemplares, respectivamente.⁶² Sendo assim, não seria exagero afirmar que as *Folhinhas de Laemmert* tiveram, de fato, uma tiragem muita elevada para os padrões da época, tanto que superaram com facilidade outras obras, como os livros de La Fontaine e de Florian, dois dos três escritores mais vendidos em território francês no mesmo momento.

Os altos números se mantiveram na quantidade de volumes preservados: segundo Gilberto Ferrez, a maior coleção das *Folhinhas de Laemmert* encontra-se na Biblioteca Nacional, que contém um total de 325 folhinhas diferentes. Para o autor, essa publicação era dirigida para a classe média-baixa e tinha o objetivo de infundir “moral cívica e cristã”.⁶³ Realmente percebemos a presença de um tom moralizante permeando todos os textos, inclusive as narrativas. Quanto ao público-alvo, é possível que a maioria de seus leitores pertencesse às classes populares, uma vez que os baixos preços – em torno de 400 a 700 réis⁶⁴ – certamente atrairiam pessoas de menor poder aquisitivo. O material parece ter feito parte do senso comum da época, como indica uma crônica de José de Alencar, veiculada no *Correio Mercantil*, em 17 de setembro de 1854:

⁶⁰ SILVA, Inocêncio Francisco da, *op. cit.*, 1870. p. 256.

⁶¹ FERREZ, Gilberto, *op. cit.*, p. 197. **Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Império do Brasil para o ano de 1889**. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1888. p. III.

⁶² LYONS, Martyn. Les best-sellers. In.: CHARTIER, Roger e MARTIN, Henri-Jean (org.). **Histoire de l'édition française: les temps des éditeurs**. 2ed., t. 3. Paris: Promodis, 1985. p. 423. Lyons utilizou como fonte apenas publicações de editoras localizadas ou na cidade ou nos arredores de Paris. Por isso, seus dados não representam as tiragens totais das tipografias francesas (embora se refiram a uma parte muito significativa delas).

⁶³ FERREZ, Gilberto, *op. cit.*, p. 197.

⁶⁴ A respeito dos preços de alguns produtos na época, ver o capítulo 2.

“Estamos na primavera, dizem os folhetins dos jornais, e a *Folhinha de Laemmert*, que é autoridade nesta matéria. Não se pode por conseguinte admitir a menor dúvida a respeito. A poeira, o calor, as trovoadas, os casamentos e as moléstias, tudo anuncia que entramos na quadra feiticeira dos brincos e dos amores.”⁶⁵

Joaquim Manuel de Macedo se referiu às *Folhinhas de Laemmert* em seu romance *A carteira de meu tio*, de 1855. Munido da Constituição do Império, o narrador percorreu diferentes regiões do país a fim de averiguar se a realidade nacional seria compatível com os deveres expressos nas leis brasileiras. Em sua trajetória, visitou uma cadeia com celas insalubres, habitadas por um aglomerado de homens, onde encontrou uma página das *Folhinhas de Laemmert* na qual estavam escritos os respectivos artigos da Constituição sobre a limpeza e a segurança das cadeias nacionais. Em um tom irônico, ele criticou o empreendimento dos irmãos, afirmando que Eduardo e Henrique Laemmert seriam “perigosos” e “infensos à ordem pública” devido ao “mau costume de vulgarizar (...) códigos e leis que falam em direitos do povo, e em deveres do governo.”⁶⁶

Ao lado das *Folhinhas de Laemmert*, o *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, também conhecido como *Almanaque Laemmert*, teve destaque entre as publicações dos irmãos. Lançado em 1843, oferecia uma “radiografia dos espaços públicos e privados”⁶⁷ da corte e da província cariocas. Segundo os editores, os objetivos com a impressão eram poupar o tempo e diminuir as investigações gastas durante a busca por residências e demais localizações do Rio de Janeiro:

“Como argumento de utilidade de um Almanaque para esta Corte o que poderíamos nós dizer, que aumentasse no Público esta convicção unânime: convicção fundada na cotidiana experiência? Não falamos já dos que em razão de sua profissão têm de frequentar amiudadas vezes os Estabelecimentos públicos ou particulares, as repartições civis, militares,

⁶⁵ ALENCAR, José de. **Ao correr da pena.** Disponível em: <http://www.seed.pr.gov.br/portals/portal/usp/primeiro_trimestre/textos/literatura/jose_alencar/correrdapena/correrdapena.pdf>. Acesso em: 24/01/2013.

⁶⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. **A carteira de meu tio.** Rio de Janeiro: Imp. Tipografia Dois de Dezembro, 1855. p. 126. A respeito desse romance, ver QUEIROZ, Juliana Maia. *A carteira de meu tio: ficção e história em Joaquim Manuel de Macedo.* **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 2, n. 3, p. 1-10, jul. de 2010.

⁶⁷ LIMEIRA, Aline de Moraes. **Educação Particular e Publicidade no Almanak Laemmert (1844/1859).** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 18.

eclesiásticas, e etc.; tratar com procuradores, advogados, escrivãos, com empregados públicos, magistrados, etc., etc.; ainda aqueles que menos sujeitos estão a tais dependências, quanto não estimariam ter um repertório que nas ocasiões que lhes dispensasse o andarem fazendo indagações, que lhes roubam o tempo e multiplicam passadas; quando não é que retardam e embaraçam o expediente de seus negócios, e até às vezes, os transtornam.”⁶⁸

Em seu primeiro número, a obra foi aberta com o arrolamento do corpo diplomático e consular estrangeiro residente na corte brasileira; ao qual se seguiram diversas listas contendo os nomes dos membros da família real brasileira, seus títulos e nascimentos; os nomes dos nobres nacionais; os nomes e as funções dos empregados do Paço Imperial; os nomes e endereços dos funcionários do Ministério do Império, do Ministério da Justiça, do Ministério da Marinha, do Ministério da Guerra e Ministério da Fazenda, respectivamente; e os nomes e endereços dos funcionários da prefeitura (designada como Municipalidade).

Após essas listas com endereços de trabalhadores do governo, apareceram as localizações das Companhias, sociedades e institutos da corte (como IHGB, Instituto dos Advogados Brasileiros, Banco Comercial do Rio de Janeiro, Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e Gabinete Português de Leitura); as residências dos diferentes profissionais moradores do Rio de Janeiro, bem como dos comerciantes nacionais e estrangeiros radicados na capital brasileira e, finalmente, o endereço dos estabelecimentos dedicados à venda de produtos e as indústrias localizadas na cidade. Para terminar, o *Almanaque* trouxe ainda o nome das diferentes autoridades da Província do Rio de Janeiro, algumas leis referentes às práticas comerciais, industriais e jurídicas e, por fim, o nome de seus assinantes.

No ano seguinte, a obra foi ampliada e passou a contar com alguns materiais encontrados nas *Folhinhas de Laemmert*, como calendários astrológicos, de comemorações religiosas, de dias de gala, de dias de audiência e sessões dos tribunais e juízos, de partidas dos correios terrestres, além da lista dos monarcas e chefes de Estado. O reaproveitamento de textos em diferentes publicações parece ter sido uma prática constante na Tipografia

⁶⁸ **Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro para o ano bissexto de 1843.** Em casa de Eduardo e Henrique Laemmert: Rio de Janeiro, 1842. p. IV.

Universal, pois algumas das narrativas veiculadas no *Correio das Modas* apareceram mais tarde na revista sucessora, o *Novo Correio de Modas*.⁶⁹ A estratégia tinha a vantagem de enxugar os gastos e, conseqüentemente, acabava aumentando a margem de lucros.

Os Laemmert continuaram investindo no almanaque e procuraram sempre garantir seu aprimoramento. Prova disso é que, em 1878, ele atingiu a marca de 2.400 verbetes, quase 10 vezes mais que o total encontrado em seu lançamento, em 1844. Além disso, em sua 46ª. edição, alcançou mais de 2.500 páginas, das quais 2.122 eram dedicadas à corte – um grande aumento em relação ao primeiro número, de apenas 281 páginas.⁷⁰ Segundo Gilberto Ferrez, inicialmente o almanaque era publicado em formato pequeno, de 10 x 15 cm, mas o grande número de informações fez com que passasse, em 1849, para 14 x 22 cm, dimensões que manteve ao longo de muitos anos. Ainda de acordo com o pesquisador, a impressão conquistou a estima do público leitor carioca graças “às múltiplas e corretas informações contidas em seus volumes”.⁷¹ De fato, o almanaque parece ter agradado enormemente os leitores da época. Um artigo veiculado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1848, assinala tanto sua qualidade quanto boa acolhida:

“BIBLIOGRAFIA

ALMANAQUE administrativo, mercantil e industrial para 1847

Publicaram os Srs. Eduardo e Henrique Laemmert o quarto ano do seu *Almanaque* e é forçoso confessar que esta empresa, em que os Srs. Laemmert entraram sós, desajudados de qualquer auxílio, tem hoje chegado a grande exatidão e perfeição.

Diversas vezes se tem tentado a publicação do Almanaque no Brasil, que a final não puderam continuar: era necessário ter perseverança e coragem para contar todos os embaraços, lutar com eles e superá-los. Os Srs. Laemmert a tiveram, e já vão no 4º. ano da sua publicação.

Não há necessidade de demonstrar o que todos sabem – a utilidade dos Almanagues. Em livros tais não ha só o interesse do momento: geralmente são eles depósito de estatísticas importantes e curiosas, instrutivas e que podem ser base de trabalhos externos e proveitosos, que não coligidos a tempo, perdem-se e com prejuízo.

⁶⁹ A narrativa “Uma aventura no baile mascarado”, por exemplo, foi publicada no *Correio das Modas*, em junho de 1839. Cinco anos mais tarde, apareceu no *Novo Correio de Modas* sob título de “Uma aventura no baile de ópera”. Fonte: “Uma aventura no baile mascarado”. *Correio das Modas*. 1º sem. de 1839, n. 22, 01/06/1839, p. 182-184 e “Uma aventura no baile de ópera”. *Novo Correio de Modas*. 1º sem. de 1854, n. 9, p. 67-68.

⁷⁰ FERREZ, Gilberto, *op. cit.*, p. 192.

⁷¹ *Ibidem*. p. 194.

Damos parabéns aos Sr. Laemmert pela constância com que a tem progredido neste trabalho, e auguramos para o seu *Almanaque* estabilidade e apoio do público, se, como é de esperar, continuarem a esforçar-se como se esforçarão para a redação e coordenação d'este 4º. volume.”⁷²

O texto acima aponta para a importância da impressão de um guia com dados sobre o comércio e a indústria do Rio de Janeiro, ressaltando que outros editores falharam em tal empreendimento. Entre os comerciantes de livros que se dedicaram a essa tarefa, esteve Antonio Duarte Nunes, responsável durante o período colonial pela impressão do *Almanaque do Rio de Janeiro*.⁷³ Em 1828, o francês Pierre Plancher lançou seu *Dicionário das ruas do Rio de Janeiro, ou Guide de l'étranger dans cette capitale*, redigido em português, francês e inglês. Oito anos mais tarde, surgiu o *Almanaque geral do império do Brasil* e seu *Apêndice*, o qual foi vendido na Livraria Universal, mas impresso por outros editores, porque na época os Laemmert ainda não haviam aberto sua tipografia.

Durante alguns anos, a redação do *Almanaque Laemmert* ficou a cargo dos irmãos e, em 1857, passou a outro sócio da firma, Carlos Henrique Haring. Em 1872, Eduardo Laemmert mais uma vez assumiu a função de redator do almanaque, sendo cinco anos mais tarde substituído por José Antonio dos Santos Cardoso e este, por Arthur Sauer, em 1883. Contudo, o nome do fundador e suas condecorações jamais deixaram de aparecer na capa do material, uma estratégia que agregava prestígio à obra e estimulava as vendas.

O almanaque circulava praticamente em todo o território nacional. Em 1899, era distribuído para as seguintes províncias: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul. Nesse mesmo ano, agências localizadas em outros países – como Alemanha, Argentina, Bélgica, Estados Unidos, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Portugal e Uruguai –, se encarregavam de revender a obra no exterior, possibilitando que leitores encontrados em nações estrangeiras pudessem ter acesso a informações relativas ao Brasil.⁷⁴

⁷² *Diário do Rio de Janeiro*, edição de 02/01/1846, seção de anúncios.

⁷³ Fonte: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/Sapateiro/crono.htm>>. Acesso em: 24/01/2013.

⁷⁴ *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Império do Brasil para o ano de 1889*. Rio de Janeiro: em casa dos editores proprietários Laemmert & Co, 1888. p. II.

Conforme apontou Moraes, o sucesso da obra entre os leitores Oitocentistas pode ser apreendido na extensa lista de seus assinantes que atingiu, em algumas edições, mais de 400 nomes – fora aqueles que optavam por adquirir exemplares avulsos. Havia entre eles indivíduos de diferentes classes econômicas, incluindo nobres, profissionais liberais (como médicos e advogados), militares e eclesiásticos. De acordo com a pesquisadora, na lista de assinantes do *Almanaque Laemmert* encontrava-se o nome de um morador de Santa Maria Madalena, chamado Francisco Xavier de Assis, o pai de Machado de Assis.⁷⁵

Certamente o escritor teve contato com a obra da Tipografia Universal, a qual foi citada em *Iaiá Garcia*. No romance machadiano, apareceu a figura de um advogado chamado Jorge, um verdadeiro “*dandie* da rua do Ouvidor, que ali poderia ter nascido, ali poderia morrer”, cuja dedicação ao trabalho tinha como objetivo garantir seu “nome no portal do escritório e no *Almanaque Laemmert*.”⁷⁶ A referência à publicação dos irmãos indica que qualquer profissional que exercesse suas atividades na corte carioca poderia ter seu nome inserido nas páginas do almanaque, independentemente de seu comprometimento com a função ou de seu profissionalismo.

⁷⁵ LIMEIRA, Aline de Moraes. Almanaque de primeira. Em meio à ferrenha concorrência editorial do século XIX, o Almanak Laemmert se destacou pela variedade de informações. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, n. 60, p. 80 – 83, 05/09/2010. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/almanaque-de-primeira>> Acesso em: 24/01/2013.

⁷⁶ ASSIS, Machado. **Iaiá Garcia**. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/livros_eletronicos/iaia.pdf>. Acesso em: 24/01/2013.

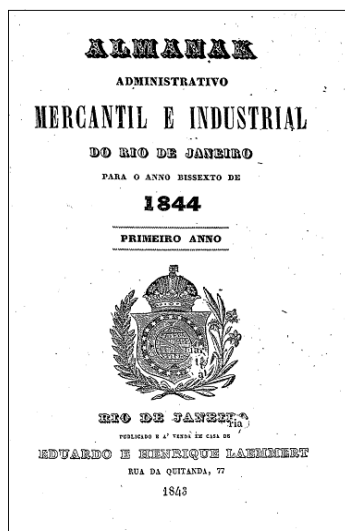


Figura 3: Capa da primeira edição do *Almanaque Administrativo Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*

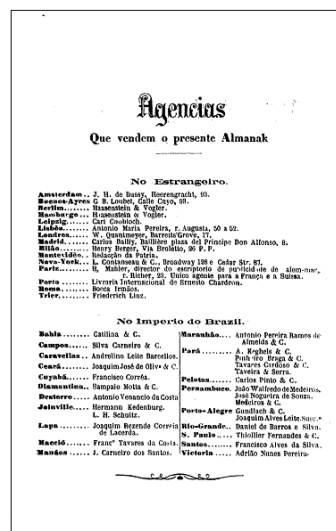


Figura 4: Lista das diferentes agência no exterior e no Brasil que vendiam o almanaque dos irmãos

Monteiro Lobato também citou o *Almanaque Laemmert* em seu livro de estreia, *Urupês*, de 1918. No conto “O engraçado arrependido”, o narrador contou a história de Pontes, um piadista típico, conhecido por suas “micagens, pilhérias e anedotas de inglês.” Como era naturalmente engraçado, conseguia arrancar risos nos atos mais simples, imitar diferentes animais ou pessoas e levar qualquer ouvinte à gargalhada. Certo dia, Pontes cansou-se das brincadeiras e decidiu ser tomado a sério, desejo que não conseguiu realizar, pois todos pensavam que ele estava pregando uma peça. Na tentativa de mudar a situação, procurou arrumar um emprego na coletoria federal, mas não havia vagas disponíveis. Ele passou, então, a seguir o major Bentes, um velho e taciturno funcionário que sofria de aneurisma cerebral e poderia morrer por qualquer esforço. Seu objetivo era literalmente matá-lo de rir e ficar com o seu cargo. No entanto, o major era um homem sério e não se entregava aos gracejos de Pontes como os demais:

“O major Bentes, entretanto, possuía uma invulnerabilidade: não ria, limitava suas expansões hilares a sorrisos irônicos. Pilhérias que levavam outros comensais a erguerem-se da mesa atabafando a boca nos guardanapos, encrespava apenas os seus lábios. E se a graça não era de superfina agudeza, ele desmontava sem piedade o contador:

- Isso é velho, Ponte. Já num almanaque *Laemmert* de 1850 me lembro de o ter lido.”⁷⁷

Para levar sua plateia à gargalhada, a personagem recorria a múltiplas fontes, incluindo duas obras impressas pela Tipografia Universal: o *Almanaque Laemmert* e a *Enciclopédia do Riso e da Galhofa*, sendo a última conhecida de cor por Pontes.⁷⁸ A enciclopédia escrita por Eduardo Laemmert foi mencionada ainda no clássico infantil *Reinações de Narizinho*, de 1931, como um “livro muito antigo e danado para dar sono”, utilizado, por esse motivo, como cama pelo Visconde de Sabugosa.⁷⁹ A menção à sonolência durante sua leitura encontra-se também numa crônica publicada por Lobato, sob pseudônimo de Josben, no jornal estudantil *O Guarani*:

“Como sofria de insônia, escrevi a um conhecido médico perguntando qual o melhor narcótico que ele conhecia, ao que me respondeu: ‘Caro Josben: Há trinta anos que sou médico e sempre tenho empregado como narcótico o ópio, a codeína e outros. Mas há poucos meses, lendo a Enciclopédia do Riso e da Galhofa, encontrei lá a seguinte anedota: EMENDA PIOR QUE O SONETO - Um escritor escreveu no primeiro capítulo dum seu livro - outras coisas; na impressão saiu outras coisas; e o editor pôs na Errata outras coisas. Isto é o que se chama emenda pior que o soneto. Ao acabar de ler essa anedota, um irresistível sono apoderou-se de mim, e quando acordei vi que estava ali um narcótico, mais poderoso que quantos conhece a medicina. Tenho-o empregado com admiráveis resultados em quem sofre de insônia, e é de fácil aplicação, porque basta ler duas ou três vezes. Vou mandar felicitar o Sr. Pafúncino Semicúpio Pechincha, autor de tão maravilhosa descoberta. (assinado) Dr. Mesoj.’ Nunca empreguei esse narcótico como manda a fórmula desse médico, porque desde esse dia basta lembrar-me das anedotas do tal Pafúncio para que a insônia fuja espavorida.”⁸⁰

Segundo Cavalheiro, Lobato costumava ler e reler a referida enciclopédia, inicialmente se divertindo, mas logo se cansando com a mediocridade das piadas – daí seu tom ácido quanto à qualidade dos textos ali encontrados. Embora as críticas de Lobato possam denegrir a obra, que seria, na opinião do autor, incapaz de fazer o leitor rir, a

⁷⁷ LOBATO, Monteiro. O engraçado arrependido. In.: **Urupês**. São Paulo: Globo livros, 2007. p. 38-39.

⁷⁸ Ibidem. p. 33.

⁷⁹ Idem. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 229.

⁸⁰ CAVALHEIRO, Edgar. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1955. p. 40.

referência direta às publicações dos Laemmert indica que elas conquistaram um público amplo e foram lidas por alguns dos letrados mais importantes da história do país, inclusive por aqueles que viveram muitos anos após a morte dos irmãos.

Além de folhinhas e almanaques, Eduardo e Henrique Laemmert investiram em publicações bastante variadas, passando por gêneros, assuntos e autores de origens diversas. Como não poderia deixar de ocorrer, eles participaram também do mercado de obras literárias. Nesse processo, ajudaram a resguardar árcades brasileiros, a impulsionar a carreira de escritores iniciantes e a difundir produções de culturas variadas entre os leitores do país. Tal aspecto fica especialmente evidente nos catálogos da Livraria Universal, cuja análise iniciaremos a seguir.

1.3 As obras de belas-letas

Uma prática comum entre os livreiros do século XIX foi a edição de catálogos contendo o arrolamento das mercadorias disponíveis em suas lojas. Mais do que simples listas de livros, esses materiais constituem ricos documentos que permitem ao pesquisador atual a apreensão (ao menos de parte) de uma realidade distante no tempo.⁸¹ Eles revelam as estratégias publicitárias empregadas para despertar o interesse dos leitores, o preço dos exemplares, os gêneros mais procurados e, o que é especialmente relevante para nosso propósito, as obras postas em circulação por intermédio desses comerciantes.

Selecionamos para análise dois catálogos da Livraria Universal publicados em meados da década de 60: *Catálogo das obras poéticas em português à venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert mercadores de livros rua da Quitanda 77*, de 1866, e *Segunda parte do novo catálogo sistemático de escolhidos livros em português publicados e à venda no Rio de Janeiro na Livraria Universal*, veiculado a partir de 1864. Dois motivos orientaram essa escolha: em primeiro lugar, ambos foram impressos no período em que a loja ainda era gerenciada pelos irmãos que, mais tarde, passaram a tarefa a outros

⁸¹ DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: a editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In.: **Impressos no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (org.). São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 67.

empregados. Além disso, contaram predominantemente com livros de literatura, um diferencial em relação aos demais lançados na época que, na maioria das vezes, trataram de obras de caráter científico, histórico ou didático – cujo interesse não se relaciona diretamente ao foco desta pesquisa.

No interior dos dois catálogos, encontramos dados como os títulos das obras, o preço e, algumas vezes, o número de volumes, formato (in 12, in 8º. ou em 4º.) e tipo de encadernação (em brochura ou encadernado). Raramente, no entanto, deparamo-nos com informações bibliográficas completas, sendo comuns os livros anunciados sem qualquer referência acerca de sua autoria.⁸² Algumas vezes, os Laemmert valeram-se do nome do autor com o objetivo de valorizar as publicações presentes na loja de livros. Ao anunciarem *Escavações poéticas*, de Antonio Feliciano de Castilho, por exemplo, citaram outras obras do escritor português possivelmente conhecidas entre os brasileiros:

“**Escavações poéticas**, por Antonio Feliciano de Castilho. 1 vol.
brochado.....Rs1\$600.
encadernado.....Rs2\$000.
O autor da Noite do castelo, do Ciúmes do Bardo, da Novíssima Heloisa, etc., será lido com o mesmo prazer nesta nova e variada coleção deliciosa das suas admiráveis produções.”⁸³

Outras vezes, procuraram atrair a atenção dos clientes destacando a materialidade das obras e a qualidade da impressão. Volumes límpidos, sem rasuras ou borrões, que poderiam comprometer a leitura, apareceram com frequência no interior dos catálogos difundidos dos Laemmert. Entre eles encontramos *Dona Branca, ou a conquista do Algarve*, de Almeida Garrett, composta por “magnífica figura a buril” e por “rica encadernação dourada”, cuja “correção” e “nitidez” permitiriam que o livro fosse utilizado, inclusive, para presentear:

⁸² AUGUSTI, Valéria. Presença e Circulação da Literatura Prescritiva no Século XIX no Rio de Janeiro. **O romance como guia de conduta: A Moreninha e Os dois amores**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. p. 30.

⁸³ **Catálogo das obras poéticas em português à venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert mercadores de livros**. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1866. p. 7.

“**Dona Branca**, ou a conquista do Algarve, poema por Garrett. 1 vol. impresso em papel holanda, adornado com uma magnífica figura a buril, com rica encadernação dourada.....Rs3\$000. Não existe até hoje uma única edição destes sublimes cantos que possa ser comparada com a presente em suma correção, nitidez e boa impressão e por isso presta-se admiravelmente para ser oferecida de mimo. Quanto às belas poesias do ilustre autor, elas são assaz conhecidas e não demandam recomendação.”⁸⁴

A literatura estrangeira marcou forte presença no interior desses materiais. No catálogo designado *Segunda parte do novo catálogo sistemático de escolhidos livros em português publicados e à venda no Rio de Janeiro na Livraria Universal*, contabilizamos um total de 32 obras redigidas por autores de outros países, contra somente 8 brasileiras. Já no *Catálogo das obras poéticas em português à venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert mercadores de livros rua da Quitanda 77*, apareceram 76 livros de escritores estrangeiros e apenas 26 de autores nacionais (ou incluídos nas Historiografias Literárias brasileiras, como Tomás Antônio Gonzaga). A maioria deles tinha origem francesa ou portuguesa: na lista encontramos nomes como Voltaire, Rousseau, Lafontaine, Florian, Lachambeaudie, Jussieu, Hugo, Sue, além de Herculano, Garret, Bocage, Camilo Castelo Branco e Teófilo Braga.

Apesar da predominância de autores desses dois países, eles não foram os únicos a figurar nas prateleiras da livraria, já que obras em língua italiana e espanhola também foram anunciadas pelos irmãos. Entre elas podemos citar *Fábulas literárias*, de D. Thomaz Yriarte, e *Cornélia Bororquia, ou história interessante da infeliz vítima da Inquisição de Sevilha*, de Luís Gutiérrez. Os Laemmert ajudaram ainda a difundir a cultura alemã no Brasil por meio da venda de obras como *Amorosas paixões do jovem Werther*, de Goethe; *Arminio ou a Alemanha libertada*, do Barão de Schonaich, como ficou conhecido Christoph Otto Freiherr von-Schönaich; *Aventuras maravilhosas do incomparável Cavaleiro Huól, Príncipe d'Aquitania*; de Cristoph Martin Wieland; e *Aventuras pasmosas do célebre Barão de Munkausen*, de Rudolph Erich Raspe. Os leitores que se interessassem pelo assunto poderiam ainda adquirir a coletânea *Ecos da Lira Teotônica, ou*

⁸⁴ Ibidem. p. 6.

tradução de algumas poesias dos poetas mais populares da Alemanha, organizada por José Gomes Monteiro.

Na *Segunda parte do novo catálogo sistemático de escolhidos livros em português publicados e à venda no Rio de Janeiro na Livraria Universal*, os irmãos divulgaram os textos “O flibusteiro, ou pirata das Antilhas”, de Van der Velde, e “O avaro de Southwark”, de Frederick Somner Merryweather. Ambos haviam aparecido nas páginas do *Novo Correio de Modas* alguns anos antes, ainda no primeiro semestre de 1852.⁸⁵ Outros nomes se repetiram nos catálogos e nas duas revistas, como Almeida Garret, Augusto Emílio Zaluar e Antonio Feliciano de Castilho. Na verdade, os poetas portugueses mais recorrentes nos periódicos femininos da editora foram os mesmos que tiveram uma frequente aparição no interior dos dois catálogos.

Nos materiais em questão, encontramos títulos anunciados em destaque, que apareceram em negrito, com asterisco ao lado, e foram seguidos por comentários, sucintos ou mais longos. Ao se deparar com essas características em sua análise de alguns catálogos da Tipografia Universal e da Editora Garnier, Queiroz sugeriu que os livros divulgados com maior relevo poderiam ter sido impressos nos prelos das próprias editoras, interessadas em anunciá-los amplamente.⁸⁶ De fato, nossa pesquisa mostrou que grande parte das obras noticiadas com destaque foi publicada na gráfica dos irmãos. O restante veio de outras tipografias, como a de Paula Brito, que lançou *Dores e flores*, de Augusto Emílio Zaluar, em 1851, e a de Lambert, responsável pela edição de *Saudades de minha pátria*, de João d’Aboim, em 1850. Figuras constantes nas páginas do *Novo Correio de Modas*, esses dois autores difundiram alguns de seus poemas no periódico editado pelos irmãos entre os anos de 1852 a 1854 e tiveram suas obras anunciadas nos catálogos contemplados por este estudo. É possível que os Laemmert destacassem suas obras com o objetivo de divulgar o

⁸⁵ “O Flibusteiro, ou o pirata das Antilhas. Romance do último terço do século XVII”. **Novo Correio de Modas**. 2^o sem. de 1852, n. 10, p. 73-76, n. 11, p. 81-85, n. 12, p. 89-93, n. 13, p. 97-101 e n. 14, p. 105-112; “O avaro de Southwark, ou tal vida, tal morte”. *Ibidem*. 2^o sem. de 1852, n. 16, p. 27-28. Fontes estrangeiras: VAN DER VELDE. “Der flibutier”. In.: **Sämmtliche Schriften von van der Velde**. Trad. Henrique Andersen. v. I. Leipzig: Erfter Bend, 1830. p. 94-202; MERRYWEATHER, Frederick Somner. “Traditionary recollections of John Overs, the Southwark Miser”. In: **Lives and anecdotes of misers**. London: Simpkin, Marshall, and co., 1850. p. 52-58.

⁸⁶ QUEIROZ, Juliana Maia. Em busca de romances: um passeio pelo catálogo da livraria Garnier. In: ABREU, Márcia. (org.). **Trajetórias do romance**: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 2008, v. 1. p. 203.

nome desses escritores e, conseqüentemente, elevar o prestígio em torno dos colaboradores da revista.

No *Catálogo das obras poéticas em português à venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert*, constam diversos livros de poesia redigidos por escritores de origem portuguesa e brasileira lançados pela tipografia dos irmãos. Entre eles estiveram clássicos das letras lusitanas, como o famoso épico *Os Lusíadas*, um verdadeiro sucesso editorial com 47 edições mundiais, além de 31 traduções para diversas línguas, já em meados do século XIX.⁸⁷ Em 1841, os Laemmert imprimiram a segunda edição nacional do poema de Camões e, 15 anos mais tarde, lançaram-na em formato de bolso. A obra parece ter gerado lucros aos editores, que decidiram continuar apostando em sua publicação e imprimiram mais três edições até 1868.⁸⁸

No mesmo material, encontramos outros “best-sellers” da literatura portuguesa, como a tragédia *A Nova Castro*, de João Baptista de Gomes Junior, e a écloga *Galatéa*, de Antonio Joaquim de Carvalho. Lançada em 1786, a primeira conquistou sucessivas impressões tanto em Portugal quanto na França e no Brasil⁸⁹, sendo publicada pelos prelos da Tipografia Universal, em 1843. A segunda foi impressa entre 1776 e 1786 e obteve, um século mais tarde, pelo menos mais três edições lusas e dez brasileiras, incluindo uma versão dos irmãos, de 1844.⁹⁰ Nessa mesma década, Eduardo e Henrique Laemmert empreenderam a reimpressão de várias narrativas famosas entre o público leitor português,

⁸⁷ De acordo com Thomas Northon, entre os anos de 1572 e 1847, houve 47 edições d’ *Os Lusíadas*, sendo 29 impressas em Lisboa, nove em Paris, uma em Madri, uma em Nápoles, uma em Roma, uma em Coimbra, uma em Avinhão, uma em Hamburgo e uma última de local desconhecido. NORTHON, Thomas. *Catálogo das edições dos Lusíadas*. In.: CAMÕES, Luís Vaz. **Obras de Luís Vaz de Camões**. Lisboa: Escritório da Biblioteca Portuguesa, 1852. t. 1. p. X – XVI. Os dados fornecidos por Almeida Garrett também confirmam o êxito editorial do livro, uma vez que, segundo o português, entre 1580 e 1833, o poema teve um total de 31 traduções para várias línguas, incluindo o francês, o espanhol, o latim e o alemão. Fonte: GARRETT, Almeida. *Das traduções dos Lusíadas*. Ibidem. p. XVII-XXI.

⁸⁸ A primeira impressão brasileira do célebre poema de Camões ocorreu no ano de 1821, quando foi lançado pela casa de P. C. Dalbin & C. Em 1841, ela saiu novamente pelos prelos da Tipografia Universal, em 1849, pela Tipografia de Agostinho de Freitas Magalhães; em 1855, pela Tipografia Brasiliense de M. G. Monteiro; e, em 1856, novamente pela gráfica dos irmãos alemães. Fonte: SILVA, Inocêncio Francisco da, *op. cit.*, 1859, p. 266-267; PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme. **Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico**. Lisboa: João Romano Torres, 1911, t. 5. p. 271-273.

⁸⁹ SILVA, Inocêncio Francisco da (org.), *op. cit.*, 1859, p. 305.

⁹⁰ CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. p. 47.

como *História verdadeira da princesa Magalona*, *A donzela Teodora*, *Roberto do Diabo*, *Imperatriz Porcina*, *João de Calais*, *Corcovados de Setúbal*, *Carlos Magno*, *Pele de burro*, *A virtuosa D. Francisca do Algarve*, entre outros. Segundo Abreu, essas histórias circulavam no Brasil em formato de cordel desde o século XVIII, conforme demonstram os pedidos de autorização submetidos à Real Mesa Censória, órgão responsável, entre outras tarefas, por controlar os livros remetidos à colônia.⁹¹

O apurado tino comercial dos irmãos levou-os a investir em publicações com demanda assegurada, o que evitava a perda dos ganhos ou a presença de encalhe – daí a presença das narrativas citadas acima, que eram extremamente populares no Brasil e em Portugal. Apostando em obras de longa tradição, os editores não poderiam deixar de fora *Marília de Dirceu*, registrado por Manuel Bandeira como o segundo grande êxito editorial do Oitocentos, atrás apenas d'*Os Lusíadas*.⁹² No decorrer desse século, a obra de Tomás Antônio Gonzaga conquistou diversas edições portuguesas e até mesmo traduções para outras línguas, como o francês, o italiano e o latim.⁹³ Em território nacional, *Marília de Dirceu* foi impressa pela primeira vez em 1810; 25 anos mais tarde saiu uma versão baiana, pela Tipografia do Diário e, em 1842, a obra ganhou três novas impressões: uma em Pernambuco, na Tipografia de Santos & Cia, e as outras duas na capital, uma na Tipografia de J. J. Barroso e Cia e outra na Tipografia dos Laemmert. Ao que tudo indica, a edição dos irmãos era mais completa que as demais disponíveis no período, porque contava com uma introdução histórico-biográfica redigida por Pereira da Silva, como apontou um anúncio localizado no *Catálogo das obras poéticas em português à venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert*, de 1866:

⁹¹ ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas/SP: Mercado de Letras/Associação de Leituras do Brasil, 1999. p. 49-59.

⁹² BANDEIRA, Manuel. **Noções de história das literaturas**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1954. v. 1. p. 71. O poema atribuído a Tomás Antonio Gonzaga foi lançado em 1792, quando saíram as 33 líras que compõem a primeira parte da obra. Sete anos depois, imprimiu-se uma segunda edição, contendo, além da primeira parte, uma outra, inédita, na qual se encontram mais 32 líras. No ano seguinte, ocorreu a publicação de uma terceira parte, apócrifa, pois se desconfia de sua autoria. Escrita por Tomás Antonio Gonzaga ou mesmo por outro contemporâneo, o fato é que a versão final, com as três partes, constituiu em “um espetacular sucesso em Portugal, conhecendo quatro diferentes edições em Lisboa, uma das quais vendeu 2 mil exemplares em apenas seis meses.” Fonte: ABREU, Márcia Azevedo de. Livros ao mar – Circulação de obras de Belas Letras entre Lisboa e Rio de Janeiro ao tempo da transferência da corte para o Brasil. **Tempo**, Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 12, n. 24, p. 85-108, 2008.

⁹³ Fonte: <<http://www.brasiliiana.usp.br/node/628>>. Acesso em: 26/05/2012.

“Não se limitou o sr. Dr. Pereira da Silva ao material de empresa de dar-nos uma edição correta da *Marília de Dirceu*; pois que, além de ter depurado a sua obra dos erros grosseiros das outras edições, enriqueceu-a com uma introdução interessante, onde narra fielmente os fatos da vida de Gonzaga. Nesta introdução acharão os leitores consignado o resultado de pesquisas feitas sobre a pátria do ilustre poeta.”⁹⁴

Ainda que *Marília de Dirceu* tenha obtido êxito editorial nos dois lados do oceano, as *Cartas chilenas*, também redigidas por Tomás Antônio Gonzaga, permaneceram durante muito tempo parcialmente desconhecidas entre portugueses e brasileiros. Algumas das epístolas de Critilo a Doroteu foram divulgadas na imprensa periódica nacional, nas páginas do *Jornal Científico, Econômico e Literário*, em 1826, e na *Minerva Brasiliense*, em 1845.⁹⁵ Entretanto, as 13 cartas reunidas apareceram apenas em 1863, na versão organizada por Luís Francisco da Veiga e lançada pela tipografia dos Laemmert. Noticiada como um “monumento das letras pátrias”, no qual apareceriam verdadeiras riquezas “da história da liberdade do Brasil”, a obra certamente atraiu a atenção dos leitores dessa época:

“Esta *preciosidade histórico e literária* foi *exumada* pelo Sr. Dr. Luiz Francisco de Veiga do rico arquivo da família, onde jazia *desconhecido* esse magnífico *monumento* das letras pátrias. Este *poema satírico*, dirigido contra o governador de Minas Gerais, Luiz da Cunha de Menezes, que por seu condenável proceder provocou a revolução da *Inconfidência* mineira (conjuração Tiradentes), é um tesouro para a história dessa revolução, que deve ser explorado por todos os que estudam a *história da liberdade do Brasil*.”⁹⁶

No *Catálogo das obras poéticas em português à venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert*, constam ainda diversos autores portugueses contemporâneos. Na lista podemos citar Antonio Feliciano de Castilho, autor de *Amor e melancolia, ou a novíssima Heloisa* e *Escavações poéticas* e *Tributo à memória de sua majestade fidelíssima o sr. D. Pedro V e muito amado (junto com o irmão)*, ambos lançados pelos prelos da gráfica dos

⁹⁴ *Catálogo das obras poéticas em português à venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert mercadores de livros*. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1866. p. 14.

⁹⁵ Fonte: <<http://www.brasiliana.usp.br/node/701>>. Acesso em: 26/05/2012.

⁹⁶ *Catálogo das obras poéticas em português à venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert mercadores de livros*. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1866. p. 3.

irmãos.⁹⁷ Interessados em outras novidades europeias, os Laemmert publicaram ainda *O cativo de Fez*, de Antonio Joaquim da Silva Abranches, peça premiada pelo Conservatório Nacional Português, em 1840, e anunciada no mesmo material.⁹⁸

A atenção à literatura estrangeira não impediu que livros de escritores brasileiros figurassem entre os impressos editados pelos irmãos. Eduardo e Henrique Laemmert foram responsáveis pela publicação de *Primeiros Cantos*, obra que marcou a estreia literária de Gonçalves Dias, em 1846. Além de alçar o poeta maranhense à esfera dos nomes mais conhecidos entre os literatos do Brasil e de Portugal – já que os aplausos proferidos pelos compatriotas do autor foram acompanhados por uma série de elogios vindos do outro lado do oceano –, o livro auxiliou ainda na difusão da literatura brasileira no exterior. Logo após o lançamento, Alexandre Herculano redigiu um artigo muito favorável ao poeta, divulgado na *Revista Universal Lisbonense*, chamado “Futuro Literário de Portugal e do Brasil”. A essas críticas, seguiram-se outras, como a escrita por Antonio Lopes de Mendonça nas suas *Memórias de Literatura contemporânea*, em 1855.⁹⁹

Os livreiros divulgaram também Joaquim de Sousa Andrade, mais conhecido como Sousândrade, que estreou com a publicação de *Harpas selvagens*, em 1857. Segundo Luiza Lobo, para manifestar sua gratidão, o escritor compôs um poema chamado “À partida de um velho enfermo”, em homenagem ao mais velho dos irmãos.¹⁰⁰ Nele aparece a figura de um “nobre ancião” que, depois de viver trinta anos no Brasil, precisa se mudar novamente para a Alemanha. Desfeito em lágrimas, lamenta a mudança afirmando que se sentiria “errante e deslocado” em sua terra natal. Já no navio, mantendo seus olhos fitos no Rio de Janeiro e as costas voltadas para o novo destino que o aguarda, o ancião se despede do país que o acolheu tão calorosamente, dizendo:

“E eu deixar este céu... Nem vim faminto
Somente ouro buscar: amei no peito

⁹⁷ Ibidem. p. 1-7.

⁹⁸ SILVA, Inocêncio Francisco da, *op. cit.*, 1862. p. 164-165.

⁹⁹ LEAL, Antônio Lopes de Mendonça. Perfis literários em 1855 - III. Gonçalves Dias. In.: **Memórias de Literatura contemporânea**. Lisboa: Tip. do Panorama, 1855. p. 313-318.

¹⁰⁰ LOBO, Luiza. **Épica e modernidade em Sousândrade**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005. p. 48.

Minha alma dilata ante a harmonia;
Extenso o coração sentir rugindo,
Meu ser engrandecendo... Adeus, Brasil...”¹⁰¹

Além de Gonçalves Dias e Sousândrade, Eduardo e Henrique Laemmert publicaram dramaturgos desconhecidos do público de hoje, como Francisco Luiz de Abreu Medeiros – autor de *Na feira de Sorocaba* – e o francês radicado no Brasil, Luís Augusto Burgain – criador das peças *Luiz de Camões*, *O governador de Braga (Os três amores)* e *O mosteiro de Santo-Iago* –, ambos anunciados no *Catálogo das obras poéticas em português à venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert mercadores de livros rua da Quitanda 77*.

Os irmãos foram responsáveis também pelo lançamento de algumas coleções poéticas, publicadas com o intuito de resgatar autores do passado e de afirmar a autonomia da literatura brasileira. A inspiração veio do outro lado do oceano: em 1826, foi lançado, sob supervisão de J. P. Aillaud, o *Parnaso lusitano, ou poesias seletas dos autores portugueses antigos e modernos*. Trata-se de uma longa antologia de cinco tomos, organizada por Almeida Garrett, que redigiu “O bosquejo da História e da Poesia em Língua Portuguesa”, incluso nessa obra.¹⁰² Segundo o editor francês, o objetivo da coletânea era “ajuntar (...) o mais precioso da poesia nacional” lusa, revigorando as artes “já quase extintas por tantos séculos de desfavor e de desgraça.”¹⁰³ Três anos depois, estava disponível a primeira edição do *Parnaso brasileiro, ou coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil*, organizado pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa, entre 1829 a 1831.

Na década seguinte, os prelos da Tipografia Universal imprimiram uma segunda seleta, chamada *Parnaso Brasileiro ou Seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira*. Assim como sua antecessora, a obra constituiu um

¹⁰¹ SOUSÂNDRADE, Joaquim. À partida de um enfermo. In.: **Harpas selvagens**. Tip. Universal de Laemmert: Rio de Janeiro, 1857. p. 98-99.

¹⁰² GARRET, Almeida (org.). **Parnaso lusitano, ou Poesias seletas dos autores portugueses antigos e modernos**. Paris: em casa de J. P. Aillaud, 1826. p. III.

¹⁰³ Ibidem. p. IV.

texto fundador da “História da Literatura Brasileira, que surg[iu] no século XIX (...) para testemunhar a existência da literatura no Brasil.”¹⁰⁴ Composta por dois volumes, o primeiro lançado em 1843 e o segundo, cinco anos depois, a coletânea contou com a organização de Pereira da Silva, que havia trabalhado anteriormente junto aos Laemmert na edição d’*O Plutarco Brasileiro, coleção de biografias de brasileiros ilustres antigos e modernos*, em 1847. Pereira da Silva evidenciou a intenção de alavancar a literatura nacional por meio da divulgação de poemas brasileiros e do incentivo a novas produções. Em suas palavras:

“O PARNASO BRASILEIRO tende a grandes e nobres fins – reabilitar obras já esquecidas – lembrar nomes que ilustram seu país – dar emulação aos poetas modernos, para deslizarem seus voos majestosos, na certeza de que serão ouvidas suas vozes e aplaudidos seus esforços – chamar enfim o gosto e a atenção dos Brasileiros para a literatura de seu país.”¹⁰⁵

Esse interesse esteve presente também na reimpressão das poesias de Américo Elísio, pseudônimo árcade usado por José Bonifácio de Andrade Silva. Conhecido pelo epíteto de “patriarca da Independência do Brasil”, o político brasileiro foi banido do território nacional em 1823, após romper com D. Pedro I, a quem inicialmente apoiara. Em seu exílio na França, compôs alguns poemas que anos mais tarde foram reunidos e publicados em Bordeaux, onde difundiu também algumas memórias sobre o tráfico de escravos.¹⁰⁶ Quatro décadas mais tarde, os Laemmert decidiram lançar uma segunda edição de sua obra, a qual acrescentaram outros poemas inéditos do autor. Com a publicação, surgiram muitos artigos na imprensa que elogiavam a iniciativa dos irmãos:

“(...) No seu injusto desterro ele (José Bonifácio) lembra de sua lira e as saudades da pátria inspiram ao proscrito brasileiro poesias cheias de sublimidade e harmonia, de pompa e de nobreza, que o mostram em toda sua grandeza e são como que os diamantes da literatura nacional. Os Brasileiros, admiradores de um dos maiores vultos que figuram na

¹⁰⁴ CUNHA, Jaqueline Rosa da. Considerações a respeito do Parnaso Brasileiro. V Semana de Letras, 2005, Porto Alegre. **Anais da V Semana de Letras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 1. A esse respeito, ver também: MOREIRA, Maria Eunice e ZILBERMAN, Regina. **O Berço do Cânone**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

¹⁰⁵ SILVA, Pereira da (org.). **Parnaso Brasileiro ou Seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1848. t. 2. p. X.

¹⁰⁶ Ibidem. p. 134-135.

Independência de seu país, a quem hoje levantam uma estátua monumental, não pode deixar de possuir um livro tão precioso, tanto mais que ele se acha adornado com o herói da liberdade brasileira.(...)

O trabalho dos Srs. Laemmert honra a arte tipográfica: é de grande elegância e perfeição. A imprensa não pode deixar de agradecer este serviço feito às letras e á indústria nacional por aqueles ilustrados livreiros editores.”¹⁰⁷

Os catálogos da Livraria Universal ajudam a compreender de que forma Eduardo e Henrique Laemmert favoreceram trocas culturais entre o Brasil e o exterior, mostrando alguns dos títulos encontrados na loja de livros, a língua em que foram escritos e o nome de seus autores. Revelam ainda que a incursão dos irmãos no mercado de belas-letras seguiu os mesmos princípios utilizados por eles em relação às *Folhinhas* e ao *Almanaque* – daí o predomínio de livros de longa tradição ou com várias edições, cuja venda era mais assegurada. Apesar de terem investido maciçamente em nichos amplos, os Laemmert não deixaram de participar de outros mais específicos. Por isso, entre as décadas de 1830 e 1850, eles publicaram o *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas*, duas revistas dedicadas ao público feminino, centradas nas tendências de vestuário e em narrativas moralizantes, das quais trataremos a seguir.

¹⁰⁷ **Correio Mercantil**, edição de 4/12/1861, seção de anúncios.

CAPÍTULO 2

AS REVISTAS FEMININAS DA TIPOGRAFIA UNIVERSAL

2.1 *Origens da imprensa feminina no Brasil*¹⁰⁸

O primeiro periódico feminino do qual se tem notícia foi impresso na Inglaterra, em 1693, sob título de *Lady's Mercury*. Funcionava como uma espécie de “consultório sentimental”, reproduzindo cartas de leitoras com dúvidas amorosas.¹⁰⁹ A novidade rapidamente se alastrou para outros países da Europa: na Alemanha surgiu o *Akademie der Grazien für Deutsche Frauen*, na Áustria o *Die Elegante*, e na Itália o *Toillete*, a *Biblioteca Galante* e o *Giornale della Donna*. A cada lançamento, incorporaram-se novos assuntos, de forma que esses veículos passaram a conter também matérias sobre horóscopo, moldes de tricô e colunas com teor religioso.¹¹⁰ Foi na França que a imprensa feminina se associou pela primeira vez à temática da moda, com a qual se manteve vinculada desde então: em 1760, o *Journal des Dames* começou a reproduzir modelos de vestuários para suas leitoras. A estratégia teve bom êxito, garantiu longa duração para o jornal e logo acabou sendo copiada por outros editores.¹¹¹

Segundo Buitoni, os franceses se encarregaram de difundir a imprensa feminina nas Américas, inclusive na antiga colônia portuguesa. Isso justificaria, a seu ver, a forte presença de artigos sobre indumentária nessas publicações. No Brasil, Pierre Plancher foi o

¹⁰⁸ Por imprensa feminina entendemos tanto os periódicos dedicados ao sexo feminino – pois, como disse Buitoni, a “imprensa feminina é um conceito definitivamente sexuado: o sexo de seu público faz parte de sua natureza” – quanto aqueles escritos por mulheres – já que, de acordo com Meyer, a imprensa feminina compreende jornais e revistas “fundados e dirigidos por mulheres [que], pretendiam, de uma forma ou de outra, colocar questões a elas atinentes.” BUITONI, Dulcília Shroeder. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1986. p. 07; e MEYER, Marlise. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 298-303.

¹⁰⁹ VIDUTTO, Marienne Cristina Sebrían Busto. **Design em revista feminina: um olhar sobre Cláudia**. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2010. p. 6.

¹¹⁰ FAUSINO, Márcia Coelho. As velhas/novas revistas femininas. In.: **Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Belo Horizonte-MG, , s/p., setembro de 2003.

¹¹¹ BUITONI, Dulcília Shroeder, *op. cit.*, p. 25.

primeiro a investir nesse mercado, lançando o *Espelho Diamantino*, em 1827. Desde então os títulos se sucederam pela corte e pelas províncias. Num primeiro momento, apareceram impressos escritos por homens consagrados a temas como moda, beleza, economia doméstica e literatura. Entre eles estiveram *O Mentor das Brasileiras* (1829), *O Espelho das Brasileiras* (1831), *A Mulher do Simplicio* (1832), *Jornal de Variedades* (1835), *Espelho das Belas* (1841) e *A Marmota* (1849-1864). Apenas na segunda metade do século XIX, surgiram os primeiros periódicos elaborados por mulheres baseados ou não na defesa dos direitos desse sexo. Em Recife, foram veiculados *A Esmeralda* (1850) e *O Jasmim* (1850); no Rio de Janeiro, o *Jornal das Senhoras* (1852), o *Belo Sexo* (1862) e o *Jornal das Famílias* (1863-1878); em Campanha, Minas Gerais, *O Sexo Feminino* (1873); e, em São Paulo, *A Família* (1888).¹¹²

Os títulos apresentados acima são os mais mencionados pelos pesquisadores do período quando se referem à imprensa feminina do Brasil Oitocentista. A lista abarca publicações muito diferentes tanto do ponto de vista do eixo de produção – ou seja, quem eram os editores, os redatores e os colaboradores –, quanto da política editorial – ou, em outras palavras, o direcionamento dado aos textos, os temas abordados e as ideias por detrás deles. A heterogeneidade nesses jornais e revistas justifica o que Luca designou como “confronto com suas congêneres”. Segundo a pesquisadora, os estudos que tomam como base periódicos não devem deixar de lado o diálogo estabelecido por eles com outros da mesma época, pois:

“além da localização temporal e do mergulho no seu conteúdo, cabe perguntar: quais as opções disponíveis para um leitor contemporâneo, que tinha a chance de escolher entre diferentes títulos da mesma natureza? Quais eram esses títulos? Como se diferenciavam em relação à publicação

¹¹² A respeito dos periódicos femininos do século XIX, ver: BUITONI, Dulcília Shroeder, *op. cit.*; GOMES, Gisele Ambrósio. *O Mentor das Brasileiras: um estudo de caso*. In.: **Revista Virtu**. Juiz de Fora (Minas Gerais): Universidade Federal de Juiz de Fora. v. VI, 2º. semestre de 2007; PINHEIROS, Alessandra. **Para além da amenidade: O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produções**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007; SIMIONATO, Juliana Siani. **A Marmota e seu perfil editorial: contribuição para edição e estudos dos textos machadianos publicados nesse período (1855-1861)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

escolhida? Que embates travaram no seu tempo? Como a historiografia tem se referido a esses títulos?”¹¹³

Por isso, antes de tratarmos das publicações femininas lançadas pela Tipografia Universal, vamos abordar – ainda que brevemente – alguns periódicos que circularam em períodos mais ou menos próximos ao *Correio das Modas* e ao *Novo Correio de Modas*.¹¹⁴ Começamos pelo *Espelho Diamantino: periódico de política, literatura, belas-lettras artes, teatro e moda*, impressão quinzenal que circulou entre 20 de setembro de 1827 a 28 de abril de 1828, totalizando 14 números. Além das seções **Literatura e Teatro, Crônicas e Anekdotes**, a revista debruçou-se sobre notícias políticas. Em seu interior, existiram ao menos dois espaços dedicados ao assunto: **Notícias políticas**, com uma “sucinta relação dos fatos principais e mais dignos da atenção pública”, e **Negócios nacionais**, com “resumos imparciais das sessões legislativas, das leis mais importantes”. Uma indicação localizada na capa revela que o periódico era destinado “às senhoras brasileiras”. Contudo, os redatores não se empenharam em florescer a linguagem ou em escolher temas considerados pertinentes às mulheres. Além disso, deixaram de lado a temática da moda, outra questão cara à imprensa feminina desse período.¹¹⁵

A Mulher do Simplício, ou a fluminense exaltada apareceu de forma irregular entre 10 de março de 1832 a 30 de abril de 1846. Lançada por Paula Brito – o primeiro brasileiro a investir no trabalho como editor –, foi sucedida por outra publicação igualmente consagrada ao público feminino, *A Marmota*. Entre 1849 e 1851, foi designada como *A Marmota na Corte*, do ano seguinte até meados de 1852, passou a se chamar *A Marmota Fluminense* e, desde então, recebeu o nome de *A Marmota*. Com esse título, atingiu a década seguinte, sendo extinta em abril de 1864.¹¹⁶ Segundo Simionato, o jornal pretendia

¹¹³ LUCA, Tânia Regina de. “Revistas e escrita da História: alguns desafios interpretativos”. Disponível em: <http://www.espea.iel.unicamp.br/textos/IDtextos_123_pt.pdf>. Acesso em: 20/01/2013.

¹¹⁴ Escolhemos tratar dos periódicos *O Espelho Diamantino*, *A Mulher do Simplício*, *A Marmota*, *Jornal das Senhoras* e *Jornal das Famílias*. Vários motivos orientaram essa decisão: esses títulos são alguns dos mais conhecidos, foram publicados no Rio de Janeiro – assim como as revistas da Tipografia Universal – e apresentaram muitas diferenças entre si, o que serve bem ao nosso propósito de mostrar a variedade da imprensa feminina do período.

¹¹⁵ COSTA, Carlos Roberto da. **A revista no Brasil, o século XIX**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

¹¹⁶ De acordo com Simionato, “apesar dos nomes distintos, a diretriz editorial conservou-se essencialmente a mesma, hipótese que pode ser confirmada pela presença constante de Francisco de Paula Brito em sua

“atuar diretamente na formação cultural e moral do leitor. Assim, praticamente desdenha[va] a política e a matéria propriamente noticiosa, privilegiando assuntos supostamente mais perenes, como seriam a literatura, o entretenimento e a moralidade.”¹¹⁷ Em suas páginas apareceram gravuras de figurino, caricaturas, versos, artigos científicos, máximas, charadas, além – é claro – de narrativas ficcionais de autores brasileiros e estrangeiros.

O *Correio das Modas* estreou logo no segundo ano de funcionamento da Tipografia Universal, no dia 05 de janeiro de 1839. Inicialmente teve periodicidade semanal, saindo sempre aos sábados. O êxito entre os leitores fez com que a revista logo passasse a aparecer duas vezes por semana, sempre às quintas-feiras e aos domingos. Ao todo, ela somou 131 fascículos, dos quais pouco mais da metade chegaram aos nossos dias, porque somente o primeiro semestre de 1839 e o segundo semestre de 1840 foram conservados. Em 1852, os Laemmert retomaram a impressão de um periódico feminino, lançando o hebdomadário *Novo Correio de Modas*. Muito parecida com a antecessora, contou com novas seções, como crônicas, matérias com dicas de economia doméstica e beleza, além de artigos sobre viagens a vários países.

Ao que tudo indica, a diferença entre as revistas femininas da Tipografia Universal e outras lançadas no mesmo período consistiu no maior destaque dado pelas primeiras à temática das tendências de vestuário. Foi o que indicou uma nota veiculada n’ *A Marmota*, em 23 de fevereiro de 1855, a respeito do fim do *Novo Correio de Modas*:

“Neste belo Rio de Janeiro, onde todos falam em modas, e de modas se ocupam, não podemos deixar de lamentar a falta de um campeão – o *Correio das Modas* – publicação semanal do nosso hábil e incansável editor o Snr. E. Laemmert (a quem as letras do nosso país tanto devem), publicação que provavelmente cessou, por não estar o número de seus assinantes em relação com as despesas que um jornal semelhante fazia o proprietário-editor.”¹¹⁸

direção, pela regularidade dos números do jornal (que permaneceram contínuos mesmo com a troca de nomes) e pela denominação de sua primeira coluna, ‘A Marmota’, que continuou sempre a mesma (e que exercia, em termos atuais, função semelhante a um editorial).” SIMIONATO, Juliana Siani, *op. cit.*, p. 16.

¹¹⁷ Ibidem. p. 9.

¹¹⁸ **Marmota Fluminense:** jornal de modas e variedades, edição de 23/02/1855, n. 555.

Contemporaneamente à publicação do *Novo Correio de Modas*, foi lançado *O Jornal das Senhoras: modas, literatura, belas-artes, teatro e crítica*, definido por Costa como “a primeira revista destinada às mulheres e escrita por mulheres” a aparecer em solo nacional.¹¹⁹ Editado inicialmente pela argentina Joana Paulo Manso de Noronha, o periódico apareceu uma vez por semana entre janeiro de 1852 e dezembro de 1855. Assim como era praxe nesse período, trouxe gravuras de modas, moldes e riscos de bordados, bem como partituras para piano. As semelhanças, no entanto, ficaram por aí. *O Jornal das Senhoras* rompeu com a imprensa tradicional ao impulsionar a educação feminina, como evidencia uma nota encontrada em seu primeiro número:

“Redigir um jornal é para muitos literatos o apogeu da suprema felicidade, já sou Redator, esta frasezinha dita com seus botões faz crescer dois palmos a qualquer indivíduo. No círculo ilustrado o Redator é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pode dizer muita coisa, propícia ou fatal a alguém. (...) Ora pois, uma Senhora à testa da redação de um jornal! que bicho de sete cabeças será? Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas à literatura colaborando diferentes jornais. (...) O JORNAL DAS SENHORAS redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, se não possui talentos, pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar a ilustração e colaborar com todas as suas forças para o melhoramento social e a emancipação moral da mulher.”¹²⁰

Joana Paula Manso de Noronha usou as páginas do jornal onde trabalhava para defender o acesso das mulheres a melhores condições sociais e, especialmente, à educação formal, partindo do pressuposto de que para formar filhos melhores era necessário ter por perto mães com certa instrução. Em 24 de outubro de 1852, ela escreveu uma crítica bastante ácida sobre um artigo publicado no *Novo Correio de Modas*, algumas semanas antes, intitulado “Emancipação das mulheres”¹²¹. O colaborador *** ridicularizara a entrada do sexo feminino no mercado de trabalho apresentando uma série de argumentos para convencer suas leitoras da inviabilidade da ideia. Defendera que não seria o despotismo masculino que levaria as mulheres a se dedicarem à vida doméstica, mas sim a

¹¹⁹ COSTA, Carlos Roberto da, *op. cit.*, p. 133.

¹²⁰ **Jornal das Senhoras:** modas, literatura, belas-artes, teatro e crítica, edição de 01/01/1852, n. 1, p. 1.

¹²¹ **Novo Correio de Modas.** 2º. sem. de 1853, n. 16, p. 129-131.

existência de funções distintas para cada sexo, delimitadas pela própria natureza. Argumentara ainda que o papel social feminino seriam os cuidados internos à casa (isto é, a dedicação ao lar, ao marido e aos filhos), enquanto ao homem caberiam os cuidados exteriores (ou seja, a obtenção de um emprego e o sustento da família), porque se ambos realizassem as duas tarefas ao mesmo tempo, ficaria difícil distinguir que papel caberia a cada um. A redatora do *Jornal das Senhoras* respondeu a essas ideias com um artigo inflamado, no qual dizia:

“É terrível separar-se a mãe de seu filho, embora, mas é necessário viver e sustentá-lo, o que ganha o marido não chega para o sustento da família, é preciso a mulher trabalhar também; e além disso (pois a mulher tem força intelectual e a força física adquire-se) o bom senso não a exime, porque até é mais honroso para a mulher não comer as sopas do marido sem mais utilidade do que encher-se de filhos.”¹²²

As ideias apresentadas pela jornalista parecem ter sido exceção à época, já que a maioria dos periódicos femininos contemporâneos ao *Jornal das Senhoras* adotou uma política conservadora. A *Marmota*, o *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas* foram alguns dos que procuraram defender a permanência da mulher dentro do lar, partindo sempre da premissa de que isso traria resultados positivos para a família como um todo. Entre as publicações mais tradicionais, não podemos deixar de incluir *O Jornal das Famílias*. Editado por Baptiste Louis Garnier, o periódico apareceu no Rio de Janeiro entre os anos de 1863 e 1878. Contou com gravuras de moda, artigos com dicas para o lar, além de crônicas e narrativas ficcionais, incluindo algumas criadas por renomados literatos da época, como Machado de Assis. Conforme destacou Pinheiros, “contrariando o senso comum, segundo o qual as mulheres são vistas como seres de segunda categoria”, os colaboradores dessa revista procuraram discutir “um ideal de literatura brasileira”, elegendo o sexo feminino como um possível interlocutor nesse debate.¹²³ Ao que tudo indica, a medida foi uma inovação para a época, pois *O Jornal das Famílias* parece ter sido o único desses periódicos a se deter de forma bastante enfática sobre a questão da construção da identidade nacional por meio da literatura.

¹²² **Jornal das Senhoras:** modas, literatura, belas-artes, teatro e crítica, edição de 24/10/1852, n. 43, p. 131.

¹²³ PINHEIRO, Alexandra Santos, *op. cit.*, p. 185-240.

2.2 Em busca do público leitor

Ao estudar as relações intertextuais entre o romance *Quincas Borba* e *A Estação* – periódico que acolheu o folhetim de Machado de Assis, entre os anos de 1886 a 1891 –, Suriani da Silva chegou à conclusão de que as revistas de moda seriam destinadas a leitores de diferentes classes sociais. Segundo a autora, as gravuras apresentadas por essas publicações permitiriam que os setores médios tivessem acesso a roupas e acessórios em voga na classe dominante, cujas tendências de vestuário lhes serviriam de inspiração. Já os setores ricos sentir-se-iam representados nas páginas de periódicos com informações sobre uma série de valores estimados por essa classe, incluindo – é claro – os usos correntes na indumentária.¹²⁴

A análise da seção **Modas** do *Correio das Modas* e do *Novo Correio de Modas* pode nos fornecer alguns indícios sobre quem seriam os leitores das revistas. De início notamos certa instabilidade no tratamento do tema, como se em determinadas ocasiões o espaço fosse dirigido para leitores inexperiente (ou ao menos pouco interessados) no assunto e em outras se endereçasse para profissionais versados no tema. Abaixo transcrevemos dois textos retirados dessa seção que comprovam a variação sobre a qual nos referimos. O primeiro conta com uma descrição objetiva, técnica e detalhada da gravura, enquanto o segundo parece mais dedicado a apresentar uma divagação a respeito do Carnaval, deixando de lado a explicação dos figurinos:

“Primeiro toilette: Vestidos de tafetá cor de violeta; corpinho com abas e enfeite de veludo; largas bandas de veludo adornando a frente de saia; todos esses enfeites são adornados de uma pequena renda preta. *Fichone* mangas de *jaconas*, as mangas fechadas por meio de um punho junto e também bordado. Chapéus de tafetá – blonde e flores – xale de casimira.
Primeiro toilette: Mocinha com um vestido de tafetás liso enfeitado nas saias com quinze babados, corpinho de alcochoadinho branco guarnecido de um galão que sobe fechando adiante. Pequeno colarinho de joconas

¹²⁴ SILVA, Ana Cláudia Suriani da. **Quincas Borba**: folhetim e livro. Tese (Doutorado em Letras Modernas e Literatura Europeia) – Wolfson College, Oxford, Surrey, 2007.

bordado. Mangas de baixo iguais. Penteado em cabelo – laço atrás da cabeça com fitas pendentes.”

“Estando próximos do Carnaval é um dever oferecer às nossas amáveis leitoras os lindos figurinos que acompanham o *Correio* de hoje. Vesti-vos assim, formosas e belas Fluminenses. Como vos hão de ficar a matar estes trajes sedutores? Como dirão bem estas cores vivas e alegres com o negro de vossos cabelos, com a expressão encantadora e fascinante de vossos olhos, com o *donaire* de vossos flexíveis corpos? Ide ao baile máscaras. Chega o tempo em que a folia sacode os guizos e a loucura desata as tranças, para deixá-las brincar ao sopro das auras do prazer, aos turbilhões da dança, às harmonias frenéticas das orquestras.

Não farei a descrição destes elegantes *toilettes* porque a vossa imaginação e a vossa brilhante fantasia hão de realizar com mais gosto e perfeição os adornos com que se costuma realçar a beleza.”¹²⁵

De acordo com esses textos, as revistas poderiam ser endereçadas a costureiras – para quem os detalhes técnicos acerca das gravuras seriam relevantes na confecção dos figurinos –, ou mesmo para senhoras e senhoritas interessadas em adquirir um vestido novo – as quais teriam a possibilidade de escolher o modelo preferido folheando as páginas das impressões. Outros artigos publicados na seção **Modas** das revistas apontam nesse mesmo sentido. Maciel da Costa explicou a tradução dos nomes das peças do molde de mantelete que o *Correio das Modas* reproduzia naquele número da seguinte forma:

“Ainda que estejamos convencidos de que a maior parte das leitoras do *Correio* saibam a língua francesa, não obstante, podendo talvez haver alguma que não a saiba, tomamos o expediente de traduzir os nomes das diferentes peças que compõem o mantelete cujo molde apresentamos: se bem que sendo o *Correio* escrito em língua nacional, torna-se de nosso rigoroso dever fazer o possível esforço para que na mesma língua apareçam quaisquer peças que hajam de acompanhar o mesmo *Correio*.”

Para compreender esse trecho, temos que levar em conta que a língua francesa desfrutava de muito prestígio nesse período, uma vez que a França era a grande referência cultural para o Ocidente. Por isso, aqueles que tinham renda suficiente para bancar seus estudos costumavam dominar o idioma. Assim, ao que parece, o redator da revista supunha como suas leitoras tanto mulheres da burguesia com acesso à educação formal, quanto

¹²⁵ **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1854, n. 4 e n. 8, respectivamente.

representantes desse sexo de menor poder aquisitivo a quem o conhecimento do francês estaria a princípio vetado. Essa nota reforça a ideia apresentada anteriormente de que humildes costureiras também compunham o horizonte de expectativas dos periódicos – daí a necessidade de se traduzir as peças apresentadas em francês para que aquelas que tomavam a revista como fonte de inspiração pudessem ter acesso a seu conteúdo.

O preço é outro aspecto que pode nos ajudar a definir quem seriam os leitores dos impressos lançados pela Tipografia Universal. Inicialmente a assinatura do *Correio das Modas* custava Rs5\$000 e dava direito a quatro meses, ou 17 números da revista. Quando a publicação passou a ocorrer duas vezes por semana, seu preço mudou para Rs7\$500 por seis meses, o que equivalia a 53 números do periódico. Dessa maneira, temos que um número do *Correio das Modas* saía, em 1839, por aproximadamente 294 réis e, no ano seguinte, por menos da metade, 141 réis. A periodicidade e o preço do *Novo Correio de Modas* permaneceram constantes ao longo dos três anos de duração da revista. Ela aparecia uma vez por semana e sua assinatura tinha o valor de Rs12\$000 por ano, ou Rs7\$000 por semestre. Em outras palavras, se o cliente optasse pela compra anual de 52 exemplares, cada número poderia ser obtido por 230 réis; caso preferisse o pacote de seis meses com 26 exemplares, cada número custar-lhe-ia em torno de 269 réis. Isso se o assinante morasse na corte. Para aqueles que residiam nas províncias, a solução era encomendar a revista na casa de alguns livreiros. Nesse caso, os valores ficavam em Rs8\$000 por semestre e Rs14\$000 por ano, ou seja, 269 e 307 réis por exemplar, respectivamente.¹²⁶

Tabela 1: Preço *Correio das Modas* e *Novo Correio de Modas*

Revista	Período	Periodicidade de	Assinatura (números)	Local de venda	Preço	Valor por exemplar
<i>Correio das</i>	1º semestre de 1839	Semanal	4 meses (17 números)	Corte	R\$5\$000	294 réis

¹²⁶ Mil réis se referiam à unidade monetária e réis, aos valores divisionários. Atualmente, o primeiro equivale ao real e o segundo, aos centavos. Assim, Rs0\$500, ou Rs\$500 eram iguais a quinhentos réis; Rs12\$100, ou 12\$100, a doze mil e cem réis; Rs1:000\$000, ou 1:000\$000, a um conto de réis (um milhão de réis). Fonte: <<http://www.bcb.gov.br/htms/museu-espacos/S%C3%ADntesePadroesMonetariosBrasileiros.pdf>>. Acesso em: 28/12/2012.

<i>Modas</i> ¹²⁷	1º. semestre de 1839	Duas vezes por semana	6 meses (53 números)	Corte	Rs7\$500	141 réis
<i>Novo Correio de Modas</i> ¹²⁸	1852 a 1854	Semanal	6 meses (26 números)	Corte	Rs7\$000	269 réis
				Províncias	Rs8\$000	307 réis
			12 meses (52 números)	Corte	Rs12\$000	230 réis
				Províncias	Rs14\$000	269 réis

Comparando com outras publicações disponíveis aos leitores desse período, o preço das revistas lançadas pelos irmãos Laemmert parece relativamente elevado. Elas não se encontravam entre periódicos mais acessíveis, mas sim entre os mais caros, cujo valor final ultrapassava a quantia de Rs\$200 por exemplar. O quinzenal *O Espelho Diamantino* (1827 a 1828), por exemplo, custava 1\$600 réis por trimestre, 3\$200 por semestre e 6\$000 por ano, o que equivalia a 266 réis, 266 réis e 250 réis por exemplar, respectivamente.

A Marmota na Corte (1849 a 1852) saía por 80 réis tanto na compra avulsa quanto na assinatura. O preço se manteve o mesmo quando o título da publicação foi modificado para *A Marmota Fluminense* (1852 a 1858). No final da década de 50, a revista era assinada pelo período de seis meses pelo valor de Rs5\$000 para os habitantes do Rio de Janeiro e Rs6\$000 para os moradores das províncias, o que dava, respectivamente, 104 e 125 réis por exemplar. O baixo preço d'*A Marmota* provavelmente decorria da veiculação de anúncios em seu interior, estratégia que possibilitava uma renda extra, além dos lucros obtidos com as vendas avulsas e as subscrições. Talvez a medida tenha ajudado a garantir os 12 anos de duração da revista. As revistas femininas da Tipografia Universal, por outro lado, dependiam exclusivamente da venda de exemplares.

Outros periódicos femininos impressos no Rio de Janeiro tinham custo mais elevado quando comparados à publicação de Paula Brito. O *Jornal das Senhoras* (1852 a 1855) saía por 250 réis para os habitantes da corte, e 333 réis para os moradores das províncias, porque as assinaturas ficavam em Rs3\$000 e Rs4\$000 para cada região, respectivamente. A subscrição anual do *Jornal das Famílias* (1863 a 1878) custava

¹²⁷ Os dados utilizados foram extraídos da própria revista: nos primeiros quatro meses de publicação (05/01 a 17/04/1839), o *Correio das Modas* contabilizou 17 números; já no segundo semestre de 1840 (02/07 a 31/12/1854), atingiu 53 números.

¹²⁸ Os valores informados aqui foram retirados do *Almanaque Laemmert de 1853*. Ver: **Almanaque administrativo, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1853**. Em casa dos editores-proprietários Eduardo e Henrique Laemmert: Rio de Janeiro, 1853. p. 560.

Rs10\$000 para o Rio de Janeiro e Niterói e, Rs12\$000 para as províncias. Como os exemplares eram publicados mensalmente, para adquirir um único número era necessário desembolsar o equivalente a 833 réis no Rio de Janeiro e 1.000 réis nas outras regiões brasileiras. O preço do *Jornal das Famílias* não parece tão alto quando consideramos que o periódico contava com 32 páginas, o que equivalia a quatro vezes mais a quantia encontrada no *Correio das Modas*, no *Novo Correio de Modas* e em outros impressos femininos do período de apenas 8 páginas.

Tabela 2: Preço de outros periódicos femininos desse período

Revista	Período	Local de impressão	Periodicidade	Preço da assinatura	Valor por exemplar
<i>O Espelho Diamantino: periódico de política, literatura, belas-letras artes, teatro e moda</i>	20 de setembro de 1827 a 28 de abril de 1828	Rio de Janeiro	Quinzenal	1\$600 réis por trimestre (6 exemplares), 3\$200 por semestre (12 exemplares) e 6\$000 por ano (24 exemplares)	266 réis, 266 réis e 250 réis na compra da assinatura por três, seis e doze meses, respectivamente
<i>A Marmota na Corte</i>	07 de setembro de 1849 a 30 de abril de 1852	Rio de Janeiro	Bissemanal	Em 1849, 25 números saíam por Rs2\$000; três anos depois a assinatura custava Rs4\$000 por seis meses (48 exemplares)	Os números avulsos poderiam ser comprados por 80 réis, aproximadamente o mesmo preço de cada exemplar na assinatura
<i>A Marmota Fluminense</i>	04 de maio de 1852 a 31 de dezembro de 1858	Rio de Janeiro	Bissemanal	Em 1852, a subscrição custava Rs4\$000 por seis meses (48 exemplares). Seis anos mais tarde, o mesmo período saía por Rs5\$000 para os habitantes da corte e	No início, os exemplares poderiam ser adquiridos por 80 réis, na compra avulsa e por assinatura. Em 1858, os valores da compra avulsa eram os mesmos, mas os moradores da corte pagavam 104 réis por

				Rs6\$000 para os moradores das províncias	exemplar na assinatura, enquanto os que viviam em outras regiões brasileiras pagavam 20 réis a mais
<i>Jornal das Senhoras: modas, literatura, belas-artes, teatro e crítica</i>	1º. de janeiro de 1852 a dezembro de 1855	Rio de Janeiro	Semanal	Rs3\$000 na corte e Rs4\$000 nas províncias por trimestre (12 exemplares)	250 réis para os moradores do Rio de Janeiro e 333 para os das províncias
<i>Jornal das Famílias</i>	Janeiro de 1863 a dezembro de 1878	Rio de Janeiro	Mensal	Rs10\$000 para o Rio de Janeiro e Niterói e Rs12\$000 para as províncias por ano (12 exemplares)	833 réis para a corte e 1000 réis para as províncias

Pode ser interessante também comparar o preço das revistas com outras opções de divertimento disponíveis à população carioca nesse período. De acordo com Rondinelli, um assento popular no Teatro São Pedro de Alcântara custava, na década de 1850, Rs2\$000, no caso de cadeiras, e Rs1\$000, na plateia em geral. Esses valores eram os mesmos no Teatro São Francisco e no Teatro São Januário. Já os camarotes tinham preços diferentes: no Teatro São Pedro de Alcântara, “o de primeira ordem, saía entre oito e 10 mil; o de segunda, 12 mil; o de terceira, oito mil; e o de quarta, quatro mil réis.” No Teatro de São Francisco, os preços eram Rs6\$000, Rs8\$000 e Rs5\$000, respectivamente, para as cadeiras de primeira, segunda e terceira ordem; enquanto no Teatro de São Januário, esses mesmos lugares custavam Rs5\$000, Rs6\$000 e a Rs4\$000.¹²⁹ A assinatura anual do *Novo Correio de Modas* seria, assim, equivalente à compra de sete assentos populares no mais

¹²⁹ RONDINELLI, Bruna Grasiela da Silva. **Martins Pena e o Teatro de São Pedro de Alcântara: o repertório, os artistas e as ideias teatrais.** Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

importante teatro do Rio de Janeiro na época, ou de apenas um lugar no camarote de segunda ordem.

Para se ter uma ideia do público que dispunha de renda suficiente para adquirir os periódicos, podemos levar em conta ainda o salário de alguns profissionais. Entre 1837 e 1841, o salário anual para professores de primeiras letras era Rs400\$000, ou aproximadamente Rs33\$000 mensais. Os professores de Latim, Grego, Aritmética e Geografia com uma aula semanal ganhavam Rs500\$000 por ano, mais ou menos Rs41\$600 por mês. Alguns profissionais tinham salários mais baixos: um tenente ajudante recebia Rs19\$900 mensais e um alferes cirurgião ajudante, Rs18\$400 pelo mesmo período. Aqueles que ocupavam posições mais prestigiosas recebiam uma quantia elevada: o salário de um coronel chefe de legião atingia Rs67\$000 mensais.¹³⁰

O aproveitamento do salário de um indivíduo depende, é claro, de fatores diversos – como número de habitantes dentro de uma mesma casa; gastos com moradia, alimentação, saúde, educação e lazer; rendas extras obtidas com aluguéis de escravos e imóveis etc. –, mas não nos parece exagerado afirmar que o *Correio das Modas* tinha um preço relativamente alto para a época, pois para ter acesso à revista o leitor precisaria desembolsar Rs1\$250 mensalmente¹³¹. Um alferes cirurgião ajudante teria que gastar 6,8% de seu salário para comprar o periódico, um professor de primeiras letras, o equivalente a 3,7%, e um coronel chefe de legião, 1,8%. Nesse sentido, apenas o último profissional poderia dispor mais seguramente de renda para adquirir a impressão, o segundo, apenas com algum sacrifício e o primeiro, com muita dificuldade.

Tabela 3: Valores de alguns salários entre 1837 a 1841

Ano	Profissão	Salário mensal
1837	Professores de primeiras letras	Rs400\$000 anual (aproximadamente Rs33\$000 por mês)
	Professores de Latim, Grego, Aritmética e Geografia com uma aula semanal	Rs500\$000 anual (mais ou menos Rs41\$600 por mês)
1841	Tenente ajudante	Rs19\$900

¹³⁰ Fonte: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Numeros/index.htm>. Acesso em: 28/12/2012.

¹³¹ Esse número foi obtido por meio da divisão do valor de Rs5\$000 por quatro e do valor de Rs7\$500 por seis, uma vez que a assinatura de quatro meses da revista, em 1839, saía por Rs5\$000 e a assinatura de seis meses custava, em 1840, Rs7\$500.

	Alferes cirurgião ajudante	Rs18\$400
	Coronel chefe de legião	Rs67\$000

Os salários parecem ter sofrido uma alta nos anos seguintes. Em 1846, um professor de Desenho de um liceu recebia o valor fixo de Rs400\$000 mensais, um professor de Língua viva, Rs600\$000; um de Latim e Grego, Rs1:000\$000; e os demais, Rs1:200\$000. A todos esses valores acrescentava-se uma porcentagem proporcional às matrículas dos alunos, que poderia variar a cada ano. Rs1:200\$000 era o mesmo valor recebido por Joaquim Manuel de Macedo, em 1857, como professor do colégio D. Pedro II. Oito anos mais tarde, ele recebia quatrocentos réis a mais para desempenhar idêntica função. Como ocorre nos dias de hoje, o salário de um indivíduo oscilava consideravelmente de acordo com seu nível de instrução: uma criada poderia ganhar mensalmente entre Rs5\$000 a Rs6\$000 e uma cozinheira, Rs12\$000, enquanto um médico da Câmara de Niterói poderia ter um ganho de Rs500\$000 ao final de um mês de trabalho.¹³²

Tabela 4: Salários entre 1846-1858

Ano	Profissão	Salário
1846	Professor de Desenho de um liceu	400\$000 mais porcentagem proporcional às matrículas
	Professor de Língua viva de um liceu	600\$000 mais porcentagem proporcional às matrículas
	Professor de Latim e Grego de um liceu	1:000\$000 mais porcentagem proporcional às matrículas
	Demais professores de um liceu	1:200\$000 mais porcentagem proporcional às matrículas
	Criada	5\$000 a 6\$000
	Cozinheira	12\$000
1847	Médico da Câmara de Niterói	500\$000
1850	Salário de Joaquim Manuel de Macedo como professor no Colégio Pedro II	1:200\$000
1858	Salário de Joaquim Manuel de Macedo como professor do Colégio Pedro II	1:600\$000

¹³² Fonte: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Numeros/index.htm>. Acesso em: 28/12/2012.

A mensalidade do *Novo Correio de Modas* variava entre Rs1\$100, quando o leitor escolhia a assinatura semestral, e Rs1\$000, no caso da compra anual. Profissionais não-especializados, como cozinheiras e criadas, dificilmente disporiam de renda suficiente para assinar a revista: a primeira gastaria em torno de 20% e a segunda, aproximadamente 8% de seu salário mensal com a subscrição. Para profissionais com um nível de instrução mais elevado, como médicos e professores, a assinatura do periódico não parecia uma realidade tão distante. Aqueles que recebiam um salário de Rs500\$000 precisariam desembolsar 0,2% de seus ganhos mensais para ter acesso à publicação e aqueles com salários ainda maiores, como Rs1:600\$000, desprendiam em torno de 0,06%.

Infelizmente não conseguimos localizar nenhum dado sobre os salários das costureiras desse período, por isso fica difícil dizer se elas contavam com renda suficiente para garantir a assinatura das duas revistas. A trajetória de algumas modistas francesas no Rio de Janeiro indica certa instabilidade em relação à profissão. Segundo Menezes, algumas obtiveram êxito na atividade, instalando-se definitivamente na capital do Império, onde passaram o resto dos seus dias, ou mesmo voltando a seu país de origem alguns anos mais tarde, de posse de muitos lucros. Mas essa não foi a realidade de todas, pois, como assinalou a pesquisadora “algumas trajetórias de insucesso (...) marcaram também a época e não foram raras as que buscaram na prostituição o complemento de numerário, razão da má fama das modistas da rua do Ouvidor.”¹³³

Mesmo assim, não devemos supor que apenas modistas de prestígio ou mulheres de famílias endinheiradas fossem as únicas com acesso ao *Correio das Modas* e ao *Novo Correio de Modas*. Talvez as assinantes emprestassem seus exemplares para parentes, amigos e familiares – prática que parece ter sido muito comum na época, conforme indica o trecho a seguir, encontrado n’*A Marmota*, em 25 de dezembro de 1854:

“No Rio de Janeiro há instrução; mas lê-se pouco; publicam-se muitas obras; mas é por subscrição e um jornal de 500 assinantes é lido por 900 pessoas, porque tudo se pede emprestado!... A ideia que se forma do Rio de Janeiro sobre – instrução literária – é falsa: ninguém ganha dinheiro pelas letras; os autores publicam as obras só pelo gostinho de as ver

¹³³ MENEZES, Lená Medeiros de. Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanak Laemmert (1844-1861). p. 13-14. Disponível em: <http://www.labimi.uerj.br/artigos/1306519921.pdf>. Acesso em: 25/01/2013.

impressas; não há impressor que não se sacrifique, e não sofra contínuas contrariedades (...).”¹³⁴

Assim, entre os leitores efetivos das revistas, é provável que existissem também pessoas de menor poder aquisitivo, a quem o custo da subscrição seria demasiadamente elevado, mas que contariam com a boa-vontade de amigos ou familiares, dispostos a lhes ceder seus exemplares.

2.3 Apresentando o *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas*

Embora a palavra “moda” esteja no título das duas revistas femininas lançadas pelos irmãos Laemmert, essa não foi a única temática abordada por elas. Ao contrário, as matérias veiculadas pelo *Correio das Modas* e pelo *Novo Correio de Modas* passearam por temas variados, capazes de atrair a atenção de um público leitor diversificado. Alguns anúncios difundidos por Eduardo e Henrique Laemmert na imprensa carioca evidenciam essa questão. Em uma nota encontrada no *Diário do Rio de Janeiro*, no dia 18 de dezembro de 1838, os editores noticiaram a venda do *Correio das Modas* da seguinte forma:

“A livraria de E. e H. Laemmert convida à assinatura do novo periódico, que se publicará todos os sábados, a correr de 1º. de janeiro próximo, intitulado:

CORREIO DAS MODAS

Jornal literário e crítico de modas, bailes, teatros, etc., contendo artigos sobre as modas, novelas escolhidas originais e traduzidas, poesias, anedotas, charadas, etc. Cada n. impresso em bom papel será ornado de uma magnífica estampa colorida. Preço da assinatura por 4 meses \$5U000.”¹³⁵

Conforme indica o anúncio acima, nas páginas do *Correio das Modas* costumavam aparecer comentários sobre peças de teatros, concertos e bailes. Essa função foi desempenhada pelo redator Maciel da Costa, responsável também pela descrição das gravuras de figurino e pela criação de textos diversos, incluindo narrativas ficcionais.

¹³⁴ **Marmota Fluminense**, edição de 25/12/1854, n. 555.

¹³⁵ Fonte: **Diário do Rio de Janeiro**, edição de 18/12/1838, seção de anúncios.

Segundo Giron, ele tratou da “abertura de eventos musicais não-operísticos, ensaiando alguma crítica à música e ao concerto, e principalmente registrando os primeiros flagrantes do Romantismo”, ainda que no caminho costumasse abandonar momentaneamente a descrição desses eventos para discorrer sobre “as flores que decora[va]m os trajes das mulheres e as casemiras cor de café e calças azuladas dos homens.”¹³⁶ Maciel da Costa aproveitava diferentes reuniões sociais para observar as roupas e os acessórios dos indivíduos presentes nesses acontecimentos. No dia 06 de setembro de 1840, por exemplo, ele afirmou que havia se dirigido ao teatro de São Januário para ver o figurino da família real, mas teve suas expectativas frustradas, porque não conseguiu enxergar sem seus óculos.¹³⁷ Dois números depois, trouxe uma descrição detalhada do vestuário usado pelo imperador e sua mulher durante uma apresentação no teatro Pedro de Alcântara em comemoração ao aniversário da Independência brasileira:

“SS.AA. estavam vestidas de branco: as mangas dos vestidos eram justas ao braço, porém todas de folhos que se prendiam uns aos outros por um simples cordão. S.A., a Senhora D. Januária, tinha um lindo cinto escocês do qual pendiam duas pontas não muito compridas. Ambas estas Augustas Senhoras tinham chapéus brancos que nos pareceram feitos de palha de arroz.”¹³⁸

Junto ao redator, trabalhavam os colaboradores Josino do Nascimento Silva e Castro Menezes, cujas assinaturas eram, respectivamente, N. S. e C. M. Gonçalves de Magalhães e o desconhecido M. de P. gerenciavam a parte poética, ora publicando suas próprias produções, ora trazendo poemas de outros autores. De acordo com uma declaração apresentada no dia 16 de março de 1839, apesar desses serem os nomes mais recorrentes no periódico, a participação estava aberta a todos os literatos.¹³⁹ De fato, narrativas ficcionais e poesias escritas por outros autores foram igualmente publicadas pela revista.

¹³⁶ GIRON, Luís Antônio. **Minoridade Crítica: a Ópera e o Teatro nos Folhetins da Corte (1826-1861)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 116.

¹³⁷ **Correio das Modas**. 2º. sem. de 1840, n. 20, 06/09/1840, p. 153-154.

¹³⁸ *Ibidem*. 2º. sem. de 1840, n. 22, 13/09/1840, p. 169-170.

¹³⁹ “DECLARAÇÃO: Acostumados a até hoje o Público ignora quais sejam as pessoas que tem dedicado a sua pena à redação do Correio das Modas. Cumpre pois esclarecê-lo a tal respeito. Os artigos de Modas e outras assinados M. da C. (Maciel da Costa são do Redator). Os que no fim trazem as seguintes iniciais: N. S. e C. M. são dos Srs. Doutores Nascimento Silva e Castro Menezes que generosamente se incumbem da colaboração. E aproveitamos esta ocasião para declararmos que O Encontro Misterioso é do Sr. C. M. A parte

Apesar da temática da moda ter desempenhado um papel fundamental para a publicação, houve certa instabilidade na apresentação dos figurinos. Talvez o atraso dos paquetes nos quais os modelos eram trazidos da Europa causasse essa variação. Esse foi, aliás, o motivo do término do *Correio das Modas*: segundo uma nota veiculada no dia 31 de dezembro de 1840, como os figurinos não haviam sido enviados no prazo estipulado de Paris, o periódico ficaria suspenso por tempo indeterminado.¹⁴⁰

A situação se modificou somente no início de 1852, quando os Laemmert lançaram o *Novo Correio de Modas*, uma versão muito parecida com a antecessora, porém ampliada com novas temáticas. O *Almanaque Laemmert* de 1853 trouxe uma longa nota com informações esclarecedoras sobre a revista. De acordo com o referido texto, ela era veiculada aos domingos e circulava tanto na corte, quanto no interior do país, uma vez que livreiros de algumas províncias – a saber, Bahia, Rio Grande, Pará, Ceará, Maranhão e Pernambuco – se encarregavam de revendê-la:

“Os Empresários, a fim de darem uma nova prova de quanto tem a peito introduzir aqueles melhoramentos que convêm a um jornal de famílias, não só deram as providências necessárias para receberem daqui em diante
FIGURINOS DE INCONTESTÁVEL SUPERIORIDADE,
com o que brindarão aos seus assinantes alternativamente com ricos moldes de objetos de toilettes, desenhos de bordados, e peças de música de gosto escolhido,

Tudo gravado em Paris

apesar do considerável aumento de despesas,

Não haverá aumento no preço das assinaturas

Salta tanto à vista a utilidade destes melhoramentos, que achamos escusado insistir mais a este respeito, limitando-nos apenas a declarar que o programa do *Novo Correio de Modas* não sofrerá alteração alguma por todo o ano de 1853, e que as mesmas bases presidirão a escolha dos artigos, tendo unicamente em vista justificar o seu título de: NOVO

poética tem sido enriquecida pelo Exm. Sr. M. de P. e pelo Sr. Dr. Magalhães, cujos talentos são geralmente respeitados. Todavia apesar desta declaração as páginas do CORREIO DAS MODAS são francas a todos os Literatos.” Ibidem. 1º. sem. de 1839, n. 11, 16/03/1839, p. 96.

¹⁴⁰ “Aviso aos assinantes: Acostumados a cumprir exatamente nossas promessas, vimo-nos agora embaraçados com a falta de figurinos, que não foram remetidos a tempo de Paris, apesar de recomendações muito positivas que havíamos feito para aquela cidade; e por isso determinados suspender temporariamente a publicação do CORREIO DAS MODAS. – Quando houvermos de continuar, anunciaremos pelos jornais.” Ibidem. 2º. sem. de 1840, n. 53, 31/12/1840, p. 242.

CORREIO DAS MODAS, JORNAL DO MUNDO ELEGANTE,
RECREATIVO – MORAL – INSTRUTIVO.”¹⁴¹

Além da matriz dos figurinos, a França foi fornecedora de boa parte das narrativas publicadas pela revista. A procedência francesa era vista como algo positivo, como mostram os diversos reclames veiculados pelos Laemmert na imprensa e as constantes menções à origem das gravuras encontradas no interior do periódico. O anúncio acima evidencia essa questão. Aponta ainda que algumas mudanças seriam futuramente operadas na publicação, a qual passaria a contar com outro subtítulo e novo local de impressão das gravuras. No número inicial do primeiro semestre de 1853, no entanto, encontramos o mesmo subtítulo utilizado no ano anterior: *novelas, poesias, viagens, recordações históricas, anedotas e charadas*.

Embora desconheçamos porque essa mudança não foi adiante, podemos levantar hipóteses sobre os motivos que a teriam impulsionado. O *Novo Correio de Modas* mostrou-se especialmente engajado em divertir e educar moralmente as leitoras por meio, sobretudo, de narrativas ficcionais. A alteração no subtítulo teria assim a função de evidenciar os objetivos do periódico, fato que não ficaria claro com uma simples descrição dos gêneros encontrados em suas páginas. Talvez por detrás dessa modificação se encontrasse também o desejo de conquistar novos assinantes, porque o destaque para o conteúdo moral poderia levar alguns chefes de família a optar pela assinatura, permitindo que suas mulheres e filhas tivessem acesso à revista.

Quanto à modificação no local de impressão das gravuras, não podemos afirmar que ela, de fato, se concretizou. É possível que inicialmente os Laemmert tenham optado por fazer uma cópia impressa de alguns periódicos parisienses, como o *Journal de Tailleurs*, de onde tiravam alguns dos figurinos veiculados pelo *Novo Correio de Modas*, e que mais tarde tenham procurado aprimorar a publicação, recebendo as gravuras prontas diretamente da capital francesa. Por isso, quando os paquetes atrasavam, a impressão da revista era alterada. Foi o que aconteceu, por exemplo, no número 02 do primeiro semestre de 1854:

¹⁴¹ **Almanaque administrativo, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1853.** Em casa dos editores-proprietários Eduardo e Henrique Laemmert: Rio de Janeiro, 1853. p. 559-560.

“Não tendo ainda saído da Alfândega os figurinos das últimas modas de Paris, que nos trouxe o vapor *Thames*, não temos remédio senão pedir aos nossos assinantes hajam de por enquanto contentar-se com a linda Schottisch que temos o gosto de oferecer-lhes, composta sobre a última ópera de Auber, ‘Marco Spada’, por G. Daniele, que granjeou geral aplausos nos teatros da Europa.”¹⁴²

A saída encontrada pelos redatores para preencher esse espaço foi a publicação de uma partitura, cuja qualidade seria confirmada devido à aprovação entusiasmada dos europeus. Mesmo assim, talvez os assinantes tenham ficado decepcionados ao se depararem com esse conteúdo no local dedicado à exposição dos figurinos. Ao lado da prosa ficcional, as tendências de vestuário foram o carro-chefe do periódico, por isso seria de se esperar que eles aguardassem com certa ansiedade os novos modelos vindos da Europa.

O *Novo Correio de Modas* não divulgou nomes de colaboradores e redatores da revista. Entre as poucas informações que conseguimos obter a respeito de sua rede de produção, encontra-se uma crônica, divulgada no número 17 do segundo semestre de 1852, na qual o responsável pela seção festejou a entrada de “mais uma hábil pena nacional” no rol dos colaboradores do periódico. De acordo com o cronista, D. Sallustio, o novo integrante enviava esporadicamente seus textos para serem publicados nas páginas da revista e passaria, a partir de então, a fazer parte oficialmente de seu corpo editorial.¹⁴³ Mais tarde, no primeiro semestre de 1853, ele informou a entrada de dois colaboradores – os poetas Augusto Frederico Colin, do Maranhão, e Francisco Gomes de Amorim, de Lisboa – e afirmou que “muitas outras das notabilidades literárias, tanto portuguesas como nacionais, tem (*sic*) prometido o seu valioso contingente na redação do presente ano.”¹⁴⁴

O *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas* tiveram em comum a presença da seção **Charadas**. Segundo Oliva, essa era uma prática comum na imprensa do século XIX, pois os jornais e revistas desse período costumavam apresentar adivinhas, enigmas pitorescos e logogrifos para o desafio do público.¹⁴⁵ Os redatores da segunda

¹⁴² *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1854, n. 02.

¹⁴³ *Ibidem*. 1º. sem. de 1852, n. 17, p. 139.

¹⁴⁴ *Ibidem*. 1º. sem. de 1853, n. 1, p. 8.

¹⁴⁵ Osmar Pereira Oliva define o logogrifo da seguinte forma: “Logogrifo – modalidade de charada que consiste em formar certo número de palavras com letras de outra palavra ou das palavras integrantes de uma

publicação incentivaram a participação dos leitores na seção, transcrevendo charadas propostas pelos assinantes e indicando o nome de quem primeiro descobrisse sua resolução. Dentre os que se empenharam na composição e na decifração desses textos, esteve Leonel Martiniano de Alencar, irmão do romancista José de Alencar.¹⁴⁶

Outro fator que permite aproximar as publicações contempladas nesse estudo é a veiculação de poemas em suas páginas. Os poetas mais influentes no *Correio das Modas* foram Gonçalves de Magalhães e o desconhecido M. de P. Ao lado deles, apareceram ainda escritores de origem inglesa, francesa e alemã. No *Novo Correio de Modas* foram publicadas poesias de brasileiros, como Joaquim Norberto de Souza e Silva e Gonçalves Dias, bem como de autores de outras nacionalidades, como Augusto Emílio Zaluar, Almeida Garrett, Francisco Gomes de Amorim e Victor Hugo. Encontramos também nomes pouco conhecidos dos leitores atuais, como Jorge H. Cussen, Pedro Diniz, M. A. Ferreira da Silva, José Corrêa, Mendes Leal Junior, J. Ferreira Rangel, A. F. Colin, J. P. A. Peçanha, Inocêncio Rego e Souza Almada. Alguns desses poetas já haviam figurado no *Correio das Modas*, o que indica um possível reaproveitamento do material disponível nessa revista pelo periódico que o sucedeu alguns anos depois.

A preocupação com o conteúdo moral levou os redatores de ambas as publicações a selecionarem textos nos quais se encontravam normas de comportamento para homens e mulheres. Embora mais evidente nos espaços dedicados à prosa de ficção, o intuito moralizador permeou as demais seções das revistas, que ocasionalmente apresentaram máximas a seus leitores. No primeiro semestre de 1839, o *Correio das Modas* trouxe alguns trechos retirados das *Novas Máximas, Pensamentos e Reflexões* do Marquês

locução. Para isso numeram-se as letras da palavra ou locução escolhida e com esses números se indicam as letras utilizadas nas palavras que se formarem. É condição do logogrifo que no conjunto das palavras assim formadas figurem todas as letras da palavra ou locução básica e, no mínimo, se repita a metade mais uma. O logogrifo pode ser feito em prosa ou verso, mas de preferência em verso. (Compõe-se um logogrifo incluindo-se numa ou mais frases de sentido completo, ou num poema, sinônimos das palavras formadas [parciais] e em último lugar o da palavra ou locução que serve de solução [conceito], indicando-se ao lado de cada parcial, entre parênteses ou ao pé da composição [quando em prosa], e no fim do verso em que aparecem ou ao pé do poema [quando em verso], os algarismos, separados por vírgulas, correspondentes às letras do conceito utilizadas na sua formação).” Fonte: OLIVA, Osmar Pereira. Literatura oitocentista montes-clarense: escrita, memórias e leitura. Juiz de Fora: **Revista Darandina**, v. 1, p. 5, 2009.

¹⁴⁶ Leonel Martiniano de Alencar desvendou a charada publicada no 1º. sem. de 1852, n. 9, p. 64, conforme indica a nota do número seguinte, p. 80. Além disso, criou o enigma veiculado nesse mesmo semestre, número 14, p. 112.

de Maricá. A obra foi lançada pelos Laemmert nessa época e parece ter feito sucesso entre os leitores, alcançando mais quatro edições no prazo de cinco anos. Apesar de dissertarem sobre questões diversas, para as páginas do periódico foram transportadas apenas as máximas com preceitos de comportamento para o sexo feminino. Entre elas podemos citar: “Como a chuva amolece a terra, o pranto da mulher abrandando o coração do homem” e “A doçura e a beleza das mulheres parecem inculcar que são anjos e querubins que desceram dos Céus e se humanizaram na terra.” Ambas indicam a delicadeza como atitude desejada socialmente para o sexo que seria capaz de enternecer os homens por meio das lágrimas.¹⁴⁷

No *Correio das Modas* e no *Novo Correio de Modas* houve ainda uma seção intitulada **Anedotas**, na qual os redatores expuseram textos curtos, caracterizados pela recorrência ao humor. Geralmente retrataram acontecimentos jocosos ocorridos na vida de santos, papas e reis europeus, como o pontífice Clemente XIV, o imperador Frederico II, o Grande, e o czar russo Pedro. Outras vezes foram protagonizados por pessoas comuns. No primeiro semestre de 1854 do *Novo Correio de Modas*, encontramos uma anedota sobre M. Comte e outra sobre um pescador. Segundo a revista, o primeiro era famoso por sua habilidade de falar sem apresentar movimentos perceptíveis com a boca e utilizou sua capacidade como ventríloquo para escapar de um assalto. Ao imitar vozes de diferentes pessoas sem movimentar um músculo facial sequer, M. Comte fingiu estar acompanhado de muitas pessoas, o que levou os ladrões a desistirem do crime e a procurarem uma nova vítima. O segundo decidiu processar o homem que salvou sua vida impedindo que ele se afogasse. Isso porque, durante o resgate, a vítima acabou perdendo um olho. Diante do impasse, um dos membros do júri sugeriu que jogassem o pescador ao mar novamente. Assim, se ele conseguisse escapar sem perder o outro olho, seria comprovada a culpa do salvador. Assustado, o pescador preferiu não correr o risco e desistiu do processo.¹⁴⁸ Algumas vezes as anedotas apresentaram um conteúdo moralizador evidente nas últimas linhas:

“Um grande de França, mui filósofo e fleumático, querendo mostrar a um amigo um soberbo barômetro que havia mandado comprar a Londres por

¹⁴⁷ *Correio das Modas*. 1º. sem. de 1839, n. 3, 19/01/1839, p. 24.

¹⁴⁸ *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1854, n. 09, p. 72.

excessivo preço, ordenou a um criado que lh'o trouxesse: este no momento de lh'o entregar o deixou cair, e o instrumento se fez em pedaços... o criado passou, a visita estremeceu... porém o dono da casa, rindo-se, lhe disse: – 'Creio que teremos chuva, pois nunca vi o *barômetro tão baixo*.' – É desnecessário afligir-mos por aquilo a que não podemos dar remédio."¹⁴⁹

As semelhanças entre os dois periódicos param por aí. O espaço de 12 anos e o investimento em outros periódicos – como o *Novo Gabinete de Leitura* e o *Museu pitoresco, ou livro recreativo das famílias* – foram suficientes para que os Laemmert empreendessem melhorias em suas publicações. Por isso, o *Novo Correio de Modas* trouxe novos assuntos e contou com outras seções, de presença fixa ou ocasional. No primeiro caso, encontrou-se a **Crônica da Quinzena**, espaço gerenciado por um escritor anônimo que se ocultava sob o pseudônimo de D. Sallustio. Ele tratava dos acontecimentos das últimas duas semanas, concentrando-se de maneira especial em festas religiosas, apresentações nos teatros e outras formas de entretenimento disponíveis à população, como a participação em saraus, bailes e corridas de cavalos.

Assim como o redator do *Correio das Modas* D. Sallustio, exerceu o papel de crítico teatral. Aproveitando o espaço disponível na revista, discorreu a respeito de espetáculos representados na corte brasileira, tratou da performance de artistas que se apresentaram nos teatros locais e comentou a recepção do público, procurando elucidar os motivos que teriam levado a uma boa acolhida ou a uma apreciação desfavorável. O cronista foi contemporâneo de grandes nomes da literatura nacional – como Gonçalves Dias, Martins Pena, José de Alencar e Machado de Assis –, sendo um dos primeiros a se lançar à tarefa de versar sobre o teatro brasileiro.¹⁵⁰ Os episódios políticos ficaram de fora da seção porque, segundo o cronista, era preciso privilegiar temas como “modas, passeios, bondes, rendas e flores”:

“A respeito da política, de propósito não quero hoje dizer nada. Já no outro dia se zangaram comigo, e eu não estou para contos. E tem razão. – Que quer dizer falar em política, uma coisa tão feia, tão triste, tão carrancuda, quando se trata de modas, de passeios, de bondes, de rendas e

¹⁴⁹ *Correio das Modas*. 2º. sem. de 1840, n. 52, 27/12/1840, p. 416.

¹⁵⁰ GIRON, Luis Antonio, *op. cit.*, p. 16.

de flores? É mau gosto. – Me parece estar ouvindo dizer a todos as minhas amáveis e espirituosas leitoras. Pois não quero mais incorrer nessa pecha. Pequei, mas estou arrependido. Não caio n’outra. Ainda que chegue o pacote quando eu estiver escrevendo a Crônica, hei de fugir da tentação.”¹⁵¹

D. Sallustio justificou esse procedimento dizendo que tais assuntos não seriam propícios à frágil imaginação do sexo feminino:

“Nos tempos das grandes agitações políticas, as ideias e os acontecimentos impressionam por tal sorte os homens que os mais inocentes prazeres revestem-se sempre de uma cor marcial e até feroz. Não é raro, por exemplo, encontrar n’um baile, torcendo os espessos bigodes, e carrancudos nos aspectos, os mancebos que nos dias de tranquilidade conversam com tanta amabilidade com as moças! Repetem tão agradáveis frases nas intimas conversações de um *soirée*! Uma senhora conheci eu, espirituosa e bela, que me disse uma vez: ‘Não posso sofrer um homem que me fala continuamente de guerra! Creio mesmo que a imaginação delicada do nosso sexo magoa-se com as narrações dos feitos sanguinários. Há tanto assunto na vida que bem escusado é mostrarmos o quadro somente pelo lado tenebroso.’ Sou da opinião desta inteligente senhora, e por esse motivo desejo bem não ter esse ano senão que falar-vos em festas, bailes, passeios, finalmente em toda a casta de prazeres, divertimentos e folguedos que nos façam esquecer da brevidade com que o tempo engole os anos no sorvedouro passado.”¹⁵²

As crônicas de D. Sallustio somadas a umas poucas narrativas, na maioria das vezes assinadas por ***, compõem a parte brasileira da revista. Foi nesses espaços que personagens tipicamente nacionais, costumes próprios da população do país e a exuberante paisagem tropical se fizeram presentes. Isso não significa, porém, que os textos de origem brasileira publicados pela revista tenham deixado de fora a cultura estrangeira. D. Sallustio com frequência comentou alguns eventos ocorridos na Europa, sobretudo na França ou em Portugal, e vários textos ficcionais redigidos por autores nacionais foram ambientados naquele continente. Ao que parece, os escritores desse período mantinham os olhos fitos do

¹⁵¹ **Novo Correio de Modas**. 2º. sem de 1853, n. 2. p. 8.

¹⁵² *Ibidem*. 1º. sem. de 1854, n. 2. p. 7. Lúcia Granja afirmou que, ao ser transportado para território brasileiro, a crônica perdeu grande parte do caráter político que possuía em solo francês, transformando-se em um gênero mais leve e dedicado ao divertimento do leitor. Ver: GRANJA, Lúcia. França e Brasil: transferências da crônica e do folhetim-variedades. In.: GUIMARÃES, Valéria (org.). **Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012. p. 115-134.

outro lado do Atlântico, embora manifestassem a preocupação em abordar temas pertinentes ao Brasil.

No interior do *Novo Correio de Modas*, existiram ainda outras seções esporádicas com matérias com dicas de economia doméstica e beleza. Tinham o objetivo de ajudar os leitores a lidar com questões diversas, ensinando-lhes a tirar cera dos tecidos, matar moscas, compor pastilhas e saquinhos aromáticos, corrigir falhas nas sobrancelhas, remediar calos e suores nos pés. Nos dias de hoje, o contato com esses textos pode ser surpreendente: o que dizer do uso de água de cal viva destilada como depilatório? Ou do emprego da lixívia ou barrela, uma cinza produzida a partir da queima de madeiras de árvores frutíferas, na lavagem de roupas brancas? Ou ainda da utilização do carvão em pó impalpável para escovar os dentes, preferível, segundo os redatores, a todos os elixires e águas balsâmicas? A receita para fabricá-lo foi dada pela própria revista:

“Lance a dita pessoa no fogo um carvão de lenha, e espere que ele enrubeça; sobre, e assim que ele esfriar, as cinzas exteriores que lhe ficam na superfície, reduza-o num almofariz a pó fino e guarde este numa garrafa bem tapada. Tira ele o mau cheiro, que sai dos dentes cariados, quando se usa para lavar a boca um pouco dessa água.”¹⁵³

Matérias sobre viagens a vários países foram igualmente contempladas pelo *Novo Correio de Modas*. No ano de 1853, a revista abordou as mais diversas partes do globo: em “Fragmentos de uma viagem à África”, contou um episódio de caças de leões; em “Fragmentos de viagem: a quinta parte do mundo”, expôs aspectos da geografia e da cultura da Oceania; em “A Jerusalém da Bíblia”, disponibilizou um relato sobre a cidade Santa; em “Fragmentos de viagem: Magalhães”, trouxe uma biografia do primeiro navegador a se aventurar pelo estreito que levou seu nome; em “Túmulo de Napoleão na igreja dos Inválidos”, descreveu minuciosamente a tumba do imperador situada na Praça dos Inválidos, em Paris.¹⁵⁴ Nenhum texto sobre o Brasil foi publicado nessa seção. Entretanto, isso não ocorreu devido à falta de material sobre o país, pois há muito tempo o

¹⁵³ *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1852, n. 22, p. 175.

¹⁵⁴ *Ibidem*. 1º. sem. de 1853, n. 22, n. 25, n. 16 e 17; 2º sem. de 1853, n. 3, n. 16 e 17, n. 26 e n. 7, respectivamente.

Novo-Mundo despertava a atenção de botânicos, naturalistas e historiadores, atraídos por uma flora e fauna desconhecidas dos europeus.

2.4 A importância da moda

O tema da moda ocupou posição central nas duas publicações, as quais apresentaram gravuras de figurinos para ambos os sexos, moldes de roupas e ainda debuxos de bordados. As primeiras eram coloridas e de “primorosa execução”, segundo diversos anúncios publicados pelos irmãos Laemmert, entre 1839 e 1854. Representavam mulheres, homens e crianças que apareciam sentados ou em pé, em ambientes fechados (como salas e quartos), ou abertos (como jardins e lagos).

Na seção **Modas**, especialmente dedicada a essa temática e de presença fixa nas revistas, os redatores descreviam essas gravuras a fim de permitir que os leitores reproduzissem os figurinos, mandando fazer as peças em costureiras e alfaiates especializados ou mesmo as confeccionando com suas próprias mãos. Em diversas ocasiões, eles destacaram a origem francesa do modelo como meio de apontar seu refinamento e garantir sua qualidade:

“Nossa primeira estampa representa dois figurinos de senhoras, qual deles o mais bonito. De Paris os recebemos, e aqui os entregamos às nossas amáveis leitoras, para que aproveitem o que julguem mais *distingué*, a fim de formar o belo composto de seus toilettes.”

“A moça que se vê de pé em nossa gravura, veste uma toilette das mais elegantes de Paris.”

“Já que brindamos as nossas amáveis leitoras com tão belos figurinos modernos, cumpre não dar motivos de queixa aos nossos jovens elegantes, acostumados a recorrer ao nosso *Correio* como seu Monitor do bom gosto, e por isso na presente estampa lhes oferecemos três cavalheiros vestidos segundo a ultima moda de Paris.”

“Eis aqui trajes para homens, que mais recentemente se usam em Paris.”¹⁵⁵

¹⁵⁵ Ibidem. 1º. sem. de 1852, n. 1, p. 1; 1º. sem. de 1853, n. 22, p. 8; 2º. sem. de 1853, n. 19, p. 8 e 2º. sem. de 1853, n. 13, p. 8, respectivamente.

Ao longo de todo o século XIX, a cultura francesa marcou forte presença no território nacional, sobretudo no Rio de Janeiro, onde se concentrava uma classe com maior poder aquisitivo. Entre os diversos domínios nos quais o país exerceu poder, merece destaque o mundo das tendências de vestuário, uma vez que a sociedade carioca se empenhava em reproduzir desse lado de cá do Atlântico os figurinos em voga em Paris. Tal costume não se limitava à jovem nação brasileira. De acordo com Laver, a França ditava as regras de moda para o Ocidente desde pelo menos os últimos vinte anos do século XVII. Conforme destacou o autor, esse fenômeno foi resultado do aumento do prestígio da corte de Versalhes, cujos hábitos passaram a ser cobiçados e reproduzidos por outros países. Segundo o autor, “daí em diante, roupas elegantes significavam, pelo menos para as classes altas, roupas francesas.”¹⁵⁶

Na corte brasileira, instalaram-se diversos profissionais franceses dedicados à confecção e à venda de peças de roupas, acessórios e sapatos. Responsáveis por incrementar o comércio local, eles inseriram no mercado carioca produtos variados, como coletes, camisas, chapéus, flores, bordados, rendas, meias e lingerie.¹⁵⁷ Os comerciantes mais notórios, porém, foram aqueles que se dedicaram ao público feminino, atuando unicamente como proprietários de lojas, ou – como ocorria na maioria das vezes – exercendo também a prática da costura. Modistas instaladas na Rua do Ouvidor, como as madames Joséphine Meunier, Hortense Lacarrière e S. Gudin, conquistaram suas clientes com lindos vestidos, logo preferência absoluta entre sinhazinhas e senhoras.¹⁵⁸

O testemunho oferecido por Joaquim Manuel de Macedo é revelador do poder da moda francesa nessa época: segundo o romancista, desde 1822, nenhuma senhora fluminense comparecia “a saraus, a casamentos, a batizados e reuniões sem levar vestido cortado e feito por modista francesa da Rua do Ouvidor.”¹⁵⁹ Percorrendo as páginas das revistas impressas pela Tipografia Universal, percebemos que as gravuras masculinas

¹⁵⁶ LAVER, James. **A roupa e a moda:** uma história concisa. Tradução Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1980. p. 127.

¹⁵⁷ MENEZES, Lená Medeiros de, *op. cit.*, p. 12.

¹⁵⁸ *Ibidem*. p. 14.

¹⁵⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Brasília: Editora UNB, 1988. p. 76.

poderiam representar ainda *gentlemen* ingleses, o que indica que a Inglaterra também exercia influência na moda para homens nesse momento. A diferença climática, no entanto, impedia os brasileiros de seguirem à risca a moda europeia. Diante dessa situação, os redatores foram obrigados a interferir, aconselhando a utilização de tecidos mais leves e outros acessórios adequados a um país tropical:

“Neste país onde um parisiense debalde procuraria essa quadra em que o gelo veste de branco as árvores que bordão as margens do Sena, as modas não podem seguir ao pé da letra os caprichosos decretos da capital do mundo elegante. Os chapéus de veludo, que abundam em Paris, são quase uma anomalia entre nós, aonde o frio desaparece às horas em que nossas belas se levantam de seus leitos: os vestidos de pesados estofos também os não precisamos. Fazendas ligeiras, transparentes, são as que mais se casão com o nosso clima, e vão melhor nos corpos flexíveis de nossas compatriotas. Os vestidos tafetás não deixam também de merecer aceitação neste momento, sobretudo sendo de largos xadrezes e guarnecidos de três ou quatro ordens de babados.”¹⁶⁰

Os modelos femininos trouxeram a assinatura de Annaïs Toudouze, ilustradora pouco conhecida, cuja família, no entanto, desfrutava de muito prestígio no meio artístico parisiense. Já os modelos masculinos foram retirados em sua maioria do *Journal de Tailleurs*. Estes últimos figuraram em um número significativamente menor em relação aos primeiros, pois as revistas privilegiaram a exposição de trajes voltados as suas amáveis leitoras. De acordo com Gilda de Mello e Souza, o destaque à moda feminina nesse período poderia ser justificado pelo que designou como “necessidade de agradar” desse sexo, já que as mulheres Oitocentistas lançariam mão de diversos recursos para conquistar um marido.¹⁶¹ Dentre as armas femininas, estariam a música, a dança e, é claro, a moda; instrumento usado para chamar a atenção para certas partes do corpo e acentuar as características sexuais. Para a pesquisadora, o ócio feminino também ajudaria a compreender a dedicação desse sexo a acompanhar as novidades de vestuário, porque impossibilitadas de trabalhar e de desfrutar de uma vida social variada como os homens, as

¹⁶⁰ *Novo Correio de Modas*. 2º. sem. de 1853, n. 1, p. 8.

¹⁶¹ SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 92.

mulheres das classes abastadas do século XIX dedicar-se-iam a esse assunto para passar o tempo livre.¹⁶²

O *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas* trouxeram modelos femininos para as mais diferentes ocasiões: toilettes de passeio, costumes para noiva e baile de bodas, vestidos de manhã, de visitas, de cavalgar, para o baile ou *soirée*, o cassino, o teatro, a ópera, o campo etc. Os modelos para homens não foram tão diversos, talvez em decorrência da maior simplicidade da indumentária masculina quando comparada à feminina. Segundo a já mencionada autora de *O espírito das roupas: a moda no século dezanove*, na época, enquanto o vestuário para mulheres era composto por inúmeros detalhes – como babados, rendas, bordados e fitas – e marcado pela presença de tecidos coloridos – com estampas vivas, floridas, listradas e xadrezes, numa combinação por vezes contrastante –, a moda masculina caracterizava-se como menos complexa. Por isso, os figurinos para homens seguiam sem grandes novidades, enquanto as roupas femininas a toda hora passavam por alterações, como comprovam as gravuras mostradas pelas revistas. Até mesmo D. Sallustio, o cronista do *Novo Correio de Modas*, reclamou do marasmo no vestuário de seu sexo, afirmando: “o mundo elegante (masculino) está nesse estado de calma que precede as grandes revoluções, precisa de um Napoleão, que o chame à vida.”¹⁶³

¹⁶² Ibidem. p 89-100.

¹⁶³ *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1853, n. 11.



Figuras 9 a 12: Alguns modelos de figurino veiculados pelo *Novo Correio de Modas*

Quanto à cor, as poucas tonalidades claras usadas em roupas masculinas eram empregadas principalmente nas calças e nos coletes, enquanto cores escuras imperavam na parte superior da indumentária (nas sobrecasacas e nos chapéus). Conforme destacou Harvey, “todas as cores vivas haviam desaparecido sem deixar lembrança, o tom era escuro, a cor dominante, o preto.”¹⁶⁴ O autor apontou que, a partir de 1840, teve início a moda do preto, cobrindo os homens numa “espécie de luto elegante e, como resultado, o século XIX parece um funeral”; enquanto isso, as mulheres abusavam das cores alegres e do branco.¹⁶⁵ Nem todos ficaram satisfeitos com o predomínio de cores escuras no vestuário masculino: o narrador de “Laura de Montluçon”¹⁶⁶, folhetim publicado no *Novo Correio de Modas*, no segundo semestre de 1853, considerou que as gerações passadas se vestiam com mais luxo, o que valeria, em sua opinião, mais do que “o monótono vestuário preto” daqueles dias.

Notamos certa apreensão por parte dos redatores com a abordagem da temática da moda. Maciel da Costa, o redator do *Correio das Modas*, chegou mesmo a afirmar que a tarefa deveria ser realizada por uma mulher:

“Principiaremos pela figura de vestido verde-mar nossa resumida análise. Sentimos quão deslocada está esta tarefa em nossas mãos: só o gosto delicado de uma senhora pode dar relevo a particularidades que facilmente nos escapam, mas infelizmente as senhoras no Brasil são tímidas e não se arriscam a escrever para o público; assim pois tenham paciência e supra a vista aquilo que ao escritor escapar.”¹⁶⁷

O responsável pelo espaço do *Novo Correio de Modas* manifestou a mesma opinião ao declarar que o “trato fino que forma por assim dizer o colorido do estilo dos artigos deste gênero” seria exclusivo do sexo feminino, para o qual caberia melhor a tarefa de delinear as gravuras.¹⁶⁸ Curiosamente, alguns números antes, ele afirmara que transcrevia as palavras de outro autor, em quem se pautava durante a explanação do modelo. Tal asserção revela que aquela gravura viera acompanhada de um texto guia. É

¹⁶⁴ HARVEY, John. **Homens de preto**. São Paulo: Editora Unesp, 2004. p. 30.

¹⁶⁵ Ibidem. p. 273.

¹⁶⁶ “Laura de Montluçon”. **Novo Correio de Modas**. 2º. sem. de 1853, n. 3, p. 17-19; n. 4, p. 25-27.

¹⁶⁷ **Correio das Modas**. 1º. sem. de 1839, n. 16, 20/04/1839, p. 121.

¹⁶⁸ **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1852, n. 22, p. 8.

possível que nem todos os modelos contassem com tal recurso, daí sua reclamação com a dificuldade de descrevê-los. Uma das saídas encontradas pelos redatores das duas revistas diante da inaptidão para descrever os modelos foi a divagação a respeito da importância da moda na sociedade, sua definição e origem:

“A moda desespera hoje seus sectários com o estacionamento cruel que parece haver adotado como princípio: será curioso sem dúvida que tenhamos de alterar a epígrafe do CORREIO, e nos vejamos obrigados a dizer: ‘Tudo muda, exceto a moda.’ Mas se a moda não muda, ao menos uma vez em cada mês, deixará de ser moda, porque tudo que é velho não é moda, e o que dura um mês é velho – pelo que respeita à moda. Bom é não ofender quem já conta anos. Ficarão porém enganados os que pensam assim, como estão já hoje: a moda está tão longe do estacionamento, como estamos nós do imperador da China. Há todos os dias uma mudança, uma variação, uma variedade que cada figurino consiga invariavelmente. (...) Aí estão as fazendas de quadrado escoceses que hoje são adotadas, e em que ninguém pensava, não diremos o ano passado, mas esse ano mesmo. Há por tanta injustiça em acusar a moda de constância, emperramento, ou como lhe quiserem chamar: há coisas que se demoram em uso, e recomendadas pelo bom tom, mas outras desaparecem com rapidez para serem substituídas por novas.”¹⁶⁹

Maciel da Costa se furtou a descrever alguns dos modelos de figurino apresentados pelo *Correio das Modas*, afirmando que a cidade do Rio de Janeiro contaria com modistas de bom gosto, em quem os leitores poderiam confiar sem receio. Apelou ainda para a falta de espaço da revista, o que inviabilizaria, a seu ver, a descrição dos pormenores das gravuras.¹⁷⁰ Apesar das desculpas fornecidas pelo redator, a seção precisava ser preenchida de alguma forma. Ele se viu, então, obrigado a utilizar toda a sua criatividade para compensar a falta de habilidade na abordagem do tema. Vejamos como ele procedeu na descrição do modelo do dia 13 de abril de 1839:

**“MODAS.
(CORRESPONDÊNCIA.)**

Minha querida Maria. – Como é agradável o ter-mos agora um pequeno CORREIO tão gentil e servicial às nossas ordens! Esta circunstância obriga-me a aproveitar-me do seu préstimo para te participar o que temos pela Corte a respeito de Modas, e outras coisas interessantes por estar bem

¹⁶⁹ *Correio das Modas*. 2º. sem. de 1840, n. 36, 01/11/1840, p. 281.

¹⁷⁰ *Ibidem*. 2º. sem. de 1840, n. 44, 29/11/1840, p. 346.

convencida de que terás um grande prazer n'isso, mormente na grande distância em que te achas de mim. (...) por ora só te tenho a dizer que os chapéus de seda e escócia franzidos, ornados em penas e *marabouts* estão em grande voga, bem como os penteados à Grega dos quais o CORREIO já tem apresentado modelos e que na realidade são muito bonitos. Os vestidos são de diversas qualidades, mas dá-se a preferência aos de cassa em chita, orlados de grandes e soberbas rendas; os de seda da Índia já vão aparecendo outra vez apesar de serem muito caros, porém mesmo assim hão de ter muita saída; - agora pedi eu ao Redator do CORREIO que publicasse o figurino do atual número por ser de um gênero totalmente novo posto que a invenção seja um tanto antiga, todavia hoje vão revivendo as coisas já passadas, e vão figurando entre as gerações modernas. Olha bem para a Gravura, não achas de bom gosto este vestido à maneira de túnica? Já os vi em *Moiré* e em seda. São muito lindos! E que graça não lhes dá a larga renda?! Observa também esses bonés à turca, à maneira de turbante. Uma Senhora assim vestida será tomada por uma Odalisca no paraíso de Mahomé (...).

Eu quisera ser mais extensa, mas o serei em outro número; e Oxalá que o CORREIO nos seja fiel em nossa Correspondência: entretanto aceita o coração saudoso da tua Amiga sincera e obrigada.

EMÍLIA M.”¹⁷¹

Maciel da Costa utilizou uma suposta correspondência enviada por Emília M. para Maria, sua amiga, na qual se encontrava a descrição do modelo de figurino apresentado pelo *Correio de Modas* ou, como seria mais provável, inventou toda essa situação com o objetivo de preencher mais facilmente a seção do periódico. O redator do *Novo Correio de Modas* foi igualmente habilidoso nessa tarefa. Depois de caracterizar a moda como um “poder etéreo que por toda a parte se introduz” capaz de “exerce[r] uma autoridade absoluta em todos os países, que faz curvar com seu cetro de ouro tanto as inteligências mais avançadas, como os rostos mais formosos e as soberanias mais poderosas!”, ele deu asas a sua imaginação e criou o seguinte cenário:

“O calor dos últimos dias suficientemente nos prova a necessidade de abandonar a vida da cidade, pelos risonhos prazeres do campo. (...) E quereis saber como se lá vive? Olhai para esse par ditoso que vos representa essa gravura: ela está vestida com elegância, mas sem os pesados adornos que ocultam a beleza ainda quando mais rara, segura negligentemente a fita do seu chapéu de passeio, e olha com ternura para o pobre cachorrinho, que, sem saber o que faz, já meteu o pé à água, em

¹⁷¹ *Correio das Modas*. 1º. sem. de 1839, n. 15, 13/04/1839, p. 131-132.

riscos de se constipar. A moça parece dizer-lhe: ‘Não faça isso, nhônô.’ O cavalheiro que a acompanha, noivo, segundo minhas observações, está vestido com um rodapé de ganga, deixando ver, pela abertura inferior das mangas, os largos punhos da camisa, colete branco, calça de brim de xadrez miúdo; chapéu d’abas largas e branco; sapato e meia, lenço de seda ao pescoço, e colarinho virado. Não precisa saber-se mais; deixá-los descansar, contanto que o cachorrinho não morra, por alguma imprudência, afogado na água do ribeiro.”¹⁷²

O responsável pela seção **Modas** do *Novo Correio de Modas* foi além do esperado e, entre a descrição dos tecidos, cortes e cores dos vestuários, teceu comentários sobre o relacionamento do jovem casal representado pela gravura, imaginou uma possível fala para a moça e terminou com um comentário jocoso sobre a saúde do animal, que nada tem a ver com o assunto desse espaço da revista. Assim como a ficção esteve presente no espaço dedicado à moda, a moda apareceu nas narrativas publicadas pelos dois periódicos. “Primeira dita e último recurso”¹⁷³, por exemplo, tomou como base um modelo de figurino na construção de seu enredo. Na introdução, o narrador dirigiu-se diretamente aos leitores, fazendo com que eles atentassem à gravura: “Vede essa menina: tem dezesseis anos, é bonita e amada; acaba de receber um anel do seu amante! Quantas coisas lhe diz esse anel! Quanto lho promete! Vai a ter vestidos riquíssimos, e diamantes, e jóias sem conto.”¹⁷⁴

Talvez a falta de conhecimento (e mesmo de interesse) sobre o assunto deixasse os colaboradores desconfortáveis na escrita da seção. Na obrigatoriedade de tratar do tema, eles lançaram mão de pequenas doses de ficção para facilitar a descrição dos modelos de figurino importados de Paris e, ao mesmo tempo, deixar o texto mais divertido. Essas gravuras não foram os únicos temas trazidos da Europa que apareceram nas páginas da revistas. Ao contrário, grande parte das matérias veiculadas pelo *Correio das Modas* e pelo *Novo Correio de Modas* teve proveniência estrangeira. A fim de mostrar essa questão, passaremos agora à análise das fontes das narrativas publicados pelos dois periódicos.

¹⁷² *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1852, n. 06, p. 48.

¹⁷³ “Primeira dita e último recurso”. Ibidem. 2º. sem. de 1852, n. 01, p. 1-2.

¹⁷⁴ Ibidem. p. 1.

CAPÍTULO 3

A EUROPA E O BRASIL

3.1 Direitos autorais e tradução no Brasil Oitocentista

A apropriação de textos estrangeiros foi uma prática constante na imprensa brasileira ao longo de todo o século XIX. Nesse período, publicações vindas de outros países alimentavam periódicos lançados tanto na corte quanto nas províncias, fornecendo-lhes artigos, notícias, resenhas e textos de natureza variada. A situação se acentuou a partir do final da década de 1830 devido à explosão do romance-folhetim no mundo ocidental. Atendendo à demanda da época, diferentes jornais e revistas passaram a reservar um espaço para a publicação de narrativas ficcionais seriadas, cuja origem, na maioria das vezes, era francesa. Grande parte desses textos veio das penas de autores como Frédéric Soulié, Paul de Kock, Eugène Sue e Alexandre Dumas – para citar apenas os mais conhecidos. Em sua análise dos folhetins encontrados no *Jornal do Comércio* entre 1840 e 1850, Nadaf percebeu que eles “constitu[íam]-se, em sua quase-totalidade, de traduções dos clássicos do romance-folhetim, de novelas curtas e do romance tradicional francês”. Segundo a pesquisadora, nas páginas do jornal apareceram:

“(...) títulos como ‘A amada anônima’, ‘O rei de ouros’ e ‘O afilhado de Amadis ou Os amores de uma fada’, de Scribe; ‘O filho da douda’, ‘O leão apaixonado’ e ‘O bezerro de ouro’, de Soulié; ‘João’, ‘A casa branca’ e ‘Mulher, marido e amante’, do citado Kock; ‘Os mistérios de Paris’ e ‘Os sete pecados mortais’, de Sue; entre os escritos de Alexandre de Lavergne, Elie berthet, Charles reybaud, Charles de bernard, Jules Sandeau e Georges Sand. Dumas pai foi o mais cotado neste período, e dele relacionamos, entre outros, ‘Paulina’, ‘A capela gótica’, ‘Gaetano Sferra’, ‘o conde de Monte Cristo’, ‘A rainha Margaridita’, ‘A dama de Monsoreau’, ‘o cavaleiro de Maison-rouge’, ‘A tulipa negra’, ‘Deus dispõe’, ‘Deus e o diabo’, ‘o caçador de selvagina’ e ‘o horóscopo’, este

último de publicação interrompida sendo vendida nas livrarias, traduzida para os periódicos e consumida pela população local.”¹⁷⁵

A cópia de produções alheias não se limitou à imprensa periódica, pois contrafações portuguesas e traduções pirateadas também tiveram ampla circulação nesse momento. Embora generalizada, a situação incomodou alguns dos autores, sobretudo os lusitanos, que não se conformavam em terem suas obras difundidas na antiga colônia por meio de publicações indevidas. Almeida Garrett chegou a tentar estabelecer uma série de acordos internacionais a fim de proibir as contrafações. Pinheiro Chagas foi ainda mais longe e redigiu uma carta aberta, endereçada ao imperador D. Pedro II, exigindo o reconhecimento da propriedade literária por parte das autoridades nacionais.¹⁷⁶ Os escritores brasileiros, por sua vez, alegavam que a atividade impedia o progresso das letras pátrias, porque desestimulava os editores a investirem nas produções locais. Em 1880, José Veríssimo perguntava:

“Como quereis que os editores comprem os nossos trabalhos, por melhores que eles sejam, quando acham já feitos, e o que é mais, com sucesso garantido? Como quereis que editem um romance, mesmo do nosso melhor romancista, se podem contrafazer o *Primo Basílio* do sr. Eça de Queirós, ou traduzir *Assommoir* do sr. Zola?”¹⁷⁷

A publicação de um livro estrangeiro ocorria sem o pagamento de qualquer quantia a seu criador, pois nesse momento ainda não haviam sido criadas leis protetoras dos direitos autorais no Brasil. A legislação do país tratava apenas de forma superficial do assunto: em 1827, foi estabelecido que os professores dos cursos jurídicos de São Paulo e Olinda teriam exclusividade na impressão de seus compêndios pelo período de dez anos. Alguns anos mais tarde, em 1831, o artigo 261 do Código Criminal do Império garantiu que era crime “imprimir, gravar, litografar, ou introduzir quaisquer escritos ou estampas que

¹⁷⁵ NADAF, Yasmin Jasmil. **Rodapé das miscelâneas**: os folhetins nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 41.

¹⁷⁶ ZILBERMAN, Regina. Eça entre os brasileiros de ontem e hoje. In.: ZILBERMAN, Regina et al. **Eça e outros**: diálogo com a ficção de Eça de Queirós. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 11-12.

¹⁷⁷ CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 2ª. ed. São Paulo: Martins, 1964. p. 122.

tiverem sido feitos, compostos ou traduzidos por cidadãos brasileiros enquanto estes viverem e dez anos depois de sua morte se deixaram herdeiros”.¹⁷⁸

Na época as leis brasileiras limitavam-se à propriedade artística, literária e científica dos indivíduos nascidos em território nacional. Quanto aos escritores estrangeiros, eles continuariam negligenciados até o advento da República, quando esforços coletivos permitiram que fossem criadas em âmbito internacional leis protetoras dos direitos autorais.¹⁷⁹ Apesar de constar no papel, não existia qualquer tipo de fiscalização a esse respeito. Segundo Hallewell, o artigo 261 “permaneceu letra morta” especialmente no Rio Grande do Sul, “onde, até as primeiras décadas do século XX, a principal atividade de algumas editoras foi a publicação ilegal de autores de fora do estado sulino.”¹⁸⁰ Aproveitando-se do sucesso em torno do romance *O guarani*, lançado em 1857 nos rodapés do *Correio Mercantil*, um periódico gaúcho passou a publicá-lo clandestinamente. Irritado com a pirataria de sua produção, José de Alencar afirmou que processaria os responsáveis, o que levou à interrupção dos capítulos. Para a surpresa do autor, porém, a gráfica providenciou uma edição em livro do romance. Diante disso, Alencar vendeu para a Garnier os direitos da segunda e terceira edições de *O guarani*, a fim de reduzir, ao menos em parte, seus prejuízos.¹⁸¹

Quando alguma obra brasileira era publicada indevidamente, os responsáveis poderiam ao menos receber uma condenação judicial. O processo movido pela viúva de José Henriques de Proença contra Antônio José de Melo evidencia essa questão. Em 1880, o editor resolveu lançar uma nova edição do *Guia médico-cirúrgico* sem pedir o aval da família de Proença que nessa época já havia falecido. Apesar da origem portuguesa, Paulina Maria Constança Proença tinha se naturalizado brasileira há alguns anos. Diante disso, o

¹⁷⁸ MIZUKAMI, Pedro Nicoletti. **Função Social da Propriedade Intelectual:** compartilhamento de arquivos e direitos autorais na CF/88. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007. p. 286.

¹⁷⁹ HALLEWELL, Laurence, *op. cit.*, p. 244.

¹⁸⁰ Idem. *ibidem*.

¹⁸¹ A esse respeito, conferir: NETO, Lira. **O inimigo do rei:** uma biografia de José de Alencar ou a mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil. São Paulo: Globo, 2006. p. 214-215; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **A crítica literária no Rio Grande do Sul:** do romantismo ao modernismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. p. 242-244.

tribunal compreendeu que se tratava de uma publicação nacional, deliberou a favor da viúva e condenou Antônio José de Melo pela impressão indevida da obra.¹⁸²

A ausência de leis capazes de assegurar os direitos autorais fazia com que não houvesse rigidez ou fiscalização quanto aos trabalhos desenvolvidos pelos tradutores. Para os padrões contemporâneos é surpreendente a liberdade com que esses profissionais realizavam a atividade: alguns pareciam comprometidos em se manter fiéis à produção do autor, enquanto outros modificavam os textos originais com acréscimos, eliminações e substituições diversas. Conforme explicou Esteves, a tradução no século XIX se pautou por “grande elasticidade e tolerância quanto a questões de autoria, fidelidade e originalidade”. Por isso, as fronteiras entre autor x tradutor; fiel x infiel; cópia x adaptação eram muito tênues nesse momento.¹⁸³

A fragilidade dos limites entre autoria e tradução torna-se clara nos trabalhos realizados por alguns profissionais desse período. Tomemos como base algumas produções literárias vertidas ao português por Machado de Assis. Em 1860, ele usou a peça teatral *La chasse au lion*, de Gustave Vattier e Émile de Najac, para criar “Hoje avental, amanhã luva”. Trata-se de uma “imitação”, como se chamavam as obras produzidas a partir de um enredo estrangeiro adaptado à realidade nacional.¹⁸⁴ Seis anos mais tarde, ele se encarregou da transladação do romance *Les travailleurs de la mer*, de Victor Hugo. De acordo com Barreto, o resultado final “consiste em um trabalho de alta qualidade, respeitando o original, mas nele interferindo a cada vez que se fez necessário à compreensão do leitor brasileiro.”¹⁸⁵ Alguns anos mais tarde, já em 1883, ao traduzir, “O Corvo”, de Edgar Allan Poe, ele alterou significativamente o texto do escritor norte-americano, invertendo tanto o sentido quanto o ritmo iniciais. Machado não manteve a estrutura do poema original e usou dez versos octossílabos, decassílabos e dodecassílabos em cada estrofe. Poe, por sua vez,

¹⁸² HALLEWELL, Laurence, *op. cit.*, p. 244.

¹⁸³ ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. A influência da tradução na formação e na consolidação da Literatura Brasileira do século XIX. In: III CIATI - Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação, n. 3, 2004, São Paulo. **Anais do III CIATI**, São Paulo, 2004. p. 6.

¹⁸⁴ FARIA, João Roberto de. Machado de Assis – tradutor de teatro. **Machado de Assis em Linha**, ano 3, n. 6, p. 51, 2010.

¹⁸⁵ BARRETO, Junia. Traições editoriais: Os Trabalhadores do Mar, de Victor Hugo a Machado de Assis. **Revista Traduzires**, Brasília, v. 1, p. 89, 2012.

havia escrito a obra em seis versos cada um com 14 sílabas poéticas.¹⁸⁶ Para Ferreira, o percurso de Machado de Assis como tradutor decorreria do projeto de contribuir para a criação de uma literatura nacional. A seu ver, ao se afastar de modelos estrangeiros, o autor teria como meta estimular a adoção de uma postura de insubordinação à matriz importada. Nas palavras da autora:

“A tradução no século XIX brasileiro, em uma sociedade pós-Independência pressionada pela modernização, funcionou como um veículo de transferência cultural e se revelou como componente da formação da identidade cultural da nação na medida em que, ao traduzir o outro, gerava o encontro do próprio. Machado de Assis, no decorrer de sua carreira literária, percebeu esse mecanismo e alertou para os perigos advindos da absorção de uma cultura exógena sem um posicionamento crítico. (...) A reflexão de Machado de Assis é a de que a tradução, embora constituindo um canal de modernização, pode representar um entrave ao surgimento de talentos nacionais, devido a sua onipresença no cenário cultural da capital do império, isto é, nos saraus literários, nos folhetins e nos tablados.”¹⁸⁷

É possível, no entanto, que a infidelidade ao texto original fosse proveniente mais da flexibilidade da noção de tradução do que da tentativa de afirmação de uma independência literária. Isso porque outros escritores desse período também realizaram a atividade sem se preocuparem demasiadamente com a fonte estrangeira e nem por isso se tornaram conhecidos pelo empenho de dar autonomia à literatura do país. Souza Ferreira se viu obrigado a exercer o papel de autor enquanto vertia para o português *O Rocambole*, de Ponson du Terrail, para as páginas do *Jornal do Comércio*. Diante do atraso do pacote que trazia o jornal francês, o tradutor não hesitou em criar ele próprio uma continuação para a narrativa. Quando a situação foi normalizada, ele teve que conciliar os capítulos que havia escrito com a obra original, ressuscitando alguns personagens que matara em sua versão.¹⁸⁸

O *Jornal do Comércio* acolheu ainda o título *Os assassinos misteriosos ou a paixão dos diamantes*, como se chamou a tradução realizada por Justiniano José da Rocha

¹⁸⁶ BONACIN, Larissa Degasperi; SCHÄFFEL, Dicleia Maria Bastos. Tradução poética: “O corvo” aos olhos de Machado de Assis e Fernando Pessoa. *Eletras*, Tuiuti/Paraná, v. 20, n. 20, p. 230, 2010.

¹⁸⁷ FERREIRA, Eliana Fernanda Cunha. **Para traduzir o século XIX: Machado de Assis**. São Paulo: Annablume, 2004, p. 28.

¹⁸⁸ MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 44.

do romance de Henri de Latouche, *Olivier Brusson*, por sua vez um plágio da novela *Fräulein von Scudéry*, de E. T. Hoffmann. Conforme demonstrou Heineberg, o tradutor francês interferiu bastante na versão original:

“La transposition est marquée aussi par un détournement du fantastique et du policier qui domine le récit original. Étant donné qu’Hoffmann construit sa nouvelle sur le suspense, la poursuite des mystérieux assassins voleurs de diamants gagne de l’importance dans son texte. Henri de Latouche, lui, développe les personnages secondaires, comme Lamartinière et Baptiste, il met l’accent sur l’intrigue Marguerite/Olivier et il donne plus de profondeur aux rôles de Mademoiselle de Scudéry et de Louis XIV.”¹⁸⁹

Justiniano José da Rocha também realizou algumas modificações na versão de Henri de Latouche, inserindo explicações, acréscimos e cortes ao longo do texto. No prefácio que abre a obra, deixou claro que em seu trabalho ocorreria uma mistura entre os conceitos de autoria e tradução devido ao objetivo maior de deleitar o leitor:

“Será traduzida, será imitada, será original a novela que ofereço, leitor benévolo? Nem eu mesmo que a fiz vo-lo posso dizer. Uma obra existe em dois volumes, e em francês, que se ocupa com os mesmos fatos; eu a li, segui seus desenvolvimentos, tendo o cuidado de reduzi-los aos limites de apêndices, cerceando umas, ampliando outras circunstâncias, traduzindo os lugares em que me parecia dever traduzir, substituindo com reflexões minhas o que me parecia dever ser substituído; uma coisa só tive em vista, agradar-vos.”¹⁹⁰

A interferência de tradutores em textos originais não foi exclusividade dos colaboradores do *Jornal do Comércio*. Augusto Emílio Zaluar também teve que desempenhar a função de autor quando traduziu o folhetim *Os moicanos de Paris*, de Alexandre Dumas, para o *Correio Mercantil*. O periódico francês interrompeu a publicação

¹⁸⁹ “A tradução é marcada também por uma transformação da fantasia e do policial que domina a narrativa original. Como Hoffmann construiu sua novela sob o suspense, a busca dos misteriosos assassinos ladrões de diamantes ganha importância no seu texto. Henri de Latouche desenvolve personagens secundários, como Lamartinière e Baptiste, centra-se sobre a trama de Marguerite/Olivier e dá mais profundidade ao papel de Mademoiselle de Scudéry e de Louis XIV” (tradução nossa). HEINEBERG, Ilana. **La suite au prochain numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens *Jornal do commercio*, *Diário do Rio de Janeiro* et *Correio mercantil* (1839-1870)**. Tese (Doutorado em Études Lusophones) – U.F.R. d’Études Ibériques et Latino-Américaines, Université de Paris III la Sorbonne Nouvelle, Paris, 2004. p. 59.

¹⁹⁰ ROCHA, Justiniano José da. “Os assassinos misteriosos ou a paixão dos diamantes”. **Jornal do Comércio**, edição de 27/03/1839. p. 1.

do romance, por isso Zaluar deu prosseguimento aos capítulos e chegou até mesmo a inventar um final para a história. Mais tarde, sem apresentar qualquer explicação para os leitores, o jornal brasileiro lançou o restante da narrativa original. Assim, a imprensa nacional acolheu duas versões diferentes de *Os moicanos de Paris*, uma do escritor francês e outra do tradutor português.¹⁹¹

O jornalista e escritor português Augusto Emílio Zaluar foi um importante colaborador do *Novo Correio de Modas*. No primeiro semestre de 1853, ele forneceu à revista duas poesias – “À minha irmã” e “A órfã ao pé de um túmulo” –, cinco artigos – “Flores animadas”, “As flores do baile”, “A flor preferida, a flor do esquecimento”; “A flor da saudade. Alves” e “O chorão, flor de laranja” –, além da tradução de duas narrativas de origem francesa – a primeira, chamada “Rodolfo e Berta”, foi realizada a partir de um texto sem título encontrado na obra *Vendredi Soir*, de Alphonse Karr; e a segunda, intitulada “O albergue do poeta”, teve como base “La petite Maison du poète”, de Alphonse Esquiros.¹⁹²

É possível que Zaluar tenha enviado para o periódico outras narrativas, não identificadas em nossa pesquisa, redigidas por ele próprio ou traduzidas de outros escritores. Como era de praxe na época, os colaboradores do *Correio das Modas* e do *Novo Correio de Modas* não assinaram a maior parte de suas produções. De um total de 278 textos analisados em nossa pesquisa, apenas 21 apareceram com o nome do tradutor, seu pseudônimo ou rubrica, o que equivaleu a apenas 7% do total:

Tabela 1. Traduções publicadas nas revistas *Correio das Modas* e *Novo Correio de Modas*

Revista	Tradutor	Título em português	Autor	Título original	Origem
<i>Correio das Modas</i>	M. da C. (Maciel da Costa)	“A filha do general”	Desconhecido	Desconhecido	Inglesa

¹⁹¹ ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. Em que se traduz a ingenuidade romântica? A tradução do romance-folhetim no Romantismo brasileiro. In: 50º Seminário do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos), 2002, São Paulo. **Anais do 50º Seminário do Grupo de Estudos Lingüístico do Estado de São Paulo – GEL**, São Paulo, 2002.

¹⁹² “Rodolfo e Berta”. **Novo Correio de Modas**. 1º sem. de 1853, n. 9, p. 65-67 e “O albergue do poeta”. Ibidem. 1º sem. de 1853, n. 13, p. 99-101. Fontes estrangeiras: KARR, Alphonse Karr. **Vendredi soir**. Paris: Hippolyte Souverain, 1835. p. 291-330; e ESQUIROS, Alphonse. “La petite Maison du poète”. **L’artiste**, edição de 1844. p. 260-261.

	M. E. C. M. (M. E. C. Menezes)	“A hora da morte”	Abel Hugo	Desconhecido	Francesa
		“Um semblante rosado e um semblante enrugado”	Anaïs Segalas	Desconhecido	Francesa
	N. Marchal	“Um amor na Escócia”	Louis François Hilarion Audibert	“L’officier de culloden”	Francesa
	M. O. S.	“A vingança de um corso”	Emmanuel Gonzalès e Paul Henri Joseph Molé-Gentilhomme	Sem título	Francesa
	N. S. (Nascimento Silva)	“A morte de uma filha”	Frédéric Soulié	Desconhecido	Francesa
<i>Novo Correio de Modas</i>	A. M.	“O leque e a ventarola”	Alphonse Brot	“L’eventail”	Francesa
	Augusto Emilio Zaluar	“Rodolfo e Berta”	Alphonse Karr	Sem título	Francesa
		“O albergue do poeta”	Alphonse Esquiros	“La petite Maison du poète”	Francesa
	E. de Champeau	“Os três aneis”	Boccaccio	Desconhecido	Italiana
	F. M.	“Quanto pode o amor materno”	J. N. Bouilly	“Abégation de soi-même”	Francesa
		“O sacrificio eterno”	J. N. Bouilly	“Sacrifice éternelle”	Francesa
	Henrique Andersen	“O Flibusteiro, ou o pirata das Antilhas. Romance do último terço do século XVII”	Van der Velde	“Der flibutier”	Alemã
	Henrique Veloso de Oliveira	“Um ogro nos mares da India. Conto persa”	Desconhecido	Desconhecido	Inglesa
		“História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental”	Desconhecido	Desconhecido	Árabe

		“A tabuagem, ou o jogo da banca. Episódio”	Ernst Theodor Hoffman	Desconhecido	Alemã
		“Profecias modernas”	Charles Mackay	Junção de diferentes capítulos do livro <i>Modern Prophecies</i>	Inglesa
		“Cagliostro, o célebre alquimista”	Charles Mackay	“Cagliostro”	Inglesa
		“Escolha de uma profissão”	Pigault Lebrun	Desconhecido	Francesa
	Dr. T. H.	“O homem da perna de pau	Henry Glassford Bell	“The marvellous history of Mynheer Von Wodenblock”	Inglesa
	“Um maranhense”	“O copo de limonada”	Desconhecido	“Das glass drangenwaferr”	Alemã

De acordo com nossos dados, Henrique Veloso de Oliveira foi o tradutor mais profícuo do *Novo Correio de Modas*. Na lista de suas traduções estiveram os seguintes títulos: “Um ogro nos mares da Índia. Conto persa”, “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental”, “A tabuagem, ou o jogo da banca. Episódio”, “Profecias modernas”, “Cagliostro, o célebre alquimista” e “Escolha de uma profissão”. A fim de melhor compreender a prática da tradução desse período, vamos dar início à análise dos textos vertidos por Veloso de Oliveira para as páginas da revista.

3.2 As traduções de Henrique Veloso de Oliveira

Natural da cidade do Porto, Henrique Veloso de Oliveira passou grande parte de sua vida no Rio de Janeiro trabalhando como desembargador. Seu nome figurou na lista dos escritores publicados pela Tipografia Universal, entre as quais encontramos títulos de sua autoria – como *Reflexões sobre o estado das finanças no Brasil: meios de o melhorar e*

de pagar a dívida pública, de 1846; *O perfeito jogador de xadrez ou Manual completo deste jogo dividido em parte teórica e prática*, de 1850 –; e ainda traduções – como *Novo guia do médico homeopata e repertório farmacêutico pelo dr. B. Herschal, traduzido do alemão para o francês e d’este para o português com vários aditamentos*, de 1858; e *A família Briçon ou o campo, a fábrica e a herdade: narrativa familiar dedicada à mocidade da cidade e do campo*, por Lourenço Jussieu, de 1863.¹⁹³

Na realização de seu trabalho como tradutor para o *Novo Correio de Modas*, ele usou originais em francês e inglês, além de traduções disponíveis nesses dois idiomas. A narrativa “A tabuagem, ou o jogo da banca. Episódio”, por exemplo, provavelmente foi vertida ao português a partir de “La banque de Pharaon”, como se intitulou a versão francesa do conto “Spieler-Glück” encontrado na obra *Contes fantastiques de Hoffmann*.¹⁹⁴ Veloso de Oliveira utilizou como fonte também o livro *Memoirs of extraordinary popular delusions and the madness of crowds*, de Charles Mackay, de onde extraiu os seguintes textos: “Cagliostro”, “Modern prophecies” e “Fortune telling”.¹⁹⁵

O primeiro foi traduzido para as páginas da revista sob o título de “Cagliostro, o célebre alquimista”. Trata-se de uma versão bastante próxima do original, na qual encontramos poucas interferências do tradutor. O mesmo não pode ser dito em relação aos outros dois artigos, que mal se parecem com os textos redigidos por Mackay. Veloso de Oliveira excluiu longas descrições, inverteu a ordem dos eventos e ainda inseriu notas de rodapé para explicar algumas passagens. Ademais, uniu “Modern prophecies” e “Fortune telling” em um único texto, criando a narrativa publicada pelo periódico feminino com o nome de “Profecias modernas”.¹⁹⁶ Vejamos essa questão mais de perto.

“Modern prophecies” se inicia com a abordagem de alguns oráculos pressagiadores de cataclismos ou até mesmo do próprio Apocalipse. Após apresentar três

¹⁹³ SILVA, Inocêncio Francisco da, *op. cit.*, 1859, p. 188.

¹⁹⁴ “A tabuagem, ou o jogo da banca. Episódio”. *Novo Correio de Modas*. 1º sem. de 1852, n. 21, p. 161-164, n. 22, p. 169-172 e n. 23, p. 177-179. Fonte estrangeira: HOFFMAN, Ernst Theodor Wilhelm. “La banque de Pharaon”. *Contes Fantastiques de Hoffmann*. Paris: Lavigne, 1843.

¹⁹⁵ Utilizamos como base a versão de 1850 da obra, que se encontra disponível na íntegra na internet. MACKAY, Charles. *Memoirs of extraordinary popular delusions and the madness of crowds*. Philadelphia: Lindsay and Blakiston, 1850.

¹⁹⁶ “Cagliostro, o célebre alquimista”. *Novo Correio de Modas*. 1º sem. de 1854, n. 19, p. 145-147; n. 20, p. 153-156 e n. 21, p. 161-164; “Profecias modernas”. Ibidem. 1º sem. de 1854, n. 9, p. 65-67 e n. 10, p. 72-74.

exemplos de profetas da Grã-Bretanha cujas previsões não se concretizaram, a conclusão do autor foi simples: esses indivíduos não passariam de charlatões ou de lunáticos. Adiante, deteve-se longamente sobre a atuação de Mãe Shipton, Merlin e Robert Shipton. Embora tenha apontado falhas nas previsões desses três adivinhos, afirmou que eles se debruçaram sobre acontecimentos políticos decisivos para a Inglaterra, prevendo desde a ascensão à queda de alguns reis. Mostrou-se, assim, mais tolerante do que com outros charlatões que pretendiam apenas causar pânico geral. Para concluir, finalizou mencionando alguns “fazedores de almanaques” (almanac-makers), de influência pouco significativa quando comparados a outros profetas mais conhecidos.

Todos esses trechos relacionados à história britânica foram suprimidos na versão feita por Henrique Veloso de Oliveira. O tradutor utilizou apenas um pequeno episódio no qual se comenta a associação, feita por alguns crédulos, entre a disseminação de uma peste e a passagem de um cometa. O evento ocorrido na cidade de Milão em 1630 teve consequências ainda mais drásticas porque os doentes não procuravam se curar. Eles acreditavam que haviam incitado a cólera divina, logo seus esforços de nada adiantariam para reverter a situação. Histórias “extraordinárias” e “desarrazoadas” começaram a surgir, aumentando ainda mais o terror entre os habitantes da cidade. Um homem passou a propagar a informação de que tinha sido levado pelo próprio diabo a uma casa, no interior da qual “se achava reunida uma assembléia de almas deliberando sobre os progressos da peste”, onde ele recebeu a proposta de colaborar com a disseminação da doença em troca de uma avultada quantia de dinheiro. Logo algumas pessoas afirmaram ter igualmente participado da experiência e outras até se apresentaram como cúmplices nessa estratégia.

Na versão original, o diabo foi descrito como um homem “alto e de majestoso aspecto”, de olhar “sublime” e “ar de indefinível desprezo”, dono de uma carruagem negra guiada por seis cavalos branquíssimos e acompanhada por um “numeroso séquito”.¹⁹⁷ Contrapondo-se à apresentação original, o tradutor inseriu uma nota de rodapé a fim de explicar aos leitores da revista como seria de fato essa figura:

¹⁹⁷ MACKAY, Charles, *op. cit.*, p. 66.

“Estas magníficas aparências do diabo são inteiramente imaginárias, e o *Manual do Feiticeiro* o representa debaixo de formas muito modestas, homem inábil ou anjo em confusão, e afirma que Santo Antonio até lhe cuspiu na cara, e que outro Santo o teve fechado umas poucas de noites de rigoroso inverno em um moringue d’água fora da janela.”¹⁹⁸

O segundo texto usado por Henrique Veloso de Oliveira foi “Fortune telling”. Neste, Charles Mackay teceu comentários sobre as (pseudo) ciências dedicadas à previsão do futuro, como a necromancia (adivinhação por meio da consulta de mortos); a geomancia (adivinhação baseada na observação de pedras atiradas sobre uma superfície plana); a quiromancia (adivinhação a partir do exame das linhas das mãos); a cartomancia (adivinhação realizada com cartas de baralho); a oniromancia (adivinhação baseada na interpretação dos sonhos) e a astrologia (adivinhação do futuro a partir do estudo dos astros). Segundo o autor, “it is happy for man that he does not know what the morrow is to bring forth; but unaware of this great blessing, he has (...) presumptuously endeavoured to trace the events of unborn centuries and anticipate the march of time.”¹⁹⁹ Seu objetivo, dessa vez, não foi questionar a legitimidade dessas ciências, mas sim mostrar que consequências nefastas poderiam ocorrer àqueles que se dedicassem a utilizá-las.

O trecho recortado pelo tradutor do *Novo Correio de Modas* se concentra sobre a história de Antíoco Tiberto, um astrólogo romeno do século XV. Ele conquistou uma legião de seguidores por conta de suas profecias, sendo admitido por esse motivo no palácio do rei Pandolfo de Malatesta. Tiberto previu que seu amigo Guido de Bogni seria injustamente acusado de traição e que Malatesta perderia o poder em uma conspiração organizada por seus opositores. Adivinhou ainda que ele próprio acabaria morto por conta desses eventos. A profecia não tardou a se realizar: Guido de Bogni foi preso e assassinado devido a uma falsa denúncia, feita por seu próprio sogro, que alegava sua participação em uma trama contra o rei. Apontado como cúmplice, Tiberto teve o mesmo destino. Algum tempo mais tarde, o governo de Malatesta caiu conforme previra o profeta. O dirigente não se deu conta que as falsas acusações sobre Guido de Bogni e Antíoco Tiberto tinham como

¹⁹⁸ Ibidem. Idem.

¹⁹⁹ “é bom que o homem não saiba o que o amanhã lhe trará; mas sem conhecer esta grande bênção, ele tem (...) presunçosamente se esforçado para rastrear os eventos dos séculos por nascer e antecipado a marcha do tempo” (tradução nossa). Ibidem. p. 288.

meta desviar sua atenção, afastando-o dos verdadeiros culpados, que puderam realizar a insurreição como pretendido.

Em “Modern prophecies”, Mackay ofereceu uma série de exemplos de profetas cujas avinhações não se realizaram a fim de estimular a adoção de uma postura mais crítica em relação a esses indivíduos. Já em “Fortune telling”, mostrou os perigos dos oráculos, partindo do pressuposto de que o amanhã seria inacessível para os seres humanos para sua própria proteção. Apesar das diferenças, os dois textos têm em comum a temática da predição de eventos futuros, sendo esse o elemento comum que garante unidade a todos os capítulos do livro. Na versão brasileira, pelo contrário, percebemos a falta de um entrelaçamento entre as ideias. O leitor tem a impressão de estar diante de duas histórias desconexas, uma sobre uma epidemia em Milão e outra sobre a morte de um profeta.

Veloso de Oliveira revelou-se mais hábil na tradução de “Histoire de la belle Arouya”, ou a “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental”, como se chamou a versão publicada no *Novo Correio de Modas*. O texto original foi extraído da obra *Les mille et une jours: comptes persans, turcs et chinois*, por sua vez, uma tradução feita a partir do árabe por Cardonne, Petit de la Croix, Caylus e outros profissionais franceses, em 1844.²⁰⁰ Como veremos no próximo capítulo, a narrativa contou os sofrimentos vividos por uma linda moça, chamada Aroya, na tentativa de ajudar o marido a reaver o dinheiro emprestado por ele a alguns amigos. Mostrou ainda as estratégias usadas pela personagem a fim de punir aqueles que a cortejaram, desrespeitando sua posição de mulher casada e virtuosa.

“Histoire de la belle Arouya” apresentou foco narrativo em primeira pessoa. A tarefa de narrar os infortúnios vividos pela moça coube ao sultão de Damasco, Beddredin-Lolo, que teve como interlocutores dois amigos, o vizir Atalmulc e o príncipe Seyf-Elmulouk. O uso de pronomes pessoais em primeira pessoa não deixa dúvidas de que o sultão ocupou o posto de narrador da história:

²⁰⁰ “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1854, n. 9, p. 66-68, n. 10, p. 76-76 e n. 11, p. 81-84. Fonte estrangeira: “Histoire de la belle Arouya”. **LES MILLE et une jours: comptes persans, turcs et chinois**. Trad. par Cardonne, Petit de la Croix et al. Paris: Purrat Frères. 1844. p. 350-367.

“En effet, le jour suivant elle se rendit à **mon** palais et se glissa dans la sale où **je** donnais audience à **mes** peuples. Aussitôt que **je** l’aperçus, son air noble et la beauté de sa taille attirèrent **mon** attention. **Je** la fis remarquer à **mon** grand-vizir: - Voyez-vous, lui dis-**je**, cette femme bien faite? dites-lui de s’approcher de **mon** trône. Le vizir lui dit de s’avancer. **Elle** fendit la presse et vint se prostrener devant **moi**.”²⁰¹

Mesmo tendo se encontrado com a moça pela primeira vez por ocasião da visita que ela fez ao palácio, o sultão conhecia diversos eventos anteriores de sua vida. Sabia, por exemplo, que a protagonista havia se angustiado por não saber como salvar o marido e por se ver ultrajada pelas autoridades. Beddredin-Lolo teve informações até sobre o que ocorria com Aroya quando ela se encontrava sozinha em sua alcova que, em certa ocasião, disse para si mesma: “- O ciel! (...) n’y a t-il donc point de vertu parmi les hommes? Je n’en puis trouver un qui soit véritablement généreux. Ceux mêmes qui sont chargés de punir les coupables ne se font pas un scrupule de commettre des crimes.”²⁰² Talvez Henrique Veloso de Oliveira tenha visto essa contradição e optado por utilizar foco narrativo em terceira pessoa, substituindo o narrador-personagem por um onisciente:

“Com efeito no dia seguinte ela se dirigiu ao palácio do sultão, e insinuou-se na sala em que dava audiência ao povo. Imediatamente que foi vista, seu ar nobre e a formosura do seu talhe não tardaram em atrair a atenção do príncipe, que a fez notar ao **seu** vizir. ‘Vês-tu, lhe disse ele, aquela mulher tão bem feita? Diga-lhe que se aproxime de meu trono.’ O vizir fez sinal que se aproximasse. Ela rompeu diante da multidão e veio se prostrar diante do trono.”²⁰³

A versão do *Novo Correio de Modas* é centrada na história de uma esposa austera que se manteve fiel ao marido mesmo quando cortejada por homens mais ricos e jovens. Por isso, termina com a fuga do casal, no momento em que eles deixam a cidade no

²⁰¹ “De fato, no dia seguinte ela foi ao meu palácio e deslizou para o cômodo onde eu dava audiência ao meu povo. Assim que eu a vi, o seu ar nobre e a beleza da sua silhueta atraíram minha atenção. Eu a indiquei a meu grão-vizir: - Você vê, eu lhe disse, essa mulher bem feita? Diga-lhe para se aproximar do meu trono. O vizir lhe disse para vir para a frente. Ela saiu da multidão e veio se prostrar diante de mim” (tradução nossa). “Histoire de la belle Arouya”. **LES MILLE et une jours: comptes persans, turcs et chinois**. Trad. par Cardonne, Petit de la Croix et al. Paris: Purrat Frères, 1844. p. 366.

²⁰² “- Ó céus! (...) não há então nenhuma virtude entre os homens? Não encontrei nenhum que seja realmente generoso. Aqueles que são responsáveis por punir os culpados não têm escrúpulos em cometer crimes” (tradução nossa). Ibidem. p. 354-355.

²⁰³ “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1854, n. 11, p. 83.

intuito de começar uma vida nova, longe daqueles que haviam se encantado com a beleza de Aroya. Já a narrativa original se estende um pouco mais e trata ainda de outra questão. Dando continuidade à conversa sobre a virtude de Aroya – cuja honra tinha lhe marcado tão profundamente –, o sultão saiu à procura de um homem tão honrado quanto ela. Interrogou seus oficiais, os empregados da casa e chegou à conclusão de que todos teriam algum defeito, mas que os indivíduos com mais coragem para enfrentar os dissabores da vida apresentá-los-iam em menor quantidade.

A interferência do tradutor teve como resultado uma mudança no ensinamento transmitido pela narrativa. Se em “Histoire de la belle Arouya” o leitor aprende que a firmeza perante as dificuldades cotidianas ajuda o indivíduo a se manter no caminho da retidão moral, em “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros” fica sabendo que o adultério não seria uma resposta válida em nenhuma hipótese, uma vez que as mulheres poderiam manter a honra e ainda assim encontrar uma resposta para seus problemas. O novo conteúdo moralizador da narrativa, aliás, se relaciona diretamente com a linha editorial das duas revistas. O *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas* foram marcados pelo interesse em oferecer normas de conduta para as mulheres, sobretudo no que se refere à vida familiar. Assim, a defesa da fidelidade feminina estaria mais de acordo com os propósitos das duas publicações que a argumentação sobre a necessidade de se enfrentar os problemas diários de forma destemida.

A realização de cortes durante a transladação de um texto de uma língua para outra foi uma prática recorrente nesse período e não se limitou ao território brasileiro. Na França, os tradutores costumavam intervir com certa recorrência por meio da eliminação de longos diálogos, cenas descritivas e ações secundárias. Segundo Ramicelli, essas estratégias tinham o objetivo de adaptar as narrativas estrangeiras para o público francês, mais habituado com a sucessão rápida dos eventos, como ocorre nos folhetins.²⁰⁴ Para Cooper-Richet, o interesse em não ofender ou constranger os leitores do país também poderia

²⁰⁴ RAMICELLI, Maria Eulália. **Narrativas itinerantes:** aspectos franco-britânicos da ficção brasileira em periódicos do século XIX. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

explicar a supressão de trechos pouco decorosos.²⁰⁵ Em suma, na opinião das pesquisadoras, essas mudanças decorreriam da necessidade de adequar uma produção estrangeira para um novo público leitor, com expectativas, hábitos e gostos diferentes daquele para o qual ela fora inicialmente concebida.

É possível que Henrique Veloso de Oliveira tenha modificado os originais por outros motivos, além dos evidenciados por Ramiceli e Cooper-Richet. “Modern prophecies”, “Fortune telling” e “Histoire de la belle Arouya” apareceram inicialmente nas páginas de um livro, de modo que os autores dispuseram de certa liberdade para se estenderem em suas descrições. A primeira e a segunda narrativa totalizaram cada uma 19 páginas, enquanto a terceira atingiu 24 páginas. O tradutor português, por sua vez, precisou fazer com que todos os eventos de “Profecias Modernas” e “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros” coubessem em um espaço reduzido de apenas 8 e 12 páginas, respectivamente, acomodando-se ao espaço geralmente concedido para os textos em prosa de ficção publicados pelo *Correio das Modas* e pelo *Novo Correio de Modas*, os quais possuíam, no máximo, 10 páginas.

Entretanto, a falta de espaço não serve para justificar todas as modificações realizadas por Veloso de Oliveira no interior dos textos. A alteração do conteúdo moralizador dos originais dificilmente foi uma consequência indesejada. Pelo contrário, ao selecionar quais trechos estariam presentes e quais ficariam fora, o tradutor possivelmente teve em mente a adequação de uma produção alheia à linha editorial das revistas. Assim, ele transformou “Histoire de la belle Arouya” em um texto sobre a importância da fidelidade conjugal e os artigos “Modern prophecies”, “Fortune telling” em uma narrativa sobre os perigos da superstição. Por detrás das mudanças operadas por Veloso de Oliveira talvez houvesse dois interesses: em primeiro lugar, o de agradar o leitorado brasileiro e, em segundo, o de acomodar as produções ao suporte e ao ideário das revistas.

²⁰⁵ COOPER-RICHET, Diana. “Transferências culturais, circulação de ideias e práticas. O caso da França e do Brasil no século XIX”. Trad. de Valéria Guimarães. Mimeo.

3.3 A fontes estrangeiras das revistas: França e Inglaterra

A França foi a principal fornecedora da seção dedicada à prosa de ficção do *Correio das Modas* e do *Novo Correio de Modas*. Se considerarmos tanto os textos publicados em livros, quanto os lançados na imprensa sob assinatura de algum escritor desse país, podemos estipular que 92 narrativas – ou 33,09% do total veiculado pelas duas revistas (sendo 25 do *Correio das Modas* e 67 do *Novo Correio de Modas*) – saíram das penas de um autor francês. Entre esses escritores estiveram renomados folhetinistas do período: o *Correio das Modas* acolheu, por exemplo, um texto de Frédéric Soulié – não localizamos o título original, mas sabemos que a tradução foi designada como “A morte de uma filha” –; uma de Honoré de Balzac – chamada “El Verdugo” tanto na versão francesa quanto na brasileira – e uma de Alphonse Karr – sem título em francês e intitulada como “O giro de Willis. Legenda alemã” pela revista carioca.²⁰⁶

Durante seus três anos de duração, o *Novo Correio de Modas* publicou duas narrativas de Paul de Kock – “La maison du barbier” e “Le croix et le vent”, ou “O barbeiro de Paris” e “A cruz e o vento” –; duas de Alphonse Karr – a primeira, sem título, foi traduzida no Brasil como “Rodolfo e Berta” e a segunda, “Dieu et le diable”, apareceu nas páginas da revista com o nome de “A mão esquerda” –; duas de Alexandre Dumas – os títulos em francês não foram encontrados em nossa busca, mas elas foram vertidas ao português como “Francisco I e o arquiteto primatício” e “Os dois arquitetos de Francisco I” –; uma de Ponson du Terrail – “L’heroine d’une nuit”, ou “A heroína de uma noite” – e uma de Frédéric Soulié – “La grille du parc”, ou “A grade do jardim”.²⁰⁷

²⁰⁶ **Correio das Modas**, edições de 16/02/1839, 20/06/1839 e 31/12/1840, respectivamente. Fontes estrangeiras: BALZAC, Honoré de. “El Verdugo”. **Oeuvres illustrées**. v. III. Paris: Marescq, 1832. p. 61-64; KARR, Alphonse. **Romans populaires illustrés**. Paris: Gustave Barba, 1856. p. 10-11.

²⁰⁷ **Novo Correio de Modas**, edições de 1º sem. de 1854, n. 7; 1º sem. de 1854, n. 20-23; 1º sem. de 1853, n. 9; 1º sem. de 1853, n. 15; 1º sem. de 1853, n. 21; 1º sem. de 1853, n. 24; 2º sem. de 1852, n. 22 e 2º sem. de 1852, n. 1, respectivamente. Fontes estrangeiras: KOCK, Paul de. “La maison du barbier”. **Le barbier de Paris**. t. I. 2º. ed. Paris: Ambrois Dupont et cie, 1827. p. 1-23; KOCK, Paul de. “Le croix et le vent”. In: **Moeurs parisiennes: nouvelles**. t. V. Bruxelles: Société Belge et Librairie, 1839. p. 197-178; KARR, Alphonse. **Vendredi soir**, Paris: Hippolyte Souverain, 1835. p. 291-330; Idem. “Dieu et le diable.” In: **Les cent-et-une nouvelles nouvelles des cent-et un**. v. II. Paris: Chez Ladvocat, 1835, p. 97-114; TERRAIL, Ponson du. “L’heroine d’une nuit”. **Album littéraire et musical de la Minerva**, edição de maio de 1850, p. 135-141; SOULIÉ, Frédéric. “La grille du parc”. In.: **Un été à Meudon**. Paris: Michel Levy-Frères, 1859. p. 139-149.

A notoriedade dos escritores não foi o único motivo por detrás dessa seleção. O intuito moralizador das publicações levou os redatores de ambas a escolherem nomes que se engajaram na elevação dos costumes da sociedade. A esse respeito, é significativa a presença de quatro narrativas extraídas da obra *Les mères de famille*, de Jean Nicolas Bouilly, todas lançadas pelo *Novo Correio de Modas* no segundo semestre de 1853.²⁰⁸ “Première inclination”; “Abnégation de soi-même”; “Les deux méthodes” e “Sacrifice éternelle” foram traduzidas para as páginas da revista, respectivamente, com os títulos “Primeira inclinação”; “Quanto pode o amor materno”; “Os dois métodos” e “Sacrifício eterno”. Dirigidas ao sexo feminino, elas procuraram ensinar as mães de família a se voltarem em primeiro lugar às necessidades dos filhos, ainda que para isso elas tivessem que abrir mão de seus próprios desejos.

Émile Marco de Saint-Hilaire foi o autor com maior contribuição no espaço dedicado à ficção em prosa no *Novo Correio de Modas*. O periódico publicou ao menos oito narrativas de sua autoria, a saber: “Une courtisane”, ou “Giraldina”; “Le concert a la cour”, ou “O concerto na corte”; um texto sem título, encontrado em *Histoire populaire de Napoleon et de la grande armée*, que no Brasil recebeu o nome de “O colar da rainha Hortênsia”; “Une charge de dragons”, ou “A carga de dragões”; “Le memoire acquitté”, ou “A memória fiel”; “Napoléon et sa garde a l’Ile d’Elbe”, ou “Na ilha d’Elba”; “Les deux plus beaux jours de la vie”, ou “Os dois mais belos dias da vida” e “Souvenir de l’empire: ce que prouve que le courage ne se mesure pas à la taille”, ou “O pequeno tambor”. Os textos foram extraídos de romances históricos que tratam da história da França, mais especificamente, de acontecimentos ocorridos durante o governo de Napoleão Bonaparte. Na introdução de *Histoire populaire de Napoleon et de la grande armée*, o autor demonstrou o interesse de criar um estudo sobre a vida do Imperador:

“Nous suivrons donc les phases diverses de la fortune de Napoleón, et, autor de faits généraux, nous grouperons ces faits secondaires, ces anedoctes caractéristiques qui servent souvent à expliquer les événements, qui colorent vivement une époque, qui mettent sous leurs moeurs en lumière, et

²⁰⁸ *Novo Correio de Modas*, edições de 2º sem. de 1853, n. 6, 7, 11 e 13, respectivamente. Fonte estrangeira: BOUILLY, Jean Nicolas. *Les Mères de famille*. t. I. Bruxelles: Société Belge de Libraire, 1837.

qui ajoutent, à l'intérêt grave et sérieux du fait principal, tout le charme, tout l'attrait du roman.”²⁰⁹

Saint-Hilaire utilizou o período de 1804 a 1815, ao longo do qual Bonaparte esteve no poder, para traçar um panorama da sociedade francesa, concentrando-se especialmente na figura do imperador, de seus soldados, amigos e familiares. Segundo uma resenha anônima publicada na *Revue Britannique*, em 1842, após se dedicar ao tema por sete ou oito anos, Saint-Hilaire havia produzido mais de 40 romances históricos. O autor do artigo se mostrou muito favorável ao escritor francês, embora o tenha aconselhado a precisar as datas dos eventos apresentados em sua obra:

“NAPOLÉON AU CONSEIL D'ÉTAT, par M. *Émile Marco de Saint-Hilaire*, 2 vol. in-18.

(...) Depuis sept ou huit ans M. *Émile Marco de Saint-Hilaire* a publié sur Napoléon une quarantaine de volumes (...). Honneur donc au grand empereur! Si M. *Émile Marco de Saint-Hilaire* n'a pas encore épuisé toutes les ressources de son imagination, nous l'engagerons à un peu plus d'exactitude dans les dates, nous l'engagerons, par exemple, à ne pas faire figurer au conseil d'État sous le consulat des auditeurs qui n'ont été créés qu'en 1808.”²¹⁰

²⁰⁹ “Seguiremos assim as diversas fases da vida de Napoleão e, ao redor de fatos gerais, nós agruparemos estes fatos secundários, estas anedotas características usadas frequentemente para explicar os acontecimentos, que colorem fortemente uma época, que iluminam seus costumes, e que acrescentam, ao interesse sério e grave da ação principal, todo o encanto, toda a atração do romance” (tradução nossa). **Novo Correio de Modas**, 1º sem. de 1852, n. 8; 1º sem. de 1852, n. 19-20; 1º sem. de 1852, n. 26; 2º sem. de 1853, n. 16; 1º sem. de 1854, n. 11; 2º sem. de 1853, n. 21; 1º sem. de 1854, n. 12 e 1º sem. de 1854, n. 19, respectivamente. Fontes estrangeiras: SAINT-HILAIRE, *Émile Marc de*. “Une courtisane”. **Les aides de camp de l'empereur: souvenirs intimes du temps de l'empire**. Bruxelles: Meline, Cans et compagnie, 1841. p. 111-117; Idem. “Le concert a la cour”. Idem. p. 149-169; Ibidem. **Histoire populaire de Napoleon et de la grande armée**. Paris: G. Kugelman, 1843. p. 608-627; Idem. “Une charge de dragons”. **Souvenirs intimes du temps de l'empire**. t. II. Paris: Jules Fellens, 1856. p. 394-405; Idem. “Le memoire acquitté”. **Napoléon au Bivouac, aux Tulleries et à Sainte-Hélène: anecdotes inédites**. Bruxelles: Meline, Cans et Compagnie, 1854. p. 63-68; Idem. “Napoléon et sa garde a l'Ile d'Elbe”. **Histoire anecdotique, politique et militaire de la garde impériale**. t. V. Paris: G. Kugelman, 1847. p. 548-563; Idem. “Les deux plus beaux jours de la vie”, *op. cit.*, 1854, p. 188-204; e Idem. “Souvenir de l'empire: ce que prouve que le courage ne se mesure pas à la taille”. **L'écho des feuillets**: recueil des nouvelles, contes, anedoctes, episodes, etc., edição de 1861, p. 404-407.

²¹⁰ “Depois de sete ou oito anos, o Sr. *Émile Marc de Saint-Hilaire* publicou sobre Napoleão uma quarentena de volumes (...). Homenagem ao grande imperador! Se o Sr. *Émile Marco de Saint-Hilaire* ainda não esgotou todos os recursos da sua imaginação, nós o obrigaremos a um pouco mais de precisão nas datas, obrigá-lo-emos, por exemplo, a não incluir no Conselho de estado o consulado de ouvintes que somente foram criados em 1808” (tradução nossa). Bulletin bibliographique de la librairie Meline, Cans et Compagnie. **Revue britannique ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne**. Avril de 1843, p. 2.

As narrativas de Saint-Hilaire publicadas no *Novo Correio de Modas* têm o imperador ou uma pessoa próxima a ele como protagonista. “O colar da rainha Hortência”, por exemplo, aborda a história do colar da rainha da Holanda, Hortênsia de Beauharnais, esposa de Luís Bonaparte e nora do imperador. Já “Giraldina” se debruça sobre o desenlace do caso de amor entre a protagonista e o general Eugênio, designado por Napoleão para o posto de vice-rei da Itália. “A memória fiel” conta que Bonaparte deu uma grande quantia de dinheiro a um decorador por seus serviços prestados, e “Os dois mais belos dias da vida”, que ele foi igualmente generoso com a família de um jovem que se sacrificou na defesa do território francês.

Os textos de Saint-Hilaire foram praticamente os únicos que se dedicaram a reconstituir literariamente acontecimentos do passado. Além deles, podemos mencionar poucos títulos, como “A torre de pólvora de San Spirito em Veneza. Episódio da insurreição de 1848”, “O castelo de Faria (1373)”, “A ponte de Arcola: o pequeno cabo da esquadra nomeado sargento”, “O Flibusteiro, ou o pirata das Antilhas. Romance do último terço do século XVII” e “Waterloo”. Na verdade, a maior parte das narrativas publicadas pelo periódico se debruçou sobre o tema da vida doméstica, apresentando normas de comportamento para homens e mulheres, adultos e crianças. O conteúdo histórico, por sua vez, não parece ter atraído tanto a atenção dos redatores e colaboradores do *Novo Correio de Modas*.²¹¹

Outros escritores franceses menos conhecidos dos leitores atuais também abasteceram as páginas das duas publicações. Podemos citar entre eles o Visconde d’Arlincourt, como se tornou conhecido Charles Victor Prévôt d’Arlincourt, autor de pelo menos três textos veiculados pelo *Novo Correio de Modas*: “Le talisman” (traduzido como “O anel de ferro”), “La nuit du sang: anedocte de 1836” (“Anedota de 1836”) e “La porte bleu. Histoire espagnole contemporaine” (“História espanhola contemporânea”), todos

²¹¹ *Novo Correio de Modas*, edições de 1º sem. de 1852, n. 12-14; 1º sem. de 1852, n. 5; 1º sem. de 1852, n. 15; 2º sem. de 1852, n. 10-14 e 2º sem. de 1853, n. 5-6, respectivamente.

extraídos da obra *Les anneaux d'une chaîne*, de 1844.²¹² As narrativas redigidas por d'Arlincourt poderiam receber a alcunha de folhetinescas, pois se estendem por mais de um número e apresentam ganchos de modo a manter a atenção dos leitores, instigando-os a querer seguir o desenrolar da trama. O primeiro número de “História espanhola contemporânea”, por exemplo, termina quando o protagonista está prestes a abrir uma misteriosa porta azul, o segundo, quando ele se depara com um corpo estendido no chão e o terceiro, quando procura se desfazer do cadáver sem ser descoberto. Para saber o que se encontra no interior do cômodo, de quem é o corpo descoberto e se a personagem conseguiu levar a cabo o seu projeto, é preciso ler o número seguinte.

Das 92 narrativas de origem francesa lançadas pelas revistas, talvez ao menos 22 tenham sido retiradas da imprensa periódica de língua francesa. A lista de jornais e revistas que serviram de manancial para as duas publicações brasileiras é extensa. Encontramos títulos como *Journal des enfants*; *L'Écho des feuilletons*; *Journal des demoiselles*, *Paris-Londres: keepsake français*; *Affiches, annonces judiciaires, avis divers du mans et du département de la Sarthe*; *Revue des deux mondes*; *Portraits de femmes*; *Le conseiller des dames*; *Revue pittoresque*; *La revue de la presse*; *L'artiste*; *La mosaïque du midi*; *Lanterne magique* e *La province littéraire*.

O principal fornecedor do *Correio das Modas* e do *Novo Correio de Modas* certamente foi o *Journal des demoiselles*, de onde os tradutores podem ter extraído ao menos nove narrativas: “Um acaso às vezes serve de muito. Anedota”, de Mme. la comtesse de Bradi (pseudônimo usado por Agathe-Pauline Caylac de Ceylan), “Um dia da vida de uma rainha”, de Mlle. Isaure Bigot, “A heroína de uma noite”, de Ponson du Terrail, “A princesa de Lambale ou uma vítima ilustre”, de Alboize (assinatura utilizada por Jules-Édouard Alboize de Pujol), “As rainhas da Inglaterra. Mathilde esposa de Guilherme o conquistador”, de Mme. Laure Prus, “Otilia. Crônica flamenga”, de Mme. Eveline Ribbecourt, “Não há grande que não precise de um pequeno”, de Mme. Clemence

²¹² Ibidem, edições de 2º sem. de 1853, n. 22-26; 1º sem. de 1854, n. 25-26 e 2º sem. de 1854, n. 22-25, respectivamente. Fonte estrangeira: VISCONDE D'ARLINCOURT (Charles Victor Prévôt d' Arlincourt). *Les anneaux d'une chaîne*. v. I. Bruxelles e Leipzig: Meline, Cans et Cia, 1844.

Lalire, “Casamento por inclinação”, de Mme. Edmêe de Syva e, por fim, “A tempestade”, de Etienne Enault.²¹³

Esse jornal francês gozou de longa duração, totalizando 24 anos de existência, o que comprova seu êxito entre os leitores desse país. Esteve sob a direção de uma figura feminina, Madame Fouqueau de Pussy, que se tornou conhecida pela escrita de obras destinadas às crianças e às mulheres. Assim como as revistas de moda impressas pelos Laemmert, a publicação francesa se concentrou nas tendências de vestuários e na divulgação de narrativas ficcionais de conteúdo moralizador. Contou ainda com seções como anedotas, charadas e artigos sobre viagem, espaços igualmente encontrados no *Correio das Modas* e no *Novo Correio de Modas*.

Os dados obtidos em nossa pesquisa revelaram uma efetiva circulação da literatura francesa em diferentes partes do mundo. A narrativa “Tribunaux criminels de Bosnia”, escrita por um autor desconhecido, por exemplo, apareceu no *Affiches, annonces judiciaires, avis divers du mans et du département de la Sarthe*, em 1838. No ano seguinte saiu no *Arquivo Popular* e também no *Museum für Kunst, Literatur, Musik, Theater und Mode*. Em uma edição de 30 de julho de 1840 do *Correio das Modas*, marcou presença com o nome “Costumes e usos judiciais em Bosnia”. Alguns anos mais tarde, foi lançada pelo jornal espanhol *La ilustración*. Vale dizer que tanto a edição em francês quanto a em alemão indicaram que o texto havia sido extraído do *Gazette des Tribunaux*, provavelmente a fonte inicial de “Tribunaux criminels de Bosnia”.²¹⁴

A narrativa “La prestige de la scène”, de Pitre-Chevalier – pseudônimo utilizado pelo autor Pierre-Michel-François Chevalier –, também foi publicada por múltiplos periódicos e em diversas línguas. Em 1840, ela figurou no *Correio das Modas* sob o título de “O prestígio da cena” e 13 anos mais tarde, em uma edição de 17 de abril de

²¹³ **Correio das Modas**, edições de 06/08/1840; 15/11/1840 e 19/11/1840; **Novo Correio de Modas**, edições de 2º. sem. de 1852, n. 22 e n. 24; 1º. sem. de 1853, n. 3, n. 6, n. 7, n. 11 e n. 19. Fontes estrangeiras: Algumas narrativas de origem francesa foram encontradas no *Álbum littéraire et musicale de la Minerva*, periódico impresso em Montreal que recolhia os melhores textos do *Journal des Demoiselles*. Fontes estrangeiras: **Journal des demoiselles**, edições de 15/01/1853 e 15/05/1833; *Álbum littéraire et musicale de la Minerva*, edições de novembro de 1849 e edições de janeiro, fevereiro, março e maio de 1850.

²¹⁴ “Costumes e usos judiciais em Bósnia”. **Correio das Modas**. 2º. sem. de 1840, n. 9, 30/07/1840, p. 69-72. Fontes estrangeiras: **Affiches, annonces judiciaires, avis divers du mans et du département de la Sarthe**, edição de 1838; **Arquivo Popular**, edição de 12/01/1839, **Museum für Kunst, Literatur, Musik, Theater und Mode**, edição de 05/01/1839, **La ilustración**, edição de 26/07/1851.

1853, ganhou o nome de “Um caso. Um dia de entrudo em Milão” no *Jornal das famílias*. Em continente europeu, ela saiu, em 1846, no *Journal des connaissances utiles: courrier des familles*, como “La prestige de la scène”, e, em 1854, no *The living age*, como “A carnival adventure in Milan”.²¹⁵

A França ocupou lugar de destaque não apenas enquanto produtora de narrativas originais, mas também enquanto difusora de histórias produzidas em diversas partes do mundo. Vários textos de origem estrangeira publicadas pelo *Correio das Modas* e pelo *Novo Correio de Modas* chegaram ao Brasil por intermédio francês. No segundo semestre de 1840, por exemplo, a primeira revista veiculou uma história intitulada “Uma aventura entre túmulos”, provavelmente extraída da obra *Comptes inédits des milles et une nuits*, como se chamou a tradução feita por M. J. de Hammer, em 1828.²¹⁶

Mais tarde, as páginas do *Novo Correio de Modas* acolheram as narrativas “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental” e “Henda e Heggiaze ou o obolo”. A primeira circulou com o nome de “Histoire de la belle Arouya”, na obra *Les mille et une jours: comptes persans, turcs et chinois*, uma tradução francesa realizada por Cardonne e Petit de la Croix, em 1844.²¹⁷ Já a segunda foi difundida pelo jornal *Mercurie étranger ou annales de la littérature étrangère*, em 1813, sob título “Hinda et Hégiaze, ou l’Obolo changé d’une pièce d’or”.²¹⁸ De acordo com Souza, alguns contos populares originários do Oriente Médio foram inicialmente apresentados ao mundo ocidental pelo francês Antonie Galland. No início do século XVIII, o orientalista compilou, criou e traduziu 50 narrativas provenientes dessa região. Entre 1704 e 1705, ele publicou *Les Mille et une nuit*, ou como se tornou conhecida no Brasil, *As mil e uma noites*. Logo a

²¹⁵ “O prestígio da cena”. *Correio das Modas*. 2º sem. de 1840, n. 12, 09/08/1840, p. 90-94. Fontes estrangeiras: *Journal des connaissances utiles*, edição de outubro de 1846, *The living age*, edição de outubro-dezembro de 1854, *Jornal das Senhoras*, edição de 17/04/1853.

²¹⁶ “Uma aventura entre túmulos”. *Correio das Modas*. 2º sem. de 1840, n. 46, 06/12/1840, p. 367-368 e n. 47, 10/12/1840, p. 369-373. Fonte estrangeira: *COMPTES inédits des milles et une nuits*. Traduits en français par M. G. –S. Trébutien. t. III. Paris: Librairie Orientale de Dondey Dupré père et fils, 1828.

²¹⁷ “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental”. *Novo Correio de Modas*. 1º sem. de 1852, n. 09, p. 66-68, n. 10, p.73-76 e n. 11, p. 81-84. Fonte estrangeira: *LES MILLE et une jours: comptes persans, turcs et chinois*. Trad. par Cardonne, Petit de la Croix et al. Paris: Purrat Frères, 1844.

²¹⁸ “Henda e Heggiaze ou o obolo”. Ibidem. 1º sem. de 1854, n. 1, p. 4-5. Fonte estrangeira: *Mercurie étranger ou annales de la littérature étrangère*, edição de 1813.

obra se tornou um sucesso entre os leitores, sendo traduzida para diversas línguas e publicada em diferentes edições.²¹⁹

Os países do leste Europeu também forneceram textos para a imprensa periódica nacional, mas novamente sob medição francesa. O *Novo Correio de Modas* veiculou um título de origem russa, chamado “A cantora imperatriz”. Aparentemente ele foi retirado da obra *La Russie pittoresque*, uma tradução impressa em Paris, em 1837, na qual se localiza a narrativa “Le tsar Alexis et Natalie Narychkin”.²²⁰ Nesse mesmo semestre, a revista publicou uma história de origem polonesa, intitulada “Hugo. Tradução teutônica do tempo dos cavaleiros da Cruz na Polônia e na Lituânia”, uma tradução de “Hugo, traduction teotonique du temps des chevaliers de la croix en pologne et en Lituanie”, localizado em *La Pologne historique, littéraire, monumentale et pittoresque*, de 1835-1836.²²¹

De acordo com o organizador de *La Russie pittoresque*, Jean Czyński, a obra tinha o objetivo de apresentar a história da nação, assim como de oferecer uma “descrição de seus hábitos, usos e costumes; pesquisas estatísticas e detalhes sobre a literatura, o comércio e as armas, enfim tudo que pode[ria] fazer conhecer a situação desse vasto país”. A versão francesa não indica o nome do tradutor, apenas o local e o ano de sua publicação: Paris, Bureau Central, rua Saint-Honoré, n. 345, 1837. Ignace-Stanislas Grabowski, editor de *La Pologne historique*, afirmou que o livro compreendia uma seleção de textos poloneses, reunidos sob direção do historiador Leonard Chodźco a fim de fornecer aos leitores o que havia de melhor na literatura nacional. Em território francês, a obra foi publicada, em 1835, pela mesma tipografia que mais tarde lançaria *La Russie pittoresque*.

²¹⁹ SOUZA, Rosane de. A influência das concepções teóricas sobre as traduções das *Mil e uma noites*. **Cenários**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, 1º. sem. de 2011.

²²⁰ “A cantora imperatriz”. **Novo Correio de Modas**. 2º. sem. de 1853, n. 11, p. 81-83. Fonte estrangeira: SOUTI, Elisa. **La Pologne historique, littéraire, monumentale et pittoresque**. t. I. Paris: Bureau Central, 1835-1836. O *Novo Correio de Modas* publicou mais uma narrativa de origem russa. “A felicidade do trabalho” apareceu nas páginas do periódico no 1º semestre de 1853. Conta a história de dois homens que passeavam em São Petersburgo, onde encontraram um desconhecido que havia perdido os dois pés. Apesar da deficiência, ele não se mostrava infeliz, ao contrário, valorizava o fato de estar vivo, ter uma família e amigos. O texto de Faddei Boulgarine foi publicado em 1828, na obra *Archippe Thaddeevitch, ou: L'ermite russe. Tableau des mœurs russes au XIXe. Siècle*, sob título: “L’honnête pauvre ou le bonheur du travail”. Fonte estrangeira: BOULGARINE, Faddei. **Archippe Thaddeevitch, ou l’ermite russe. Tableau des mœurs russes au XIXe. Siècle**. t. I. Paris: Bossange père, 1828.

²²¹ “Hugo. Tradução teutônica do tempo dos cavaleiros da Cruz na Polônia e na Lituânia”. **Novo Correio de Modas**. 2º. sem. de 1853, n. 15, p. 113-117. Fonte estrangeira: CZYNSKI, Jean. Trad. Charles Villager. **La Russie pittoresque, sous la direction de Jean Czyński**. Paris: Bureau Central, 1837.

Nessa época, no entanto, ela ainda se situava na rua Corneille, n. 3. É curioso que as duas narrativas tenham saído de obras impressas em uma mesma gráfica. Talvez os livros lançados pelo estabelecimento estivessem à venda na Livraria Universal, o que teria facilitado o contato dos redatores com as duas publicações em questão.

Textos de origem inglesa também ocuparam um espaço significativo nas páginas das revistas. Com um total de 35 narrativas – o que foi equivalente a 12,59% do total publicado pelos dois periódicos –, a Grã-Bretanha ocupou o segundo lugar na seção dedicada à ficção em prosa do *Correio das Modas* e do *Novo Correio de Modas*, praticamente empatando com o Brasil. Como já foi mencionado, ao menos dois títulos vieram das penas de Charles Mackay. O explorador James Cook alimentou as páginas da última revista com duas narrativas ficcionais. Publicadas sob título “Viagens de James Cook” e “Fragmentos de viagem: James Cook”, ambas foram retiradas do livro *The voyages of Captain James Cook*, lançado em 1842.²²²

No rol dos autores de língua inglesa que forneceram textos para os dois periódicos encontraram-se ainda Frances Milton Trollope, mais conhecida como Mistress Trollope – que escreveu “Aix-la-chapelle”, como foi intitulada a tradução brasileira veiculada no *Novo Correio de Modas* –, além de Henry Glassford Bell – autor de “The marvellous history of Mynheer Von Wodenblock”, ou “O homem da perna de pau” – e de James Hervey – que redigiu “A morte de um pai de família”. Os textos “O avarento de Southwark, ou tal vida, tal morte”, “O serralheiro da Filadélfia” e “Quanto pode o desejo de possuir ouro” apareceram assinados, respectivamente, por Frederick Somner Merryweather, Peregrine e Severin. As demais narrativas de origem inglesa foram veiculadas pelas revistas brasileiras anonimamente, como costumava ocorrer com bastante frequência nesse período.²²³

²²² **Novo Correio de Modas**, edições de 2º sem. de 1853, n. 16-17 e 1º sem. de 1854, n. 5. Fonte estrangeira: COOK, James. **The voyages of Captain James Cook**. v. I. Londres: William Smith, 1842.

²²³ **Novo Correio de Modas**, edições de 2º sem. de 1853, n. 26; 1º sem. de 1853, n. 1; 1º sem. de 1852, n. 2; 2º sem. de 1852, n. 16; 1º sem. de 1852, n. 1-? e 1º sem. de 1853, n. 5, respectivamente. Fontes estrangeiras: TROLLOPE, Frances Milton. “Aix-la-chapelle”. **La Belgique et l’ouest de l’Allemagne en 1833**. t. I. Paris: Fournier, 1834. p. 202-204; “The marvellous history of Mynheer Von Wodenblock”. **The Edinburgh literary journal**, edição de 03/10/1829, p. 248-249; HERVEY, James. **Meditations and contemplations**. v. I. Londres: John and James Rivington, 1748. p. 98-121; MERRYWEATHER, Frederick Somner. **Lives and**

Entre os textos de língua inglesa que apareceram nas páginas do *Correio das Modas* e do *Novo Correio de Modas* estiveram produções de diferentes épocas. “A morte de um pai de família”, por exemplo, foi publicada na forma de poesia em *Meditations and contemplations*, de James Hervey, na primeira metade do Setecentos.²²⁴ “História da senhorita Bouck ou cativo entre os barbarescos”, de um autor desconhecido, surgiu mais ou menos nesse mesmo período.²²⁵ Os infortúnios sofridos por uma jovem condessa que viveu alguns meses como prisioneira de uma comunidade africana na Argélia inspirou diversos autores. Em *Naufregia, or Historical memoirs of shipwrecks and of the providential deliverance of vessels* localizamos a seguinte informação a respeito do evento:

“Shipwreck of Madame la comtesse de Bourk, on the Coast of Gigery in the Kingdom of Algiers, with the Adventures of Mademoiselle de Bourk, in 1719. Le comte de Bourk was an Irish Officer in the Spanish Service, who had been appointed Ambassador Extraordinary from the Court of Madrid to Sweden. The Contess was the daughter of Marquis de Varenne. This interesting narrative is inserted in a Voyage made to *Algiers* and *Tunis*, par M. Dusault, Paris, 1720; and also in the *Histoire des Etats Barbaresques*, Paris, 1725. It was also new modeled under the title of *La Belle Captive, ou Histoire du Naufrage et de la Captivité de Mademoiselle Adeline, Comtesse de Saint Forget, âgée de 10 ans, dans une partie du royaume d’Algier, en 1782, petit in 12*. A short note of the Territory of Gigery is subjoined.”²²⁶

anecdotes of misers. London: Simpkin, Marshall, and co., 1850. p. 52-58 e **Bentley’s Miscellany**, 1839, p. 272-280.

²²⁴ **Novo Correio de Modas**, edição de 1º sem. de 1852, n. 2, p. 9-11. Fonte estrangeira: HARVEY, James. **Meditações (sic) do Doutor James Hervey sobre as sepulturas, e sobre vários objectos.** Traduzido para o português como compostas na língua inglesa (sic), e traduzidas em vulgar. Por Jozé Freire da Ponte, a que se ajunta a vida do mesmo Hervey, e outras peças curiosas como Cartas, Elegias, Exequias de Araberto, etc. Lisboa, 1787.

²²⁵ **Novo Correio de Modas**, edição de 1º sem. de 1853, n. 14, p. 105-107.

²²⁶ “Naufrágio de Madame a condessa de Bourk, na Costa de Gigery, no Reino de Argel, com as Aventuras de Mademoiselle de Bourk, em 1719. O conde de Bourk era um oficial irlandês a serviço dos espanhóis, que havia sido nomeado Embaixador Extraordinário do Tribunal de Madrid para a Suécia. A condessa era filha do Marquês de Varenne. Esta interessante narrativa é inserida em *Voyage made to Algiers and Tunis*, par M. Dusault, Paris, 1720; e também na *Histoire des Etats Barbaresques*, Paris, 1725. Também apareceu sob o título de *La Belle Captive, ou Histoire du Naufrage et de la Captivité de Mademoiselle Adeline, Comtesse de Saint Forget, âgée de 10 ans, dans une partie du royaume d’Algier, en 1782, petit in 12*. Uma pequena nota a respeito território de Gigery foi inserida” (tradução nossa). CLARKE, James Stanier. **Naufregia, or Historical memoirs of shipwrecks and of the providential deliverance of vessels.** v. II. Londres: I. Gold, Shoe Lane, Fleet Street, 1806. p. 17-24. A narrativa publicada pelo *Novo Correio de Modas* provavelmente foi retirada da obra *The mariner’s chronicle*. Ver: DUNCAN, Archibald. **The mariner’s chronicle, containing narratives of the most remarkable disaster at the sea such as shipwrecks, storms, fires and famines and also naval engagements.** New Haven: George W. Gorton, 1835.

Alguns textos de origem inglesa veiculados pelas publicações da Tipografia Universal vieram da imprensa periódica britânica. O *Correio das Modas* extraiu narrativas de um jornal irlandês cujo nome não foi revelado pelos redatores – “O casamento fatal” –, de “periódicos ingleses” igualmente não informados – “O pontapé de uma bailarina” –, do *The Asiatic journal and monthly register for British and its dependencies* – “A filha do general” –, do *Fraser’s magazine for town and country* – “O maelstrom”²²⁷ –, do *The new monthly magazine* – “As desgraças de um homem abastado” –, e do *Museum of foreign literature and science* – “O pescador de Ostend”. Quanto a essa última narrativa, é provável que tenha sido usada a versão portuguesa lançada n’*O Beija-flor: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo*, em 1838, e não o original publicado pela referida impressão inglesa.²²⁸

Assim como sua precursora, o *Novo Correio de Modas* utilizou narrativas retiradas de múltiplos periódicos ingleses, como *Bentley’s miscellany* – “O serralheiro da Filadélfia” e “Conto chinês” –, *Household words* – “A criada Maria” e “O naufrágio” –, *Chambers’s Edinburgh journal* – “O anel de casamento” e “Exemplo de gênio comercial no século XII” –, *The new monthly magazine* – “O álbi. Esboço dos costumes irlandeses” e “Uma aventura: as montanhas de Vermont” –, *The mirror of literature, amusement, and instruction* – “Cristina no convento de Nonnenwerder” – e *The home companion* – “O preço da vida”.²²⁹

²²⁷ Uma nota localizada ao final da narrativa indica como fonte o periódico *Naval and Literary Magazin*. Entretanto, segundo Ramicelli, trata-se de um erro, já que o texto não foi veiculado por nenhuma publicação inglesa ou norte-americana com nome semelhante. De acordo com a pesquisadora, a narrativa apareceu, em setembro de 1834, nas páginas do periódico *Fraser’s Magazine for Town and Country*. RAMICELLI, Maria Eulália, *op. cit.*, p. 253.

²²⁸ **Correio das Modas**, edições de 02/02/1839, 17/09/1840, 15/06/1839, 22/06/1839, 19/07/1840, 23/07/1840, 20/08/1840, 23/08/1840, 29/11/1840 e 03/12/1840, respectivamente. Fontes estrangeiras: **Fraser’s Magazine for Town and Country**, edição de setembro de 1834, **The New Monthly Magazine**, edição de fevereiro de 1840, **Museum of foreign literature and science**, edição de janeiro-julho de 1836, **O Beija-flor**, edição de 24/10/1838, **Revue britannique**, edição de maio de 1838 e **La Revue de Paris**, edição de n. XXII de 1831.

²²⁹ **Novo Correio de Modas**, edições de 1º sem. de 1852, n. 1-?; 2º sem. de 1853, n. 12; 2º sem. de 1852, n. 10; 2º sem. de 1852, n. 23; 2º sem. de 1852, 1º sem. de 1853, n. 19-20; 2º sem. de 1853, n. 18 e 1º sem. de 1853, n. 21, respectivamente. Fontes estrangeiras: **Bentley’s Miscellany**, edições de 1839 e 1841, **Chambers’s Edinburgh journal**, edições de 16/12/1848 e 15/09/1849, **The New monthly magazine**, edição de 1836, **The home companion**, edição de 1836.

A revista *Bentley's miscellany* foi publicada mensalmente em Londres, entre 1836 e 1868. Durante os três primeiros anos, sua direção coube a Charles Dickens que aproveitou as páginas do periódico para lançar a narrativa *Oliver Twist*. No período de 1850 e 1859, o escritor inglês editou o hebdomadário *Household words*, igualmente dedicado a desmascarar as mazelas da sociedade britânica por meio da retratação do cotidiano das classes menos favorecidas. Já o *Chambers's Edinburgh journal*, um “inexpensive periodical, who aimed to produced wholesome, educative entertainment”²³⁰, foi lançado pelos irmãos escoceses Robert e William Chambers, entre 1832 e 1956, enquanto o *The new monthly magazine* apareceu, entre 1814 e 1888, por intermédio do editor Henry Colburn. Por fim, o *The mirror of literature, amusement, and instruction* e o *The home companion* foram ambos publicados em Londres, nos períodos de 1822 a 1847 e 1853 a 1854, respectivamente.

A literatura proveniente do Reino Unido tinha ampla circulação nesse período, especialmente nas colônias que faziam ou haviam sido parte do Império Britânico. A narrativa “O homem da perna de pau”, de Henry Glassford Bell, por exemplo, foi publicada pela primeira vez no *Blackwood's magazine*, em 1826. Três anos mais tarde, no dia 08 de outubro de 1829, ela saiu no periódico escocês *The Edinburgh literary journal* sob título “Mynheer Von Wodenblock. A marvellous history”. No ano seguinte, apareceu no livro *The polar star of entertainment and popular science and universal repertorium of general literature*. Desde então, o texto figurou em periódicos de diferentes regiões e alcançou um público leitor muito diversificado: em julho de 1830, foi veiculado em Calcutá, Índia, no *Calcutta magazine and monthly register*; em março de 1833, em Nova Iorque, Estados Unidos, no *The new mirror*; em maio do mesmo ano, em Edinburgo, Escócia, no *Chambers's Edinburgh journal*; em agosto de 1835, na Filadélfia, Estados Unidos, no *The Philadelphia visitor* e, em julho de 1844, em Derby, Inglaterra, no *The catholic weekly instructor*. Aparentemente o tradutor do *Novo Correio de Modas* usou a versão disponível

²³⁰ “um periódico de baixo custo, que tinha como objetivo produzir entretenimento saudável e educativo” (tradução nossa). Conferir: SHATTOCK, Joanne. **The Cambridge Bibliography of English Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. BRAKE, Laurel, DEMOOR, Marysa (org.). **Dictionary of Nineteenth-Century Journalism in Great Britain and Ireland**. Gent: Academia Press, 2009. HULL, Simon (org.). **The British periodical text (1797-1835)**. Penrith: Humanities e-books, 2008.

no *The Edinburgh literary journal*, ou no *The polar star of entertainment and popular science...* as únicas que apresentam a epígrafe “There was not a Dutchman who did not tremble at the sight” também localizada na revista carioca.²³¹

Algumas narrativas de língua inglesa aportaram no Brasil por intermédio francês. Esse foi o caso do texto “O naufrágio”, publicado no periódico *Household worlds*, em 1850, e no *Novo Correio de Modas*, dois anos mais tarde. A versão da revista carioca deixa de fora grande parte do conteúdo original: de início elimina toda a caracterização da cidade costeira de Filey, onde se desenrola a história. Suprime também um longo trecho no qual o narrador trata de mortes misteriosas ocorridas no local. Embora longa, a descrição desses eventos serve para compor um clima de mistério e atrair a atenção do leitor. A versão encontrada na *Revue britannique*, em 1851, descarta essas mesmas linhas, assim como os poemas, também ausentes na tradução brasileira, mas que no texto original aparecem entremeados à narrativa. Tais semelhanças indicam que o texto publicado pelo *Novo Correio de Modas* provavelmente foi traduzido a partir da versão francesa e não do original em inglês.²³²

Em 1853, a revista lançou “Conto chinês”, outra narrativa inglesa que talvez tenha circulado no Brasil depois de sofrer mediação francesa. Em 1841, ela figurou nas páginas da *Bentley’s miscellany* sob título “Ho-fi of the yellow girdle”. Dois anos depois, ao menos duas versões em língua francesa já haviam sido lançadas: “La septième femme ou: Ho-fi a la ceinture jeune. Conte chinois”, na *Revue Britannique*, em 1841, e “Ho-fi a la ceinture jeune. Conte chinois”, no *Musée des familles: lectures du soir*, em 1844. Tanto no original inglês quanto na versão de 1841 a protagonista recebe o nome de So-Sli, enquanto seu pai é chamado de Poo-Poo. Na tradução francesa de 1844, assim como na brasileira de 1853, eles são designados como Sin-Finn e Bah-Bah, respectivamente. Sendo assim,

²³¹ “O homem da perna de pau”. *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1853, n. 1, p. 2-5. Fontes estrangeiras: *The polar star of entertainment and popular science and universal repertorium of general literature*. London: H. Flower, Skinner-Street and Snow-Hill, 1830. *Blackwood’s magazine*, edição n. 25/05/1833, *The Edinburgh literary journal*, edição de 8/10/1829, *Calcutta magazine and monthly register*, edição de julho de 1830, *The new mirror*, edição de março de 1833, *Chambers’s Edinburgh journal*, edição de maio de 1833, *The Philadelphia visitor*, edição de agosto de 1835, e *The catholic weekly instructor*, edição de julho de 1844.

²³² “O naufrágio”. *Novo Correio de Modas*. 2º. sem. de 1852, n. 23, p. 183-185. Fontes estrangeiras: *Household words*, v. V, 1850, e *Revue britannique*, tomo III, 1852.

podemos inferir que o tradutor do *Novo Correio de Modas* usou o texto encontrado no *Musée des familles* para realizar a versão disponibilizada aos leitores da revista.²³³

3.4 As fontes estrangeiras das revistas: Portugal e Alemanha

Depois da França, das nações do Reino Unido e do Brasil, Portugal foi o país com maior contribuição nos espaços dedicados à ficção em prosa nos dois periódicos. As 20 narrativas extraídas de jornais e livros lusitanos que figuraram no *Correio das Modas* e no *Novo Correio de Modas* compuseram 7,19% do total encontrado no interior das revistas. O compartilhamento de um mesmo idioma certamente esteve por detrás desses índices, uma vez que a reprodução de textos escritos em língua portuguesa eliminava os gastos decorrentes com a tradução. Na época, Portugal atuava como intermediador entre o Brasil e outros países europeus, sendo comum a cópia de versões traduzidas (fossem elas ilegais ou não) realizadas pelos lusitanos em impressos nacionais. Isso porque, conforme afirmou Hallewell, “usar uma tradução feita em Portugal era mais barato, mais rápido e mais conveniente do que fazer uma tradução”.²³⁴

Essas despesas, aliás, consumiam uma fatia considerável do orçamento de um periódico. Segundo os dados apresentados pelo *Jornal do Comércio*, entre 1830 e 1840, o profissional que atuava como redator e tradutor de novelas ocupava a quarta posição entre todos os gastos da publicação, atrás apenas das despesas com composição, com o salário de dois empregados responsáveis por tarefas diversas e com o aluguel:

“Despesas de uma folha com 1.200 assinaturas

- Composição a 14\$000 em 70 dias úteis 980\$
- Redator e tradutor de novelas 300\$

²³³ “Conto chinês”. *Novo Correio de Modas*. 2º sem. de 1853, n. 12, p. 89-91. Fontes estrangeiras: **Bentley’s miscellany**, v. IX, 1841, **Revue Britannique**, edição de 1841 e **Musée des familles**, t. XI, 1843-1844. A respeito do papel da França como intermediadora entre a literatura francesa e o Brasil, conferir: VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Uma revista entre três mundos. In.: **Transferências culturais. O exemplo da imprensa na França e no Brasil**. GUIMARÃES, Valéria (org.), São Paulo, EDUSP, Campinas, Mercado de Letras, 2012. p. 101-114. RAMICELLI, Maria Eulália., *op. cit.*

²³⁴ HALEWELL, Laurence, *op. cit.*, p. 246.

- 2 empregados na redação, administração e tradução, escrituração, etc. 600\$
- Redator comercial 150\$
- 1 caixeiro 150\$
- 2 caixeiro (servente) 60\$
- Maquinista impressor 150\$
- Compaginador 150\$
- Aluguel de casa 400\$
- Ajudante de maquinista e entregador 90\$
- 4 entregadores mais 140\$
- Papel 588\$
- Empregado no correio e porte de cartas 30\$
- Correspondente de Paris 102\$
- Partes da barra 150\$
- Gastos miúdos 84\$
- Assinatura de periódicos 32\$
- 4:186\$
- Receita**
- 1.200 assinaturas por dia a 80\$ 3.600\$
- Anúncios por dia a 10\$ 700\$
- Obras de fora 500\$
- 4:800\$”²³⁵

Diante dessas vantagens econômicas, não é de se estranhar que as narrativas vindas de Portugal tenham particularmente atraído a atenção dos redatores das revistas. O principal fornecedor português do *Correio das Modas* foi o jornal lisbonense *O Beija-flor: semanário d’instrução e recreio dedicado ao belo sexo*. O nome do periódico não parece aleatório: no primeiro número, de 15 de agosto de 1838, os redatores revelaram a intenção de atuar como o pássaro cujo nome lhe servia de título, visitando diversas publicações em busca do melhor “néctar” literário:

“Haverá o maior cuidado e escrúpulo em não repetir aquilo que o que os outros Jornais publicarem, nem reproduzir suas ideias. Esta advertência porém se entende tão somente a respeito dos Jornais Portugueses contemporâneos, porque o BEIJA-FLOR não será todo original. – O seu título metaforicamente derivado d’uma ave do Brasil, que voejando de flor em flor delas extrai o mel para seu sustento, está indicando que ele irá buscar quanto houver de melhor dentro da órbita que se propôs girar, em qualquer parte que ele exista; e por isto muito estimaria ter

²³⁵ **Jornal do comércio:** edição comemorativa ao primeiro centenário (1827-1927). Apud. HEINEBERG, Ilana., *op. cit.* p. 40. O gasto com tradução aparece duas vezes no anúncio: o primeiro se refere à tradução de novelas e o segundo, àquela ligada à parte administrativa.

correspondentes que lhe enviassem suas produções quando sejam escritas no sentido do Jornal.”²³⁶

Ao que parece, apenas matérias de origem portuguesa escaparam de serem reproduzidas pelo jornal – provavelmente devido ao objetivo de não causar atritos com as publicações contrerrâneas, já indignadas com as contrafações brasileiras. Entre as narrativas de proveniência estrangeira veiculadas nas páginas d’*O Beija-Flor*, encontramos, por exemplo, “The fisherman of Scharpout. Two chapters from an old story”, uma produção de G. P. R. James que foi lançada no *The keepsake*, em 1836. Dois anos mais tarde, em 24 de outubro de 1838, o periódico português publicou uma tradução intitulada “O pescador de Ostend” sem indicar qualquer informação a respeito de sua origem. Um ano depois, entre 29 de novembro e 03 de dezembro de 1840, foi a vez do *Correio das Modas* proceder da mesma forma, copiando o texto apresentado pela publicação lusitana. Vale dizer ainda que, logo após seu lançamento na Inglaterra, a narrativa havia sido reproduzida pelo periódico norte-americano *Museum of foreign literature and science*.²³⁷

Os periódicos português e brasileiro tiveram diversos pontos em comum: ambos dirigiram-se principalmente ao público feminino e veicularam anedotas e charadas para o divertimento dos leitores. Mais significativa, porém, foi a intenção de educar moralmente os leitores, recorrente tanto n’*O Beija-flor* quanto no *Correio das Modas*. De acordo com o jornal luso, os artigos apresentados em suas páginas objetivavam corrigir a má educação da época, salvando “almas porventura bem formadas, corações sensíveis nascidos para a virtude, jovens infelizes roubados à sociedade, da qual poderiam ser brilhante adorno”.²³⁸ Sendo assim, a publicação empenhar-se-ia em oferecer “um sopro da vida pura”, capaz de “abrir nos corações um manancial de virtudes sociais” por meio da seleção de textos contendo “quadros da moral e da virtude”.²³⁹ A escolha d’ *O Beija-flor* como fonte para as narrativas não foi fortuita: se os redatores pretendiam colaborar com a

²³⁶ **O Beija-flor**: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo. n. 11, 15/08/1838, p. 1.

²³⁷ “O pescador de Ostend”. **Correio das Modas**. 2º sem. de 1840, n. 44, 29/11/1840, p. 346-352 e n. 45, 03/12/1840, p. 353-355. Fontes estrangeiras: **The keepsake**, edição de 1836, **Museum of foreign literature and science**, edição de jan-jun de 1836, **O Beija-flor**: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo, edição de 24/08/1838.

²³⁸ “Prólogo”. **O Beija-flor**, edição de 15/08/1838, p. 1.

²³⁹ *Ibidem*, p. 1.

elevação moral de seus assinantes, nada melhor do que selecionar títulos veiculados em um jornal com a mesma preocupação.

Ao longo de seu período de existência, o *Correio das Modas* reproduziu ao menos oito narrativas retiradas do jornal *O Beija-Flor*: “A esposa na adversidade”, “A fugida do castelo de Lochlevin”, “Seymour e Harley. História inglesa”, “Os dois irmãos”, “Uma viagem a Saumur”, “A donzela do Tarso”, “A casa de Boscovel” e “O pescador de Ostend”. O *Novo Correio de Modas* seguiu o mesmo caminho trilhado por sua antecessora, utilizando textos extraídos dos seguintes periódicos lusitanos: *Revista Popular: seminário de literatura, ciência e indústria* – “O pagamento de uma dívida”; “O chim na exposição de Londres” e “Os velhos retratos. Novela” –; *Panorama: jornal literário e instrutivo* – “O passeio do fantasma. Lenda do século XV” e “O conde de Penhacerrada” – *Arquivo popular: leituras de instrução e de recreio* – “O vampiro” – e *O Recreio: jornal da família* – “Suzana Herbez, intitulada filha natural de Carlos X”.²⁴⁰

A referência lusitana se nota também pela presença de cinco escritores portugueses cujas produções foram difundidas pelo *Novo Correio de Modas*. O primeiro deles foi Alexandre Herculano, autor de “O castelo de Faria (1373)”, uma narrativa histórica que descreve o feito heróico realizado pelo alcaide Faria na luta contra o domínio do reino de Castela.²⁴¹ De acordo com Viana, um texto encontrado na *Crônica de Dom Fernando*, de Fernão Lopes, serviu de inspiração para o autor português que utilizou algumas passagens encontradas na crônica para compor uma nova versão do evento.²⁴² O título apareceu nas páginas da revista brasileira no primeiro semestre de 1852. Nessa

²⁴⁰ **Correio das Modas**, edições de 29/11/1840, 03, 06, 10, 17, 20, 24, 27 e 31/12/1840; **Novo Correio de Modas**, edições de 2^o sem. de 1852, n. 3; 2^o sem. de 1852, n. 8-9; 1^o sem. de 1853, n. 2 e n. 9; 2^o sem. de 1854, n. 10, 18 e 25. Fontes estrangeiras: **O Beija-flor**, edições de 04, 12, 19 e 26/09/1838, 24/10/1838, 5/12/1838, 15 e 22/08/1840, 19 e 26/12/1840; **Revista Popular**, edições de janeiro e abril de 1852; **Panorama**; edições de 1842 e 1843; **Arquivo Popular**, edição de 06/08/1842, e **Recreio**, edição de abril de 1836.

²⁴¹ HERCULANO, Alexandre. “O castelo de Faria (1373)”. **Novo Correio de Modas**. 1^o sem. de 1852, n. 5, p. 33-36. Fonte estrangeira: Idem. **Lendas e narrativas**. 3^a ed., v. I. Lisboa: viúva Betrand e filhos, 1865. p. 201-212.

²⁴² VIANA, Liane Cunha. O castelo de Faria’: resistência à ‘perda’ do passado e da identidade nacional”. **Revista Itinerários**: narrar e resistir. n. 10. Araraquara: UNESP, 1996. p. 158.

mesma ocasião, foi veiculado o texto “As três deusas. Charada em prosa”, escrito pelo romancista, poeta e folhetinista Antonio Pedro Lopes de Mendonça.²⁴³

Três narrativas de origem portuguesa publicadas pelo *Novo Correio de Modas* saíram da pena de uma mulher. A portuense Maria Peregrina de Sousa foi autora dos seguintes textos veiculados pelo periódico no decorrer de 1854: “O homem dos provérbios”; “Uma vida amargurada” e “O cavalheiro do Cruzado Novo e o cavalheiro do botão de rosa”.²⁴⁴ Todos giram em torno da temática familiar, tratando de temas como amores proibidos, desavenças conjugais e conflitos entre pais e filhos. Pouco conhecida entre os leitores contemporâneos, a escritora colaborou em jornais como *Arquivo Popular*, *Restauração da Carta*, *Revista Universal Lisbonense*, *Íris* e *Aurora*.²⁴⁵ De acordo com as informações apresentadas na biografia da autora feita por Antonio Feliciano de Castilho, as narrativas copiadas pela revista brasileira apareceram inicialmente no *Periódico dos Pobres*, em 1848.²⁴⁶

O território atualmente conhecido como Alemanha ocupou o quinto lugar entre os fornecedores de textos em prosa de ficção para o *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas*. Ao todo, as duas revistas publicaram ao menos 12 narrativas originárias desse país. O interesse em aproximar os leitores brasileiros da literatura germânica ficou evidente em uma nota introdutória ao poema “Im April”, de Emanuel Von Geibel, encontrado no *Novo Correio de Modas* no primeiro semestre de 1853:

“Desejando nós generalizar o conhecimento da poesia alemã, e oferecendo-se-nos a oportunidade de encontrarmos um jovem natural do Maranhão, que foi educado na Alemanha, e dotado de estro poético, aproveitamos a ocasião para apresentarmos a nossos assinantes algumas produções de Geibel, que é considerado um dos mais distintos poetas da

²⁴³ MENDONÇA, Antonio Lopes de. “As três deusas”. *Novo Correio de Modas*. 1º sem. de 1852, n. 19, p. 148-150. Não conseguimos descobrir a fonte da narrativa.

²⁴⁴ *Novo Correio de Modas*, edições de 1º sem. de 1854, n. 3-6; 1º sem. de 1854, n. 16-18 e 2º sem. de 1854, n. 1-5.

²⁴⁵ PEREIRA, Esteves, RODRIGUES, Guilherme. **Portugal**: Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico. Lisboa, João Romano Torres. 1904-1915. Vol.VI. p. 1061.

²⁴⁶ CASTILHO, Antonio Feliciano de. Maria Peregrina de Sousa. **Revista contemporânea de Portugal e Brasil**. Abril de 1861. p. 273-312.

escola moderna; e afim de que as pessoas versadas na língua alemã possam ajuizar da tradução, ajuntamos de um lado o original.”²⁴⁷

Além de Geibel, outros poetas alemães tiveram seus textos difundidos pela publicação brasileira. Nas páginas do *Novo Correio de Modas*, apareceram os títulos “O elefante branco” e “Und wüssten die Blumen, die kleinen”, ambos de Henrique Heine, bem como “Amor extinto” e “O guerreiro moribundo”, do Barão Von Zedlitz. O último ganhou uma pequena crítica, veiculada nessa mesma revista, com o título “Literatura: o barão Von Zedlitz”. Segundo o autor, até o momento poucas obras de língua alemã teriam sido traduzidas ao português, fator que dificultaria o contato dos leitores brasileiros com a literatura dessa nação:

“É quase proverbial entre todas as nações cultas a riqueza dessa língua, que tem servido de instrumento civilizador aos mais profundos homens da ciência, como às mais ardentes imaginações dos poetas. Os nomes de Leibnitz, de Kant, Lessing, Klopstock, Schiller, Goethe, e Humboldt, são demasiadamente conhecidos para que o invoquemos em testemunho desta verdade. Infelizmente porém a dificuldade excessiva deste idioma, e as poucas conexões que existem entre ele e os derivados da língua latina, tornam pouco acessíveis aos outros povos, as ricas preciosidades de seus magníficos tesouros. São raras as pessoas, que, entre nós, conhecem o idioma alemão, e ainda mais raras as traduções que possuímos de suas obras-primas.”²⁴⁸

A inexistência de traduções em português e o desconhecimento do idioma foram os dois motivos apontados pelo autor da crítica para a falta de popularidade da literatura germânica entre os brasileiros. Por isso, ele valorizou a iniciativa do *Novo Correio de Modas* que há algum tempo vinha publicando textos redigidos em língua alemã:

“Já neste jornal todavia tem aparecido algumas versões de fragmentos destacados, que, quando não tenham outro mérito, revelam a existência dessa poesia quase inteiramente nova na forma, e até na essência, para nós, que não conhecemos nada além do ciclo monótono das composições francesas. Na verdade, a musa da Alemanha, nobre e casta, apresenta um caráter de altiva simplicidade, de original beleza, que contrasta singularmente, com especialidade na sua mais bela forma, a lírica, com as

²⁴⁷ *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1853, n. 18.

²⁴⁸ *Ibidem*. 1º. sem. de 1853. n. 6. p. 44-46.

produções deste gênero que nas outras línguas acusam os sectários da moderna escola francesa”²⁴⁹

O contraste entre a literatura francesa e a alemã apareceu em outro momento na mesma revista. Em uma nota veiculada na introdução à narrativa “O Flibusteiro, ou o pirata das Antilhas. Romance do último terço do século XVII”²⁵⁰, uma tradução feita por Henrique Andersen do texto de Van der Velde, o tradutor afirmou que, embora fossem ignorados pelos brasileiros – mais afeitos à leitura de folhetins vindos da França –, os autores germânicos teriam o mérito de se mostrar especialmente preocupados com o conteúdo moral de seus textos:

“A literatura alemã, ainda pouco conhecida entre nós, oferece contudo uma escolha tão abundante de novelas apreciáveis, que julgamos dar uma nova prova aos nossos benévolos leitores e leitoras de quanto temos a peito agradar-lhes, publicando a tradução de um dos melhores romances cujo autor soube granjear na Alemanha uma reputação extraordinária por suas publicações beletrísticas, em que respiram os sentimentos mais nobres de um coração humano, distinguindo-se por isso vantajosamente de tantos autores franceses de novelas que, ao passo de divertirem os leitores, propinam muitas vezes um veneno destruidor da boa moral.”²⁵¹

No trecho acima, a literatura francesa foi definida como “um veneno destruidor da boa moral”, e a alemã, como um veículo dos “sentimentos mais nobres de um coração humano.” Não podemos deixar de mencionar que, de fato, “O Flibusteiro, ou o pirata das Antilhas. Romance do último terço do século XVII” apresentou uma evidente preocupação com a moralização do leitor condenando a prática da represália em resposta a algum mau sofrido. Essa temática esteve presente em outro texto de origem alemã publicado pelo *Correio das Modas*, “A vingança”, provavelmente extraído da obra *Vaderlandsche letteroefeningen*, lançada por um autor anônimo em 1839.²⁵²

²⁴⁹ Ibidem. 1º sem. de 1853. n. 6. p. 45.

²⁵⁰ “O Flibusteiro, ou o pirata das Antilhas. Romance do último terço do século XVII”. Ibidem. 2º sem. de 1852, n. 10, p. 73-76, n. 11, p. 81-85, n. 12, p. 89-93, n. 13, p. 97-101 e n. 14, p. 105-112. Fonte estrangeira: VAN DER VELDE. *Sämmtliche Schriften von van der Velde*. Trad. Henrique Andersen. v. I. Leipzig: Erfter Bend, 1830. p. 94-202.

²⁵¹ *Novo Correio de Modas*. 1º sem. de 1853. n. 6, p. 45.

²⁵² “A vingança”. *Correio das Modas*, edição de 27/08/1840, p. 132-135. Fonte estrangeira: VADERLANDSCHE *letteroefeningen*. Amsterdã: G. S. Leenerman, 1839.

Das 12 narrativas de origem alemã publicadas pelas revistas, duas foram escritas por Ernst Theodor Wilhelm Hoffman. A primeira, conhecida no Brasil com o título “O homem de areia”, pode ter entrado no país por intermédio francês. Em 1816, ela apareceu no livro *Die Nachtstücke* originalmente com o nome “Der Sandmann”, o mesmo encontrado em algumas edições póstumas, como *E.T.A. Hoffmann’s Ausgewählte Schriften*, de 1827. Os leitores franceses que não dominavam o alemão passaram a ter acesso à obra a partir da segunda década do Oitocentos devido à atuação do tradutor Loève-Vermais. Em 1823, ele publicou “L’homme au sable” no *Contes fantastiques: choix de contes, récits et nouvelles*. Alguns anos mais tarde, em 1843, quando Édouard Lemoine lançou uma edição revisada, optou por modificar o título da narrativa para “Coppelius”.²⁵³ O nome do professor de física que construiu a boneca causadora da ruína do protagonista Nataniel também apareceu como título na versão brasileira publicada pelo *Novo Correio de Modas*, em 1852. Nas páginas da revista, “Der Sandmann” circulou como “Copélio ou uma moça sem coração. História verdadeira”.

“A tabuagem, ou o jogo da banca. Episódio” foi a segunda narrativa de Hoffman a marcar presença no *Novo Correio de Modas*.²⁵⁴ Embora tal questão não costume ser mencionada na obra do escritor – porque os pesquisadores geralmente salientam o aspecto gótico de seus textos –, podemos inferir que os redatores do periódico selecionaram “Copélio ou uma moça sem coração” e “A tabuagem, ou o jogo da banca” devido ao conteúdo moralizador encontrado em ambas narrativas. A primeira preconiza que não devemos nos deixar levar pela aparência física, uma vez que embora parecesse perfeita a moça por quem o protagonista se apaixonou não passava de uma máquina construída por um cientista muito habilidoso. A segunda mostra que a frequência de casas de jogos pode

²⁵³ “Copélio ou uma moça sem coração. História verdadeira”. *Novo Correio de Modas*. 1º sem. de 1852, n. 16-18. Fontes estrangeiras: HOFFMANN, Ernest Theodor Wilhelm. *E.T.A. Hoffmann’s Ausgewählte Schriften*. Berlin: Reimer, 1827; Idem. *Contes fantastiques: choix de contes, récits et nouvelles*. Trad. par Loève-Vermais. Paris: Garnier Frères, 1823. A respeito das traduções de Hoffmann, ver: GRUTMAN, Rainier. *Chronique d’un déclassé annoncé: le statut du traducteur dans la France Romantique (1828-1836)*. In.: LOMBEZ, Christine (org.). *Traduire en langue française en 1830*. Paris: Artois Presses Université, 2012. p. 77-92.

²⁵⁴ “A tabuagem, ou o jogo da banca. Episódio”. *Novo Correio de Modas*, edições de 1º sem. de 1852, n. 21-23, p. 177-179. Fonte estrangeira: HOFFMAN, Ernts Theodor. “La banque de Pharaon”. In.: *Contes Fantastiques*. Trad. par Loève-Vermais. Paris: Lavigne, 1843. p. 224-240.

trazer resultados negativos para a vida de um indivíduo, levando-o à ruína financeira e à perda das pessoas amadas.

Um texto de Mme. Johanna Schopenhauer, mãe do filósofo Arthur Schopenhauer, foi publicado nas páginas do *Novo Correio de Modas* sob o título de “Casamento por inclinação”. É possível que ele tenha sido vertido ao português a partir de uma tradução francesa encontrada em *Soirées de Chamouny*, de 1832.²⁵⁵ As demais narrativas de origem alemã disponibilizadas aos leitores das revistas provavelmente foram retiradas da imprensa periódica desse país: “A cabana”, por exemplo, apareceu no *Der Adler: Allgemeine Welt- und National-Chronik*, em 14 de junho de 1842, já “O copo de limonada” circulou no periódico *Oberpfälzer Anzeiger*, em 31 de março de 1846.²⁵⁶

De acordo com os nossos dados, a Espanha ocupou a sexta posição entre os países fornecedores de textos para os dois periódicos. O *Novo Correio de Modas* veiculou quatro textos originalmente escritos em língua espanhola: “Viagem a Nova-York (Estados Unidos). Fragmento”; “Estados Unidos. Viagem a Filadélfia. Fragmento”; “Casa ambulante dos Estados Unidos” e “O dote de Maria. Trecho histórico”. O último foi extraído do *Semanário Pitoresco Español*, de 20 de abril de 1845, no qual apareceu sob título “La mano improvisada. Una aventura de Miguel Angel”.²⁵⁷ As três histórias restantes saíram da obra *Cinco meses en los Estados-Unidos de la América del Norte*, do escritor espanhol Ramon de La Sagra. Redigida na forma de um diário de viagem, contém as impressões do autor durante sua estadia nos estados de Nova Iorque, Connecticut e Massachussets.²⁵⁸ As versões apresentadas no periódico brasileiro se distanciam, em diversos momentos, do original espanhol. O mais provável é que esses textos tenham sido traduzidos ao português

²⁵⁵ “Casamento por inclinação”. *Correio das Modas*, edições de 02/07/1840, 05/07/1840 e 09/07/1840. Fonte estrangeira: SCHOPENHAUER, Johanna. *Soirées de Chamouny*. t. I. Paris: Audin, 1832.

²⁵⁶ “A cabana”. *Correio das Modas*, edição de 26/11/1840; e “O copo de limonada”. *Novo Correio de Modas*, edição de 1º sem. de 1853, n. 16. Fontes estrangeiras: *Der Adler: Allgemeine Welt- und National-Chronik*, edição de 14/06/1842, e *Oberpfälzer Anzeiger*, edição de 31/03/1846.

²⁵⁷ “O dote de Maria. Trecho histórico”. *Novo Correio de Modas*, edição de 2º sem. de 1854, n. 1. Fonte estrangeira: *Semanário Pitoresco Español*, edição de 20/04/1845.

²⁵⁸ *Novo Correio de Modas*, edições de 1º sem. de 1852, n. 24; 2º sem. de 1852, n. 17-18 e 2º sem. de 1852, n. 20. Fonte estrangeira: SAGRA, Ramon de. *Cinco meses en los Estados-Unidos de la América del Norte*. Paris: imprenta de Pablo Renouard, 1836. p. XII.

a partir de uma tradução francesa feita por René Baïssas, chamada *Cinq mois aux États-Unis de l'Amérique de Nord, depuis le 29 avril jusqu'au 23 de septembre 1835*.²⁵⁹

Por fim, narrativas de origem italiana apareceram na sétima posição. No primeiro semestre de 1839, o *Correio das Modas* veiculou um trecho de “Ribera e il Domenichino”, uma produção de Giorgio Janety que apareceu nas páginas da revista sob título “A maldição de Dominiquin”. Ao que tudo indica, a narrativa foi retirada do periódico *La moda: giornale di scenna della vita, mode di vario genere, e teatri*, de 6 de outubro de 1839.²⁶⁰ O *Novo Correio de Modas*, por sua vez, publicou uma história extraída do *Decamerão*, de Giovanni Boccaccio, chamada “Os três anéis”, no segundo semestre de 1852, além do texto “Uma história do inferno”, assinado por Nicolau Maquiavel, o autor de *O príncipe*, no segundo semestre de 1840.²⁶¹

3.5 As narrativas brasileiras

Embora em número significativamente menor em relação à literatura estrangeira, a produção nacional não deixou de marcar presença nas páginas do *Correio das Modas* e do *Novo Correio de Modas*. A primeira revista divulgou ao menos 14 narrativas escritas por autores brasileiros, das quais seis foram assinadas por Maciel da Costa – “A missa do galo!! Legenda brasileira”; “Angelino. 1549-1550”; “Uma inspiração do inferno”; “A capela das ruínas”; “O ente misterioso” e “Emília” –; quatro por Luiz Carlos Martins Pena – “A sorte grande. Comunicado”; “Minhas aventuras n’uma viagem de ônibus”; “O poder da música” e “Uma viagem na barca de vapor” –; duas por João José de Sousa e Silva Rio – “O último suspiro. Legenda brasileira” e “Uma maldição” – uma por Josino do

²⁵⁹ SAGRA, Ramon de. *Cinq mois aux États-Unis de l'Amérique de Nord, depuis le 29 avril jusqu'au 23 de septembre 1835*. Trad. par M. René Baïssas. Bruxelles: Société Typographique Belge, 1837.

²⁶⁰ “A maldição de Dominiquin”. *Correio das Modas*, edições de 27/09/1840, 01/10/1840 e 08/10/1840. Fonte estrangeira: JANETY, Giorgio. “Ribera e il Domenichino”. *La moda*, edição de 06/10/1839.

²⁶¹ *Novo Correio de Modas*. 2º sem. de 1853, n. 1 e 2º sem. de 1854, n. 27. Fonte estrangeira: BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. Trad. de Torrieri Guimarães. v. I. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

Nascimento Silva – “Minhas aventuras na véspera de reis” – e uma por Carlos Menezes – “O encontro misterioso”.²⁶²

A prosa de ficção de origem nacional também teve espaço no *Novo Correio de Modas*, atingindo a marca de 20 narrativas. Esse valor, no entanto, não parece muito expressivo quando levamos em conta que o periódico difundiu ao todo 183 textos ficcionais.²⁶³ Seu principal colaborador de origem brasileira foi o anônimo ***, autor de 18 narrativas publicadas pela revista, a saber: “O xale”; “Sem pés nem cabeça”; “Juliana de Álvares”; “Aventura noturna”; “Uma desgraça”; “Conto para dormir”; “Dos conhecimentos dos antigos”; “O busto espantoso”; “O busto espantoso. Explicação”; “Quatro estados em um dia”; “Os dois castigos”; “Benta Bestunta”; “Cepo por dote”; “A pulseira”; “Os dois ribeiras”; “O meu cavaleiro russo”; “Um susto” e “As feiticeiras”. Na mesma seção, figuraram ainda os textos “A Virgem. Tradição brasileira”, de Manuel Antonio Ferreira da Silva, e “Garcia sete orelhas”, assinado por F. R. da S., provavelmente Firmino Rodrigues da Silva.²⁶⁴

²⁶² O *Correio das Modas* não foi o único periódico nos quais colaboraram Martins Pena, Josino do Nascimento Silva e João José de Sousa e Silva Rio. O primeiro escreveu crônicas sobre os espetáculos em cartaz no Rio de Janeiro para a seção chamada “A Semana Lúrica”, do *Jornal do Comércio*, entre setembro de 1846 a outubro de 1847. O segundo foi redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro* e colaborador de periódicos como *Amigos das Letras* e o *Cronista*. O terceiro, por sua vez, publicou poesias e novelas em vários jornais e revistas, como *Íris*, *Museu pitoresco*, *Despertador brasileiro*, *Gabinete de Leitura* e *Sentinela da Monarquia*. Os três escritores dedicaram-se ainda à carreira pública. Martins Pena foi censor do Conservatório Dramático Nacional e diplomata. Josino do Nascimento Silva bacharelou-se em direito, trabalhou como Diretor geral da Secretaria do Estado dos negócios da Justiça e escreveu uma série de obras dedicadas às leis brasileiras, como, por exemplo, *Código do processo criminal de primeira instância do império do Brasil, aumentado com a lei de 3 de Dezembro de 1841 e seus regulamentos... E todas as leis, decretos e avisos a respeito até o final do ano de 1859* e *Novíssimo guia para eleitores e votantes, contendo a lei regulamentar de 19 de agosto de 1846 para as Câmaras municipais e Juizes de paz do império do Brasil*, ambas impressas na Tipografia Universal, em 1860. Finalmente, João José de Sousa e Silva Rio ocupou os cargos de contador da Contadoria geral da Guerra e de secretário do Banco rural e hipotecário do Rio de Janeiro. Ver a esse respeito: RONDINELLI, Bruna Grasiela da Silva, *op. cit.*; SILVA, Inocência Francisco da (ed.), *op. cit.*, t. III, 1859, p. 394 e SILVA, Inocência Francisco da (ed.), *op. cit.*, t. V, 1860, p. 159. Não conseguimos obter informações biográficas sobre Maciel da Costa e Carlos Menezes.

²⁶³ Talvez as narrativas “O amante de Judas”, “Que desgraça!”, “Simão Pereira”, “Como o diabo carregou com razão d’uma moça de dezoito anos”, “Dona Urânia”, “A vítima do ciúme”, “O fogo dos barraqueiros” e “A lembrança de meu padrinho”, publicadas pelo *Correio das Modas*, e “Primeira dita e último recurso” e “O sino misterioso”, veiculadas por sua sucessora, tenham origem nacional. No entanto, como elas não foram assinadas, preferimos não incluí-las entre as narrativas brasileiras.

²⁶⁴ Manuel Antonio Ferreira da Silva foi autor da obra *Bosquejos poéticos, ou Coleção de poesias sobre vários assuntos, dedicados ao Manuel Ribeiro de Almeida*, publicada pela Tipografia Universal, em 1845. Firmino Rodrigues da Silva ocupou as funções de político e juiz, além de jornalista. Em 1838, ele publicou os textos “Os três desejos” e “Mariana” no periódico *O Cronista*, com as mesmas iniciais encontradas no *Novo*

Os textos de Maciel da Costa, Josino do Nascimento Silva, Luiz Carlos Martins Pena, João José de Sousa e Silva Rio e Carlos Menezes, apesar de publicados por uma mesma revista, apresentaram muitas diferenças entre si. Para Moisés, eles refletiriam a “indecisa quadra cultural” daquele momento, daí que alguns tenham se aproximado do conto e da novela curta, enquanto outros se associaram mais facilmente à crônica. Segundo o historiador, os três gêneros mencionados acima foram desenvolvidos posteriormente por outros autores, sendo a novela curta a favorita dos românticos, enquanto os realistas privilegiaram o conto e a crônica.²⁶⁵ Em oposição a Moisés, Nadaf afirmou que o estudo da prosa ficcional desse período não deveria buscar seu enquadramento em categorias literárias criadas anos mais tarde. Conforme notou a autora, tais nomenclaturas mostrar-se-iam pouco adequadas devido à “própria ausência na época, da noção rígida de uma tipologia para diferenciar um conto, uma novela e um romance.”²⁶⁶

Essa variedade a que nos referimos ocorreu muitas vezes dentro da produção de um único autor, como se ele experimentasse novos modelos a cada narrativa. Vejamos o caso de Martins Pena: alguns textos criados por ele contaram com uma boa dose de humor, descreveram os costumes brasileiros e os tipos nacionais; enquanto outros procuraram guiar o comportamento dos leitores, apresentando-lhes exemplos de personagens cuja conduta deveria ser copiada ou refutada. “A sorte grande. Comunicado” encontrou-se no segundo grupo ao defender os encantos da pacata vida na roça em oposição à algazarra da cidade, cujo brilho poderia encantar e, ao mesmo tempo, levar uma pessoa à perdição; “Minhas aventuras n’uma viagem de ônibus”, ao contrário, trouxe a divertida história da viagem feita pelo narrador em um ônibus que percorria o caminho das Laranjeiras até o Largo do Rócio; já “O poder da música” tratou do perigo do ciúme para a vida de um casal e da capacidade que a música tem de unir almas diferentes em uma mesma sintonia e,

Correio de Modas, F. R. da S. Fonte: SILVA, Manuel Antonio Ferreira da. *Bosquejos poéticos, ou Coleção de poesias sobre vários assuntos, dedicados ao Manuel Ribeiro de Almeida*. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1845. Disponível em: http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/brasileira.htm#_ftnref6. Acesso em: 23/01/2013.

²⁶⁵ MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. v. I - das origens ao Romantismo. 7^a. ed. Editora Cultrix: São Paulo, 2001. p. 336.

²⁶⁶ NADAF, Yasmin Jasmil, *op. cit.*, p. 46.

finalmente, “Uma viagem na barca de vapor” contou os percalços vividos pelo protagonista durante a realização de uma travessia nesse meio de transporte.²⁶⁷

Segundo Nadaf, ao lado de João Manuel Pereira da Silva, Justiniano José da Rocha, Firmino Rodrigues da Silva e Francisco de Paula Brito, os colaboradores do *Correio das Modas* formaram, nos anos finais da década de 1830, um “grupo coeso, residente na capital do Império”, dedicado a difundir a prosa de ficção nacional por meio “das páginas dos periódicos locais, e em especial do folhetim literário.” Empregando a palavra escrita como instrumento na propagação de seus ideais, eles objetivaram colaborar com a construção política, civilizatória e moral da recente nação brasileira. Conforme apontou a autora ainda, a prosa ficcional desse período contou com:

“estórias regadas a ‘lágrimas e sangue’ – amores contrariados, adultérios, filhos ilegítimos, traição e loucura ou mesmo a morte por amor ou outros infortúnios, vinganças, roubos, cadafalsos e outros costumeiros romances dessa modalidade de escrita.”²⁶⁸

Maciel da Costa se mostrou especialmente hábil em tal tarefa. Quase todas as narrativas do redator contaram com algum evento capaz de emocionar, entristecer, sensibilizar, apiedar ou mesmo encolerizar aqueles que se propuseram a acompanhar a trama. Em “A missa do galo!!”, a figura de um fantasma entrou em cena para condenar o adultério feminino; em “Angelino. 1549-1550”, um jovem se apaixonou por sua irmã de criação e, após todo o sofrimento amoroso, ainda se viu obrigado a matar o próprio pai; em “Uma inspiração do inferno”, o diabo apareceu para levar um homem a assassinar a esposa; em “A capela das ruínas”, um jovem rapaz saciou sua sede de vingança ao matar o homem que havia tirado a vida de seu pai vários anos antes e, em “Emília”, a disputa de dois mancebos pela mão de uma linda menina teve como resultado um confronto físico e a morte do amante preterido por ela.²⁶⁹

²⁶⁷ **Correio das Modas**, edições de 12, 19 e 26/01/1839, 23/02/1839 e 13/04/1839.

²⁶⁸ NADAF, Yasmim Jasmil, *op. cit.*, p. 46.

²⁶⁹ **Correio das Modas**, edições de 05 e 26/01/1839, 23/02/1839, 02/03/1839, 06 e 14/04/1839, 18 e 25/05/1838 e 08/06/1838. A única narrativa de Maciel da Costa que não teve cenas emocionantes como essas foi “O ente misterioso”, na qual o narrador relatou as aventuras vividas por ele quando sonhou que era um alfinete. **Correio das Modas**, edição de 04/05/1839.

O misterioso colaborador do *Novo Correio de Modas* *** e seus colegas também utilizaram a fórmula empregada por Martins Pena, Josino do Nascimento e outros letrados brasileiros no final da década de 1830. Certamente a história mais sanguinolenta veiculada pela revista foi “Garcia sete orelhas”, assinada por F. R. da S..²⁷⁰ O protagonista ocupava o cargo de juiz de paz na vila de Sorocaba, região de seus antepassados. Segundo o narrador, a herança indígena justificaria a “taciturnidade inexplicável”, o “grau subido de perseverança” e “energia” aplicada por Garcia em “todos os seus projetos e ações”. Certo dia, ele repousava à beira de uma árvore, quando ouviu a seguinte conversa travada entre alguns trabalhadores:

“Eu os vi...e tremia como varas verdes com medo de que fosse descoberto... eram sete e eu os conheci todos um por um, pegaram no moço, ligaram-o (*sic*) fortemente a uma árvore, e esfolaram-o (*sic*) vivo!...
- Vivo! repetiram todos, e Garcia os escutava com uma contração de lábios satânica; os olhos fuzilavam de cólera, e os vestidos tremiam com os movimentos de suas artérias e agitação de seus músculos.
- Sim, vivo como aqui estamos, nem seus gritos, nem seus clamores obstaram ao mais atroz dos atentados.
- E depois?...
- Depois cortaram-lhe os membros um por um.
- Por que seria? perguntaram de novo.
- Eles tinham uma irmã, e constou-lhes que esse infeliz mancebo a quisera seduzir... juraram vingança, e aqui narrou o narrador o nome de todos sete!”²⁷¹

O “infeliz mancebo” assassinado pela quadrilha era irmão de Garcia. Assim que descobriu o nome dos responsáveis pelo crime, abandonou a família e amigos em busca de represália. Os sete irmãos haviam se dispersado em diferentes regiões brasileiras, por isso ele levou muitos anos para localizar a todos. Várias décadas depois, o antigo juiz de paz de Sorocaba retornou para casa, exibindo a todos sua recompensa: um colar com sete orelhas, cada uma de um assassino do irmão, cuja morte ele conseguira, enfim, vingar. Essa mesma lenda tinha inspirado outro escritor brasileiro alguns anos antes: em 1832, Joaquim Norberto de Sousa Silva publicou a novela “Januário Garcia ou as sete orelhas”. Em 1843, ela saiu no *Espelho Fluminense* e, nove anos mais tarde, na antologia *Romances e Novelas*.

²⁷⁰ F. R. da S.. “Garcia sete orelhas”. *Novo Correio de Modas*. 2º. sem. de 1854, n. 9, p. 65-68

²⁷¹ *Ibidem*. p. 66.

De acordo com Azevedo, nas páginas do periódico a narrativa apareceu como “crônica brasiliense”, enquanto na reedição figurou como “romance”, o que indica a indefinição dos gêneros na época, porque os próprios autores oscilavam na hora de classificar seus textos.²⁷²

A existência de pontos em comum com os textos europeus – como a presença de cenas fortes, capazes de provocar sentimentos intensos – não impediu que traços específicos aparecessem na prosa desses colaboradores. Por isso, alguns se empenharam em retratar a realidade nacional e escreveram sobre diferentes regiões do país. Várias narrativas do *Correio das Modas* foram ambientadas no Brasil, especialmente em São Paulo – “Uma inspiração do inferno” e “O encontro misterioso” – e na corte – “A sorte grande. Comunicado”, “O último suspiro. Legenda brasileira” e “Uma viagem na barca de vapor”. Esse não foi, no entanto, o caso da maioria. O principal cenário desses textos foi a Europa, especialmente países como Itália – “Angelino. 1549-1550” –, Espanha – “A capela das ruínas” – e Portugal – “Emília”.

Em relação ao *Novo Correio de Modas*, notamos a presença do cenário nacional de forma mais acentuada. Com exceção de “O xale”, cuja intriga ocorreu no Egito, os demais títulos de origem nacional difundidos pelo periódico tiveram como palco vilas ou ilhas encontradas no Rio de Janeiro e em São Paulo. As histórias “Uma desgraça” e “Os dois castigos”, por exemplo, se passaram, respectivamente, na Ilha de Paquetá, também chamada de Ilha dos Amores, e na Ilha do Governador. Outras foram ambientadas na capital brasileira – como “Uma aventura noturna”, “Quatro estados em um dia”, “Benta Bestunta”, “Cepo por dote” e “Os dois ribeiras” – e outras ainda no interior do país, especialmente em locais onde predominava uma natureza selvagem ou surgiam novas cidades sob impulso de um crescente comércio – “A Virgem. Tradição brasileira” se passou na vila de Nossa Senhora do Amparo, “distante oito léguas de Niterói”, “Sem pés nem cabeça”, em uma região próxima ao rio Paraíba do Sul, que atravessa o Vale do Paraíba, “O

²⁷² Ver a esse respeito: AZEVEDO, Silvia Maria. Joaquim Norberto e a Invenção do Folhetim Nacional. In: SILVA, Joaquim Norberto de Souza. **Romances e Novelas**. São Paulo: Landy, 2002. p. 18. A narrativa do *Novo Correio de Modas* foi aberta uma menção à obra de Joaquim Norberto: “Com o título *Januário Garcia* ou *As sete orelhas* compôs também o Sr. J. Norberto de S. S. um romance que se acha n’um dos volumes de suas obras: Armitage n’uma das notas á sua *History of Brazil* faz menção deste homem extraordinário.”

sino misterioso”, em Jacareí, ao leste da cidade de São Paulo, e “Garcia sete orelhas”, em Sorocaba, a oeste da capital do Estado.

Embora tenham como pano de fundo o Brasil, a maior parte das narrativas de *** não apresentou um desenho minucioso da paisagem nacional, como seria de se esperar para as produções desse período. No geral, o escritor se limitou a fornecer poucas linhas a respeito da flora, da fauna e da topografia da região. Em “Os dois castigos”, por exemplo, encontramos apenas um breve relato a respeito da Ilha do Governador:

“Quem desta corte seguir no vapor para a Estrela, depois de ter passado por todo o lado de l’Este da ilha do Governador, terá de entrar no canal formado pela mesma ilha e a do Boqueirão, e a que é dado o nome de Boqueirão dos Mineiros. Aí à entrada desse canal verá à esquerda, isto é, na ilha do Governador, uma mansa, quieta e pequena baía, mas não tão pequena que não pudesse formar um muito belo porto do comércio abrigando algumas dúzias de navios. Chama-se Saco do Quilombo. Bem no fundo dessa baía existem os restos de uma casa onde se passarão os eventos que vou referir.”²⁷³

A única exceção foi “Uma desgraça”, na qual apareceu uma longa descrição da Ilha de Paquetá:

“Sem dúvida conheceis, minha amável leitora, a ilha de Paquetá, com tanta razão chamada a ilha dos Amores: ilha encantadora, onde D. João VI foi por vezes descansar alguns dias das fadigas do governo e onde depois da sua retirada para a Europa, foi ainda o sr. D. Pedro I, e que também já mereceu a honra de uma visita do Sr. D. Pedro II. (...) Paquetá é um jardim, é verdade, mas um jardim chinês, um jardim, onde tudo é capricho: jardim, onde há montanhas e lagos naturais: onde se admira a pedra da cabeleira: onde as ruas são formadas por limoeiros e laranjeiras, que no tempo de sua florescência encantam os olhos e o olfato, no tempo de sua frutificação o paladar: onde as ruas não foram tiradas a cordel, e por isso a cada momento se encontra uma surpresa; onde no mesmo instante em que um grupo de árvores vos interrompe a vista, achai-vos logo com uma vasta extensão de mar na frente, e ao longe de um lado está a capital com toda a sua grandeza, do outro o porto da Piedade, com toda essa vasta baía, onde vão desaguar Suruí, o Magé, o Macacu, o Guaxindiba, e no fundo a magnífica serra dos Órgãos, com todos os seus píncaros: de um lado o porto da Estrela, e muito perto a ilha do Governador com outras tantas e tão inumeráveis ilhas, que nem é

²⁷³ “Os dois castigos”. *Novo Correio de Modas*. 2º. sem. de 1853, n. 17, p. 129.

possível designá-las, do outro a linda praia da Luz com suas mangueiras, e mais abaixo S. P. Gonçalo, com todas as suas vizinhanças. Não, não é possível que haja no mundo lugar mais encantador.”²⁷⁴

O colaborador do *Novo Correio de Modas* ambientou parte dos seus textos ficcionais na então capital brasileira e acabou fornecendo um retrato da sociedade carioca Oitocentista. Incluíram-se aqui descrições das formas de sociabilidade recorrentes à época, das comemorações festejadas pela população e dos espaços frequentados pelos moradores. Entre os títulos mais significativos podemos citar “Uma aventura noturna”, no qual foi delineado um jantar realizado na chácara de um casal de amigos. Uma mesa de frutas, repleta de produtos plantados na própria província – como melão, banana e melancia –, havia sido arrumada debaixo de duas frondosas mangueiras, que forneciam sombra fresca aos indivíduos presentes. A fartura de alimentos se manteve durante todo o jantar:

“Às 4 horas fomos para mesa. Era um jantar bastardo, ou antes eclético: bastardo porque não tinha caráter algum de nacionalidade, eclético porque participava de todas as província e aproveitando o melhor de cada uma. Os pratos estavam em ordem, assim à maneira da ode de Filinto: isto é, desordem que era a mais bela ordem.”²⁷⁵

O encontro entre amigos fez com que o narrador realizasse uma nostálgica volta ao passado, refletindo sobre as formas de diversão disponíveis durante sua juventude, em meados da década de 1810. Nesse percurso, chegou à conclusão de que embora contasse com novos espaços para o entretenimento da população – como bailes e cassinos –, a corte havia sido um local mais tranquilo, devido à existência de hábitos morais mais rigorosos, sobretudo em relação à conduta feminina:

“Felizes tempos eram esses! As moças iam à missa de madrugada: de dia ninguém as via: e se alguma em dia de festa queria ir passar com a avó ou a tia, havia de ir de cadeirinhas, que sege só a tinha Braz Carneiro ou Amaro Velho. Em vez de tantos bailes como por aí ha hoje, em vez do aristocrático Cassino, ou do democrático Campestre, dançavam-se fados, onde às vezes faziam sua perna os soldados do Vidigal de camarão na mão.

²⁷⁴ “Uma desgraça”. Ibidem. 1º. sem. de 1853, n. 12, p. 90.

²⁷⁵ “Uma aventura noturna”. Ibidem. 1º. sem. de 1853, n. 8, p. 58.

Bem razão tem os nossos velhos de chorar por esses tempos, em que as filhas não sabiam escrever, e por isso não mandavam nem recebiam bilhetinhos.”²⁷⁶

Diversas narrativas publicadas pelo *Correio de Modas* descreveram festividades religiosas que alegravam brasileiros de diferentes classes sociais no período do Império. “Minhas aventuras na véspera de reis”, de Josino do Nascimento Silva, por exemplo, contou a divertida história de um mancebo durante a Folia de Reis, no dia 04 de dezembro de 1831.²⁷⁷ A festa em homenagem ao três reis magos que visitaram o menino Jesus logo após seu nascimento levava alguns grupos organizados a saírem pelas ruas cantando e dançando. Em troca, era esperado que as famílias os recebessem em suas casas e lhes oferecessem algo para comer:

“(...) os cristãos costumam na véspera do Dia de Reis sair à noite e ir por as casas de amigos e conhecidos *cantar os reis*, e em troc de tangeres e tocares as casas abrem-se, formam-se engraçadas e ligeiras danças, e por fim ceia-se regaladamente, que é o principal da função.”²⁷⁸

De acordo com o narrador, os habitantes da capital brasileira não saberiam comemorar adequadamente a Folia de Reis. A seu ver, as festas mais animadas nesse período ocorreriam nas províncias, onde não haveria tantos homens “tíbios da fé” como os moradores da corte. Por isso, no final de 1831, ele decidiu aproveitar sua estadia no interior do país para formar uma banda e celebrar a data de maneira apropriada. Seu amigo, Eugênio, encontrou um “mau rebequista”, “um pior flautista”, tomou para si a tarefa de tocar a viola, “instrumento que tocava pessimamente”, e chamou alguns músicos, incluindo o desafinado narrador para quem coube a posição de baixo no coro. Depois de alguns dias de ensaio, o grupo finalmente estava pronto:

“Eis-nos em marcha: na frente Eugênio tinha colocado os dois músicos a quem ele chamava perfeitíssimos amadores, no centro iam os cantores, que eram quatro, contando as duas filhas do sujeito em cuja casa havíamos ajustado o plano, e fechada a marcha o mesmo indivíduo e sua

²⁷⁶ Ibidem. p. 57.

²⁷⁷ SILVA, Josino do Nascimento. “Minhas aventuras na véspera de reis”. **Correio das Modas**. 1º. sem. de 1839, n. 1, p. 5-7, n. 2, p. 11-13.

²⁷⁸ Idem, ibidem. n. 1, p. 6.

cara metade. Eugênio parecia-me um general na ocasião de principiar alguma batalha, ele falava a todos, a todos animava.”²⁷⁹

A primeira família não se importou em recebê-los. Uma escrava deu uma desculpa qualquer, alegando “em sua meia língua, que os senhores não estavam em casa.” Mesmo assim os integrantes dessa inusitada banda não desistiram e continuaram a marcha. Depois de algum tempo, a estratégia finalmente deu resultado e eles acabaram acolhidos em uma bela residência. Eugênio tratou de arrumar os pares para a contradança, mas os músicos não conheciam nenhuma canção. A solução foi pedir ao flautista que assobiasse marcando o ritmo:

“O flautista principiou a assobiar uma contradança, e nós começamos a andar pela casa, porque assim o exige o bom tom. Era digna de ver-se essa contradança, em que dançavam pessoas que se tinham levantado da cama a toda pressa, ao som do assobio d’um homem que se prestava com a melhor vontade a este exercício. Para o fim faltou o fôlego ao nosso músico, e pôs-se a cantar com uma voz que mal se ouvia.”²⁸⁰

Depois de tocar algumas músicas, o grupo esperava cear. O dono da casa, porém, se escusou afirmando que havia recebido outros cantores em sua casa naquela mesma noite. Diante disso, Eugênio propôs a seus amigos que partissem para outra residência. O impaciente líder não permitiu que os músicos afinassem os instrumentos. A situação dos cantores também não era das melhores, porque eles não conseguiam entrar em harmonia. O resultado dessa triste combinação foi uma “música infernal” que incomodou os vizinhos. No lugar de uma ceia, o grupo ganhou um balde de um líquido mal cheiroso, despejado pelos moradores em cima de Eugênio. Indignado, ele revidou atirando pedras às janelas. Alguns se feriram nessa batalha, especialmente os instrumentos, que ficaram reduzidos a ruínas. Quando a ronda apareceu, os músicos se apavoraram e correram para suas casas. Após a experiência, o narrador prometeu a si mesmo “nunca mais entrar em cantinela de Reis.”

Além de ambientar as narrativas em solo brasileiro e descrever alguns costumes do país, outro aspecto que revelou o interesse dos colaboradores das revistas pelo Brasil foi

²⁷⁹ Ibidem. n. 1, p. 8.

²⁸⁰ Ibidem. n. 2, p. 11.

a incursão na história nacional. A esse respeito, podemos citar, “Benta Bestunta”, do anônimo ***, que se passou entre final do século XVIII e início do XIX:

“Quem no último ano do século passado transitasse ali pela rua da guarda Velha, ao chegar ao largo da Mãe do bispo, à esquerda, veria uma casa de quitanda onde, em tabuleiros cobertos de panos de algodão de Mina muito lavados, se mostravam a salsa e a cebola, os tomates, as pimentas e o limão, as laranjas e as bananas: e também, segundo o tempo, melancias, grumixamas, jabuticabas, cajus, goiabas e outras frutas mais. Além disso, havia de ver um fogareiro com loiras espigas de milho assado, mendobim tão torrquinho e umas pipocas tão alvas que era mesmo uma delícia.”²⁸¹

O texto em questão trouxe a história de uma ex-cativa de grandes dotes culinários, que conquistou sucesso entre os moradores do Rio de Janeiro com a venda de bolos – os famosos bolos da “mãe Benta”. Segundo o narrador, ela era o exemplo perfeito de escrava, “um tipo que infelizmente se perdeu”:

“Benta Bestunta não era mucama, não era cozinheira, não era costureira, não era engomadeira, não era lavadeira: era tudo isso, e mais que tudo isso. Em casa de sua senhora havia uma perfeita cozinheira, mas quando vinham hóspedes à casa, a nossa Benta lá ia para a cozinha e era quem dava o último de mão a todos os quitutes e guisados que tinham de figurar na mesa. Em casa de sua senhora havia um exército de costureiras; mas quando ela queria uma fralda ou uma gola de picados, quando queria um peito de fina cambraia bordada para fazer presente ao seu marido, era a Benta que fazia. Enfim, a Benta era quem superintendia; era como o gênio superior que presidia a todos os trabalhos. E depois guardava as chaves, vigiava as raparigas, saía com elas às missas, e que alguma lhe levantasse os olhos! Fossem para lá.”²⁸²

Depois da morte de seus senhores, Benta obteve sua alforria (“pagaram-me com a liberdade o serviço que eu lhes havia feito”). Ela passou a viver na companhia de Júlia, uma linda menina branca “de raça cruzada de puro saxônio com o mais belo caucasiano.” Apesar de não haver qualquer laço de parentesco entre ambas, a ex-escrava tratava a moça com muito carinho e procurava se encarregar de sua educação, o que levantava rumores entre os vizinhos, já que a renda obtida com a venda dos bolos era insuficiente para tantos cuidados. Os boatos foram intensificados quando um importante general passou a

²⁸¹ “Benta Bestunta”. *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1854, n. 1, p. 1.

²⁸² *Ibidem*. 1º. sem. de 1853, n. 1 e 2, p. 1-3 e 9-11.

frequentar a humilde residência de Benta, que logo partiu para a Europa com Júlia. A viagem objetivava comprovar a origem nobre da menina, descendente de um poderoso conde lusitano, uma condição necessária para que ela pudesse se casar com alguém de situação elevada. Em terras lusas, Júlia teve sua ascendência reconhecida pela própria rainha e se casou com um belo rapaz, escolhido pelo pai, o misterioso general que visitava a casa de Benta. A ex-escrava, por sua vez, conquistou a simpatia de D. Maria I, que não pode resistir a seus bolos e pediu que ela permanecesse no país, trabalhando no palácio real.

A pesquisa desenvolvida por Heineberg trouxe informações importantes a respeito dos primórdios da prosa de ficção no Brasil. Ao estudar os folhetins nacionais publicados em três importantes periódicos Oitocentistas – o *Jornal do Comércio*, o *Diário do Rio de Janeiro* e o *Correio Mercantil* –, entre os anos de 1839 a 1870, a autora percebeu a existência de três fases predominantes orientando a produção literária nessa época. Os folhetins do primeiro período (1839-1849) foram designados por ela como *miméticos* devido ao desejo de se “transvestir” em estrangeiros por meio, entre outros fatores, da ambientação da intriga em solo europeu e da figuração do narrador com uma identidade híbrida, ao mesmo tempo estrangeira e nacional. Os do segundo período (1850-1859), chamados por Heineberg de *aclimatados*, empregariam o molde folhetinesco francês na retratação da realidade brasileira. A abordagem do cenário e da história nacionais ocorreria, assim, em paralelo ao uso de estruturas importadas da Europa – tais como a bifurcação da história principal em outras secundárias e a inserção contínua de novas personagens, estratégias amplamente usadas pelos autores franceses para prolongar ao máximo a narrativa. Os folhetins do terceiro período (1860-1870), nomeados pela pesquisadora como *transformadores*, seriam aqueles nos quais ocorreria a libertação do molde narrativo europeu. Daí que apenas eles tenham colocado em cena o momento presente e o cotidiano de famílias modestas brasileiras, além de demonstrado o artificialismo de alguns mecanismos do folhetim francês que, afinal, virara matéria de riso para esses escritores.²⁸³

A maioria das narrativas publicadas pelo *Correio das Modas* e pelo *Novo Correio de Modas* aproximou-se das que Heineberg chamou de *aclimatadas*. A predominância, especialmente na segunda revista, do cenário, da cultura e da história

²⁸³ Conferir: HEINEBERG, Ilana, *op. cit.*

nacionais indica que os autores desses textos não fecharam os olhos para as preocupações do momento e procuraram ajudar na construção de uma literatura brasileira, mostrando a realidade do país. O molde escolhido nessa tarefa, porém, foi estrangeiro – por isso a presença de cenas fortes, de diálogos inflamados, bem como de sofrimentos amorosos, conflitos familiares e cenas violentas, tudo com o objetivo de causar impacto emotivo no leitor, como ocorria nos folhetins estrangeiros.

A preocupação com a moral foi outro aspecto que uniu as narrativas produzidas na Europa e no Brasil, sendo perceptível, portanto, tanto nas histórias traduzidas quanto nas escritas no país. Para mostrar a importância da moral para os textos veiculados pelo *Correio das Modas* e pelo *Novo Correio de Modas*, passaremos a seguir à análise de alguns títulos encontrados no interior dos dois periódicos.

CAPÍTULO 4

A IMPORTÂNCIA DA MORAL

4.1 Normas de comportamento para os cônjuges

A preocupação com a instituição familiar fez do casamento uma das temáticas mais recorrentes no interior do *Correio das Modas* e do *Novo Correio de Modas*. As narrativas publicadas pelas duas revistas procuraram nortear o comportamento dos cônjuges, apresentando normas de conduta para os maridos e principalmente para as mulheres. Dentre os principais preceitos trazidos por ambas, encontrou-se a ideia de que o amor conjugal seria menos uma paixão avassaladora que resultado de uma terna amizade entre dois indivíduos. O texto chamado “O copo de limonada”²⁸⁴ deixou evidente essa concepção ao retratar a história de Cesarine, uma mulher descontente com a vida de casada que sentia falta das demonstrações de afeto feitas por seu marido, Leonce, durante o namoro. De acordo com o narrador, “ela não compreendia que o amor profundo e silencioso que inspirava era justamente o mais doce que há no mundo.” Por isso, aceitava galanteios de outros homens, como flores e serenatas, e até mesmo passeava sozinha com alguns rapazes a fim de incitar o ciúme do esposo.

Certa ocasião, o marquês ofereceu a sua mulher um copo de limonada. Depois que ela terminou de beber, Leonce afirmou que a bebida estava envenenada e que ambos morreriam devido à infidelidade da marquesa. Desesperada, Cesarine procurou explicar ao marido que jamais havia se encontrado com outros homens, porque o respeitava profundamente e apenas pretendia deixá-lo enciumado. Diante do que supunha ser a eminência da morte, ela desmaiou, mas retomou o sentido algum tempo depois. Nesse

²⁸⁴ “O copo de limonada”. *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1853, n. 16, p. 121-125. Fonte estrangeira: *Oberpfälzer Anzeiger*, edição de 31/03/1846, p. 97-99.

momento, o marquês revelou que a história do envenenamento não passava de uma estratégia para mudar a atitude da esposa, a qual repreendeu severamente:

“Este é o amor como vós, Cesarine, o compreendeis. (...) Duvidais do meu amor... Oh! Então nunca sentistes que a ternura de um esposo é doce e tranqüila, por isso que existe nele toda a confiança! Os meios porém que empregastes são os mesmo que emprega uma amasia, a fim de estreitar um laço, do qual o amante começa a envergonhar-se. Fazer aparecer o ciúme no coração do esposo é para a esposa uma ofensa, e para ele uma infâmia. A concubina é adorada, desprezada, aborrecida; à esposa tributase porém amor constante e respeito. Cesarine, não te bastava ser minha esposa, e como tal ser amada e respeitada; tu querias mais, tu querias ser amada como uma amante, e te portaste comigo, teu esposo, como uma mulher leviana, que nenhum caso fazia dos mais sagrados juramentos!”²⁸⁵

Leonce criticou o comportamento da marquesa, afirmando que, como esposa, ela deveria esperar um “amor constante” e “respeito”, não demonstrações impetuosas de afeto. Em sua opinião, apenas as concubinas precisariam de cenas apaixonadas, já que seriam objeto de sentimentos menos castos. Desse dia em diante, Cesarine nunca mais agiu da mesma forma, porque finalmente havia compreendido que “na vida doméstica a paz é preferível às tempestades de amor.” Além disso, ela se lembrava do ocorrido e temia que o marquês decidisse envenenar sua bebida, caso se comportasse de maneira inadequada.

Segundo o *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas*, a harmonia conjugal dependeria em grande medida da conduta da esposa, a quem caberiam duas tarefas nesse sentido. A primeira seria não instigar a desconfiança do cônjuge, aproximando-se de indivíduos do sexo oposto – daí a censura em relação à conduta de Cesarine – e a segunda, não proceder de maneira demasiadamente possessiva, o que poderia enfastiar o marido e até mesmo levar a uma separação. A protagonista de “Hortênsia”²⁸⁶ quase foi vítima de sua falta de segurança, tendo seu casamento por pouco escapado de uma dissolução. Casada com Leonardo Sinclair há menos de um ano, ela se desentendia constantemente com o marido com quem vivia a ralar. O motivo de tantas discussões era o ciúme de Hortênsia, que acusava o esposo de indiferença, sem se dar conta do profundo sentimento que ele lhe

²⁸⁵ “O copo de limonada”. *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1853, n. 16, p. 124.

²⁸⁶ “Hortênsia”. *Correio das Modas*. 2º. sem. de 1840, n. 42, p. 331-336. Não conseguimos descobrir a origem da narrativa.

devotava. Quando descobriu que Sinclair se encontrava secretamente com uma mulher, a personagem decidiu visitar sua suposta rival na calada da noite. Para sua surpresa, tratava-se de uma senhora de mais de 60 anos, parente de seu marido, a quem ele ajudava financeiramente. Apesar das súplicas de Hortênsia, Sinclair não parecia disposto a perdoá-la, uma vez que os arrebatamentos da mulher o incomodavam. A reconciliação só foi possível algum tempo depois, quando a protagonista conseguiu se aproximar da velha senhora, que havia se ofendido com as insinuações feitas por Hortênsia no auge do seu ciúme. Após essa experiência, a jovem esposa nunca mais se deixou conduzir pelo sentimento de posse que quase lhe custara o casamento.

A narrativa “Sem ciúme”²⁸⁷ fez coro a essa ideia, defendendo que “os corações amantes nunca são zelosos, porque têm esperanças na vida futura.” Assim, em vez de se desesperar diante de uma possível indiferença do objeto amado, o mais aconselhável seria aguardar o momento em que ele voltaria sua atenção para a pessoa certa. Segundo Habiba, a protagonista da história, a conformação diante de alguns infortúnios não passaria de um pequeno preço a se pagar na busca pela alma-gêmea:

“(...) no princípio do mundo [nós] fomos homem e mulher. Estava o par unido e as duas metades intimamente ligadas. Porém cada par se absorvia em um amor individual, e não podia haver progresso. Por isso é que estas duas metades foram separadas e os homens e as mulheres lançados ao acaso nos tempos e no espaço. Cada indivíduo foi d’esto modo condenado a procurar a outra metade, suportando grandes perigos e fadigas, passeando por todos os dissabores e prazeres do amor, ciúmes, receios, esperanças; e d’aqui nasceram todas as paixões humanas.”²⁸⁸

Ao longo da narrativa, Habiba agiu de acordo com seus preceitos. Ela se apaixonou por um engenheiro francês, chamado Lamy Bey, o qual visitava o Egito para supervisionar algumas obras, e esperou pacientemente o momento da aproximação. A moça procurava sempre ajudar o amado, ainda que para isso causasse sofrimento a si própria. Por seu intermédio, Lamy Bey conseguiu se encontrar secretamente com Circassiana, a odalisca favorita do governador da província. A dedicação de Habiba permitiu ainda que o

²⁸⁷ “Sem ciúme”. **Correio das Modas**. 2º. sem. de 1840, n. 40, p. 314-319. Não conseguimos descobrir a origem da narrativa.

²⁸⁸ *Ibidem*. p. 314.

engenheiro escapasse de alguns empregados revoltosos, que se rebelaram contra ele, exigindo melhores condições de trabalho. Ela tratou de acalmar o povo, argumentando que não havia motivo para os protestos, uma vez que Lamy Bey lhes ofereceria emprego, educação e instrução. Diante desses fatos, o engenheiro se deu conta de que os sentimentos que nutria pela odalisca não passavam de uma atração momentânea, pois seu destino era permanecer ao lado de Habiba.

“Juliana de Álvares”²⁸⁹ esteve entre as diversas narrativas brasileiras que trataram dessa questão. Assinada pelo colaborador ***, apareceu nas páginas do *Novo Correio de Modas* no primeiro semestre de 1853. Apresentou a história de uma misteriosa mulher chamada Juliana de Álvares, que todos os dias se dirigia à igreja, vestindo-se inteiramente de preto e aparentando grande sofrimento. Ela havia adotado essa postura após a morte do marido, um viúvo generoso que procurava de bom grado tolerar os gritos e explosões da esposa, muito constantes nessa época. O mau humor da moça e sua irritabilidade acabaram afetando o casamento de tal forma que o esposo confessou sentir falta da falecida esposa, cujo ânimo era mais dócil. Julgando não ser amada pelo marido, Juliana decidiu se vingar: colocou a caveira da antiga mulher na cama do viúvo, que sucumbiu à emoção e morreu na mesma hora. Ela se arrependeu de seus pecados, passou a frequentar a igreja e morreu em paz.

Os redatores das duas revistas não poderiam deixar de fora o tema da infidelidade conjugal. Curiosamente todas as narrativas publicadas pelo *Correio das Modas* e pelo *Novo Correio de Modas* que abordaram esse assunto tiveram mulheres nos papéis de esposas desleais. Inexistiram referências às traições cometidas pelos maridos, o que permite supor que, nesse período, o adultério masculino não era visto como problema. Em *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*, Mary Del Priore aponta que ao longo do século XIX:

“(...) a fidelidade conjugal era sempre uma tarefa feminina. A falta de fidelidade masculina, vista como um mal inevitável que se havia de suportar. Era sobre a honra e a fidelidade da esposa que repousava a

²⁸⁹ “Juliana de Álvares”. *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1853, n. 01, p. 5-7.

perenidade do casal. Ela era a responsável pela felicidade dos cônjuges.”²⁹⁰

De acordo com a autora, desde muito tempo a moral católica associava os prazeres carnavais à noção de pecado, o que fazia com que as relações sexuais realizadas dentro do casamento tivessem como finalidade a procriação. Segundo Del Priore, os homens “faziam amor” com suas esposas quando desejavam novos herdeiros, mas isso não os impedia de procurar outras mulheres com o objetivo de se divertir. Muitos tinham amantes, dirigiam-se a cabarés e frequentavam bordeis, onde encontravam prostitutas européias de luxo, no caso dos mais abonados, ou simples mulatas, para aqueles menos endinheirados. Enquanto isso, a sexualidade feminina era cerceada por todos os lados, haja vista que a Igreja, os maridos e até mesmo os médicos não viam com bons olhos a realização do desejo sexual da mulher. Acreditava-se que o instinto materno tolhia a libidido do sexo feminino, “consequentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria inevitavelmente anormal.”²⁹¹

A *Folhinha Patriótica para o ano de 1862* trouxe, na seção de deveres dos cônjuges, um trecho que esclarece a concepção predominante na época a respeito do adultério. Para o autor, embora desaconselhada, a infidelidade masculina não seria questionável quando mantida em sigilo, pois impediria que comentários maliciosos surgissem e ofendessem a esposa. A traição feminina, por sua vez, deveria ser punida a fim de preservar a honra do marido:

“A moral pública tem sido em todos os séculos e com razão mais severa em condenar a infidelidade da mulher que a do marido; e com razão. O mundo não dá aprovação ao marido libertino; mas é-lhe indulgente, se não é escandaloso, e não falta ao decoro de sua virtuosa esposa; mas, ao contrário, põe a honra dos homens nesta virtude do belo sexo, que lhe é a mais essencial e menos difícil.”²⁹²

²⁹⁰ DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. p. 67.

²⁹¹ Ibidem. p. 90.

²⁹² **Folhinha Patriótica para o ano de 1862 contendo a Crônica Nacional, notícias curiosas e interessantes e a primeira coleção de cartas do príncipe regente depois D. Pedro I imperador do Brasil**. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1862. s/p.

Além de se manterem calados quanto ao tema da infidelidade conjugal dos maridos, os redatores das duas revistas desestimularam o adultério feminino, caracterizado-o como um comportamento vil e incompatível com mulheres de moral elevada. Por isso, nas seções dedicadas às narrativas ficcionais eles trouxeram exemplos de personagens que se mantiveram fiéis a seus cônjuges, as quais foram recompensadas com a paz doméstica, e de outras que se entregaram a relacionamentos ilícitos e, como consequência, receberam severas punições.

No primeiro caso, encontrou-se o já mencionado folhetim “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental”²⁹³. Contou a história de um velho comerciante, generoso e gentil, que foi à falência depois de esbanjar sua riqueza. Adoentado com o duro golpe, pediu a sua mulher que fosse falar com seu amigo, o alfaqui, a quem outrora havia emprestado dinheiro. Ele se encantou com a beleza da moça, chamada Aroya, e prometeu que lhe daria o devido valor de bom grado, caso ela aceitasse passar a noite a seu lado. A honesta esposa do comerciante se negou a aceitar as condições do alfaqui, a quem repeliu dizendo as seguintes palavras: “Coibi-vos, insolente! E não vos lisonjeeis do que eu vos possa escutar! Ainda que possuísse todas as riquezas do Egito e m’as quisesse dar, seria impossível corromper a minha fidelidade!”. Ela decidiu prestar queixa com o juiz, o qual foi igualmente seduzido por sua beleza e prometeu ajudá-la sob as mesmas condições impostas pelo antigo amigo do marido. A moça recorreu, então, ao governador, que também lançou sobre ela seus olhos voluptuosos.

Mesmo entristecida com a situação, Aroya não desistiu de reaver o dinheiro e pensou no seguinte plano: ela convidou os três homens a passarem a noite em sua casa, cada um em um horário diferente. Quando o alfaqui chegou, disfarçou suas reais intenções e fingiu estar satisfeita com a presença do convidado. Logo uma escrava entrou no quarto, desesperada, avisando que seu marido estava em casa. Aparentando preocupação, Aroya pediu que o alfaqui se escondesse dentro de uma arca. E assim ela fez com o juiz e o governador, até que todos estavam trancados, cada um em uma arca diferente. Depois de

²⁹³ “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1852, n. 9, p. 66-68, n. 10, p. 73-76, n. 11, p. 81-84. Fonte estrangeira: “Histoire de la belle Arouya”. **COMPTE inédits des milles et une nuits**. Traduits en français par M. G. –S. Trébutien. t. III. Paris: Librairie Orientale de Dondey Dupré père et fils, 1828. p. 350-367.

aprisionar os três homens, a bela moça dirigiu-se ao castelo e contou ao sultão toda sua história, mostrando os prisioneiros como prova de seu testemunho. O alfaqui teve que pagar quatro vezes mais pela dívida, enquanto o juiz e o governador foram destituídos de seus postos.

Entretanto, os infortúnios do casal ainda estavam longe de terminar: interessado por Aroya, o sultão pediu a seu marido que permitisse que ela se tornasse uma de suas amantes. Nesse momento, o comerciante se mostrou tão virtuoso quanto sua mulher, afirmando ao soberano que a esposa lhe era “cem mil vezes mais cara do que todas as coisas do mundo” e que, por esse motivo, recusava a alta quantia de dinheiro que ele pretendia lhe dar em troca de Aroya. Ainda assim, conversou com sua mulher e lhe explicou o ocorrido. O casal juntou suas economias, fugiu e nunca mais foi visto.

Outras protagonistas não tiveram a mesma sorte que Aroya. Em “A grade do jardim”²⁹⁴, por exemplo, foi narrado o triste desenlace do caso extraconjugal entre Amélia de Leurtal e o conde W. Certa manhã, enquanto deixava a casa dos Leurtal, o amante ficou com o dedo preso no portão. Achando que se tratava de um ladrão, o jardineiro cortou o dedo do conde fora com uma tesoura e correu dar a notícia para o patrão. Intrigado, o senhor Leurtal começou a desconfiar da fidelidade de sua mulher. Por isso, fez uma lista dos possíveis suspeitos, esperando que o verdadeiro culpado faltasse à festa que dariam em sua casa, naquela mesma noite. A fim de diminuir as suspeitas do marido, Amélia recebeu os convidados “brilhante e tranquila”, mantendo as aparências mesmo quando o conde W. apareceu. Diante da calma demonstrada pelo amante, a anfitriã respirou aliviada e se entregou ao baile, divertindo-se com os demais convidados. Durante a valsa, porém, percebeu que debaixo da luva o conde usava algodão no local do dedo que lhe faltava. Ela foi acometida por uma forte febre e levou vários dias para se restabelecer. Seu amante, por sua vez, partiu com o exército para uma batalha, onde foi gravemente ferido. Para esconder qualquer evidência de seu relacionamento com Amélia, ele se submeteu a uma operação e amputou o braço no qual lhe faltava o dedo cortado pelo jardineiro.

²⁹⁴ “A grade do jardim”. **Novo Correio de Modas**. 2º. sem. de 1852, n. 01, p. 2-4. Fonte estrangeira: “La grille du parc”. SOULIÉ, Frédéric. **Un été à Meudon**. Paris: Michel Levy-Frères, 1859. 139-149.

Na lista das narrativas dedicadas ao tema do adultério feminino, esteve também “A marquesa de Brinvilliers”²⁹⁵, a qual se debruçou sobre a série de delitos cometidos por Madame D’Aubray, que incluíram, é claro, a infidelidade conjugal. Filha de um membro do parlamento francês, ela se casou com um marquês de quem obteve o título de nobreza. A felicidade do casal, porém, durou pouco tempo. Logo o marido “se esqueceu daquele violento amor por sua esposa”, porque havia se deixado levar por uma atração momentânea, e começou a tratá-la com indiferença. Disposta a se vingar, a marquesa iniciou um relacionamento fora do casamento. Quando descobertos, os dois amantes foram presos e, a partir de então, deram início a uma vida criminosa, matando o pai da moça e planejando o assassinato do marquês. Contudo, o amante morreu asfixiado durante o preparo de um veneno, o que levou as autoridades a descobrirem a autoria desses crimes e novamente encarcerarem Madame D’Aubray. Ao final, ela foi decapitada em praça pública e suas cinzas, lançadas ao mar.

O narrador depreciou a atitude da marquesa, afirmando que ela “não parecia pertencer à espécie humana”, e valorizou o comportamento de seu marido, dizendo que o marquês jamais a abandonara: “(ele) nunca a desamparou até ao último momento; tinha sido muito forte a impressão que ela havia feito em seu coração para a abandonar nestas circunstâncias.” Como vimos, no início do texto, o marquês apareceu como um jovem impulsivo, cujo amor pela esposa foi resultado de uma paixão momentânea e, como tal, se extinguiu rapidamente. É possível que a mudança em relação à caracterização dos sentimentos do esposo tivesse o objetivo de aumentar a culpabilidade da marquesa, uma vez que se os leitores se compadecessem da situação poderiam tolerar seu comportamento, o que não estaria de acordo com a moral da época.

“Henriqueta de Mont-Clara”²⁹⁶, outra narrativa estrangeira sobre o tema da infidelidadeconjugal feminina, descreveu os sofrimentos de uma linda condessa, cujo marido, antes terno e zeloso, tornou-se agressivo depois que começou a participar de

²⁹⁵ “A marquesa de Brinvilliers”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1854, n. 14, p. 107-109. Fonte estrangeira: “La marquise de Brinvilliers”. **La Mosaïque du midi**, edição de julho de 1841, p. 215-224.

²⁹⁶ “Henriqueta de Mont-Clara”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1854, n. 15, p. 110-166, n. 16, p. 121-123. Fonte estrangeira: GAUDIN, Mademoiselle de. “Henriette de Montclare. Anecdote tragique”. CHATEAU-LYON, D’AQUIN DE (org.). **Almanach Littéraire ou étrennes d’Apollon**. Paris: Mme. la veuve de Dúchense, 1784. p. 54-66.

apostas e se envolver com pessoas corruptas. Para escapar da violência doméstica, ela decidiu fugir com o conde de Marsanges, única “alma honesta que se interessa[va] por sua sorte.” O atraso do amado ao encontro fez com que a moça se julgasse abandonada e, por isso, ela se suicidou. Profundamente abalado com o ocorrido, o conde perdeu a sanidade mental, a qual não foi restituída mesmo diante dos esforços de seus familiares. Ainda que não tenham de fato consumado o adultério, Henriqueta e o conde foram castigados e sofreram dolorosas punições. O desfecho trágico de ambas personagens serve para desestimular tanto a infidelidade feminina – apontada como uma saída desonrosa em qualquer situação –, quanto o interesse masculino em mulheres comprometidas.

Uma narrativa brasileira escrita por Maciel da Costa também tratou da questão do adultério feminino. “A missa do galo!! Legenda brasileira”²⁹⁷ contou a história de Isabel e Carlos, um jovem casal que vivia em uma “grande e formosa fazenda, arredada da cidade de S. Paulo uma légua”. Na noite do dia 24 de dezembro, véspera de Natal, Isabel deveria receber a visita de Adolfo, com quem mantinha um caso a despeito de sua condição de mulher casada. Contudo, quem compareceu ao encontro foi o fantasma do amante, que havia sido assassinado por Carlos quando descobriu o relacionamento extraconjugal. O espectro dirigiu à protagonista as seguintes palavras: “– Isabel! O Céu perdoa todos os crimes, menos o adultério. Carlos transpassou-me o peito com a espada (...) porém lembrete que o adultério é grande crime (...)” Ele tocou a face da antiga namorada e nesse local surgiu uma profunda ferida que jamais cicatrizou. Embora tenha limpado sua honra, o marido traído enlouqueceu e nunca mais recuperou a razão. Para compensar a deformação física, bem como atenuar o remorso de ter causado a morte de Adolfo e a loucura de Carlos, Isabel decidiu entregar sua vida a Deus.

O escritor escondido sob a assinatura de *** retomou várias vezes o tema da infidelidade conjugal das esposas. Em “Os dois castigos”²⁹⁸, por exemplo, descreveu um triângulo amoroso protagonizado por Adelaide, seu marido, Lúcio, e seu amante, Leandro. Lúcio sofria há vários anos de uma misteriosa doença que tolhia seus movimentos e o fazia depender inteiramente dos cuidados de sua mulher. Por sua dedicação ao marido, Adelaide

²⁹⁷ COSTA, Maciel da. “A missa do galo!! Legenda brasileira”. **Correio das Modas**. 1º. sem. de 1839, n. 1, p. 2-4.

²⁹⁸ “Os dois castigos”. **Novo Correio de Modas**. 2º. sem. de 1853, n. 17, p. 129-132.

era elogiada por todos e considerada um modelo de esposa ideal. Entretanto, por detrás das aparências, ela mantinha um relacionamento de longa data com Leandro, o melhor amigo de Lúcio, de quem acabou engravidando. Desesperada com a situação, ela correu ao encontro do amante em busca de apoio e morreu sufocada em seu quarto, ao derrubar um pesado móvel sobre si. Lúcio padeceu durante algum tempo, mas logo encontrou as cartas que ela havia enviado ao amante e decidiu se vingar, matando o antigo amigo com uma bala no peito. Meses depois, apesar de ter cometido um assassinato, ele morreu em paz e “entregou sua alma ao Criador”. Embora não tenha valorizado a conduta de Leandro, que também foi castigado com a morte, o narrador depreciou especialmente o comportamento de Adelaide, redigindo as seguintes considerações a respeito de sua trágica morte:

“Morta. Ela o havia merecido porque havia traído o mais santo dos deveres: porque havia sido infiel ao melhor dos maridos.

Morta. Ela o havia merecido, porque Deus é justo e não pode deixar sem castigo esses atentados contra todas as suas leis.

Essa mulher havia jurado, na presença dele, fidelidade a esse homem, e havia quebrado o seu juramento. E quando? quando a vida dele prendia por um fio, quando uma impressão desagradável lh’o podia cortar

Essa mulher via seu marido a braços com uma dolorosa enfermidade: via-o cruelmente atormentado pela dor física; pois quis que sofresse a outra muito mais aguda, a dor moral.

Pois sim: essa mulher estava morta: tinha sofrido o castigo de Deus.”²⁹⁹

Em “Os dois ribeiras”, outra narrativa do mesmo autor, apareceram as figuras de dois irmãos, chamados João e Jorge. Ambos se apaixonaram por uma bela moça, Leonor, que vivia na fazenda vizinha de onde moravam. Enquanto o primeiro era afeito aos trabalhos no campo, o segundo havia se dedicado à educação escolar e se formado como advogado. Diante do impasse, o pai dos rapazes decidiu que Jorge poderia pedir a mão da menina, enquanto João permaneceria ajudando na fazenda da família. Alguns anos mais tarde, Jorge se viu obrigado a fazer uma longa viagem, o que possibilitou que Leonor e João finalmente se encontrassem a sós e iniciassem um relacionamento amoroso. Ao voltar para casa, Jorge adoeceu gravemente e logo se encontrou à beira da morte. Pouco antes de expirar, pediu perdão ao irmão por ter se casado com a mulher que ele amava. João foi

²⁹⁹ Ibidem. p. 131.

tomado por um forte sentimento de culpa e perdeu a lucidez, vivendo a partir de então nas ruas, como mendigo. Mesmo tomada pelo remorso, Leonor manteve a razão e conseguiu criar, sozinha, o filho bastardo que teve em seu relacionamento com o cunhado.

Apesar de tolerantes em relação ao adultério masculino, os textos ficcionais publicados pelo *Correio das Modas* e pelo *Novo Correio de Modas* criticaram os homens que não desempenharam adequadamente o papel de esposo e pai. Censuraram especialmente aqueles que se voltaram à “vida estragada do jogador”, capaz de “arruin[ar] a alma e coração de um pobre homem”, levando-o a desperdiçar as noites ao lado de pessoas corruptas e preferindo estas companhias ao doce aconchego do lar. “A tabuagem, ou o jogo da banca”³⁰⁰ foi a que mais se deteve sobre essa questão. Trouxe a história de Siegfried, o único fidalgo de uma pequena cidade que ainda não havia sido seduzido pelo jogo. Por esse motivo, ele ficou conhecido como avarento entre seus amigos que, afinal, o convenceram a assistir a uma partida. Logo Siegfried começou a jogar todas as noites, apostando cada vez quantias mais altas. Numa dessas ocasiões, ele conheceu um velho, cujo olhar penetrante e melancólico o instigou a ponto de levá-lo a tratar o desconhecido de forma grosseira. Quando procurou se desculpar, porém, o velho o alertou sobre os perigos do jogo dizendo-lhe as seguintes palavras:

“- Possa pois, este olhar, exclamou o velho, ficar para sempre gravado na vossa memória, para vos preservar dos perigos que cavam um abismo em vosso futuro. Desconfia da fortuna do jogo, enquanto é tempo de escapar à fascinação que ele exerce sobre vós, porque em menos espaço do que vós podeis acreditar, eu já antecipadamente vos estou vendo arruinado e com a honra perdida!...”³⁰¹

Com o objetivo de oferecer “um conselho de amigo, corroborado com um exemplo”, o desconhecido narrou-lhe a trajetória de Ménars, um jovem fidalgo de hábitos moderados que começou a frequentar casas de jogos diante da necessidade de saldar algumas dívidas. Como a sorte lhe era muito favorável, ele logo ganhou uma quantia estimável de dinheiro que acendeu seu desejo de riqueza. Após essa ocasião, Ménars

³⁰⁰ “A tabuagem, ou o jogo da banca”. *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1852, n. 21, p. 161-164, n. 22, p. 169-172 e n. 23, p. 177-179. Fonte: HOFFMAN, Ernst Theodor Wilhelm. “La banque de Pharaon”. *Contes Fantastiques de Hoffmann*. Trad. par Loève-Vermais. Paris: Lavigne, 1843. p. 224-240.

³⁰¹ “A tabuagem, ou o jogo da banca”. *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1852, n. 21, p. 163.

passou a jogar todas as noites. Corrompido pelo vício no jogo, ele se transformou em um homem avaro e ganancioso, em nada parecido com o cavalheiro que havia sido outrora. Comprou uma casa de jogo e levou diversos concorrentes à ruína. Entre esses esteve Francesco Vertua, um velho bancário que emprestava dinheiro a juros altíssimos. Ele escapou da ruína pois foi socorrido por sua filha, Ângela, que trabalhou para sustentar a ambos. Ménars se comoveu com essa história e decidiu mudar de vida: deixou para trás seu vício e conquistou o coração de Ângela, com quem se casou. No entanto, depois da morte de seu sogro, ele voltou a jogar e se envolveu em apostas cada vez mais arriscadas. Como resultado, perdeu toda sua fortuna (desde casa, móveis e jóias) e ainda a própria mulher numa partida malograda. Quando voltou para casa a fim de dar a notícia à esposa, encontrou-a morta. Ângela havia sucumbido com a dor de ver seu marido voltar a jogar.

Podemos aproximar as protagonistas de “Henriqueta de Mont-Clara” e de “A tabuagem, ou o jogo da banca” devido ao fato de que ambas tiveram os maridos seduzidos pelo vício no jogo e encontraram a morte no final da história. As semelhanças, entretanto, param por aí, visto que cada narrativa teve a intenção de criticar um comportamento em específico. No último caso, condenou-se a participação em casas de jogos e outros ambientes semelhantes, como os frequentados pelo protagonista Ménars. Já em “Henriqueta de Mont-Clara”, houve maior preocupação em denegrir a conduta de Henriqueta, que pensou em fugir com um amante para escapar das surras do marido. Ficou evidente nos dois textos a ideia de que a esposa deveria permanecer ao lado do esposo em quaisquer circunstâncias, tolerando com resignação os sofrimentos surgidos no casamento. Daí que apenas Ângela tenha morrido de forma honrosa, vítima de sua dor, enquanto Henriqueta se viu obrigada a se suicidar para dar fim a seus tormentos.

4.2 Normas de comportamento para pais e filhos

Além de defenderem a união e a fidelidade conjugal (sendo esta última uma obrigação exclusivamente feminina), o *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas* se

preocuparam em nortear as relações entre pais e filhos. Quanto aos últimos, um dos principais preceitos que as revistas procuraram ensinar foi a submissão à vontade paterna, sobretudo nas questões relativas ao casamento. Ambas defenderam a ideia de que caberia ao chefe de família a tarefa de escolher os cônjuges mais adequados para seus filhos – ainda que em um primeiro momento a decisão pudesse provocar o descontentamento ou até mesmo a rebeldia dos jovens. Para tanto, trouxeram exemplos de personagens que acataram fielmente as decisões tomadas pelos pais, casando-se com indivíduos escolhidos por eles, e de outras que contrariaram tais resoluções e decidiram seguir seus próprios desejos. As primeiras foram recompensadas com a paz no ambiente doméstico, enquanto as segundas passaram por uma série de infortúnios, tendo assim a conduta castigada.

No primeiro caso encontrou-se a narrativa “Joana, ou o amor contrariado”³⁰². A protagonista, uma bela camponesa de longos cabelos pretos, morava em uma humilde cabana com seu pai, conhecido como tio Talon. Ele era famoso nas redondezas por suas habilidades na caça e logo ensinou à filha, que costumava acompanhá-lo nessas aventuras, o segredo da boa pontaria. Quando Joana começou a se mostrar excessivamente distraída, seu pai percebeu que ela estava apaixonada por Basílio, um homem fraco e sem iniciativa. Diante desse fato, tio Talon acertou que ela se casasse com um antigo sargento, chamado Pedro Lachaux, que era robusto e muito corajoso. A conversa travada entre pai e filha mostra a submissão de Joana diante da autoridade paterna:

“- É verdade, Joana, faço questão te de casar.

- A mim, pai?

- Pedro Lachaux pediu-te em casamento. Eu disse-lhe sim.

A rapariga que a princípio tinha corado, ergueu a cabeça admirada; e com um sorriso que mostrava indiferença, respondeu:

- Não gosto de Pedro Lachaux.

- Embora! Gosto eu dele.

- Joana olhou para o pai, a ver se falava sério.

- Não me quero casar, disse a rapariga com ânimo.

³⁰² “Joana, ou o amor contrariado”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1852, n. 18, p. 137-140. O texto original foi publicado na *Revue pittoresque: Musée littéraire rédigé par les premiers romanciers et illustré par les premiers artistes*, em 1850. No entanto, é possível que a narrativa tenha entrado no Brasil por intermediação portuguesa, já que um texto muito parecido, chamado “O que fez um marido para que sua mulher o amasse”, foi veiculado na *Revista Popular: seminário de literatura, ciência e indústria*, em 1852. Fontes estrangeiras: “Comment on se fait aimer de sa femme”. **Revue pittoresque**, edição de 1850, p. 24-27; “O que fez um marido para que sua mulher o amasse”. **Revista Popular**, v. V. janeiro de 1852, p. 28-30.

O pai já não lhe dava ouvidos. Acabava de largar o cão a uma excelente lebre, contra a qual já armava o gatilho. Depois de te disparado, voltou a atar assim o fim do discurso.

- Pedro Lachaux há de cá vir amanhã. Há três anos que lhe estás prometida: e antes de oito dias serás tua mulher.

Isto não tinha réplica. Joana guardou para si as reflexões que fazia.”³⁰³

Sem ousar enfrentar o pai, por quem tinha profundo respeito, Joana adotou outra estratégia e se dirigiu ao noivo, ameaçando matá-lo caso ele não desistisse de seu objetivo. Contudo, Pedro Lachaux nada temeu. Alguns dias após o casamento, a moça decidiu cumprir sua promessa e atirou em seu marido com uma espingarda. Pedro Lachaux ficou gravemente ferido e Joana, arrependida, passou a zelar dia e noite pela saúde do esposo, ficando a seu lado até que ele se restabelecesse completamente. O desfecho da narrativa contrapõe a inexperiência de Joana com a sabedoria de seu pai: como era jovem, a moça desconhecia a realidade de suas emoções e se apaixonou por um homem de caráter tívio; já o camponês elegeu para a filha um noivo valente que não desistiu do casamento mesmo quando ameaçado. Embora a decisão paterna lhe parecesse injusta inicialmente, Joana obedeceu ao pai e teve seu comportamento premiado com a felicidade conjugal, o que não aconteceria caso ela optasse por seguir suas próprias deliberações.

Outras personagens seguiram caminhos diferentes e não tiveram a mesma sorte. Em “Casamento por inclinação”³⁰⁴, a protagonista Sara revoltou-se contra as decisões do pai, Lord Wils, e contraiu núpcias com o filho de um tenente sem obter seu consentimento. A moça foi deserdada, proibida de frequentar a casa da família e humilhada publicamente. Teve ainda que começar a trabalhar para fugir da condição de miséria em que vivia ao lado do marido, Geraldo, e de suas duas filhas, Luzia e Georgina. Apesar de se esforçarem diariamente para reverter a situação, eles ganhavam tão pouco que mal conseguiam garantir o sustento da família. Para Geraldo, o trabalho humilde era uma ofensa a seu orgulho, “um sacrifício que ele prestava com a maior repugnância.” Já Sara acreditava que o estado miserável em que viviam resultava “de uma punição pela falta que tinha cometido em

³⁰³ Ibidem. p. 138.

³⁰⁴ “Casamento por inclinação”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1853, n. 11, p. 81-84. Fonte estrangeira: SYVA, Edmêe de. “Un mariage d’inclination”. **Album littéraire et musical de la Minerve**, novembre 1849, p. 311-314.

casar-se contra a vontade de seu pai.” Ela se mostrava especialmente preocupada com a educação das filhas, a quem lamentava ter exposto àquela pobre condição. Por isso, quando Lord Wils aceitou cuidar de sua neta mais velha com a condição de que ela nunca mais se encontrasse com a mãe, Sara teve que se despedir de Luzia, mesmo “derram[ando] muitas lágrimas.” Os sofrimentos da personagem aumentaram ainda mais quando o marido perdeu o emprego, ficando sem meios de subsistência. Como era “homem sem energia, e incapaz de lutar com a má fortuna”, Geraldo se suicidou, abandonando esposa e duas filhas à própria sorte.

“O encontro misterioso”³⁰⁵, do brasileiro Carlos Menezes, alertou sobre os perigos de se desobedecer às ordens paternas e se entregar a aventuras amorosas. Alfredo, o protagonista, disse que determinada ocasião caminhava pelas ruas de São Paulo, quando se deparou com uma moça que parecia necessitar de ajuda. Por cortesia, ele ofereceu-lhe o braço e passou a acompanhá-la em seu trajeto. A desconhecida apresentava sinais de profunda dor: franzia as sobrancelhas, gemia baixinho e respirava com dificuldade. Logo Alfredo percebeu que ela estava em trabalho de parto. Depois de dar à luz a uma criança em um lugar afastado, longe de olhares curiosos, a moça passou em um orfanato e se despediu do narrador que ficou extremamente impressionado pelo ocorrido. Mesmo assim, ele não se compadeceu com a situação enfrentada pela estranha, uma vez que, a seu ver, os sofrimentos vividos pela jovem mãe seriam fruto de sua conduta indevida e de seu envolvimento com um sedutor qualquer:

“Oh! É um fenômeno raro este amor, este amor invencível, exclusivo, tirânico, que do cérebro rouba a inteligência, do coração o sentimento, d’alma toda crença, para dominar só e sem rival como um sultão d’Ásia!! Este amor que dá às fracas donzelas audácia de projetos e de ações, lhes tira o pudor tão natural ao seu sexo e até as recordações do que devem às suas famílias!”³⁰⁶

Ainda outro castigo recaiu sobre as personagens que não cumpriram as ordens dos pais: a morte. Foi o que aconteceu com os protagonistas da narrativa “Roberto e Ana

³⁰⁵ “O encontro misterioso”. **Novo Correio de Modas**. 1º sem. de 1839, n. 10, 09/03/1839, p. 83-86.

³⁰⁶ Ibidem. p. 86.

D' Arfect. Anedota sobre a descoberta da Ilha da Madeira”³⁰⁷. O navio que transportava os dois amantes em sua fuga naufragou, fazendo com que eles padecessem, durante dias, em uma ilha deserta, sem encontrar alimentos para sobreviver ou meios de fugir do local. Finalmente, após muito sofrimento, o jovem casal faleceu e foi enterrado sob o mesmo sepulcro. Para concluir, o narrador assinalou que a trágica morte seria resultado dos arroubos de Roberto e Ana, afirmando que seus túmulos “testemunha[riam] deste modo aos que de futuro aquela terra pisassem que o amor indiscreto é sempre justamente punido!...”

Outras personagens também foram vítimas de “amores indiscretos” e tiveram, como consequência, fins ainda mais trágicos do que aquele vivido pelos protagonistas da narrativa anterior. “Cristóvão e Leonor”³⁰⁸ contou a história de um casal de famílias inimigas que se apaixonou perdidamente e decidiu fugir para se casar mesmo sem a permissão dos pais. Os fugitivos pediram abrigo na casa de alguns judeus que tinham o estranho hábito de usar luvas até os cotovelos e guardava um corpo na cozinha – motivo que os levou a abandonar imediatamente o local. Mais tarde, eles descobriram que seus antigos anfitriões sofriam de uma misteriosa doença que os deixava com as mãos pretas e os obrigava a consumir sangue humano fresco. Leonor ficou tão abalada com a história que morreu alguns dias depois, para o desespero de Cristóvão.

Na narrativa intitulada “Cristina no convento de Nonnenwerder”³⁰⁹, a protagonista também assistiu à morte de seu amado, Rodolfo. Durante uma tentativa de fuga, ele se afogou nas geladas águas de um rio, localizado ao lado do convento onde Cristina estivera enclausurada. Diante desse fato e sem outra alternativa, a moça aceitou as deliberações paternas e decidiu entregar sua vida ao celibato, dedicando-se a partir de então inteiramente a Deus. Podemos afirmar que, em um certo sentido, a perda da pessoa amada constituiu um desfecho ainda mais nefasto do que a própria morte, tanto que após essa

³⁰⁷ “Roberto e Ana D’Arfect. Anedota sobre a descoberta da Ilha da Madeira”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1854, n. 2, p. 11-13. Trata-se de uma lenda a respeito da descoberta da Ilha da Madeira. Em nossa busca, localizamos diversas versões da história, a maioria publicada entre o século XVIII e XIX.

³⁰⁸ “Cristóvão e Leonor”. **Novo Correio de Modas**. 2º. sem. de 1853, n. 1, p. 1-3. Não localizamos a fonte da narrativa.

³⁰⁹ “Cristina no convento de Nonnenwerder”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1853, n. 21, p. 161-164. Fonte estrangeira: “Christine at the convent of Nonnenwerder”. **The Mirror of literature, amusement, and instruction**, edição de 23/05/1840, p. 337-339.

ocasião nem Cristóvão nem Cristina viveram em paz, pois eram atormentados pela culpa da morte de Leonor e de Rodolfo, respectivamente.

As revistas *Correio das Modas* e *Novo Correio de Modas* procuraram ainda ensinar os filhos a nutrir um profundo respeito pelos pais e a tratá-los sempre de maneira educada. Em “O tio Lourenço. Conto”³¹⁰ apareceu a figura de Luís, um jovem rapaz cujos hábitos rudes não poupavam nem mesmo sua mãe, a quem ele vivia dirigindo palavras ríspidas e pouco amigáveis. Percebendo essa situação, seu tio Lourenço resolveu lhe dar uma lição e passou a se comportar de forma igualmente grosseira. Luís se incomodou com essa atitude e resolveu falar com o tio, mas foi surpreendido quando ele lhe respondeu que estava baseando suas atitudes nas do dono da casa, pensando por esse motivo apenas em seu prazer e bem-estar. O moço se deu conta de seu erro e, desde então, começou a se importar com as necessidades dos demais, dando especial atenção a sua mãe, que lhe enchia de atenção e afeto.

A esse respeito, podemos mencionar também a já referida narrativa “Casamento por inclinação.” Como vimos anteriormente, depois de ter se casado sem obter a permissão paterna, a protagonista Sara foi obrigada a se separar de sua filha mais velha para que o avô da menina se encarregasse de sua instrução. Enviada a um convento, Luzia recebeu esmerada educação e retornou ao castelo de Lord Wils, alguns anos mais tarde. Bonita, inteligente e espirituosa, a moça conquistou não apenas a simpatia do avô, como também a admiração de muitos pretendentes e a inveja de diversas mulheres. Logo começou a se mostrar excessivamente orgulhosa, adotando atitudes altivas no intuito de diminuir os maliciosos comentários acerca de sua origem. Assim, fingiu não conhecer a mãe quando ela se dirigiu às portas do palácio de Lord Wils com o objetivo de pedir sua ajuda. Sara havia sido coagida a deixar suas terras após a morte do marido, pois não dispunha de condições financeiras para manter a si e a filha mais nova, Georgina.

Em vez de se compadecer da triste situação de sua família, Luzia se envergonhou das roupas maltrapilhas usadas pela mãe e a abandonou, fugindo em uma sege que partia naquele momento. Profundamente abalada com mais esse golpe do destino, Sara

³¹⁰ “O tio Lourenço. Conto”. *Novo Correio de Modas*. 2º. sem. de 1852, n. 3, p. 17-20, n. 4, p. 25-28. Não localizamos a fonte da narrativa.

desmaiou e foi socorrida por sir. Ricardo, um sobrinho de Lord Wils conhecido por sua nobreza de caráter e por seu espírito elevado. Ao se inteirar da situação, o jovem fidalgo recriminou a atitude da prima e ofereceu abrigo às duas mulheres, que a partir de então ficaram sob sua proteção. Apesar de cativado pela beleza de Luzia, ele logo perdeu o interesse na irmã mais velha e se aproximou de Georgina, porque admirava “a bondade e a solícita amizade” que a moça dirigia a sua mãe. Quando Lord Wils morreu, acometido por uma peste, ele deixou $\frac{3}{4}$ de sua herança para Sir. Ricardo, com a condição que ele se casasse com sua neta, e $\frac{1}{4}$ para a filha, a quem dizia ter tratado com excessiva severidade. Contrariando as expectativas de todos, o moço pediu a mão de Georgina, a qual teve a conduta compensada com um excelente casamento. Já Luzia recebeu uma dupla punição: ela perdeu não apenas o futuro marido para a irmã mais nova, como também a fortuna que o avô havia lhe deixado, imaginando que ela se casaria com o primo.

De acordo com os preceitos ensinados pelas revistas, depois de adultos, os filhos deveriam conservar grande respeito por seus pais e se orgulhar de suas raízes. A narrativa “Os dois generais russos”³¹¹ evidenciou essa percepção. Ela trouxe a história de dois oficiais do exército de Pedro I, ambos de origem humilde, que passaram longos anos sem encontrar suas respectivas famílias. Enquanto o primeiro, chamado Bohn, desprezou sua mãe quando ela foi procurá-lo, oferecendo-lhe dinheiro para que desaparecesse, Bauer, o segundo, festejou a reaproximação com seu irmão, um simples camponês que trabalhava no moinho familiar. Como resultado de suas ações, o filho ingrato foi punido com uma reprimenda pública feita pela própria rainha, que também viera de uma família de poucos recursos. Já o filho honrado pode desfrutar de uma existência feliz ao lado daqueles que tanto estimava.

A preocupação com o dever filial não se restringiu às revistas. Ele foi abordado também na narrativa “O homem que perde a memória”, da já mencionada *Folhinha das três*

³¹¹ “Os dois generais russos”. *Novo Correio de Modas*. 2º. sem. de 1852, n. 19, p. 152-153. Localizamos uma versão em língua inglesa no *The budget of wit and amusement: being a select collection of anecdotes, bon mots, &c.*. De acordo com a publicação, o texto havia sido extraído do *Sonntag's Russian*. No entanto, provavelmente chegou ao Brasil por intermédio português, pois uma tradução portuguesa, chamada “Ingratidão para com os seus”, foi publicada no *Arquivo Popular: leituras de instrução e de recreio* Fontes estrangeiras: **The budget of wit and amusement: being a select collection of anecdotes, bon mots, &c.**, edição de 1812, p. 81-84; **Arquivo Popular**, edição de 28/08/1841, p. 278.

novelinhas para o ano de 1875. Como vimos anteriormente, ela descreveu os infortúnios de um filho ingrato que recebeu como castigo a perda da memória ao desonrar seus humildes pais, depois de ascender socialmente.³¹² Outra publicação da Tipografia Universal, a *Folhinha Patriótica para o ano de 1862*, defendeu ainda mais enfaticamente essa ideia, observando que a obediência deveria ser um dever filial e ainda:

“(...) ‘honra’, não os maldizendo [os pais], nem descobrindo seus defeitos, ‘referência’, prestando-lhes todos os sinais de veneração, ‘afeto’, manifestando-lhes perene gratidão, como aos seus primeiros e assíduos benfeitores, ‘piedade’ em suas necessidades, obsequiando-os na sua velhice, antepondo os seus cômodos e confortos ainda às próprias carências, suportando as suas durezas e impertinências.”³¹³

Por fim, as narrativas publicadas pelas revistas pregaram que os filhos deveriam visar às necessidades familiares antes de suas próprias. Daí a valorização das personagens que abriram mão de seus sonhos em prol do benefício de seus pais e irmãos. A esse respeito, podemos citar o texto “Alina, ou uma vocação”³¹⁴. Aos 18 anos, a moça decidiu deixar sua família e abraçar a vida religiosa, entrando para um convento. Entretanto, pouco antes de cumprir o primeiro ano de noviciado, Alina foi surpreendida com a notícia da morte de sua mãe. Nesse momento, decidiu voltar para casa paterna a fim de cuidar de suas irmãs, que eram ainda muito jovens. Como seu pai se mostrava surpreso com sua resolução de abandonar aquele ambiente de “paz” e “descanso”, ela lhe respondeu dizendo que seria sua obrigação auxiliar a família num momento de dor:

“(...) eu que não hesitei de deixar vossa casa quando a felicidade e a alegria ali reinavam, vos peço a graça de me acompanhar até lá, agora que a tristeza e a aflição a acometeram, eu, que considero como o primeiro de todos os deveres, e como a primeira de todas as vocações, as obrigações da família, que a desgraça que acaba de acontecer criou para mim.”³¹⁵

³¹² Ver capítulo 1.

³¹³ **Folhinha Patriótica para o ano de 1862 contendo a Crônica Nacional, notícias curiosas e interessantes e a primeira coleção de cartas do príncipe regente depois D. Pedro I imperador do Brasil.** Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1862. s/p.

³¹⁴ “Alina ou uma vocação”. **Novo Correio de Modas**. 2º. sem. de 1852, n. 5, p. 33-35.

³¹⁵ Ibidem. p. 34.

Alina se empenhou em educar suas irmãs como uma mãe, tratando-as sempre com muito carinho e amor. Alguns anos depois, quando elas já estavam casadas, a antiga noviça finalmente retornou ao convento, onde se tornou “objeto de admiração e respeito.” Outra narrativa a tocar na questão do sacrifício filial foi “Elisa Delville”³¹⁶. A protagonista viu sua família padecer na miséria quando seu pai, que havia combatido ao lado de Napoleão, ficou sem meios de subsistência após a queda do imperador. Diante dessa situação, ela aceitou o pedido de casamento de Bertrand, um amigo da família que costumava lhes emprestar dinheiro e fazer outros favores. Elisa abdicou de sua felicidade casando-se com um homem muito mais velho, a quem não amava, com o objetivo de salvar seus pais e irmãos. Por esse motivo, a narradora se referiu a essa personagem como uma “angélica criatura” e uma “angélica menina”, reafirmando a ideia que suas virtudes seriam próprias a seres mais elevados.

As revistas femininas lançadas pelos irmãos Laemmert procuraram ainda guiar o comportamento paterno, condenando o ciúme excessivo ou a demasiada ganância de alguns pais, que seriam capazes de esquecer a felicidade dos filhos com o objetivo de atingir benefícios próprios. Na narrativa “A lenda dos dois amantes”³¹⁷, por exemplo, relatou-se a história de um monarca, muito apegado a sua filha, que não pretendia conceder com seu casamento. Por isso, ele estipulou que a princesa apenas contrairia núpcias com o indivíduo que se mostrasse capaz de realizar a seguinte proeza: carregar a herdeira do trono nos braços até o topo de uma alta montanha. Como era de se esperar, muitos falharam na tentativa de cumprir essa audaciosa tarefa. Finalmente um conde decidiu enfrentar o desafio e conseguiu subir até o local indicado, mas sucumbiu devido ao esforço descomunal que havia realizado. A seu lado, foi encontrado o corpo da princesa, que não resistiu ao falecimento do amado. No final, o rei se arrependeu de sua atitude egoísta e mandou construir um mausoléu em homenagem aos dois amantes.

O texto chamado “A gruta do amor. Novela histórica”³¹⁸ também tocou nessa questão ao descrever os infortúnios enfrentados por Sambada e Lourenço, um jovem casal

³¹⁶ “Elisa Delville”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1854, n. 13, p. 100-102, n. 14, p. 105-107. Não conseguimos descobrir a origem da narrativa.

³¹⁷ Ibidem. 2º. sem. de 1853, n. 20.

³¹⁸ Ibidem. 2º. sem. de 1853, n. 02.

que planejava se casar, mas teve suas expectativas frustradas diante da ambição desmesurada do pai da moça. Para elevar ainda mais sua fortuna, ele pretendia que a filha se casasse com algum rapaz abastado, por isso não viu com bons olhos seu relacionamento com Lourenço, que era filho de um simples pescador. Contrariando as resoluções paternas, Sambada decidiu visitar o amado na praia em companhia de sua ama, que insistia em voltar para casa devido ao mau tempo que se formava. Logo uma terrível tempestade se formou, obrigando os três a entrarem numa pequena gruta próxima à praia. O local foi rapidamente tomado pelo mar para o desespero de todos:

“O terror via-se pintado nos rostos do três infelizes, que nem sombra de esperança lhes restava de poderem salvar-se do perigo iminente que os cercava. Todavia, no meio de semelhante desgraça, Sambada era quem menos abatida se mostrava – parecia-lhe que a Providência, condoída de sua desventura, viria ainda em seu auxílio. Rogos e súplicas, bastantes se fizeram a Deus, mas ele não se dignou de atendê-las – talvez por não deixar impune a falta de Sambada, ou a ambição do pai, que não satisfeito com os bens e a riqueza que desfrutava, outros desejava, outros desejava para aumentar aqueles, externar-se assim o homem mais rico e poderoso do país: ele que outrora nada possuía! Ele, infeliz órfão, que antes do seu casamento com Rosália, mãe de Sambada, nada, absolutamente nada tinha de seu!”³¹⁹

Segundo o narrador, mesmo apelando para a misericórdia divina, Sambada, sua ama e Lourenço não foram salvos, possivelmente, por causa da desobediência da menina – que infringiu as regras paternas –, ou da má índole do pai – que planejava enriquecer ainda mais, esquecendo-se de suas origens humildes e até mesmo da felicidade da filha. Movido pela culpa, o pai da moça mandou enterrar, no mesmo túmulo, os dois amantes e a fiel aia. Tanto em “A lenda dos dois amantes” quanto em “A gruta do amor. Novela histórica”, o sepultamento da filha ao lado do amante constituiu uma tentativa tardia, realizada pelos chefes de família, de permitir a união entre duas pessoas apaixonadas – unidas simbolicamente após a morte em um único túmulo. Contudo, as protagonistas das duas histórias se diferem devido ao fato de que apenas a primeira se comportou de maneira exemplar, enquanto a segunda descumpriu as ordens paternas, causando a própria morte e a de mais duas pessoas. Nesse sentido, ainda que não aconselhe os pais a selecionarem os

³¹⁹ Ibidem. p. 14.

genros tendo em vista o enriquecimento, o *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas* também não incentivaram as moças a se esquecerem de suas obrigações filiais. O indicado seria sempre se submeter às deliberações do chefe da casa, estivessem eles ou não se comportando de maneira adequada.

4.3 Preceitos para mães e moças

Buitoni divide a imprensa periódica feminina do século XIX em dois grupos: o primeiro, designado pela autora como “tradicional”, não permitiria a ação das mulheres fora do lar, valorizando virtudes domésticas e outras qualidades associadas a esse ambiente; enquanto o segundo, chamado por ela de “progressista”, defenderia o direito desse sexo transitar por outros espaços e de desfrutar de uma vida social menos limitada.³²⁰ O *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas* fizeram parte do primeiro grupo, preconizando a necessidade de a mulher se dedicar inteiramente à família. Por isso, diversos textos veiculados pelos dois periódicos se debruçaram sobre o tema da maternidade. Como não poderia deixar de ocorrer, as personagens que não cumpriram devidamente seus deveres de mães foram punidas com severidade, tendo que lidar não apenas com o remorso pela antiga conduta, como também com o sofrimento dos filhos, a quem causaram, ainda que involuntariamente, muito pesar.

Esse foi o caso da condessa de ***, personagem da narrativa “O Sacrifício Eterno”³²¹. Segundo o narrador, “famosos antepassados, grande consideração, muitos amigos, casamento feliz, talento, opulência, tudo parecia contribuir para a ventura dessa mulher.” Todas essas condições, no entanto, não garantiam a felicidade da condessa. Demasiadamente vaidosa, ela sentia um ciúme incomensurável da beleza da filha, a ponto de deixá-la trancafiada em seu quarto para evitar que fosse vista por desconhecidos.

³²⁰ BUITONI, Dulcília Schoeder. **Mulher de Papel**. São Paulo: Edições Loyola, 1981. p. 28.

³²¹ “O sacrifício eterno”. **Novo Correio de Modas**. 2º. sem. de 1853, n. 13, p. 97-99. Fonte estrangeira: BOUILLY, J. N.. “Sacrifice éternelle”. **Les Mères de famille**. t. I. Bruxelles: Société Belge de Libraire, 1837.

Celeste, como se chamava a menina, era admirada por todos, não apenas por sua beleza, mas também por seu caráter angelical:

“o encanto inexprimível de seus olhos estava em perfeita harmonia com o delicado metal de voz, de maneira que não era possível saber a qual das qualidades se daria preferência, se aos numerosos atrativos que a embelezavam, ou ao caráter angélico de que seu semblante era fiel intérprete. (...) Em toda a parte era citada como um prodígio! Mas todas essas adulações, que muitas vezes lhe chegaram aos ouvidos, não tinham alterado a sua amabilidade, nem a franqueza do seu caráter (...).”³²²

Os esforços de Celeste para se aproximar da mãe não tinham bons resultados. A menina se empenhava em conquistar o coração da condessa, sendo-lhe sempre terna e carinhosa, mas ao mesmo tempo percebia que sua presença lhe causava um profundo sofrimento. Além disso, obedecia às ordens da mãe sem se queixar, deixando seu quarto apenas para jantar e lá retornando logo que os primeiros convidados apareciam, no início da noite. Ainda que a reclusão não lhe agradasse de forma alguma, Celeste esperava com isso conquistar a simpatia da condessa. Certa ocasião, a menina enfim tomou conhecimento dos sentimentos da mãe, ao se dar conta de que os elogios que recebia por sua beleza incomodavam a condessa. Ela não hesitou em reverter a situação: aproveitando a companhia de alguns pintores, pegou um pouco de vitríolo, um poderoso ácido usado por esses profissionais, e passou em seu rosto. Quando a condessa encontrou sua filha, ela estava desfigurada, coberta de profundas cicatrizes e nódoas pretas na face. Além disso, o líquido corrosivo usado por Celeste havia entrado em seus olhos, cegando-a por toda a vida. O sacrifício da menina conseguiu, enfim, romper o orgulho da condessa:

“A condessa, cheia de remorsos, vestiu-se de sarja de cor de cinza. Constituiu-se na obrigação de guiar a cega sua filha, cujas feições, posto que desfiguradas, eram menos repugnantes que as de sua mãe, que se alteravam todas as vezes que seus olhos se fitavam na sua desditosa filha. Celeste, então, sempre carinhosa, dizia a sua mãe, à causa de seus males: ‘– Não se aflija, minha mãe; o que hoje desfruto é muito superior ao que perdi: as minhas feições eram apenas passageiras, quando os vossos

³²² “O sacrifício eterno”. *Novo Correio de Modas*. 2º. sem. de 1853, n. 13, p. 97.

carinhos só acabaram com a vida; e se algumas vezes tenho pena de ter perdido a vista é unicamente por não ter a ventura de ver-vos.”³²³

A condessa de *** foi apontada como um mau exemplo de mãe porque se deixou levar por seu demasiado orgulho, negligenciando a própria filha por esse motivo. De acordo com os preceitos ensinados nos dois periódicos, as mulheres deveriam abdicar da felicidade em prol dos filhos, ainda que causassem sofrimento a si mesmas. Dessa forma, embora invejassem a admiração que Celeste causava a todos, a condessa deveria ter superado essa mágoa lembrando-se que sua atitude gerava pesar à menina. O tom crítico em relação ao comportamento da protagonista proveio da percepção de que ela foi capaz de magoar a filha apenas para continuar sendo considerada a mais bonita e satisfazer sua altivez.

As narrativas publicadas pelas revistas procuraram incutir a ideia de que seria necessário esconder as meninas dos prazeres do mundo. Assim, uma participação mais ativa na sociedade poderia ocorrer apenas após a maturidade ou, em outras palavras, depois do casamento, quando finalmente elas estariam prontas para circular em diversos ambientes. Essa concepção esteve presente no texto “Os dois métodos”³²⁴, protagonizado por Clara Denacour e Laura de Rosan. Enquanto a senhora Denacour era “modesta e cauta”, a senhora de Rosan “gostava dos fastos e dos divertimentos”. Como resultado, Clara virou uma menina educada e obediente, enquanto Laura, pelo contrário, a cada dia se tornava mais arrogante e caprichosa:

“O que sobretudo contribuía para desenvolver as faculdades morais de Laura, era o zelo ardente que sua mãe tinha em fazê-la brilhar na sociedade, de maneira que por toda parte Laura de Rosan era considerada como um prodígio que começava a ser o modelo e a glória do seu sexo. Não acontecia o mesmo a respeito de Clara Danecour. Sua mãe que preferia a essa ilusória vaidade o estudo judicioso da felicidade de sua filha, não gostava de apresentá-la em público; somente a levava a algumas reuniões escolhidas e pouco numerosas.”³²⁵

³²³ Ibidem, p. 99.

³²⁴ “Os dois métodos”. **Novo Correio de Modas**. 2º sem. de 1852, n. 11, p. 83-85. Fonte estrangeira: “Sacrifice éternelle”. In.: BOUILLY, J. N., *op. cit.*, p. 206-222.

³²⁵ “Os dois métodos”. **Novo Correio de Modas**. 2º sem. de 1852, n. 11, p. 81.

A austeridade da senhora Denacour suscitava inúmeras críticas, especialmente por parte de sua amiga, a senhora de Rosan, que não podia compreender o porquê de tanto rigor. Na opinião da última, era necessário que uma jovem participasse dos prazeres que convinham a sua idade, frequentando os mais diversos saraus, bailes, festas e *soirées*. A seu ver, essa liberdade estimularia a gratidão das filhas – que valorizariam os pais por lhes proporcionarem diversão – e ainda torná-las-iam mais preparadas para enfrentar a realidade do mundo – cujos perigos elas já conheceriam de perto. A senhora de Denacour, entretanto, julgava que o ideal era proteger as jovens mulheres, impedindo que fossem alvo de pessoas invejosas ou mal intencionadas. Apesar das reprovações, a mãe de Clara manteve-se firme em seu propósito de salvar a filha dos olhares e das perdições humanas. Sua atitude foi recompensada quando Alfred de Nérís, “um herdeiro de grande capital e de um nome respeitado na magistratura”, pediu a menina em casamento. A simplicidade de Clara havia conquistado a simpatia da senhora Nérís, que procurava uma noiva casta para o filho.

No dia do casamento, Laura mal conseguia dissimular a inveja que sentia da amiga, pois não acreditava que Clara tivesse sido capaz de fisgar um partido tão interessante. Mesmo assim, ela compareceu à cerimônia com o “semblante alegre.” A beleza da amiga da noiva chamou a atenção de um amigo de Alfredo que, cego pela formosura da jovem Rosan, logo a pediu em casamento. A felicidade conjugal, no entanto, não foi desfrutada pelos dois casais. Laura não se contentava com nenhuma tentativa do marido em agradá-la, enquanto a inocente Clara se satisfazia com as mais singelas demonstrações de afeto. O final da narrativa corrobora a ideia de que o método da senhora Danecour seria o mais indicado na educação de uma filha:

“A Sra. de Rosan conheceu então, mas já tarde, o funesto erro do seu sistema de educação, e teve de ouvir de sua amiga, que a austeridade prudente acha sempre censores; porém que a demasiada liberdade causa sempre a desgraça da juventude.”³²⁶

Tanto a condessa de *** quanto a senhora de Rosan se comportaram de maneira indesejada, prejudicando os familiares com seus erros. Por causa de sua vaidade, a primeira levou a filha a se auto-deformar, enquanto a segunda criou uma moça

³²⁶ Ibidem. p. 85.

constantemente insatisfeita, posto que fatigada dos prazeres da vida. Contudo, nem todas as narrativas encontradas no *Correio das Modas* e no *Novo Correio de Modas* foram protagonizadas por mães ruins. Em “Quanto pode o amor materno”³²⁷, por exemplo, relatou-se a história de Sophia, uma jovem mulher que abriu mão de sua própria felicidade para atender aos desejos dos filhos. Quando jovem, ela havia despertado a paixão de diversos homens, incluindo Verseuil e Dermance. Os dois amigos decidiram pedir a mão da menina e prometeram manter o companheirismo, apoiando o escolhido em qualquer situação. O espírito atormentado e a aparência física pouco agradável não ajudaram Versueil a conquistar o coração da jovem, que preferiu se casar com Dermance, mais tranquilo e bonito. O casal foi feliz durante seis anos, período em que Sophia teve dois meninos e uma menina. Verseuil manteve sua promessa e continuou frequentando a casa da família, mesmo que lançando olhares ressentidos à esposa do amigo.

Depois que Dermance morreu inesperadamente, a situação se modificou: a partir de então, Verseuil procurou se aproximar da viúva, adotando no início métodos sutis e depois partindo para tentativas mais desesperadas. Orgulhoso, sentia-se ofendido com a recusa de seu pedido de casamento e planejava conquistar o coração de Sophia a todo custo. Chegou mesmo a ameaçar a viúva, dizendo-lhe que a família seria obrigada a abandonar o conforto de sua habitação, caso ele parasse de ajudar nas finanças da casa. Apesar de todos os defeitos, Verseuil era uma boa companhia para as crianças, que ansiavam por uma presença paterna e queriam que a mãe se casasse mais uma vez. Para evitar que os filhos perdessem o conforto com que estavam acostumados, Sophia aceitou se casar com Verseuil. Mesmo nutrindo uma profunda aversão por seu novo marido, porque ainda era apaixonada pelo antigo esposo, ela abdicou de seus desejos para satisfazer as três crianças.

“O sacrifício eterno”, “Quanto pode o amor materno” e “Os dois métodos” foram extraídas da obra *Les Mères de famille*, do escritor francês Jean Nicolas Bouilly, e publicadas no *Novo Correio de Modas*, entre os anos de 1852 e 1853. Além delas, outra narrativa retirada desse livro apareceu nas páginas da revista: “A primeira inclinação”, ou

³²⁷ “Quanto pode o amor materno”. *Novo Correio de Modas*. 2º sem. de 1853, n. 7, p. 49-51. Fonte: estrangeira “Abnegation de soi-même”. In.: BOUILLY, J. N, *op. cit.*, p. 258-274.

como se intitulou o original, “*Première inclination*”³²⁸. Entre essas quatro, ela foi a única que contou com mudanças significativas em relação à versão francesa, incluindo reviravoltas no desfecho. Vejamos como isso aconteceu: Carolina Melval e Artur Valmont, dois jovens amigos que se conheciam há muitos anos, estavam profundamente apaixonados e pretendiam se casar. Os planos foram por água abaixo quando o pai de Artur morreu de desgosto devido a uma grande dívida contraída em seu nome. O rapaz decidiu entrar para a Marinha a fim de salvar a honra de seus familiares. Antes de partir, porém, liberou Carolina de qualquer compromisso, dizendo-lhe que ela poderia contrair núpcias com outro homem.

Ao longo de quatro anos, a moça manteve-se fiel a sua promessa de esperar a volta de Artur, desprezando todos os candidatos que a procuravam. O senhor Valmont, já idoso, receava deixar a filha desamparada após a sua morte, por isso procurava dissuadi-la de seu propósito de esperar a volta do antigo namorado. Após muito insistir, convenceu Carolina a se casar com Norvins, um empregado de seu escritório, competente e trabalhador. A moça resignou-se a sua sorte, atendendo ao desejo do pai que muito estimava, mas nunca esqueceu seu primeiro amor. Depois de alguns anos, Artur finalmente retornou à cidade. Carolina havia enviuvado e se empenhava em cuidar sozinha da educação do filho, um menino de sete anos chamado Charles. O encontro dos antigos namorados reacendeu a paixão, durante tanto tempo proibida ao casal. Ambos estavam felizes e planejavam se casar o mais rapidamente possível.

É a partir daqui que se iniciam as diferenças mais significativas entre a versão francesa e a brasileira. Na primeira, Carolina e Artur acabaram novamente se afastando. Isso porque a presença de Charles incomodava o marinheiro, pois o menino se parecia tanto física quanto psicologicamente com o pai. Ele pretendia utilizar sua fortuna para educar a criança em uma escola distante, longe da casa materna. Diante dessa situação, Carolina se viu obrigada a romper o relacionamento:

“– (...) vous n’avez plus le droit d’être le second père de cet orphelin; vous avez prononcé contre lui l’anathème. – Caroline, songez à vos premiers sermens! – Mes derniers furent d’être mère. – Et vous pourriez priver

³²⁸ “Primeira inclinação”. **Novo Correio de Modas**. 2^o sem. de 1853, n. 6, p. 35-37. Fonte estrangeira: BOUILLY, J. N., *op. cit.*, p. 55-85.

votre enfant de tout le bien que je peux lui faire? – Aux dépens de votre répons, ce serait un bienfait trop pénible. – Votre tendresse pour lui vous égare. – Dites plutôt qu’elle m’éclaire. Si Charles vous est cher, Arthur, n’a-t-il donc plus de droits sur votre cœur? – Ah! S’il en était ainsi, éprouverais-je un si cruel combat? – Quoi, vous m’aimez toujours, et vous auriez la cruauté de me ravir le seul bien qui m’attache à la vie?...”³²⁹

Nenhuma súplica de Artur conseguiu abrandar o coração de Caroline, que não voltou atrás em sua decisão e se afastou do antigo namorado. Charles nunca esqueceu o sacrifício feito por sua mãe: ele arrumou um emprego, foi nomeado comissário de guerra e realizou um excelente casamento, tudo inspirado pelo amor filial e pelo exemplo da viúva. Para terminar, o narrador apresentou nas seguintes palavras a moral da história: “Si vous n’avez pas la force et le courage de l’imiter, souvenez-vous au mois, qu’en vous donnant un nouveau maître, vous devez à vos enfants un second père.”³³⁰ A narrativa veiculada na revista brasileira, por sua vez, terminou com o casamento de Artur e Carolina, após a volta do marinheiro a sua cidade natal – situação que, como vimos, não se concretizou na narrativa de Bouilly. Toda a proposta de defesa dos interesses filiais acima dos próprios desejos desapareceu das páginas do periódico. O que mereceu destaque na tradução foi o desenlace amoroso, a história de dois jovens enamorados cujo amor permaneceu vivo apesar da passagem do tempo. Artur comprou um lindo palácio em Rennes, daí a oito dias celebrou-se o casamento que a primeira inclinação exigira e as circunstâncias tinham transtornado.

As duas revistas de moda publicadas pela Tipografia Universal não se limitaram a prescrever normas de comportamento apenas para mulheres casadas e mães de família. Boa parte desses textos se dirigiu também a moças mais jovens, ainda solteiras e inexperientes. Houve a preocupação de se transmitir principalmente dois ensinamentos para

³²⁹ “– (...) Você não tem mais o direito de ser o segundo pai desse órfão, você disse contra ele uma anátema. – Caroline, considere seus primeiros juramentos! – Os meus últimos foram de ser mãe. – E você poderia privar a criança de todo o bem que eu posso lhe fazer? – Às custas de sua resposta, isso seria um benefício excessivamente doloroso. – Sua ternura por ele te desvaira. – Na verdade ela me ilumina. Se Charles é caro para você, Arthur, ele não tem então mais direitos em seu coração? – Ah! Se assim fosse, eu me sentiria em uma luta tão cruel? – O quê, você me ama e teria a crueldade de me tomar o único bem que me prende à vida?...” BOUILLY, J. N., *op. cit.*, p. 86.

³³⁰ “Se você não tem a força e a coragem de imitá-la, lembre-se que ao tomar um novo marido, você deve a seus filhos um novo pai.” *Ibidem.* p. 86.

elas: em primeiro lugar, a importância da discrição como forma de conduta e em segundo, a irrelevância da beleza física em comparação aos atributos morais. De acordo com as narrativas apresentadas pelo *Correio de Modas* e pelo *Novo Correio de Modas*, as mulheres de todas as idades, sobretudo as mais novas, deveriam agir de maneira reservada, evitando falar excessivamente ou proceder de forma leviana. Além disso, precisariam prestar pouca atenção a seus dotes exteriores, os quais seriam ofuscados pelos do espírito – esses sim, os únicos que mereceriam cultivo diário.

“Um acaso às vezes serve de muito. Anedota”³³¹ ilustrou bem o primeiro preceito. Trouxe a história de Victorina, uma moça estouvada e indiscreta que quase perdeu a oportunidade de se casar com um belo rapaz por conta de seus maus hábitos. Rocheville era um oficial “agradável e polido”, condecorado por sua habilidade no campo de batalha e dono de algumas terras que lhe garantiam uma generosa pensão. Embora manifestasse certo interesse para Victorina, parecia em dúvida quanto a seus sentimentos e não ousava uma aproximação. A incerteza de Rocheville preocupava a mãe de Victorina, que via com bons olhos a relação da filha com o oficial:

“O objeto d’esta terna solícitude, Victorina, boa, amável, mais leviana do que é costume na sua idade, não participava nem da esperança nem da inquietação de sua mãe. Desinteressada até mesmo imprevidente, franca demais e indiscreta, não sabia ou não queria avaliar a importância do negócio que sua mãe tinha em vistas, e inclinava-se mais para os alferes, que não possuíam herdades, que não tinham condecorações e que não podiam aspirar à reforma...”³³²

Nesse momento, Rocheville foi obrigado a partir para campo de batalha devido à eclosão de uma guerra. Quando voltou anos mais tarde, descobriu que Victorina estava muito mudada: “apesar de mostrar ainda o seu antigo ar risonho, [ela] não parecia tão louca e desvairada.” Os dois se reencontraram em um posto médico, onde ele se recuperava de seus ferimentos de batalha e ela cuidava de um pé quebrado. A transformação da menina serviu para encorajar Rocheville que, enfim, decidiu propor um casamento. Embora tenham

³³¹ “Um acaso às vezes serve de muito. Anedota”. **Correio das Modas**. 1º. sem. de 1840, n. 11, p. 81-83. Fonte estrangeira: BRASI, Comtesse de [Agathe-Pauline Caylac de Ceylan]. “On peut toujours compter sur un accident. Anedocte”. *Journal des demoiselles*, edição de 15/01/1835, p. 362-368.

³³² “Um acaso às vezes serve de muito. Anedota”. **Correio das Modas**. 1º. sem. de 1840, n. 11, p. 82.

se visto novamente por mera coincidência, não foi o acaso que permitiu a reaproximação do casal. Sem a transformação de Victorina, o rapaz provavelmente continuaria hesitante e talvez até mesmo desistisse do enlace. O desfecho da narrativa serviu para corroborar a ideia de que as moças deveriam evitar comportamentos descomedidos, o que poderia incomodar o sexo oposto e até mesmo afugentar maridos.

Ao lado da indiscrição, a vaidade excessiva foi a conduta feminina mais recriminada por esses textos ficcionais. “Rosina e Júlia”³³³ teve como protagonistas duas irmãs muito diferentes entre si. Enquanto a primeira era famosa por sua beleza, a segunda havia sido contaminada ainda na infância com o vírus da varíola, doença que lhe deformara a face, deixando marcas profundas em sua pele. A mãe das meninas optara por não deixar as filhas próximas para evitar desavenças entre elas e privar Júlia de comentários maldosos. Quando Ernesto, o noivo de Rosina, partiu para a guerra a fim de defender a França, a moça deixou a capital do país e voltou para a casa de campo da família. Algum tempo depois, ela contraiu a mesma doença que desfigurara a irmã e caiu gravemente enferma. Os médicos conseguiram salvá-la, mas sua beleza havia ido embora. Infeliz com a situação e receando que o noivo a rejeitasse, Rosina entregou-se ao sofrimento e morreu logo depois:

“(...) por mais que a mãe a consolasse, dizendo-lhe que uma pessoa bonita, ainda que lhe fiquem os sinais da bexiga, não se torna totalmente feia, e que, além disso, a formosura vai procurar-se na bondade do coração, na inteligência e na modéstia, que ela tinha já manifestado na sociedade, não deixou de chorar efetivamente, pensando que o sr. de Luceville, logo que a visse naquele estado não cumpriria a promessa de casamento. Enfim, foi tal a paixão que a pobre Rosina teve quando se viu ao espelho, que nem as consolações que sua mãe lhe dava, nem os remédios puderam aproveitar. Veio-lhe um ataque cerebral, e febre tão violenta, que passados cinco dias foi juntar-se ao coro dos anjos.”³³⁴

Passados alguns meses da morte de Rosina, Ernesto retornou ao país. De início, ele se mostrou inconsolável, lamentando a todo instante a morte da amada. Depois de algum tempo, porém, acabou se apaixonando por Júlia, por quem revelou nutrir um

³³³ “Rosina e Júlia”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1853, n. 25, p. 201-204. Fonte estrangeira: SAND, George. “Rosa und Julie”. In.: DUMAS, Alexandre et al. **Aus der Verbannung**. Grimma und Leipzig: Ver.-Compton, 1852. p. 5-112.

³³⁴ “Rosina e Júlia”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1853, p. 202.

sentimento de ternura que jamais conhecera. Segundo o narrador, a moral elevada seria preferível à beleza física, cuja duração efêmera impediria os indivíduos de cultivarem as qualidades do espírito. Como não era bonita, Júlia acabou desenvolvendo outros atributos: ela cantava bem, era uma companhia agradável e se mostrava solícita com os demais. Foram essas qualidades que encantaram o ex-noivo de Rosina e o convenceram a declarar seu amor pela menina. O ensinamento moral da narrativa apareceu explicitado nas palavras da mãe das protagonistas: “Toma essa lição, e fica sabendo que com a extinção dos objetos se extingue o desejo de os obter, e que a formosura pode ser substituída por maneiras nobres, inteligência, afabilidade, candura e estudos.”³³⁵

Outra narrativa chamada “Memórias de um alfinete”³³⁶ trouxe igualmente uma concepção negativa a respeito da vaidade. O narrador, um lindo alfinete de prata, apresentou aos leitores sua história, descrevendo os diferentes donos pelos quais passara e os vícios que acometeram cada um desses indivíduos. De acordo com ele, sua primeira dona havia sido uma bela menina, chamada Serafina de Ste. Ange. Como era muito bonita, passava horas e horas se admirando em frente ao espelho, ou então trocando de roupa incessantemente a fim de descobrir qual cor combinava melhor com seu tom de pele. Todos falavam “da sua formosura, do seu talento e das suas maneiras senhoris e delicadas, o seu bem feito corpo, do seu lindo pé”, o que acabava fortalecendo ainda mais o orgulho da menina. Certo dia, ela se irritou ao perceber que algumas manchinhas de sol haviam surgido em seu rosto. Serafina quebrou o alfinete e o jogou pela janela:

“É sempre assim; quanto mais esforço se faz para agradar, mais se desagrada; e eu o posso asseverar, a graça e a simplicidade são o mais bonito enfeite de uma jovem. (...) Quando entrei a figurar no mundo, fui sumamente infeliz, por cair logo nas mãos de uma pessoa tão presunçosa: e a dizer a verdade, se todos os animais que tem o uso da razão se parecessem com a minha senhorita, se todos os animais fossem como os racionais, seria melhor pertencer ao reino mineral (...).”³³⁷

³³⁵ Ibidem, p. 204.

³³⁶ “Memórias de um alfinete”. **Novo Correio de Modas**. 2º. sem. de 1852, n. 6, p. 43-45. Não conseguimos localizar a fonte da narrativa.

³³⁷ Ibidem, p. 43.

Depois de ser utilizado para prender borboletas por um professor de história natural e engolido por um pato que comeu o besouro que ele prendia, o alfinete voltou à casa de sua dona anterior. Nesse momento, ela já estava com 60 anos de idade, tinha a pele coberta por manchas e rugas. Permanecia solteira, “não por ser oposta ao matrimônio, mas porque não tinha encontrado um homem que lhe agradasse!”. A vaidade de Serafina de Ste. Ange foi o motivo que a impediu de se casar, pois nenhum homem atendia seus requisitos. Segundo os preceitos transmitidos pelas revistas, o ideal seria que as mulheres não se dedicassem muito a seus atributos físicos a fim de não se tornarem demasiadamente presunçosas. Além disso, seria aconselhável que elas se vestissem com simplicidade, evitando, dessa forma, chamar muita atenção para si.

É curioso que dois periódicos dedicados à temática da moda, que veicularam variadas dicas de beleza em suas páginas, tenham se empenhado em combater tão veementemente a vaidade feminina. Afinal de contas, se as mulheres deixassem de se preocupar com a aparência física, de que valeria a apresentação dos figurinos na seção **Modas**? Não teria mais sentido a presença de um espaço dedicado à descrição minuciosa das últimas tendências de vestuário da França. A solução encontrada pelos redatores para conciliar o conteúdo moral das narrativas com a presença da temática da moda foi a sugestão do uso de adornos discretos e de vestidos pouco luxuosos. Apenas essa maneira de se vestir estaria em consonância com o comportamento modesto que era esperado do sexo feminino, como vimos anteriormente. As palavras de Maciel da Costa no *Correio das Modas* sintetizaram a ideia:

“Digam o que quiserem, mas parece-nos melhor, mais *comme il faut*, uma senhora assim vestida, do que adornada com finas rendas de custoso labor, com bordados de ouro ou prata: as que andam sempre nesse gosto, procurando por toda parte fazenda de grande custo e mandando enfeitar peito, mangas e barra com esquisito primor, dão a entender que mais querem primar pela riqueza e gala dos vestidos, do que pela beleza natural, pelos dotes do espírito, e mais que tudo pela modéstia indispensável ao belo sexo.”³³⁸

³³⁸ COSTA, Maciel da. Modas. *Correio das Modas*. 2º. sem. de 1840, n. 48, p. 377.

4.4 Preceitos gerais

Algumas narrativas veiculadas pelo *Correio das Modas* e pelo *Novo Correio de Modas* procuraram alertar os leitores de ambos os sexos sobre os perigos decorrentes de certos desvios de comportamento. Na lista desses defeitos mereceu destaque o apego demasiado ao dinheiro, como apresentado pelo protagonista de “O avaro de Southwark, ou tal vida, tal morte.”³³⁹ Esse texto narrou a desventura de John Overs, um rico negociante que fez fortuna explorando os necessitados. Apesar de possuir diversos estabelecimentos comerciais, ele era mesquinho ao extremo: deixava seus criados passando fome para não gastar com alimentação e trancafiava a filha em casa a fim de evitar eventuais despesas com seu dote. Disposto a economizar ainda mais dinheiro, ele se fingiu de morto, esperando que seus criados guardassem o jejum por seu falecimento. No entanto, a situação não saiu como planejada, porque eles comeram e beberam, festejando a morte do patrão. Diante disso, Overs decidiu revelar a verdade a todos, mas um criado se assustou e bateu com um remo em sua cabeça, tornando-o verdadeiramente defunto. Como resultado de sua sovinice, um abade o excomungou e impediu que seu cadáver fosse enterrado em solo cristão. Ele acabou transportado nas costas de um burro e enterrado ao pé de uma forca, como um animal.

Em oposição à avareza de John Overs estaria a generosidade, apontada pelas revistas como uma atitude nobre e digna de indivíduos de moral elevada. A esse respeito, podemos citar “O papagaio de ouro”³⁴⁰, texto que trouxe a história de três irmãos, filhos de um humilde lenhador da cidade de Damasco. Com o objetivo de cortar lenha, eles se dirigiram a uma floresta, levando carne assada, pão e vinho para o jantar. Enquanto trabalhavam, foram visitados por um anão que lhes pediu um copo de vinho. Os dois mais velhos receberam-no com grosserias e se recusaram a dividir a bebida com o desconhecido, que fez com que ambos se machucassem gravemente com o machado. Giafar, o mais novo,

³³⁹ “O avaro de Southwark, ou tal vida, tal morte”. *Novo Correio de Modas*. 2º. sem. de 1852, n. 16, p. 27-28. Fonte estrangeira: MERRYWEATHER, Frederick Somner. “Traditionary recollections of John Overs, the Southwark Miser”. *Lives and anecdotes of misers*. London: Simpkin, Marshall, and co., 1850. p. 52-58.

³⁴⁰ “O papagaio de ouro”. *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1853, n. 18, p. 137-138. Não conseguimos descobrir a origem da narrativa.

partilhou de bom grado o pouco que possuía e ainda lamentou não ter nada melhor para lhe oferecer. Como recompensa, ele ganhou um papagaio de ouro, dotado do poder de magnetizar as pessoas que o tocassem, até que alguém pronunciasse a palavra mágica “Itote”.

Cansado após um longo dia de trabalho e temendo que lhe furtassem seu precioso objeto, o moço decidiu passar a noite em uma estalagem. Na calada da noite, as três filhas do estalajadeiro se dirigiram a seu quarto para pegar uma pena do papagaio, mas foram atingidas por seu magnetismo. Quando acordou, Giafar decidiu não pronunciar a palavra mágica, mantendo hipnotizadas as três meninas e as obrigando a acompanhá-lo em sua jornada como forma de vingança. Ao grupo de seguidores do papagaio de ouro, foram incorporados também o estalajadeiro e um padre, que repreendeu o rapaz ao perceber que ele era seguido por três mulheres. O anão apareceu novamente a Giafar e o aconselhou a levar sua estranha comitiva para o castelo real, já que o rei havia prometido a mão da princesa àquele que se mostrasse capaz de fazê-la rir. Ao ver aquelas cinco figuras andando atrás do papagaio de maneira tão interessante, a moça não pode se conter e gargalhou diante daquela situação. Giafar se casou com a princesa e, enfim, libertou a todos, não sem antes repreender a má índole das moças, a ganância do estalajadeiro, que alugava seus quartos a um preço excessivo, e o padre por criticar os demais apesar de seus inúmeros vícios.

A narrativa “Não há grande que não precise de um pequeno”³⁴¹ também tocou no tema da generosidade. A protagonista Arabela se tornou conhecida por sua altivez, enquanto Clara, sua irmã caçula, era famosa por sua benevolência. Clara recebeu a visita de lorde Lundley e seu filho, dois fugitivos procurados pelos soldados do rei, que alegavam terem sido vítimas de uma calúnia armada por seus opositores. Eles pediram que a moça intercedesse junto a seu tio, Lorde Seymour, que ocupava o cargo de primeiro ministro do Rei, e os ajudasse a deixar a clandestinidade. Compadecida com essa história, ela prometeu ajudá-los e ainda os hospedou em sua câmara ao longo de mais de um mês. Quando Arabela descobriu o ocorrido, disse-lhe que seu procedimento era absurdo e que relataria o caso ao tio, se ela se negasse a despachá-los de casa. Mesmo assim, Clara não desistiu do

³⁴¹ “Não há grande que não precise de um pequeno”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1853, n. 07, p. 49-52. Fonte estrangeira: LALIRE, Clemence. “Le spectacle en famille: on a souvent besoin d’un plus petit que sois”. **Album littéraire et musical de la Minerve**, edição de fevereiro de 1850, p. 44-59.

seu objetivo. Alguns dias depois, recebeu a visita de uma misteriosa mulher que lhe comunicou os planos de alguns inimigos do rei que pretendiam assassiná-lo. A moça procurou convencer o tio a auxiliar os dois desconhecidos, alegando que eles eram inocentes e tinham informações que poderiam salvar a vida do monarca. Devido à intercessão de Clara, Lorde Lundley e seu filho foram festivamente recebidos de volta ao reino e o rei escapou do atentado. Apenas Arabela não teve um final feliz: sua atitude foi recriminada pelo tio que a enviou para Oxford, “a fim de fazer companhia para uma tia que ali tinha, até que se corrigisse da má índole que a dominava, e então regressar à corte, ou continuar nessa residência, se não melhorasse de condição.”

De acordo com os preceitos ensinados pelos periódicos, a verdadeira felicidade não estaria ao alcance do dinheiro e somente poderia ser encontrada no ambiente doméstico, ao lado da família. A narrativa “O albergue do poeta”³⁴², por exemplo, contou os infortúnios de Vertua e Theodoro Willem, um jovem casal que passava por grandes dificuldades financeiras. Enquanto conversavam sobre a situação, o marido mostrou-se arrependido por ter parado de estudar, alegando que, devido a sua pouca instrução, não conseguia arrumar um emprego rentável. Ele esperava conseguir o cargo de mestre da orquestra em um pequeno teatro, mas como o salário era baixo, poderia também desempenhar as funções de decorador maquinista. Theodoro planejava ainda representar algumas de suas composições nesse espaço, porque se julgava com inclinação para as letras. Vertua não desencorajava o marido, pelo contrário, sorria incentivando-o a buscar a realização de seus sonhos.

Durante o jantar, embora tivessem apenas batatas cozidas e nozes para comer, ambos mostravam-se felizes para não desanimar o parceiro. A moça também escovava caprichosamente as roupas do marido, numa frustrada tentativa de disfarçar seu desgaste. Segundo o narrador, tendo como meta a alegria do cônjuge, “os dois amantes empregavam uma espécie de zombaria sublime em enganar-se um ao outro acerca do seu miserável estado.” Alguns anos depois, a situação do casal mudou drasticamente, pois Theodoro se tornou o escritor mais famoso da Alemanha, conquistando fama e dinheiro. Ele comprou

³⁴² “O albergue do poeta”. **Novo Correio de Modas**. 1º. sem. de 1853, n. 13, p. 99-101. Fonte estrangeira: ESQUIROS, Alphonse. “La petite Maison du poète”. **L’artiste**, edição de 1844, p. 260-261.

uma bela casa na cidade, onde desfrutou de uma vida repleta de esplendor ao lado de novos amigos. Muito embora tivesse realizado seu sonho, mostrava-se constantemente insatisfeito. Vertua, então, dirigiu as seguintes palavras ao marido:

“Nós não somos mais felizes. A felicidade nascia de nos amarmos, e nós já não nos estimamos depois que somos ricos. Este maldito ouro destruiu todo o encanto da nossa união. Quando éramos pobres, via-te o dia todo; agora são os outros que te vêem. És obrigado a ir a casa de todos; todos te convidam, as mulheres te procuram, e eu soffro.”³⁴³

Se para Vertua a fama parecia uma rival com quem tinha que competir pela atenção do marido, para Theodoro ela era um fardo que lhe cerceava a liberdade. O escritor achava ainda que a justiça divina castigava sua ambição, impedindo que ele “respira[sse] debaixo do peso do ouro.” A fim de reverter essa situação, os dois decidiram passar um dia no antigo albergue, onde haviam morado antigamente. Eles relembrou a felicidade dos primeiros anos de casado, sentaram-se numa velha cadeira de palha, vestiram suas antigas roupas, comeram um humilde almoço com grande apetite e ainda cantaram juntos, divertindo-se como não o faziam há muito tempo. Apenas no final da história, o narrador revelou a identidade do protagonista: Theodoro era, na verdade, o escritor alemão Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann, um dos autores cujas narrativas circularam nas páginas do *Novo Correio de Modas*.

O folhetim “O Flibusteiro, ou o pirata das Antilhas. Romance do último terço do século XVII”³⁴⁴ trouxe a saga de Francisco Montbars em busca de represália pela morte de seu pai, que fora assassinado pelos espanhóis quando lutava pela liberdade da ilha de Tortuga. Em seu trajeto, Francisco encontrou-se com seu tio, Taureau, um ancião favorável à paz que, ao ver a fúria do sobrinho, proferiu as seguintes palavras:

“O homem que, semelhante à peste ou ao terremoto, se quer fazer o flagelo da humanidade, há de arruinar-se d’uma maneira ou d’outra; e tendo mesmo o seu coração temperado nas brasas do inferno, podendo

³⁴³ “O albergue do poeta”. *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1853, n. 13, p. 100.

³⁴⁴ “O Flibusteiro, ou o pirata das Antilhas. Romance do último terço do século XVII.” *Novo Correio de Modas*. 2º. sem. de 1852, n. 10, p. 73-76, n. 11, p. 81-85, n. 12, p. 89-93, n. 13, p. 97-101, n. 14, p. 105-112. Fonte estrangeira: VAN DER VELDE., *op. cit.*, p. 94-202.

ficar tranquilo, fazendo o que lhe aprouver, não obstante pertence já ao abismo.”³⁴⁵

Diante da ofensiva hispânica, os habitantes da ilha foram obrigados a abandonar a paz e a lutar pela defesa de suas terras. Francisco guerreou corajosamente, destacando-se por sua capacidade bélica e por sua ferocidade perante o inimigo. A batalha teve como resultado a morte de muitos espanhóis e o acirramento da rivalidade entre os dois povos. Algum tempo depois, o moço salvou uma jovem das garras de três flibusteiros embriagados. Maria, como se chamava a menina, era nora do governador do Panamá e havia desembarcado na ilha de Tartuga durante uma fuga de navios piratas. Ela foi enviada para perto do sogro em segurança, enquanto Francisco começou a trabalhar junto a Van Horn, o rei dos piratas, nomeado pelo rei da Inglaterra como chefe da esquadra dos corsários contra a Espanha.

Para obter informações sobre os inimigos, o moço dirigiu-se ao Panamá, onde reencontrou Maria, que acabou raptada pelos rebeldes que atacavam o local. Já apaixonado pela menina, ele traiu seu próprio povo na tentativa de libertá-la. Tal conduta, entretanto, foi justificada, porque seus companheiros estavam agindo como animais perversos e sanguinários, semeando a destruição. Ele conseguiu salvar a amada, recebendo como recompensa não apenas o perdão do governador espanhol por seus crimes, como a mão de Maria, que acabara de enviuvar. De acordo com uma personagem, os sentimentos que nutria pela menina fizeram com que Francisco se esquecesse “da fúria dos partidos e do ódio internacional”, relegando sua sede de vingança em prol do desejo de permanecer ao lado da pessoa amada.

A superstição foi outro comportamento denegrido pelas narrativas apresentadas no *Correio das Modas* e no *Novo Correio de Modas*. Em “O anel de ferro”³⁴⁶, uma crença equivocada a respeito do sobrenatural levou uma velha e pobre viúva, chamada Nareuil, a cometer atos indevidos. Para começar, ela roubou um anel de ferro de um antiquário que

³⁴⁵ “O Flibusteiro, ou o pirata das Antilhas. Romance do último terço do século XVII.” **Novo Correio de Modas**. 2º. sem. de 1852, n. 10, p. 74.

³⁴⁶ “O anel de ferro”. **Novo Correio de Modas**. 2º. sem. de 1853, n. 22, p. 170-173, n. 23, p. 177-181, n. 24, p. 185-189, n. 25, p. 193-197, n. 26, p. 204-209. Fonte estrangeira: VISCONDE D’ARLINCOURT (Charles Victor Prévôt d’ Arlincourt). “Le talisman”. In.: **Les anneaux d’une chaîne**. v. I. Bruxelles e Leipzig: Meline, Cans et Cia, 1844. p. 3-117.

dizia que o objeto era capaz de trazer sorte a quem o possuísse. A viúva pretendia casar sua filha, uma linda menina por quem ninguém se interessava, uma vez que ela não tinha dote. Embora de início tenha se arrependido do delito, logo se sentiu aliviada, porque a moça contraiu núpcias com um marquês, que lhe devotava a mais sincera devoção. Para a senhora Nareuil, sua sorte havia mudado por interferência do anel, a quem atribuía poderes mágicos. Alguns dias depois do casamento da filha, ela recebeu uma carta de uma rica tia que, em seu leito de morte, planejava torná-la sua herdeira universal. Por isso, ela deixou apressadamente a França e partiu em direção ao Rio de Janeiro. Em meio à viagem, porém, teve seu anel roubado, o que abalou profundamente sua saúde. Para piorar sua situação, ela perdeu a herança e recebeu a notícia de que seu genro havia falecido.

Determinada a descobrir quem era o novo portador do anel, voltou à Europa, onde soube que o objeto estava em posse de certo conde, enamorado de sua filha. O moço era sobrinho do capitão do navio no qual a senhora Nareuil havia feito sua viagem, um homem muito sagaz que roubara o talismã da viúva, enquanto ela dormia. Ciente da situação, ela instituiu que somente consentiria no casamento se o conde lhe entregasse o anel. Para a surpresa de todos, o objeto portado pelo rapaz tinha sido trocado por uma réplica muito parecida por um colecionador de relíquias, chamado Malarin, que furtara o anel a fim de devolvê-lo a certa múmia, sua legítima dona. A senhora Nareuil permitiu as núpcias de sua filha e do jovem conde, além disso, se casou com Malarin, que repreendeu seu procedimento dizendo:

“Senhora, continuou Malarin, d’ora em diante, acreditai-me, afastai de vós toda a idéia de prestígios; tarde ou cedo se depara com a verdade. Neste mundo a felicidade e a desgraça provém muitas vezes da imaginação. Atribui-se às coisas da terra o que só vem do céu. Em tudo se pensa, exceto em Deus. Tenho estudado bem o passado nos vossos dias felizes e funestos; não é de certo a magia do talismã que produziu os acontecimentos que vos sobrevieram, mas foram esses sucessos imprevistos que produziram a magia do talismã.”³⁴⁷

Os textos publicados pelos dois periódicos procuraram defender a importância da fé religiosa cristã, argumentando que a convicção na força divina seria a única

³⁴⁷ Ibidem. p. 209.

alternativa no auxílio dos necessitados. A esse respeito, podemos apresentar a narrativa “História da senhorita Bouck ou cativo entre os barbarescos.”³⁴⁸ Capturada por piratas que saqueavam navios no mar Mediterrâneo, ela foi levada para Argel, a capital da Argélia, onde foi aprisionada. Nesse local, assistiu à morte de seus companheiros de viagem e ainda passou por muitos sofrimentos, dispondo de poucos víveres para se alimentar. Apesar de ter apenas dez anos de idade, ela “sofreu todos esses trabalhos com admirável resignação, sem ter esperança de ser um dia restituída a liberdade; confiando contudo na Providência.” A ajuda divina não tardou a aparecer: o filho do chefe da aldeia se interessou pela menina, a quem levava comida frequentemente, o que impediu que ela morresse de fome. O rapaz também se encarregou de encontrar o capitão de um navio francês, ancorado ali perto, a quem pediu auxílio. Enfim criança foi enviada para junto do pai e, sete anos mais tarde, se casou com um rico cavalheiro espanhol. Tornou-se conhecida como protetora dos pobres, a quem sempre auxiliava, porque se lembrava dos infortúnios que havia sofrido em Argel.

A análise das narrativas publicadas pelo *Correio das Modas* e pelo *Novo* mostrou que as revistas foram marcadas por uma política editorial bastante conservadora. Nos espaços dedicados à prosa ficção dos dois periódicos, localizamos dezenas de textos com ensinamentos morais para os leitores, especialmente para aqueles do sexo feminino. Alguns fugiram à regra e trataram de acontecimentos históricos, mas esse não foi o caso da maioria, conforme demonstramos ao longo deste capítulo. Engajadas em preservar o núcleo familiar, as revistas apresentaram narrativas com críticas ao adultério, à insubordinação dos filhos, ao vício do jogo e a outras atitudes que poderiam abalar a paz da família e, conseqüentemente, afrouxar os laços entre seus membros.

³⁴⁸ “História da senhorita Bouck ou cativo entre os barbarescos”. *Novo Correio de Modas*. 1º. sem. de 1853, n. 14, p. 105-107. Fonte estrangeira: DUNCAN, Archibald. **The mariner’s chronicle, containing narratives of the most remarkable disaster at the sea such as shipwrecks, storms, fires and famines and also naval engagements**. New Haven: George W. Gorton, 1835, p. 86-97.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história editorial brasileira no século XIX teve profundas conexões com o que acontecia na Europa no mesmo período. Um exemplo disso foi a atuação dos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert como livreiros e editores no Rio de Janeiro. De origem europeia, eles participaram do mercado de livros da capital do Império ao longo de mais de cinquenta anos. Durante esse período, mantiveram fortes laços com sua terra natal, o que não os impediu de desempenhar relevantes papéis na cultura nacional. Por meio da venda de traduções e de livros importados, bem como da publicação de autores estrangeiros, os Laemmert ajudaram a garantir a circulação de diferentes obras do Velho Mundo deste lado de cá do oceano, favoreceram o contato dos leitores com a produção além-mar e fortaleceram os laços entre o Brasil e o exterior.

Dentre as diversas produções editoriais da Tipografia Universal – como se chamava o estabelecimento tipográfico fundado pelos irmãos, em 1838 – destacaram-se duas revistas dirigidas ao sexo feminino, o *Correio das Modas* e o *Novo Correio de Modas*. Conforme indicam os títulos, as novidades do mundo da moda ocuparam posição central em ambas publicações. Por isso, cada exemplar era acompanhado de uma gravura de figurino importada da França a fim de permitir que as leitoras se vestissem de acordo com as últimas tendências da capital da moda. Isso não impedia, no entanto, que os redatores e colaboradores se mostrassem desconfortáveis diante desse tema. Muitas vezes eles procuraram se furtar da tarefa, alegando falta de capacidade para falar do assunto.

A articulação entre o que vinha de fora e o que era produzido localmente ficou nítida nessas duas publicações. Referências estrangeiras – sobretudo de origem francesa – e referências nacionais conviviam lado-a-lado no interior dos periódicos. Para que isso ocorresse, os redatores precisaram fazer esforços no intuito de articular o conteúdo importado à realidade nacional. Assim, ao descreverem as gravuras de figurino trazidas da França, tiveram em algumas ocasiões que adaptar tecidos e cortes para o clima tropical brasileiro, incompatível com as amenas temperaturas da Europa:

“Este vestuário é o mais próprio para os passeios de inverno: o nosso frio não será capaz de penetrá-los. As leitoras o apreciarão na devida conta, e o adotarão si assim lhes determinar seu reconhecido bom gosto.”³⁴⁹

A convivência entre referências estrangeiras e nacionais ficou ainda mais evidente nos espaços dedicados à publicação de narrativas ficcionais nos periódicos. A França ocupou posição de destaque nessas seções: se considerarmos tanto os textos publicados em livros, quanto os lançados na imprensa sob assinatura de algum escritor francês, podemos estipular que os textos originários desse país compuseram ao menos 33,09% do total veiculado pelas revistas. Esses números fizeram da França a maior fornecedora da seção dedicada à prosa de ficção em ambas publicações. Em segundo lugar, apareceram as narrativas escritas por ingleses, com 12,59%; em terceiro, as redigidas por brasileiros, com 12,23%; em quarto, as de origem portuguesa, com 7,19% e, em quinto, as de língua alemã, com 4,32%. Embora em menor número, textos inicialmente escritos em espanhol, italiano, polonês, russo e árabe também compuseram o rol da ficção em prosa difundida pelos periódicos.

A publicação de narrativas estrangeiras pelas revistas demandava a atuação de um profissional encarregado de verter o conteúdo para o português. Desse modo, a entrada da literatura estrangeira era intermediada por uma figura que selecionava os autores e os títulos que estariam presentes nas páginas dos periódicos. O tradutor interferia de forma bastante ativa na maneira como os leitores tinham acesso a esses textos. Nesse período, a ausência de direitos autorais dava grande liberdade ao profissional, fazendo com que a prática se aproximava mais da adaptação do que da transladação de um conteúdo de uma língua para outra. Sendo assim, as mudanças operadas por ele resultavam, não raras vezes, em um texto bem diferente do original concebido pelo autor estrangeiro.

A linha editorial conversadora adotada pelas revistas se manifestou em todas as seções, embora de maneira mais clara nos espaços dedicadas à ficção em prosa. Os tradutores do *Correio das Modas* e do *Novo Correio de Modas* se empenharam em selecionar narrativas estrangeiras marcadas pela presença de um conteúdo moralizador especialmente em relação ao sexo feminino, o qual foi instruído a permanecer fiel ao

³⁴⁹ **Correio das Modas**. 2^o. sem. de 1840, n. 10, p. 73.

cônjuge, a abdicar da felicidade pessoal em prol dos filhos, a manter-se reservado diante de estranhos e a abandonar hábitos considerados pouco virtuosos, como a vaidade excessiva.

A ficção nacional manteve diálogo com as referências estrangeiras, uma vez que a ideia de que um dos papéis centrais das narrativas de ficção era a moralização dos leitores se revelou um elemento comum nas produções dos dois lados do oceano. Diante desses elementos transnacionais, a procedência das narrativas perde a importância, pois tanto europeus quanto brasileiros preocupavam-se em criar enredos que mostrassem o vício punido e a virtude premiada, esperando com isso interferir no comportamento daqueles que tinham acesso ao conteúdo das revistas.

A conclusão que se pode chegar com isso tudo é que o mundo das letras nesse período criava uma espécie de agremiação transnacional, em que tomavam parte editores de diversa procedência, que buscavam os lugares em que pudessem obter melhores vantagens tanto para produzir como para vender seus livros; autores de vários países, que se guiavam por diretrizes semelhantes ao compor narrativas visando a finalidades moralizadoras; e leitores que, onde quer que morassem, podiam ler histórias compostas e ambientadas nas mais diversas partes do globo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fontes primárias

1.1 Folhinhas, Almanques, Catálogos e outras publicações da Tipografia Universal

Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1853. Em casa dos editores-proprietários Eduardo e Henrique Laemmert: Rio de Janeiro, 1852.

Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1864. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1863.

Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1865. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1864.

Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da corte e província do Rio de Janeiro, inclusive alguns municípios da província, e a cidade de Santos para o ano de 1874. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1873.

Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da corte e província do Rio de Janeiro inclusive a cidade de Santos, da província de São Paulo para o ano de 1878. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1877.

Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Império do Brasil. Rio de Janeiro: em casa dos editores proprietários H. Laemmert & C. 1884-1889.

Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Império do Brasil para o ano de 1889. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1888.

Catálogo das obras poéticas em português à venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert mercadores de livros. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1866.

Enciclopédia do riso e da galhofa em prosa e verso: repertorio de anedotas joviais, oferecida aos inimigos da tristeza, por Pafuncio Semicupio Pechincha, patusco jubilado. Rio de Janeiro: Tip. dos Editores E. & H. Laemmert, 1863.

Folhinha Patriótica Brasileira para o ano de 1852 contendo a Crônica Nacional, notícias curiosas e interessantes, e o primeiro volume da História do Brasil cantada em verso por Joaquim Norberto de Sousa e Silva. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1851.

Folhinha de Anedotas Brasileiras para o ano de 1861 contendo a crônica nacional, notícias curiosas e interessantes e uma nova coleção de anedotas nacionais e ilustradas com vinhetas. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1860.

Folhinha Patriótica para o ano de 1862 contendo a Crônica Nacional, notícias curiosas e interessantes e a primeira coleção de cartas do príncipe regente depois D. Pedro I imperador do Brasil. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1861.

Folhinha das três novelinhas para o ano de 1875 contendo a crônica nacional, preceitos de agricultura, horticultura e jardinagem e notícias curiosas e interessantes. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1874.

Segunda parte do novo catálogo sistemático de escolhidos livros em português publicados e à venda no Rio de Janeiro na Livraria Universal. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert. s/d.

1.2 Periódicos nacionais

A Marmota (1848)

A Marmota Fluminense (1855)

A Marmota na Corte (1849)

A Mulher do Simplício, ou a fluminense exaltada (1832)

Correio das Modas (1839-1840)

Correio Mercantil (1854)

Diário do Rio de Janeiro (1838-1848)

Jornal das Famílias (1863)

Jornal das Senhoras (1852-1854)

Jornal do Comércio (1828)

Museu pitoresco, ou livro recreativo das famílias (1849)

Novo Correio de Modas (1852-1854)

Novo Gabinete de Leitura (1850)

O Espelho Diamantino (1827-1828)

Revista Trimestral de História e Geográfica ou Jornal do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro fundado no Rio de Janeiro (1847, 1868, 1880)

Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil (1865)

1.3 Periódicos estrangeiros

Affiches, annonces judiciaires, avis divers du mans et du département de la Sarthe (1838)

Album littéraire et musical de la Minerva (1849-1850)

Almanach Littéraire ou étrennes d'Apollon (1784)

Arquivo Popular (1839-1842)

Bentley's Miscellany (1838-1841)

Bibliothèque française (1840)

Biblioteca familiar e recreativa (1836)

Blackwood's magazine (1833)

Calcutta magazine and monthly register (1830)

Chambers's Edinburgh journal (1848-1849)

Der Adler: Allgemeine Welt- und National-Chronik (1842)

Fraser's Magazine for Town and Country (1834)

Graham's American Monthly Magazine of Literature and Arts (1847)

Household words (1850-1853)

Journal des demoiselles (1833-1835)

Journal des connaissances utiles: courrier des familles (1846)

L'artiste: beaux-arts et belles-lettres (1844)

La Bibliothèque de feuilletons (1843)

La ilustración (1851)

La moda: giornale di scenna della vita, mode di vario genere, e teatri (1839)

La Mosaïque du midi: publication mensuelle (1841)

La province littéraire (1851)

La revue de la presse: gazette des famillies (1844)

La Revue de Paris (1831)

La verdad catolica (1859)

Le conseiller des dames: journal d'économie domestique et de travaux d'aiguille (1851)

L'écho du cabinet de lecture paroissial de Montreal (1860)

L'écho des feuilletons: recueil des nouvelles, contes, anedoctes, episodes, etc. (1842-1861)

Lesefruchte vom Felde der neuesten Literatur (1849)

L'illustration: journal universel (1850)

Mercure étranger ou annales de la littérature étrangère (1813)

Musée des familles (1843-1844)

Museum für Kunst, Literatur, Musik, Theater und Mode (1839)

Museum of foreign literature and science (1836)

O Beija-flor: seminário de instrução e de recreio (1838)

Oberpfälzer Anzeiger (1846)

O Panorama: jornal literário, científico e instrutivo (1840-1843)

O Recreio: jornal da família (1836)

Paris-Londres:keepsake français (1841-1842)

Revista contemporânea de Portugal e Brasil (1861)

Revista Popular: semanário de literatura, ciência e indústria (1852-1854)

Revue britannique, ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne (1835-1852)

Revue des deux mondes (1841)

Revue pittoresque: musée littéraire rédigé par les premiers romanciers et illustré par les premiers artistes (1850)

Semanário Pintoresco Español (1845)

The Asiatic journal and monthly register for British India and its dependencies (1838)

The budget of wit and amusement: being a select collection of anecdotes, bon mots, &c. (1812)

The catholic weekly instructor (1844)

The Edinburgh literary journal, or weekly register of criticism and belles lettres (1829)

The home companion (1854)

The ladies' museum (1829)

The Literary journal, and Weekly register of science and the arts (1833)

The living age (1846)

The Literary journal, and Weekly register of science and the arts (1833)

The juvenile miscellany, or Friend of youth (1842)

The Mirror of literature, amusement, and instruction (1840)

The new mirror of literature, amusement and instruction (1833)

The New Monthly Magazine (1836, 1842)

The Philadelphia visitor (1835)

1.4 Dicionários

BLAKE, Augusto Victorino Sacramento. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00295730#page/2/mode/1up>>. Acesso em: 24/01/2013.

BRAKE, Laurel, DEMOOR, Marysa (org.). **Dictionary of Nineteenth-Century Journalism in Great Britain and Ireland**. Gent: Academia Press, 2009. HULL, Simon (org.). **The British periodical text (1797-1835)**. Penrith: Humanities e-books, 2008.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme (Ed.). **Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico**. t. 5. Lisboa: João Romano Torres, 1911.

SILVA, Inocêncio Francisco da (org.). **Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil**. t. III (A-Z). Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.

_____, Inocêncio Francisco (org.). **Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil**. t. III (F-J). Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.

_____, Inocêncio Francisco (org.). **Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil**. t. I-VI do suplemento. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860.

_____, Inocêncio Francisco da (org.). **Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil**. t. V (A-Z). Lisboa: Imprensa Nacional, 1860.

_____, Inocêncio Francisco da (org.). **Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil**. t. VI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862.

_____, Inocêncio Francisco da (org.). **Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil**. t. I (A-B), 1862.

_____, Inocêncio Francisco da (org.). **Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil**. t. IX (C-G), Lisboa: Imprensa Nacional, 1870.

SHATTOCK, Joanne. **The Cambridge Bibliography of English Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

1.5 Obras literárias brasileiras

ALENCAR, José de. **Ao correr da pena**. Texto disponível em: <http://www.seed.pr.gov.br/portals/portal/usp/primeiro_trimestre/textos/literatura/jose_alencar/corredapena/corredapena.pdf>. Acesso em: 24/02/2013.

ASSIS, Machado. **Iaiá Garcia**. Texto disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/livros_eletronicos/iaia.pdf>. Acesso em: 24/02/2013.

LOBATO, Monteiro. “O engraçado arrependido”. **Urupês**. São Paulo: Globo livros, 2007.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A carteira de meu tio**. Rio de Janeiro: Imp. Tipográfica Dois de Dezembro, 1855.

_____. **Labirinto**. CANO, Jefferson (org.). Campinas, Mercado de Letras, 2004.

_____. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Brasília: Editora UNB, 1988.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. **Romances e Novelas**. Sílvia Maria Azevedo (org.). São Paulo: Landy, 2002.

SILVA, Pereira da (org.). **Parnaso Brasileiro ou Seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1843, t. 1.

_____. **Parnaso Brasileiro ou Seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1848, t. 2.

SOUSÂNDRADE, Joaquim. **Harpas selvagens**. Tip. Universal de Laemmert: Rio de Janeiro, 1857.

1.6 Obras literárias estrangeiras

ARABIAN days' entertainments. Trad. H. P. Curtis. Boston: Philipps, Samson and Company, 1858.

ARCHIPPE Thaddeevitch, ou: L'ermite russe. Tableau des mœurs russes au XIXe. Siècle. Tomo I. Paris: Bossange, 1828.

AUDIBERT, Louis François Hilarion. **Mélanges de littérature et d'histoire.** Paris: Edouard Proux et ce. Éditeurs, 1839.

BALZAC, Honoré de. **Oeuvres illustrées.** v. III. Paris: Marescq, 1832.

BERTHOUD, Samuel Henry. **L'honnête homme:** etudes morales. Paris: Desrez, 1837.

BOCCACCIO, Giovanni. **Decamerão.** Trad. Torrieri Guimarães. v. I. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

BOISJOLIN, Claude Augustin Vieilh de; RABBE, Alphonse et SAINT-PREUVE, Charles Claude Binet. **Biographie universelle et portative des contemporains.** Paris: F. G. Levrault, 1834.

BOITARD, Pierre. **Curiosité d'histoire naturelle et astronomie amusante.** Paris: Passard Librairie, 1862.

BOUILLY, Jean Nicolas. **Les Mères de famille.** t. I. Bruxelles: Société Belge de Libraire, 1837.

BOULGARINE, Faddëi. **Archippe Thaddeevitch, ou l'ermite russe. Tableau des mœurs russes au XIXe. Siècle.** t. I. Paris: Bossange père, 1828.

CARTIER-VINCHON, S. N. **La providence littéraire.** 2^e. ed. Paris: Gennequin Ainé, 1851.

CHATEAU-LYON, D'AQUIN DE (org.). **Almanach Littéraire ou étrennes d'Apollon.** Paris: Mme. la veuve de Dúchense, 1784.

CLARKE, James Stanier. **Naufragia, or Historical memoirs of shipwrecks and of the providential deliverance of vessels.** v. II. Londres: I. Gold, Shoe Lane, Fleet Street, 1806.

COMPTES inédits des milles et une nuits. Traduits en français par M. G. –S. Trébutien. t. III. Paris: Librairie Orientale de Dondey Dupré père et fils, 1828.

COMTE DE BUFFON (Georges-Louis Leclerc). **Oeuvres complètes de Buffon: de l'homme**. t. III. Douais: chez Tarlier, 1822.

COMTE DE LAS CASES (Emmanuel-Augustin-Dieudonné-Joseph). **Mémorial de Sainte-Hélène**. t. I. Paris: Magen et Comon, 1840.

COMTESSE DASH (Gabrielle Anna de Cisternes de Courtiras). **Madame Louise de France**. Bruxelles: Société Belge de Librairie, 1840.

COOK, James. **The voyages of Captain James Cook**. v. I. Londres: William Smith, 1842.

CZYNSKI, Jean. Trad. Charles Villager. **La Russie pittoresque, sous la direction de Jean Czynski**. Paris: Bureau Central, 1837.

DICTIONNAIRE d'anecdotes chrétiennes, puisés dans les annales de la religion. v. 10. Paris: chez J. -P. Migne, 1863.

DICTIONNAIRE contenant les anecdotes historiques de l'amour, depuis le commencement du monde jusqu'à ce jour. t. IV. Troyes: chez Gobelet, 1811.

DUMAS, Alexandre et al. **Aus der Verbannung**. Grimma und Leipzig: Ver.-Compton, 1852.

DUNCAN, Archibald. **The mariner's chronicle, containing narratives of the most remarkable disaster at the sea such as shipwrecks, storms, fires and famines and also naval engagements**. New Haven: George W. Gorton, 1835.

EMMERICH, Ana Catalina. **La Dolorosa Pasion de Nuestro Señor Jesuscristo, segun las mediciones de Sor Ana Catalina Emmerich**. Véase *La Verdad Catolica*. 5. ed. Madrid: Miguel Olamendi, 1882.

FIORENTINO, Píer Ângelo. **Comédies et comédiens: feuilleton par P. A. Fiorentino**. 1^e. série. Paris: Michel Lèvy Frères, 1866.

FROST, John (ed.). **Indian battles, captivities, and adventures**. New York: J. C. Derby, 1856.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Fausto**. Tradução de Antonio Feliciano de Castilho. Texto disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/faustogoethe.html>>. Acesso em: 24/02/2013.

GONZALÈS, Emmanuel e MOLÉ-GENTILHOMME, Paul Henri Joseph. **La luciole**. Bruxelles: Société Typographique Belge, 1837.

GUIZOT, François Pierre G. **Leçons françaises de littérature et de morale**, par mm. **Noël et de la Place**. Bruxelles: Meline, Cans et Compie, 1848.

GRUTMAN, Rainier. Chronique d'un déclassement annoncé: le statut du traducteur dans la France Romantique (1828-1836). In.: LOMBEZ, Christine (org.). **Traduire en langue française en 1830**. Paris: Artois Presses Université, 2012. p. 77-92.

HAUFF. **La caravane**. 2e. ed. Paris: L. Hacette e Cia, 1861.

HERCULANO, Alexandre. **Lendas e narrativas**. 3^a. ed., v. I. Lisboa: viúva Betrand e filhos, 1865.

HERVEY, James. **Meditações (sic) do Doutor James Hervey sobre as sepulturas, e sobre vários objectos**. Traduzido para o português como compostas na lingua ingleza (sic), e traduzidas em vulgar. Por Jozé Freire da Ponte, a que se ajunta a vida do mesmo Hervey, e outras peças curiozas como Cartas, Elegias, Exequias de Araberto, etc. Lisboa, 1787.

_____. **Meditations and contemplations**. v. I. Londres: John and James Rivington, 1748.

HOFFMAN, Ernst Theodor Wilhelm. **Contes Fantastiques de Hoffmann**. Trad. par Loève-Vermais. Paris: Lavigne, 1843.

_____. **Contes fantastiques**: choix de contes, récits et nouvelles. LEMOINE, Édouard (org.). Paris: Garnier Frères, 1823.

_____. **E.T.A. Hoffmann's Ausgewählte Schriften**. Berlin: Reimer, 1827.

INDIAN battles, captivities, and adventures. New York: J. C. Derby, 1856.

KARR, Alphonse. **Les cent-et-une nouvelles nouvelles des cent-et un**. v. II. Paris: Chez Ladvocat, 1835.

_____. **Romans populaires illustrés**. Paris: Gustave Barba, 1856.

_____. **Vendredi soir**. Paris: Hippolyte Souverain, 1835.

KOCK, Paul de. **Le barbier de Paris**. t. I. 2^e. ed. Paris: Ambrois Dupont et cie, 1827.

_____. **Moeurs parisiennes**: nouvelles. t. V. Bruxelles: Société Belge et Librairie, 1839.

LA GARDE, Comte A. de. (Auguste-Louis-Charles de Messence La Garde-Chambonas). **Brighton**: scènes détachées d'un voyage en Angleterre. Paris: Librairie de J. -P. Aillaud; Londres: Richter et Ca., 1834.

LANGEAC, Chevalier de. **Précis historique sur Crumwel**. Genève: Monory, 1800.

LES MILLE et une jours: comptes persans, turcs et chinois. Trad. par Cardonne, Petit de la Croix et al. Paris: Purrat Frères, 1844.

MACKAY, Charles. **Memoirs of extraordinary popular delusions and the madness of crowds**. Philadelphia: Lindsay and Blakiston, 1850.

_____. **Memoirs of extraordinary popular delusions and the madness of crowds**. v. I. London: Office of the National Illustrated Library, 1852.

MARMONTEL, Jean François. **Bélisaire**. Paris: chez Merlin, 1767.

MASSON, Michel. **Recueil alphabétique de citations morales ou encyclopédie morale**. 5^e. ed. Paris: Librairie Charles Delagrave, 1867.

MÉMOIRES tirés des archives de la police de Paris. v. II. Paris: A. Lavavasseeur et Compagnie, 1838.

MERRYWEATHER, Frederick Somner. **Lives and anecdotes of misers**. London: Simpkin, Marshall, and co., 1850.

MONTOLIEU Isabelle de. **Douze nouvelles par Mme. Is. de Montolieu, pour servir de suite à son Recueil de contes**. t. II. Paris: J. J. Paschoud, 1812.

NORTON (ed.). **The keepsake**. London: Longman, Rees, Orme, Brown, Green and Longman/Paris: Ritnner and Goupil/Berlin: A. Asher, 1836.

PASSY, J. J. Fouqueau. **La France dramatique au dix-neuvième siècle**. t. VII. Paris: C. Tresse, 1841.

PEUCHET. **Mémoires tirés des archives de la police de Paris**. v. II. Paris: A. Lavavasseeur et Compagnie, 1838.

SAINT-BEUVE, Charles August. **La Bruyère et La Rochefoucauld**. Paris: H. Fournier, 1842.

_____. **Portraits de femmes**. Paris: Didier, 1845.

SAINT-HILAIRE, Émile Marco de. **Histoire anecdotique, politique et militaire de la garde impériale**. t. V. Paris: Eugène et Victor Penaud Frères, 1847.

_____. **Histoire populaire de Napoleon et de la grande armée**. Paris: G. Kugelmann, 1843.

_____. **Les aides de camp de l'empereur: souvenirs intimes du temps de l'empire.** Bruxelles: Meline, Cans et compagnie, 1841.

_____. **Napoléon au Bivouac, aux Tulleries et à Sainte-Hélène: anecdotes inédites.** Bruxelles: Meline, Cans et Compagnie, 1854.

_____. **Souvenirs intimes du temps de l'empire.** t. II. Paris: Jules Fellens, 1856.

SAGRA, Ramon de. **Cinco meses en los Estados-Unidos de la América del Norte.** Paris: imprenta de Pablo Renouard, 1836.

_____. **Cinq mois aux États-Unis de l'Amérique de Nord, depuis le 29 avril jusqu'au 23 de septembre 1835.** Trad. par M. René Baïssas. Bruxelles: Société Typographique Belge, 1837.

SCHOPENHAUER, Johanna. **Soirées de Chamouny.** t. I. Paris: Audin, 1832.

SOULIÉ, Frédéric. **Un été à Meudon.** Paris: Michel Levy-Frères, 1859.

SOUTI, Elisa. **La Pologne historique, littéraire, monumentale et pittoresque.** t. I. Paris: Bureau Central, 1835-1836.

THE ENGLISH Reader: a key in the English language and literature. 9. ed. Munich: Julius Grubert, 1868.

THE POLAR star of entertainment and popular science and universal repertorium of general literature. London: H. Flower, Skinner-Street and Snow-Hill, 1830.

THIBIAGE, M. de. **Histoire pittoresque et anecdotique des anciens châteaux, demeures féodales, forteresses, citadelles, etc.** Paris: R. Renault, 1846.

TROLLOPE, Frances Milton. Trad. A. Sobry. **La Belgique et l'ouest de l'Allemagne en 1833.** t. I. Paris: Fournier, 1834.

_____. **Voyages autour du monde en Océanie.** Paris: J. Bry Ainé, 1854.

VADERLANDSCHE letteroefeningen. Amsterdã: G. S. Leenerman, 1839.

VAN DER VELDE. **Sämmtliche Schriften von van der Velde.** Trad. Henrique Andersen. v. I. Leipzig: Erfter Bend, 1830.

VISCONDE D'ARLINCOURT (Charles Victor Prévôt d' Arlincourt). **Les anneaux d'une chaîne.** v. I. Bruxelles e Leipzig: Meline, Cans et Cia, 1844.

2. Fontes secundárias

ABREU, Márcia. Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros. In: **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas/SP: Mercado de Letras/Associação de Leituras do Brasil, 1999.

_____. Livros ao mar – Circulação de obras de Belas Letras entre Lisboa e Rio de Janeiro ao tempo da transferência da corte para o Brasil. **Tempo**, Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 12, n. 24, p. 85-108, 2008.

ARNT, Hérís. **A influência da literatura no jornalismo: o Folhetim e a Crônica**. Editora E-Papers: Rio de Janeiro, 2002.

AQUINO E CASTRO, Olegário Herculano. Discurso do orador Dr. Olegário Herculano de Aquino e Castro. **Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro fundado no Rio de Janeiro sob os auspícios da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, debaixo da imediata proteção de S. M. I. o Senhor D. Pedro II**. Tip. de E. & H. Laemmert. Rio de Janeiro, 1880.

AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta: A Moreninha e Os dois amores**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

BANDEIRA, Manuel. **Noções de história das literaturas**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1954. v. 1.

BARRETO, Junia. Traições editoriais: Os Trabalhadores do Mar, de Victor Hugo a Machado de Assis. **Revista Traduzires**, Brasília, v. 1, p. 84-94, 2012.

BERTHIER, Patrick. Traductions de texts étrangers dans les périodiques français en 1830. In.: LOMBEZ, Christine (org.). In.: **Traduire en langue française en 1830**. Paris: Artois Presses Université, 2012.

BONACIN, Larissa Degasperi; SCHÄFFEL, Dicleia Maria Bastos. Tradução poética: “O corvo” aos olhos de Machado de Assis e Fernando Pessoa. **Eletras**, Tuiutí/Paraná, v. 20, n. 20, p. 222-264, 2010.

BORDIEU, Pierre. **As regras da arte**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRAGANÇA, Aníbal. **Eros pedagógico: a função editor e a função autor**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Sobre o editor: notas para sua história. **Revista Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2. p. 219-237, jul./dez de 2005.

BITTONI, Dulcília Shroeder. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Mulher de Papel**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

BURGER, Paulo. **A tipografia no Rio de Janeiro**: impressores bibliográficos 1808-1900. Rio de Janeiro: Cia Industrial de papel Pirahy, 1984.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

CAMARGO, Kátia Aily Franco de. **Revue des Deux Mondes**: intermediária entre dois mundos. Natal: EdUFRN, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 2ª. ed. São Paulo: Martins, 1964.

CASTILHO, Antonio Feliciano de. Maria Peregrina de Sousa. **Revista contemporânea de Portugal e Brasil**. Lisboa: Escritório da Revista contemporânea de Portugal e Brasil, p. 273-312, abril de 1861.

CAVALHEIRO, Edgar. **Monteiro Lobato**: vida e obra. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1955.

CHARTIER, Robert. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHEVREL, Yves. Traduire en France en 1830: nouvelles préoccupations, nouvelles impulsions? In.: LOMBEZ, Christine (org.). **Traduire en langue française en 1830**. Paris: Artois Presses Université, 2012. p. 9-20.

COOPER-RICHET, Diana. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX?. **Varia historia**, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, s/p, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752009000200009&lng=en&nrm=isso>. Acesso em: 24/01/2013.

_____. “Passeurs culturels”. In.: **Dictionnaire d’histoire culturelle de la France contemporaine**. DELPORTE, Christian; MOLLIER, Jean-Yves; SIRINELLI, Jean-François (org.). Paris: Puf, 2010.

_____. “Transferências culturais”. O caso da França e do Brasil no século XIX. Trad. de Valéria Guimarães. Mimeo.

COSTA, Carlos Roberto da. **A revista no Brasil, o século XIX**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

COSTA, Ferreira, Orlando da. **Imagem e Letra: Introdução à Bibliologia Brasileira – A Imagem Gravada**. 2ª. ed. São Paulo, Edusp, 1994.

CUNHA, Jaqueline R. da. Considerações a respeito do Parnaso Brasileiro. In: V Semana de Letras, 2005, Porto Alegre. **Anais da V Semana de Letras**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 1-13.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DUTRA, Eliana de Freitas. De leitores, de letras e de homens de letras. In.: **Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 21-28.

_____. Leitores de além-mar: a editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In.: **Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (org.). São Paulo: Editora Unesp, 2010.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

_____. **Páginas de Sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. A influência da tradução na formação e na consolidação da Literatura Brasileira do século XIX. In: III CIATI - Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação, n. 3, 2004, São Paulo. **Anais do III CIATI**, São Paulo, 2004, p. 1-6.

_____. Em que se traduz a ingenuidade romântica? A tradução do romance-folhetim no Romantismo brasileiro. In: 50º Seminário do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos), 2002, São Paulo. **Anais do 50º Seminário do Grupo de Estudos Linguístico do Estado de São Paulo - GEL**. São Paulo, 2002.

FARIA, João Roberto de. Machado de Assis – tradutor de teatro. In.: **Machado de Assis em Linha**, ano 3, n. 6, p. 48-60, 2010.

FAUSINO, Márcia Coelho. As velhas/novas revistas femininas. In.: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, n. 26, Belo Horizonte/MG, 2003. **Anais do 26º. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Belo Horizonte/MG, setembro de 2003.

FERREIRA, Eliana Fernanda Cunha. **Para traduzir o século XIX: Machado de Assis**. São Paulo: Annablume, 2004.

FERREZ, Gilberto. A obra de Eduardo Laemmert. **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**. Brasília - Rio de Janeiro, n. 331, p. 193- 211, 1981.

FRANCHETTI, Paulo. Gonçalves de Magalhães e o Romantismo no Brasil. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 67-77, jul/dez. de 2006.

GARRETT, Almeida. Das traduções dos Lusíadas. In.: **Obras de Luis Vaz de Camões**. t. I. Lisboa: Escritório da Biblioteca Portuguesa, 1852. p. XVII-XXI.

GIRON, Luís Antônio. **Minoridade Crítica: a Ópera e o Teatro nos Folhetins da Corte (1826-1861)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GOMES, Gisele Ambrósio. O Mentor das Brasileiras: um estudo de caso. In.: **Revista Virtu**, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (Minas Gerais), v. 6, 2º. sem. de 2007.

GRANJA, Lúcia. França e Brasil: transferências da crônica e do folhetim-variedades. In.: GUIMARÃES, Valéria (org.). **Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil**. Tradução de Kátia Aily Franco de Camargo. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012. p. 115-134.

GRUTMAN, Rainier. Chronique d'un déclassement annoncé: le statut du traducteur dans la France Romantique (1828-1836). In.: LOMBEZ, Christine (org.). **Traduire en langue française en 1830**. Paris: Artois Presses Université, 2012. p. 77-92.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil (sua história)**. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lolio Lourenço de Oliveira, São Paulo: EDUSP, 1985.

HISTÓRICO da Livraria Francisco Alves e Relação completa das obras publicadas pela Livraria Francisco Alves: 1854-1954. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda.

HARVEY, John. **Homens de preto**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

HEINEBERG, Ilana. **La suite au prochain numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens *Jornal do commercio*, *Diário do Rio de Janeiro* et *Correio mercantil* (1839-1870)**. Tese (Doutorado em Études Lusophones) – U.F.R. d'Études Ibériques et Latino-Américaines, Université de Paris III la Sorbonne Nouvelle, Paris, 2004.

HERSENT, Jean-François. “Passeurs culturels dans le monde des médias et de l’édition en Europe” (XIXe et XXe siècles. Fonte: <http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2006-01-0128-010>. Acesso em: 24/02/2013.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LAVER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. Tradução de Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.

LEAL, Antônio Lopes de Mendonça. Perfis literários em 1855. III - Gonçalves Dias. In.: **Memórias de Literatura contemporânea**. Lisboa: Typ. do Panorama, 1855.

LIMEIRA, Aline de Moraes. Almanaque de primeira. Em meio à ferrenha concorrência editorial do século XIX, o Almanak Laemmert se destacou pela variedade de informações. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, p. 80 – 83, 05/09/2010.

_____. **Educação Particular e Publicidade no Almanak Laemmert (1844/1859)**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

LOBO, Luiza. **Épica e modernidade em Sousândrade**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

LYONS, Martyn. Les best-sellers. In.: CHARTIER, Roger e MARTIN, Henri-Jean (org.). **Histoire de l’édition française: les temps des éditeurs**, 1985. p. 415-423.

LUCA, Tânia Regina de. “Revistas e escrita da História: alguns desafios interpretativos”. Disponível em: <http://www.espea.iel.unicamp.br/textos/IDtextos_123_pt.pdf>. Acesso em: 20/01/2013.

MANÇANO, Regiane. **Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MENEZES, Lená Medeiros de. Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanak Laemmert (1844-1861). p. 1-30. Disponível em: <http://www.labimi.uerj.br/artigos/1306519921.pdf>. Acesso em: 25/01/2013.

MEYER, Augusto. Traduções. **Remate de males**, Revista do Departamento de Teoria Literária, Campinas, n. 4, p. 201-209, dez. de 1884.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MIRANDA DA SILVA, Maria Cristina. Aparelhos Ópticos no Rio de Janeiro do século XIX. In: XXIII Simpósio Nacional de História / ANPUH, 2005, Londrina/PR. **Anais do**

XXIII Simpósio Nacional de História – História: Guerra e Paz, Londrina: Editorial Mídia, 2005. v. 1. p. 1-8. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1394.pdf>>. Acesso em: 11/01/2013.

MIZUKAMI, Pedro Nicoletti. **Função Social da Propriedade Intelectual:** compartilhamento de arquivos e direitos autorais na CF/88. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

MORAES, Alexandre José Mello. **Corografia histórica, cronográfica, genealógica, nobiliária e política do império do Brasil.** Rio de Janeiro: Tip. de J. Soares de Pinho, 1858.

MOREIRA, Maria Eunice e ZILBERMAN, Regina. **O Berço do Cânone.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

NADAF, Yasmin Jasmil. **Rodapé das miscelâneas:** os folhetins nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

NETO, Lira. **O inimigo do rei:** uma biografia de José de Alencar ou a mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil. São Paulo: Globo, 2006.

NORTHON, Thomas. Catálogo das edições dos Lusíadas. In.: CAMÕES, Luís Vaz. **Obras de Luís Vaz de Camões.** t. 1. Lisboa: Escritório da Biblioteca Portuguesa, 1852. p. X – XVI.

OLIVA, Osmar Pereira. Literatura oitocentista montes-clarense: escrita, memórias e leitura. Juiz de Fora: **Revista Darandina**, v. 1, 2009.

PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: o homem e o empresário. In.: I Seminário Brasileiro Livro e História Editorial, Niterói/Rio de Janeiro, 2004. **I Seminário Brasileiro Livro e História Editorial**, 2004, Niterói/Rio de Janeiro, p. 1-14.

_____. **Para além da amenidade:** O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produções. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

QUEIROZ, Juliana Maia. *A carteira de meu tio:* ficção e história em Joaquim Manuel de Macedo. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 2, n. 3, p. 1-10, jul. de 2010.

_____. Em busca de romances: um passeio pelo catálogo da livraria Garnier. In: ABREU, Márcia. (org.). **Trajetórias do romance:** circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 2008, v. 1. p. 199-212.

RAMICELLI, Maria Eulália. **Narrativas itinerantes:** aspectos franco-britânicos da ficção brasileira em periódicos do século XIX. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

RENAULT, Décio. **O Rio de Janeiro nos anúncios dos jornais:** 1808-1850. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

RONDINELLI, Bruna Grasiela da Silva. **Martins Pena e o Teatro de São Pedro de Alcântara:** o repertório, os artistas e as ideias teatrais. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso:** a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SENNA, Ernesto. **O velho comércio no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Garnier, s/ data.

SIMIONATO, Juliana Siani. **A Marmota e seu perfil editorial:** contribuição para edição e estudos dos textos machadianos publicados nesse período (1855-1861). Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. **Quincas Borba:** folhetim e livro. Tese (Doutorado em Letras Modernas e Literatura Europeia) – Wolfson College, Oxford, Surrey, 2007.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes da. **Machado de Assis, crítico na imprensa:** o jornal entre palmas e piparotes. Dissertação (Mestrado em Letras, Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 4ª. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas:** a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Rosane de. A influência das concepções teóricas sobre as traduções das *Mil e uma noites*. **Cenários**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, 1º. sem. de 2011.

UBIRATAN, Machado. **A etiquetas de livros no Brasil:** subsídios para uma história das livrarias brasileiras. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. **Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Uma revista entre três mundos. In.: **Transferências culturais. O exemplo da imprensa na França e no Brasil.** GUIMARÃES, Valéria (org.). São Paulo: EDUSP, Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 101-114.

VIANA, Hélio. A casa Laemmert. **Jornal do Comércio**, s/p., abril de 1968.

_____. A casa Laemmert (II). **Jornal do Comércio**, s/p., abril de 1968.

VIANA, Liane Cunha. O castelo de Faria: resistência à ‘perda’ do passado e da identidade nacional. **Revista Itinerários: narrar e resistir**, n. 10, Araraquara: UNESP, 1996. p. 155-166.

VIDUTTO, Marienne Cristina Sebrían Busto. **Design em revista feminina: um olhar sobre Cláudia.** Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2010.

ZILBERMAN, Regina. Eça entre os brasileiros de ontem e hoje. In.: ZILBERMAN, Regina et al. **Eça e outros: diálogo com a ficção de Eça de Queirós.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 7-19.

WOLF, Ferdinand. **Le Brésil littéraire: histoire de la littérature brésilienne.** Berlin: A. Asher & Co, 1863.

3. Sites consultados

<http://www.bcb.gov.br>

<http://www.brasiliana.usp.br>

<http://www.espea.iel.unicamp.br>

<http://www.labimi.uerj.br>

<http://objdigital.bn.br>

<http://www.revistadehistoria.com.br>

<http://www.scielo.br>

<http://www.seed.pr.gov.br>

<http://www.unicamp.br/iel/memoria>

ANEXOS

1. CATÁLOGOS DA LIVRARIA UNIVERSAL

LEGENDAS

DBP = *Dicionário Bibliográfico Português*

DBB = *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*

1.1 Segunda parte do novo catálogo sistemático de escolhidos livros em português publicados e à venda no Rio de Janeiro na Livraria Universal (data desconhecida)

TÍTULO	AUTOR	ORIGEM ³⁵⁰
<i>Amores de Abaillard e Heloísa</i>	?	?
<i>Amorosas paixões do jovem Werther</i>	Goethe	Alemã
<i>O arrependimento</i>	Victorien Sardou	Francesa
<i>A astúcia de um aldeão ou o amor de uma viúva em perigo</i>	M. M. Dumanoir e Lafargue	?
<i>Aventuras maravilhosas do incomparável Cavalheiro Huól, Príncipe d'Aquitania</i>	Christóvão Martinho Wieland (Cristoph Martin Wieland)	Alemã
<i>Aventuras pasmosas do célebre Barão de Munkausen</i>	Rudolph Erich Raspe	Alemã
<i>Aventuras do célebre salteador Vidocq</i>	?	?
<i>A baixa de Mathias</i>	Luiz da Silva Alves de Azambuja Suzano ³⁵¹	Brasileira

³⁵⁰ Origem, neste caso, se refere à língua original em que a obra foi escrita.

³⁵¹ Outras obras do autor publicadas por Eduardo e Henrique Laemmert: 1) *Digesto brasileiro, ou extrato e comentário das ordenações e leis extravagantes etc.* (1ª. edição em 1843, 2ª. edição em 1854); 2) *Exemplário de libelos, extraído do de Caminha* (1843); 3) *Seleta latini sermonis exemplaria e escriptoribus probatissimis ad christianæ juventutis usum olim colecta. Tradução portuguesa* (1845); 4) *Código de leis e regulamentos orfanológicos, ou extrato e comentário das ordenações, leis, decretos, etc. que dirigem o juízo dos órfãos e ausentes sobre sucessões, heranças, doações, inventários etc.* (1847); 5) *O capitão Silvestre e Fr. Velloso, ou a plantação do café no Rio de Janeiro: romance brasileiro* (1847 – saiu também na Folhinha dos editores para o referido ano); 6) *Silabário para ensinar a ler a língua portuguesa* (1848); 7) *Compêndio da gramática portuguesa para uso das escolas primárias. Escrito em 1848 por ordem do ill.mo e ex.mo sr. Luís Pedreira do Couto Ferraz, presidente da província do Espírito Santo* (1851); 8) *Repertório das leis, regulamentos e ordens da Fazenda, para servir de guia a todos os administradores, tesoureiros, coletores, juízes, e oficiais de fazenda, e a todas as pessoas que tem de receber, ou contribuir, ou agenciar negócios pelas repartições de Fazenda* (1854); 9) *Guia do processo policial e criminal novamente organizado pelo código, regulamento, e reformas, com todos os decretos, instruções e avisos que se tem publicado até o presente, e formando uma*

<i>O Barão de Schindler, ou o filósofo do cais ressuscitado</i>	L. M. J. A.	?
<i>Bertoldinho e Cacasseno</i>	?	Italiana
<i>O capitão Bitterlin</i>	Edmond About e E. M. Nojac	Francesa
<i>Cativo de Fez</i> ³⁵²	Antonio Joaquim da Silva	Portuguesa
<i>Cornélia Bororquia, ou história interessante da infeliz vítima da Inquisição de Sevilha</i>	Abranches Luís Gutiérrez	Espanhola
<i>Crimes espantosos</i>	Jussieu	Francesa
<i>Curiosidades brasileiras</i>	Francisco Luís de Abreu Medeiros ³⁵³	Brasileira
<i>A deserção, ou as terríveis ilações do amor</i>	Pedro José Teixeira	? ³⁵⁴
<i>Duas filhas</i>	Antonio Pereira da Cunha	Português
<i>Emília e Frontino ou Cartas amorosas de dois amantes</i>	Alexandre Magno de Castilho	Português
<i>Enciclopédia do riso e da galhofa, em prosa e verso</i>	Pafúncio Semicúpio Pechincha (Eduardo Laemmert)	Alemã
<i>Família e a festa na roça</i>	Martins Pena	Brasileira
<i>As fatalidades de dois jovens, recordações dos tempos coloniais</i>	Francisco Luiz de Abreu Medeiros	Brasileira
<i>Na feira de Sorocaba</i>	Francisco Luiz de Abreu Medeiros	Brasileira
<i>O fidalgo sem dinheiro</i>	Lafargue	Francesa
<i>O filho do pescador, romance brasileiro</i>	Teixeira e Sousa	Brasileira
<i>O flibusteiro, ou pirata das Antilhas, seguido de Os dois juramentos, O avaro de Southwark, A princesa de Lamballe, etc.</i>	Texto de vários autores: <i>O flibusteiro, ou pirata das Antilhas</i> foi escrito por Van der Velde, e <i>O avaro de Southwark</i> , por Frederick Somner Merryweather. Não	Diversa (periódico)

peça regular e inteiriça, que facilita a qualquer executor, juiz, jurados, delegados, escrivães, etc. etc. a inteligência e exercício de suas funções etc. (1859) e 10) *Princípios de Aritmética mercantil para se ensinarem nas escolas primárias* (1860) (DBP e DBB).

³⁵² Segundo Inocêncio Francisco da Silva: “Este drama foi representado com grande aplauso no teatro da rua dos Condes, obtendo uma série numerosa de recitas sucessivas. O Conservatório lhe adjudicou um dos seus primeiros prêmios, e o parecer da comissão que o examinou antes de ir à cena, pode ler-se nas *Memórias* do mesmo Conservatório, ou no *Diário do Governo* n. 74 do ano 1841” (DBP).

³⁵³ Outras obras do autor publicadas pelos Laemmert: 1) *O distribuidor de gazetas, cena cômica* (1862), 2) na *Folhinha teatral para o ano de 1864*: “O tropeiro na barraca: pequena composição teatral”, “O ator surpreendido” e “Romance” (186?), 3) na *Folhinha de novas anedotas de 1864*: “Pequena coleção de anedotas”, “O marido sem mulher: cena cômica” (186?) (DBB e DBP).

³⁵⁴ Inocêncio Francisco da Silva não soube informar onde ele nasceu (DBP).

<i>Folhetos de leitura recreativa, contendo 30 lindíssimas e interessantes novelas</i>	localizamos a autoria das outras narrativas ?	?
<i>Galatéia</i> <i>Guia dos namorados ou vocabulário das flores</i>	Antonio Joaquim de Carvalho ?	Portuguesa ?
<i>Hernani</i> <i>História palpitante do célebre João Fernandes, ou briga de galos por causa de um dote</i> <i>História da donzela Theodora</i> ³⁵⁵	Victor Hugo ? Carlos Ferreira	Francesa ? Portuguesa
<i>História dos filhos de Carlos Magno, romance original, por Félix Davin</i> <i>História da Imperatriz Porcina</i> <i>História interessante do Peles d'asno, ou vida do príncipe Cyrillo</i>	? Baltasar Dias ?	? Portuguesa ?
<i>História jocoza dos três corcovados de Setubal</i> <i>História do grande Roberto do Diabo</i> <i>História da pele de Burro</i> <i>História verdadeira da princesa Magalona</i> ³⁵⁶	? ? ? Autor desconhecido	? Espanhola ? Francesa

³⁵⁵ Sobre a edição de 1735, Inocêncio Francisco da Silva disse: “É a edição mais antiga que julgo existe entre nós d’este auto *popularíssimo*, o qual tem sido depois reimpresso por vezes repetidas, não só em Portugal, mas no Brasil” (DB). De acordo com El Far, a obra pode ser de origem árabe, tendo sido vulgarizada através de uma versão castelhana do século XVI. Fonte: EL FAR, 2004, *op. cit.*, p. 326.

³⁵⁶ Segundo Inocêncio Francisco da Silva, a obra tem origem francesa: “Tal é a edição que possuo d’esta *popularíssima* história. Muitas outras tenho visto, mais antigas umas, e outras mais modernas, as quais não creio que valham a pena de ser aqui mencionadas. Alguns tiveram para si, que este romance (cujo autor, segundo creio, e ainda agora desconhecido) fora originalmente escrito e impresso em português, mas enganaram-se. A *Magalona* é sem contradição de origem francesa, e a edição mais antiga que d’ela se conhece n’esta língua, e que se julga ter sido a primeira, é de Paris, 1492. 4.º gótico, com figuras. Assim vem mencionada no Manual de Brunet. Os espanhóis a transportaram para o seu idioma, e entre as edições que d’ela se fizeram depois de traduzida, é uma a de Lisboa, por Antonio Álvares 1625. 4.º de 40 pág., da qual conservo também um exemplar. Foi da tradução castelhana que alguém a verteu em português, o que é fácil de comprovar pela confrontação das duas.” Ele apontou ainda que os Laemmert investiram em vários clássicos da língua portuguesa: “Consta-me que no Rio de Janeiro já depois de 1840, se fizera na Typ. Un. de Laemmert uma nova reimpressão, não só da *Magalona* mas de todas as outras histórias, cuja venda em Portugal era n’outro tempo privativa dos cegos. Entre as assim reimpressas contam-se: *A donzela Theodora* - *Roberto do Diabo* - *Imperatriz Porcina* - *João de Calais* - *Corcovados de Setubal* - *Carlos Magno* - *Pele de burro* - *A virtuosa D. Francisca do Algarve*, etc. Ainda não tive ocasião de ver alguma d’estas edições, provavelmente mui superiores na parte tipográfica, às suas equivalentes feitas em Portugal, e que são

<i>História nova do imperador Carlos Magno e dos 12 pares de França</i> ³⁵⁷	José Alberto Rebello	Francesa
<i>A independência do Brasil</i>	Manuel José da Silva Bastos	Brasileira
<i>Luiz de Camões</i>	Luís Antonio Burgain ³⁵⁸	Francesa
<i>Mania do jogo, ou história exemplar de um jogador</i>	?	Francesa
<i>Maria, ou a bela paulista</i>	dr. Theodoro J. H. Langgaard	Dinamarquesa
<i>Memórias de Garibaldi</i>	Pedro Carlos de Alcantara Machado ³⁵⁹	Portuguesa
<i>Minha Tia Rosa</i>	Viriato Soares de Carvalho (tradutor do francês)	?
<i>A moreninha</i>	Joaquim Manuel de Macedo	Brasileira
<i>Museu pitoresco ou livro recreativo das famílias</i>	Diversos	Diversa (periódico)
<i>A nova Heloisa</i>	Jacques Rousseau	Francesa
<i>A nova Castro</i>	João Baptista Gomes Junior	Portuguesa
<i>Novelista brasileiro, ou Armazém de Novelas escolhidas, contendo as composições mais afamadas dos melhores autores modernos da escola romântica</i>	Diversos	Diversa (periódico)
<i>Novo Correio de Modas, jornal do mundo elegante consagrado às famílias brasileiras, oferecendo uma riquíssima escolha de romances dos autores mais afamados</i>	Diversos	Diversa (periódico)
<i>Novo Gabinete de Leitura, repertório oferecido às famílias brasileiras para seu recreio e instrução, contendo novelas escolhidas de autores nacionais e estrangeiros</i>	Diversos	Diversa (periódico)

acompanhadas de estampas coloridas. O preço de cada uma é de 640 réis, segundo as acho cotadas nos respectivos *Catálogos*” (DBP).

³⁵⁷ Alessandra El Far comentou o seguinte a respeito dessa obra: “Tanto a *História da Imperatriz Mangalona* quanto a *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França*, escritas em francês no século XV, chegaram em Portugal a partir das traduções castelhanas, sendo traduzidas para o português no século XIX.” Fonte: EL FAR, 2004, *op. cit.*, p. 326.

³⁵⁸ Outras peças do autor impressas pela Tipografia Universal: 1) *Fernando Ribeiro, ou Pernambuco Libertado*; 2) *O remendão de Smyrna, ou um dia de soberania*; 3) *A última assembléia dos Condes livres*; 4) *O amor de um padre, ou a Inquisição de Roma*; 5) *O barbeiro importuno* e 6) *A morte de Camões* (DBP).

³⁵⁹ Autor do *Atlas completo do corpo humano* e do *Dicionário de medicina doméstica e popular*, ambos impressos pelos irmãos Laemmert (DBP). Vale dizer que, apesar da origem francesa, o autor escreveu grande parte de seus livros em português pois dominava o idioma.

<i>Novo Tesouro de novelas e romances, moderníssimo seguido de vários artigos de instrução e recreio em prosa e verso</i>	Diversos	Diversa (periódico)
<i>Obras dramáticas de Luiz Antonio Burgain - 1ª série contendo: Luiz de Camões - Pedro Sem - O governador de Braga - O mosteiro de sant'Iago</i>	Luís Antonio Burgain	Francesa
<i>Opúsculos recreativos e populares</i>	Joaquim Antonio	Brasileira
<i>A pacotilha</i>	Hamvultando de Oliveira	Portuguesa
<i>Palafox</i>	João Ferreira da Cruz	Espanhola
	?	
<i>Pedro Sem, que já teve e agora não tem</i>	Luís Antonio Burgain	Francesa
<i>Tereza Dunoyer</i>	Eugène Sue	Francesa
<i>Três bofetadas, história verdadeira</i>	Mme. de Cubières	Francesa
<i>Último dia de um condenado</i>	Victor Hugo	Francesa
<i>Vida de Cacasseno</i>	?	Italiana
<i>Vicentina</i>	Joaquim Manuel de Macedo	Brasileira

1.2 Catálogo das obras poéticas em português à venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert mercadores de livros Rua da Quitanda 77 (1866)

TÍTULO	AUTOR	ORIGEM
<i>Adozinda</i>	J. B. de Almeida Garrett	Portuguesa
<i>Alfonsiada</i>	Sr. Dr. Affonso Henriques (Antonio José Osório de Pina Leitão)	Portuguesa
<i>Agostinheida</i>	Nuno Álvares Pereira Pato Moniz	Portuguesa
<i>Os amores de P. Ovídio Nasão</i>	Antonio Feliciano de Castilho ³⁶⁰	Portuguesa
<i>Amor e melancolia, ou novíssima Heloísa</i>	Antonio Feliciano de Castilho	Portuguesa
<i>Animais falantes</i>	Gaudêncio Maria Martins	Portuguesa
<i>Arminio ou a Alemanha libertada</i>	Barão de Schonaich (Christoph Otto Freiherr von-	Alemã

³⁶⁰ Outras obras do autor editadas pelos Laemmert: 1) *Amor e melancolia, ou a novíssima Heloísa* (184...); 2) *Escavações poéticas* (184...); 3) *Arte de amar de Publio Ovidio Nasão* (1862) e 4) *Tributo à memória de sua majestade fidelíssima o sr. D. Pedro V e muito amado* (1862) (DBP).

	Schönaich)	
<i>Arte de amar de Ovídio e Grinalda da arte de amar</i>	Publio Ovídio Nasão (tradução de Antonio Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho)	Clássica
<i>Arte poética de D. Horacio Flacco</i>	Candido Lusitano (P. Francisco José Freire)	Portuguesa
<i>Arte versificatória</i>	J. J. de Mendonça Pereira (talvez Joaquim José de Mendonça Silveira?)	? ³⁶¹
<i>Biblioteca dos poetas clássicos da língua portuguesa: 1º. e 2º. Volume: Os Lusíadas, Luís de Camões, 3º. Volume: Grinalda de flores poéticas, dos melhores autores, 4º. e 7º. Volume: Parnaso brasileiro, 5º. Volume: Marília de Dirceu e 6º. Volume: Escavações poéticas, Castilho.</i>	Diversos	Diversa (periódico)
<i>Bosquejos poéticos ou coleção de poesias sobre vários assuntos</i>	Manuel Antonio Ferreira da Silva	? ³⁶²
<i>Brasiliada ou Portugal imune e salvo</i>	Thomaz Antonio dos Santos e Silva	Portuguesa
<i>Os Burros, ou Reinado da Sandice</i>	José Agostinho de Macedo	Portuguesa
<i>Camões</i>	J. B. de Almeida Garrett	Portuguesa
<i>Cantos</i>	Antonio Gonçalves Dias	Brasileira
<i>Cancioneiro</i>	João de Lemos Seixas Castelo Branco	Portuguesa
<i>Canções patrióticas</i>	D.	?
<i>Cânticos</i>	José da Silva Mendes Leal Junior	Portuguesa
<i>Cartas chilenas</i>	Tomás Antonio Gonzaga	Portuguesa
<i>Cartas de Eco a Narciso</i>	Antonio Feliciano de Castilho	Portuguesa
<i>Cartas de Heloisa e Abailard</i>	? (tradução de José Anastásio)	?
<i>O Castelo do Lago</i>	José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz	Portuguesa
<i>Catão</i>	J. B. de Almeida Garrett	Portuguesa
<i>Coleção de Epístolas eróticas e filosóficas contendo a pavorosa ilusão de eternidade do insigne poeta Bocage, a</i>	Vários autores (incluindo Bocage, José Anastásio da Cunha e um desconhecido)	Portuguesa

³⁶¹ Inocêncio Francisco da Silva não soube informar onde ele nasceu (DBP).

³⁶² Inocêncio Francisco da Silva não soube informar onde ele nasceu (DBP).

<i>voz da Razão e a Epístola de Heloísa e Abailard</i>		
<i>Coleção de novas modinhas para o honesto recreio das madamas</i>	?	?
<i>Coleção de várias poesias morais</i>	José Jacinto Nunes de Mello. Cônego da Sé de Évora	Portuguesa
<i>Composições poéticas</i>	B. (Belchior) M. Curvo Semedo	Portuguesa
<i>Confederação dos Tamoios</i>	Domingos José Gonçalves de Magalhães	Brasileira
<i>Consórcio das flores epístola de La Croix a seu irmão</i>	Lacroix	Francesa
<i>Coroa poética no consórcio de D. Luiz e D. Maria (Suas Majestades Fidelíssimas O Sr. Rei D. Luiz e a Sra. D. Rainha D. Maria de Saboya)</i>	J. Feliciano de Castilho, A. S. Cabedo, Camilo Castello Branco, E. A. Vidal, Eusébio Asquerino, Caetano Frascarelli, Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos, José Maria Latino Coelho, J., P. Bianchi, José Ramos Coelho, José da Silva Mendes Leal, Julio de Castilho, **L., Luiz Augusto Palmerim, Luiz Augusto Rebello da Silva, Manuel Pinheiro, Thomaz Ribeiro, Luiz Breton y Vedra	Portuguesa (poesias em português e em italiano)
<i>A Criação Universal, descrita poética e filosoficamente</i>	Leonardo da Senhora das Dores Castelo Branco	Brasileira
<i>D. Jayme (ou a dominação de Castela)</i>	Thomaz Ribeiro	Portuguesa
<i>Dicionário do bom gosto ou genuína linguagem das flores, frutos, ervas, raízes, etc.</i>	?	?
<i>Dicionário poético</i>	Candido Lusitano (frade Francisco José Freire)	Portuguesa
<i>Diwan</i>	Augusto Soromenho	Portuguesa
<i>Dona Branca, ou a conquista do Algarve</i>	J. B. de Almeida Garrett	Portuguesa
<i>Dores e flores</i>	Augusto Emilio Zaluar	Portuguesa
<i>Duas épocas na vida</i>	Camilo Castello Branco	Portuguesa
<i>Ecos da alma</i>	Macambuzio (Batista Caetano de Almeida Nogueira)	Brasileira
<i>Ecos da Lira Teotônica, ou tradução de algumas poesias dos poetas mais populares da Alemanha</i>	José Gomes Monteiro (org.)	Alemã
<i>A Egidéia</i>	João Pedro Xavier do Monte	Portuguesa

<i>Elementos da poética tirados de Aristóteles, de Horácio e dos mais célebres autores modernos</i>	Pedro José da Fonseca (org.)	Diversa (periódico)
<i>Ema ou a esperança e a tumba</i>	Nuno Maria de Souza Moura	Portuguesa
<i>Eneida Brasileira, ou tradução poética da epopéia de Publio Virgílio Maro</i>	Manuel Odorico Mendes	Brasileira
<i>Eneida</i>	Virgílio	Clássica
<i>Épicos brasileiros</i>	Varnhagen (org.)	Brasileira (textos de poetas como Santa Rita Durão e Basílio da Gama)
<i>Escavações poéticas</i>	Antonio Feliciano de Castilho	Portuguesa
<i>O Espectro ou a Baronesa de Gaia</i>	José Maria da Costa e Silva	Portuguesa
<i>Estreias poético musicais para o ano de LIII</i>	Antonio Feliciano de Castilho	Portuguesa
<i>Estudo moral e político sobre os Lusíadas</i>	José Silvestre Ribeiro	Portuguesa
<i>Fábulas escolhidas entre as de Lafontaine</i>	La Fontaine (traduzidas em verso por F. Elysio – pseudônimo de Francisco Manuel do Nascimento)	Francesa
<i>Fábulas de Esopo (Vida e Fabulas do insigne Fabulador Grego Esopo)</i>	Esopo (tradução de Manuel Mendes de Vidigueira)	Clássica
<i>Fábulas de Esopo</i>	Esopo (tradução de F. de Paula Brito)	Clássica
<i>Fábulas e folhas caídas</i>	J. B. de Almeida Garrett	Portuguesa
<i>Fábulas</i>	Joaquim José Teixeira	Brasileira
<i>Fábulas literárias</i>	D. Thomaz Yriarte	Espanhola
<i>Fado, Novíssimo Livro, ou Jogo de sortes engraçadas</i>	?	?
<i>Fascículo poético, ou coleção de versos consagrados pela maior parte a S. M. I. D. Pedro II (imperador constitucional, etc. e á sua augusta família)</i>	Luiz Paulino da Costa Lobo	Brasileira
<i>Os Fastos de Publio Ovídio Nasão</i>	Ovídio (tradução de Antonio Feliciano de Castilho)	Clássica
<i>A Festa de Baldo</i>	Álvaro Teixeira de Macedo	Brasileira
<i>Flores e frutas colhidas no ameno jardim da poesia moderna portuguesa pelos seus mais reputados cultores</i>	Antonio Freire de Serpa Pimentel, Augusto Emilio Zaluar, João Baptista de Almeida Garrett, João de Lemos Seixas Castello-	Portuguesa

	Branco, José Freire de Serpa Pimentel, Luiz Augusto Xavier de Palmerim, Luiz da Silva Mousinho Albuquerque, e muitos outros	
<i>Florilégio da poesia brasileira ou Coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros</i>	Varnhagen (org.)	Brasileira
<i>Folhas perdidas</i>	Henrique Autran Junior	Brasileira
<i>Folhas sem fruto</i>	J. B. de Almeida Garrett	Portuguesa
<i>Galatéa</i>	Antonio Joaquim de Carvalho	Portuguesa
<i>Gama</i>	José Agostinho de Macedo	Portuguesa
<i>Gaticânea ou cruelíssima guerra entre os cães e os gatos, decidida em uma sangrinolenta batalha na Praça de Mafra</i>	João Jorge de Carvalho	Portuguesa
<i>Geórgicas</i>	Virgílio (tradução de Francisco Freire de Carvalho)	Clássica
<i>Geórgicas de Virgílio</i>	Virgílio (tradução de A. O. P. Leitão – Antonio José Osório de Pina Leitão)	Portuguesa
<i>Glaura</i>	Manuel Ignacio da Silva Avarenga	Brasileira
<i>Grinalda de flores poéticas</i> ³⁶³	Diversos (coletânea de poesia de autores de origem variada)	Diversa (periódico)
<i>Harpas selvagens, nova coleção de poesias</i>	Joaquim de Souza Andrade	Brasileira
<i>A Henriáda</i>	Voltaire (tradução de Thomás de Aquino Bello e Freitas)	Francesa
<i>História de Anfriso e Retilla</i>	Américo Inocência Barbuda	? ³⁶⁴
<i>História verdadeira de Elmano e Marília ou a força do destino</i>	A. J. B.	?
<i>Hinos da minha alma</i>	Constantino José Gomes de Sousa	Brasileira
<i>Idílios e poesias pastoris</i>	Salomão Gessner (tradução de Joaquim Franco de Araujo Feio Barboza)	Alemã
<i>A Igualdade</i>	?	?
<i>Isabel ou a heroína de Aragam</i>	José Maria da Costa e Silva	Portuguesa

³⁶³ Segundo o catálogo, trata-se de uma “Seleção de produções modernas dos melhores poetas brasileiros e portugueses entre as quais traduções de poesias escolhidas do inglês, alemão, francês e italiano, com os originais ao lado, coligidas pela redação do Novo Correio de Modas e dedicada ao belo sexo”.

³⁶⁴ Inocência Francisco da Silva não soube informar onde ele nasceu (DBP).

<i>Jardim poético ou coleção de poesias antigas e modernas, composta por naturais do Espírito Santo</i>	José Marcelino Pereira de Vasconcelos (org.)	Brasileira
<i>Lágrimas e sorrisos</i>	Martim Francisco Ribeiro de Andrade	Brasileira
<i>Laura de Anfriso</i>	Licenciado Manuel da Veiga	Portuguesa
<i>Les trois fabulistes français Lafontaine, Florian e Lachambeaudie</i>	Fafontaine, Florian e Lachambeaudie (tradução de L. A. Burgain)	Francesa
<i>A Liberdade de Portugal em 1832 a 1834</i>	Antonio Joaquim Álvares	Portuguesa
<i>Lições elementares de poética nacional, seguidas de um breve ensaio sobre a crítica literária, para uso da mocidade de ambos os hemisférios</i>	Francisco Freire de Carvalho	Portuguesa
<i>Livro da minha alma</i>	João de Aboim	Portuguesa
<i>Lírica, coleção de poesias de João Mínimo</i>	João Mínimo	?
<i>Lísia poética, ou coleção de poesias modernas de autores portugueses</i>	José Ferreira Monteiro (org.)	Portuguesa
<i>A Lira Anacreôntica à Ilma. Sra. D. M. C. D. V. (Dona Maria Cândida do Vale)</i>	José Agostinho de Macedo	Portuguesa
<i>Lira da Mocidade (jornal de poesias inéditas)</i>	(colaboradores: Alexandre José da Silva Braga Junior, A. L. S., Antonio Fructuoso Ayres de Gouveia Osório, Antonio Jose de Azevedo Guimarães, Antonio Marques Rodrigues, Antonio Moraes, Arnaldo Anselmo Ferreira Braga, Antonio Teixeira de Macedo, Claudino Pereira de Faria, João Antonio Ferreira Rangel, Jorge Arthur de Oliveira Pimentel, Joaquim Marcellino de Mattos, José Fructuoso Ayres de Gouveia Osório, Antonio Coelho Louzada, Manuel José da Silva Rosa, Sousa Guimarães, T. Augusto)	Portugueses
<i>Os Lusíadas</i>	Luís de Camões	Portuguesa
<i>Os Lusíadas do Século XIX</i>	Francisco Augusto de Almeida	Brasileira

<i>Os Lusíadas e o Cosmos, ou Camões considerado por Humboldt como admirável pintor da natureza</i>	José Silvestre Ribeiro	Portuguesa
<i>Macarrônea latino-portuguesa, quer dizer apontado de versos Macarrônicos latino-portugueses</i>	Diversos	Portuguesa
<i>Magoas amorosas de Elmano</i>	Manuel du Bocage	Portuguesa
<i>Marília de Dirceu</i>	Tomás Antonio Gonzaga	Brasileira
<i>O Marquês de Paraná</i>	Manuel Pessoa da Silva	Brasileira
<i>Os meus últimos versos</i>	João de Aboim	Portuguesa
<i>Mosteiro de Sant'Iago</i>	Luís Antonio Burgain	Francesa
<i>Motes e décimas glosadas</i>	João Xavier de Mattos	Portuguesa
<i>Motes e quadras glosadas</i>	Antonio Joaquim de Carvalho	Portuguesa
<i>A natureza das coisas</i>	Tito Lucrécio Caro (tradução de Antonio José de Lima Leitão)	Clássica
<i>Naufrágio de Sepúlveda</i>	Jerônimo Corte Real	Portuguesa
<i>A nebulosa</i>	Joaquim Manuel de Macedo	Brasileira
<i>Nova Castro</i>	João Baptista Gomes Junior	Portuguesa
<i>Novo Parnaso Lusitano ou poesias seletas dos mais afamados autores portugueses modernos</i>	Diversos	Portugueses
<i>Novas poesias oferecidas às Senhoras Brasileiras por um Baiano</i>	Visconde da Pedra Branca (Domingos Jorge de Barros)	Brasileira
<i>Novas poesias</i>	Faustino Xavier de Novaes	Portuguesa
<i>Obras completas</i>	Filinto Elísio (Francisco Manuel do Nascimento)	Portuguesa
<i>Obras completas poéticas</i>	Elpino Nonacriense (Antonio Diniz da Cruz e Silva)	Portuguesa
<i>Obras</i>	Francisco Sá de Miranda	Portuguesa
<i>Obras</i>	Nicolau Tolentino de Almeida	Portuguesa
<i>Obras</i>	Alcino Mycenio (Domingos dos Reis Quitas)	Portuguesa
<i>Obras</i>	Luiz de Camões	Portuguesa
<i>Obras poéticas</i>	Alcipe (D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lancastre)	Portuguesa
<i>Obras poéticas</i>	Bocage	Portuguesa
<i>Obras poéticas</i>	Pedro Antonio Correa Garção	Portuguesa
<i>Odes</i>	Horacio Flacco – José Antonio da Matta	?
<i>Odes pindáricas</i>	Elpino Monacriense (Antonio Diniz da Cruz e Silva)	Portuguesa
<i>Orfeu dos infernos</i>	M. Hector Cremieux (tradução	Francesa

	de Lourenço Maximiano Pecegueiro)	
<i>Osmia</i>	José Osório de Castro Cabral e Albuquerque	Portuguesa
<i>Os Timbiras</i>	Gonçalves Dias	Brasileira
<i>Outono, coleção de poesias</i>	Antonio Feliciano de Castilho	Portuguesa
<i>Pacotilha poética</i>	?	?
<i>Paraíso perdido com Paraíso restaurado</i>	J. Milton (tradução de Padre José Amaro da Silva)	Inglesa
<i>Parnaso Brasileiro</i>	Joaquim Manuel Pereira da Silva (org.)	Brasileira
<i>Parnaso Lusitano ou poesias ou poesias seletas dos autores antigos e modernos</i>		Portuguesa
<i>Pedreira</i>	José Martins Rua	? ³⁶⁵
<i>Pensamentos poéticos</i>	Antonio Jose de Araujo	Brasileira
<i>Poemas lusitanos</i>	Dr. Antonio Ferreira	Portuguesa
<i>Poema filosófico confundido ou a refutação a Pignault Lebrun, em que se demonstra inegavelmente pela filosofia e pela história, a existência de Deus</i>	Leonardo da Senhora das Dores Castelo Branco	Brasileira
<i>Poesias</i>	Alexandre Herculano	Portuguesa
<i>Poesias</i>	Almeno (tradução de Fr. José do Coração de Jesus)	?
<i>Poesias</i>	Américo Elysio (José Bonifácio de Andrada e Silva)	Brasileira
<i>Poesias</i>	Antonio Joaquim Teodoro da Silva Mendes Leal (Antonio Joaquim Theodorico Mendes Leal)	Portuguesa
<i>Poesias</i>	Antonio Pinheiro Caldas	Portuguesa
<i>Poesias e contos</i>	Arnaldo Gama	Portuguesa
<i>Poesias</i>	João de Lemos Seixas Castello-Branco	Portuguesa
<i>Poesias coligidas em nova e completa edição, dispostas e anotadas por I. F. da Silva e precedidas de um estudo biográfico e literário do poeta, por L. A. Rebello da Silva</i>	Bocage	Portuguesa
<i>Poesias, máximas e pensamentos</i>	Dr. Antonio Nunes de Gouvêa Portugal	?
<i>Poesias</i>	Luís Augusto Palmerim	Portuguesa

³⁶⁵ Inocêncio Francisco da Silva não soube informar onde ele nasceu (DBP).

<i>Poesias</i>	Raimundo Antonio de Bulhão Pato	Portuguesa
<i>Poesias satíricas</i>	Manuel du Bocage	Portuguesa
<i>Portugal enfermo por vícios e abusos de ambos os sexos</i>	Josino Leiriense (José Daniel Rodrigues da Costa)	Portuguesa
<i>Prelúdios poéticos</i>	José Ramos Coelho	Portuguesa
<i>O primeiro navegante</i>	Gessner (tradução de A. Amélia V. Gomes)	Alemã
<i>A primavera</i>	Antonio Feliciano de Castilho	Portuguesa
<i>As quatro estações do dia</i>	Zacharias (tradução de Antônio Estevão de Lima)	?
<i>Quadras, motes, improvisos, décimas e colcheias</i>	Manuel du Bocage	Portuguesa
<i>Ramalhete poético ou coleção de 680 quadrinhas rimadas, próprias para enfeitar balas de estalo para bailes, casamentos, anos e batizados e também para serem bordados em lenços</i>	Constança Oliveira de Lima	?
<i>Ramalhete de Flores oferecidas às jovens fluminenses</i>	Antonio Francisco Dutra e Melo	Brasileira
<i>Recreios poéticos</i>	Manuel Benício Fontenelle	Brasileira
<i>Retrato de Vênus</i>	J. B. de Almeida Garrett	Portuguesa
<i>Rimas</i>	João Xavier de Mattos	Portuguesa
<i>Romanceiro</i>	J. B. de Almeida Garrett	Portuguesa
<i>Romanceiro português ou coleção de romances de história portuguesa</i>	Ignacio Pizarro de M. Sarmiento	Portuguesa
<i>Ruy o escudeiro</i>	Luís da Silva Mousinho de Albuquerque	Portuguesa
<i>Sátiras, epigramas e outras poesias</i>	Padre José Joaquim Corrêa de Almeida	Brasileira
<i>Saudades de Belmiro</i>	Bernardino José do Espírito Santo	Portuguesa
<i>Saudades da minha pátria</i>	João de Aboim	Portuguesa
<i>Saudades pela sentidíssima morte do Sr. D. Pedro I</i>	Z. O. A. (Francisco Vilela Barbosa, 1º. Marquês de Paranaguá)	?
<i>Sepultura de Lésbia</i>	Thomaz Antonio dos Santos e Silva	Portuguesa
<i>As sete penas</i>	Dr. Guilherme Centazzi	Portuguesa
<i>Suspiros poéticos e saudades</i>	D. J. Gonçalves de Magalhães	Brasileira
<i>Tentativas poéticas</i>	Francisco Gonçalves Braga	Portuguesa
<i>Tentativas poéticas</i>	Joaquim Silvestre de Sousa	Portuguesa
<i>Tersina</i>	Dr. F. de Bonifacio Abreu (Francisco Bonifácio de	Brasileira

	Abreu)	
<i>Tesouro Poético moderno na língua portuguesa</i>	(Amorim, Castilho, Cussen, Ravara, Magalhães, Herculano, Maciel Monteiro, Visconde da Pedra Branca, L. Byron, Teixeira e Souza, Zaluar, A. G. Dias, J. Norberto de Souza e Silva, J. de Aboim, J. de Souza Andrade, M. B. Fontenelle)	Portuguesa e brasileira
<i>Tratado de versificação portuguesa dividida em partes</i>	Pedro José da Fonseca	Portuguesa
<i>Três dias de um noivado</i>	Teixeira e Souza	Brasileira
<i>Trovas do Bandarra</i>	Gonçalo Anes Bandarra	Brasileira
<i>Ulisséia ou Lisboa edificada</i>	Dr. Gabriel Pereira de Castro	Portuguesa
<i>Ulíssipo</i>	Antonio de Souza de Macedo	Portuguesa
<i>Um livro</i>	Camilo Castelo Branco	Portuguesa
<i>O Uruguai</i>	José Basílio da Gama	Brasileira
<i>Uruguiana</i>	Augusto Emilio Zaluar	Portuguesa
<i>Vademeco dos poetas, ou coleção de sonetos jocoso-sérios esquisitos, curiosos e burlescos, extraídos de vários autores</i>	?	?
<i>Versos de B. A. de S. Belmiro, pastor do Douro</i>	Bernardino José do Espírito Santo	? ³⁶⁶
<i>Versos de Bulhão Pato</i>	Raimundo Antonio de Bulhão Pato	Espanhola
<i>Viagem estatística ao templo da Sabedoria</i>	José Agostinho de Macedo	Portuguesa
<i>As Viagens a Leixões ou a Troca das Nereidas</i>	Alexandre José da Silva de Almeida Garrett	Portuguesa
<i>Virgílio Brasileiro ou tradução do poeta latino</i>	Virgílio (tradução de Manuel Odorico Mendes)	Clássica
<i>Viola de Lereno, coleção das suas cantigas oferecidas aos seus amigos</i>	Lereno (Padre Domingos Caldas Barbosa)	Brasileira
<i>Visão dos Tempos</i>	Teófilo Braga	Portuguesa
<i>Vozes da Alma</i>	Alexandre Braga	Portuguesa
<i>Zargueida, descobrimento da Ilha da Madeira</i>	Francisco de Paula Medina e Vasconcellos	Portuguesa

³⁶⁶ Inocêncio Francisco da Silva não soube informar onde ele nasceu (DBP).

2. ORIGENS DAS NARRATIVAS DO *CORREIO DAS MODAS* E DO *NOVO CORREIO DE MODAS*

2.1 Correio das Modas (1º semestre de 1839)

- “A missa do galo!! Legenda brasileira”

1º semestre de 1839, n. 1, 05/01/1839, p. 2-4

Autor: M. da C. (Maciel da Costa)

Origem: brasileira

- “Minhas aventuras na véspera de reis”

1º semestre de 1839, n. 1, 05/01/1839, p. 4-7 e n. 2, 12/01/1839, p. 11-13

Autor: J. N. S. (Josino do Nascimento Silva)

Origem: brasileira

- “A sorte grande. Comunicado”

1º semestre de 1839, n. 2, 12/01/1839, p. 13-15 e n. 3, 19/01/1839, p. 19-21

Autor: L. C. M. Penna (Luiz Carlos Martins Pena)

Origem: brasileira

- “O jogador ou o crime e a vingança”

1º semestre de 1839, n. 3, 19/01/1839, p. 21-24

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Tradutor: C. A. C.

Fonte: não localizada

Origem: de acordo com a revista, trata-se de uma narrativa de origem alemã

- “Angelino. 1549-1550”

1º semestre de 1839, n. 4, 26/01/1839, p. 25-30

Autor: M. da C. (Maciel da Costa)

Origem: brasileira

- “Minhas aventuras n’uma viagem de ônibus”

1º semestre de 1839, 26/01/1839, n. 4, p. 30-32

Autor: L. C. M. Penna (Luiz Carlos Martins Pena)

Origem: brasileira

- “O casamento fatal”

1º semestre de 1839, n. 5, 02/02/1839, p. 34-35

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: narrativa extraída de um periódico da Irlanda (conforme indica a revista brasileira)³⁶⁷

Origem: inglesa

- “A hora da morte”

1º semestre de 1839, n. 5, 02/02/1839, p. 35-38

Título original: desconhecido

Autor: Abel Hugo

Tradutor: M. E. C. M.

Fonte: não localizada

Origem: a narrativa foi veiculada nas páginas do *Correio das Modas* sob assinatura de Abel Hugo e M. E. C. M. É provável que o primeiro tenha sido o autor e o segundo, o tradutor do texto para o português. Em nossa busca não encontramos qualquer versão francesa da narrativa, apenas uma tradução inglesa, intitulada “The hour of death”, no periódico *The*

³⁶⁷ O seguinte trecho com informações a respeito da procedência da narrativa se encontra nas páginas da revista brasileira: “Extraímos de um periódico da Irlanda a seguinte breve história, cuja veracidade se afirma, e que fez grande sensação em Inglaterra. Ela de certo não deixará de sensibilizar os corações das nossas amáveis leitoras.” Fonte: “O casamento fatal”. **Correio das Modas**. 1º. sem. de 1839, n. 5, 02/02/1839, p. 34-35.

Literary journal, and Weekly register of science and the arts (n. 17, 28/09/1833, p. 133-134). O periódico inglês indicou a origem francesa do texto, publicado com a seguinte nota: “translated from French”

- “O encontro no baile ou o sacrifício louvável”

1º semestre de 1839, n. 5, 02/02/1839, p. 38-39 e n. 6, 09/02/1839, p. 42-45

Título original: desconhecido

Autor ou tradutor: C. A. C.

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “A vingança de um corso”

1º semestre de 1839, n. 6, 09/02/1839, p. 43-45

Título original: sem título (trata-se de um trecho do primeiro capítulo da obra)

Autor: Emmanuel Gonzalès e Paul Henri Joseph Molé-Gentilhomme

Tradutor: M. O. S.

Fonte: *La luciole* (1837, p. 24-30)

Origem: francesa

- “Sopas gratuitas e filantrópicas”

1º semestre de 1839, n. 6, 09/02/1839, p. 46-47

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: *Fígaro* (conforme indica a revista brasileira)

Origem: desconhecida

- “A morte de uma filha”

1º semestre de 1839, n. 7, 16/02/1839, p. 51-58

Título original: desconhecido

Autor: Frédéric Soulié

Tradutor: N. S.

Fonte: *Journal des enfants* (conforme indica o tradutor)³⁶⁸

Origem: francesa

- “O poder da música”

1º semestre de 1839, n. 8, 23/02/1839, p. 62-65

Autor: L. C. Martins Pena (Luiz Carlos Martins Pena)

Origem: brasileira

- “Uma inspiração do inferno”

1º semestre de 1839, n. 8, 23/02/1839, p. 65-66 e n. 9, 02/03/1839, p. 81-83

Autor: M. da C. (Maciel da Costa)

Origem: brasileira

- “Um semblante rosado e um semblante enrugado”

1º semestre de 1839, n. 9, 02/03/1839, p. 70-80

Título original: desconhecido

Autor: Anaïs Segalas

Tradutor: M. E. C. Menezes

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “O encontro misterioso”

1º semestre de 1839, n. 10, 09/03/1839, p. 83-86

Autor: C. M. (Castro Menezes, conforme indica um texto chamado “Declaração”, publicado no número 11 desse mesmo semestre, que contém o nome dos colaboradores oficiais da revista)

³⁶⁸ De acordo com o tradutor: “O artigo que vos ofereço, é d’um dos mais elegantes escritores Franceses, e, para me servir da linguagem e comparações de autores antigos, é uma rosa colhida no jardim do amor paterno e materno. Li-o no *Journal des Enfants* e chorei...” Fonte: “A morte de uma filha”. **Correio das Modas**. 2º sem. de 1839, 16/02/1839, n. 7, p. 51.

Origem: brasileira

- “O último suspiro. Legenda brasileira”

1º semestre de 1839, n. 10, 09/03/1839, p. 86-88

Autor: J. J. S. S. Rio (João José de Sousa e Silva Rio)

Origem: brasileira

- “A vítima do ciúme”

1º semestre de 1839, n. 11, 16/03/1839, p. 90-92

Autor: J. P. A.

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “As três irmãs. Novela”

1º semestre de 1839, n. 11, 16/03/1839, p. 92-96 e n. 12, 23/03/1839, p. 98-102

Título original: desconhecido

Autor: ***

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O amante do Judas”

1º semestre de 1839, n. 13, 30/03/1839, p. 106-109

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Uma maldição”

1º semestre de 1839, n. 13, 30/03/1839, p. 109-111

Autor: J. J. S. S. Rio (João José de Sousa e Silva Rio)

Origem: brasileira

- “Uma cena de salteadores nos Pirineus”

1º semestre de 1839, n. 14, 06/04/1839, p. 114-118

Título original: desconhecido

Autor: Auguste Humbert

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “A capela das ruínas”

1º semestre de 1839, n. 14, 06/04/1839, p. 118-120 e n. 15, 13/04/1839, p. 122-126

Autor: M. da C. (Maciel da Costa)

Origem: brasileira

- “Uma viagem na barca de vapor”

1º semestre de 1839, n. 15, 13/04/1839, p. 126-127

Autor: L. C. Martins Pena (Luiz Carlos Martins Pena)

Origem: brasileira

- “A fuga do castelo de Lochlevin. Novela histórica”

1º semestre de 1839, n. 16, 20/04/1839, p. 131-136

Título original: “A fuga do castelo de Lochlevin”

Autor: desconhecido

Fonte: *O Beija-flor: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo*

Origem: portuguesa

Obs.: narrativa foi publicada novamente pelo periódico, no dia 06 de dezembro de 1840

- “Dona Urânia”

1º semestre de 1839, n. 17, 27/04/1839, p. 138-143

Autor: T.

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O ente misterioso”

1º semestre de 1839, n. 18, 04/05/1839, p. 146-148

Autor: M. da C. (Maciel da Costa)

Origem: brasileira

- “Matildes”

1º semestre de 1839, n. 18, 04/05/1839, p. 148-151 e n. 19, 11/05/1839, p. 154-161

Título original: “Matilde”

Autor: M. Mouchet

Fonte: *Dictionnaire contenant les anecdotes historiques de l'amour, depuis le commencement du monde jusqu'à ce jour* (1811, p. 533-552). Provavelmente os redatores do *Novo Correio de Modas* usaram a versão traduzida publicada, em 1838, por um periódico português chamado *O Beija-flor: seminário de instrução e de recreio* (n. 21, 02/01/1838, p. 163-165, n. 22, 09/01/1838, p. 171-173 e n. 23, 16/01/1838, p. 179-181)

Origem: francesa

- “Uma aventura em Berlim”

1º semestre de 1839, n. 20, 18/05/1838, p. 165-166

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Emília”

1º semestre de 1839, n. 20, 18/05/1838, p. 166-170 e n. 21, 25/05/1838, p. 173-178 e n. 23, 08/06/1838, p. 188-194

Autor: M. da C. (Maciel da Costa)

Origem: brasileira

- “Que desgraça!”

1º semestre de 1839, n. 22, 01/06/1839, p. 180-182

Autor: desconhecido

Origem: brasileira

- “Uma aventura no baile mascarado”

1º semestre de 1839, n. 22, 01/06/1839, p. 182-184

Título original: “Wandering in France. N. VI: the carnival – the opera masked ball”

Autor: desconhecido

Fonte: *The ladies' museum* (v. I. January to June 1829, p. 183-186)

Origem: inglesa

Obs.: narrativa publicada pelo *Novo Correio de Modas*, no primeiro semestre de 1854, sob título de “Uma aventura no baile de ópera”

- “O fogo dos barraqueiros”

1º semestre de 1839, n. 24, 15/06/1839, p. 196-199

Autor: ***

Origem: brasileira

- “A filha do general”

1º semestre de 1839, n. 24, 15/06/1839, p. 199-202 e n. 25, 22/06/1839, p. 204-210

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Tradutor: M. da C. (Maciel da Costa)

Fonte: não localizada

Origem: inglesa. Encontramos uma versão francesa do texto, intitulada “La fille du général”, na *Revue britannique, ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne* (t. III. 1838, p. 328-356). De acordo com a publicação, o texto havia sido retirado do *Asiatic journal*. Trata-se, provavelmente, do jornal *The Asiatic*

journal and monthly register for British India and its dependencies, impresso nessa época em Londres, por Black, Kingsbure, Parbury & Allen

- “El Verdugo”

1º semestre de 1839, n. 26, 20/06/1839, p. 213-218

Título original: “El Verdugo”

Autor: Honoré de Balzac

Fonte: *Oeuvres illustrées* (1832, p. 61-64)

Origem: francesa

2.2 Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

- “O casamento por inclinação”

2º semestre de 1840, n. 1, 02/07/1840, p. 1-8, n. 2, 05/07/1840, p. 9-16 e n. 3, 09/07/1840, p. 17-21

Título: desconhecido

Autora: Mme. Johanna Schopenhauer

Fonte: não localizada

Origem: alemã. Encontramos apenas uma versão francesa, intitulada “Le mariage d’inclination”, na obra *Soirées de Chamouny* (1832, p. 1-158)

- “Simão Pereira”

2º semestre de 1840, n. 3, 09/07/1840, p. 21-24

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “A artista por amor”

2º semestre de 1840, n. 4, 12/07/1840, 26-31

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O banquete de Norwich. Crônica saxônica”

2º semestre de 1840, n. 5, 15/07/1840, p. 33-39

Título original: desconhecido

Autor: ***

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “A cabeça da favorita”

2º semestre de 1840, n. 6, 19/07/1840, p. 41-46

Título original: “Mezzara”

Autor: Pitre-Chevalier (Pierre-Michel-François Chevalier)

Fonte: não localizada

Origem: francesa. Não encontramos nenhuma versão anterior ao *Correio de Modas* de onde os redatores poderiam ter extraído a narrativa. No entanto, sabemos que ela foi publicada no *L'écho des feuilletons: recueil des nouvelles, contes, anedoctes, episodes, etc.* (1842, p. 399-402) e também no *Paris-Londres: Keepsake français* (1842, p. 154-166)

- “O maelstrom”

2º semestre de 1840, n. 6, 19/07/1840, p. 46-48 e n. 7, 23/07/1840, p. 49-53

Título original: “The Maelstrom. A Fragment”

Autor: Edward Wilson Landor

Fonte: uma nota localizada ao final da narrativa indica como fonte o periódico *Naval and Literary Magazin*. Entretanto, segundo Ramicelli, trata-se de um erro, já que o texto não foi veiculado por nenhuma publicação inglesa ou norte-americana com nome semelhante. De

acordo com a pesquisadora, a narrativa apareceu, em setembro de 1834, nas páginas do periódico *Fraser's Magazine for Town and Country*

Origem: inglesa, com intermediação francesa. Conforme apontou Ramicelli, a versão do *Correio das Modas* se distancia muito da versão original. O mais provável é que o tradutor tenha usado uma tradução francesa, publicada em janeiro de 1836, na *Revue Britannique, ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne*, sob título de “Scènes de la vie maritime: Le Maëlstrom”, para compor o texto apresentado aos leitores da revista³⁶⁹

- “Uma mentira”

2º semestre de 1840, n. 8, 26/07/1840, p. 57-60, n. 9, 30/07/1840, p. 65-69, n. 10, 02/08/1840, p. 76-79 e n. 11, 06/08/1840, p. 84-88

Título original: desconhecido

Autor: F. D'O...

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Costumes e usos judiciais em Bósnia”

2º semestre de 1840, n. 9, 30/07/1840, p. 69-72

Título original: desconhecido (provavelmente “Tribunaux criminels de Bosnia”)

Autor: desconhecido

Fonte: *Gazette des Tribunaux* (data de publicação desconhecida)

Origem: francesa. A narrativa foi publicada diversas vezes ao longo da primeira metade do século XIX. Em 1838, saiu com mesmo título, no *Affiches, annonces judiciaires, avis divers du mans et du département de la Sarthe* (1838, p. 843-847). No ano seguinte, apareceu nas páginas do *Arquivo Popular: leituras de instrução e de recreio* (n. 2, 12/01/1839, p. 10-11) e também no *Museum für Kunst, Literatur, Musik, Theater und Mode* (05/01/1839, p. 20-23). Alguns anos mais tarde, em 1851, foi lançada pelo periódico espanhol *La ilustración* (n. 30, 26/07/1851, p. 237-238). Tanto a edição francesa quanto a

³⁶⁹ Fonte: RAMICELLI, Maria Eulália, *op. cit.* p. 269-270.

edição alemã indicaram que a narrativa fora extraída do *Gazette des Tribunaux*, provavelmente a fonte inicial de “Costumes e usos judiciais em Bósnia”

- “Un écarté”

2º semestre de 1840, n. 10, 02/08/1840, p. 74-76

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Um acaso às vezes serve de muito. Anedota”

2º semestre de 1840, n. 11, 06/08/1840, p. 81-83

Título original: “On peut toujours compter sur un accident. Anedocte”

Autora: Mme. la comtesse de Bradi

Fonte: *Journal des demoiselles* (15/01/1835, p. 362-368)

Origem: francesa

- “O prestígio da cena”

2º semestre de 1840, n. 12, 09/08/1840, p. 90-94

Título original: desconhecido (provavelmente “La prestige de la scène”)

Autor: Pietre-Chevalier (Pierre-Michel-François Chevalier)

Fonte: não localizada

Origem: francesa. A narrativa foi lançada por diversas publicações posteriores ao *Novo Correio de Modas*. Em 1846, ela apareceu, em Paris, sob título de “La prestige de la scène”, no *Journal des connaissances utiles: courrier des familles* (Outobre 1846, p. 307-312) e em 1854, em Boston, com o nome de “A carnival adventure in Milan”, no *The living age* (October, November, December 1854, p. 92-95). No Brasil, ganhou ainda o título de “Um caso. Um dia de entrudo em Milão”, no *Jornal das Senhoras* (17/04/1853, p. 123-124)

- “Uma paixão profunda”

2º semestre de 1840, n. 13, 13/08/1840, p. 97-101

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O mentiroso”

2º semestre de 1840, n. 13, 13/08/1840, p. 101-104

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Sofia”

2º semestre de 1840, n. 14, 16/08/1840, p. 106-112

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecido

- “As desgraças de um homem abastado”

2º semestre de 1840, n. 15, 20/08/1840, p. 113-117 e n. 16, 23/08/1840, p. 122-128

Título original: “The miseries of a gentleman out of difficulties”

Autor: desconhecido

Fonte: “from *The New Monthly Magazine*”, conforme indica uma nota publicada pelo *Correio das Modas*. Localizamos a narrativa, em uma edição de fevereiro de 1840, da referida revista inglesa (February 1840, p. 275-280)

Origem: inglesa

- “A lembrança de meu padrinho”

2º semestre de 1840, n. 15, 20/08/1840, p. 117-120

Autor: desconhecido (o autor assinou como “afilhado de Thiago Mendes”)

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Como o diabo carregou com razão d’uma moça de dezoito anos”

2º semestre de 1840, n. 16, 23/08/1840, p. 123-128

Autor: desconhecido

Origem: brasileira

- “Uma conversação”

2º semestre de 1840, n. 17, 27/08/1840, p. 129-132

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “A vingança”

2º semestre de 1840, n. 17, 27/08/1840, p. 132-135

Título original: “Kalabrische zeden en Napolitaansche regtsoefening”

Autor: desconhecido

Fonte: *Vaderlandsche letteroefeningen* (1839, p. 353-365)

Origem: alemã

- “Adem dai. Conto oriental”

2º semestre de 1840, n. 18, 30/08/1840, p. 138-143

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: francesa. Encontramos uma versão inglesa da narrativa, chamada “What is necessary to man”, lançada no periódico norte-americano *The juvenile miscellany, or Friend of youth* (March and april 1834, p. 10-32), segundo o qual, trata-se de uma tradução do francês

- “Uma mulher espirituosa”

2º semestre de 1840, n. 19, 03/09/1840, p. 145-148

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Um amor na Escócia”

2º semestre de 1840, n. 19, 03/09/1840, p. 148-152 e n. 20, 06/09/1840, p. 154-160

Título original: “L’officier de culloden”

Autor: Louis François Hilarion Audibert

Tradutor: N. Marchal

Fonte: *Mélanges de littérature et d'histoire* (1839, p. 93-114)

Origem: francesa

- “Elisa de Mauconseil, ou a mulher branca”

2º semestre de 1840, n. 20, 06/09/1840, p. 157-160

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O juramento temerário”

2º semestre de 1840, n. 21, 10/09/1840, p. 161-168

Título original: desconhecido

Autora: Baronesa de Somtheuvel

Tradutora do francês: Mrs. Jane Tayloe Worthington

Fonte: não localizada

Origem: francesa. Encontramos uma versão em língua inglesa no periódico norte-americano *Graham's American Monthly Magazine of Literature and Arts* (December 1847, p. 323-328), segundo o qual, trata-se de uma tradução do francês feita por Mrs. Jane Tayloe Worthington

- “João, o bastardo”

2º semestre de 1840, n. 22, 13/09/1840, p. 170-175 e n. 23, 17/09/1840, p. 177-182

Título original: desconhecido

Autor: A. D...

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O pontapé de uma bailarina”

2º semestre de 1840, n. 22, 17/09/1840, p. 175-176

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: retirado de “periódicos ingleses” (conforme indica a revista)

Origem: inglesa

- “Os olhos da noiva”

2º semestre de 1840, n. 23, 17/09/1840, p. 182-184

Título original: desconhecido

Autor: N.

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O anjo da guarda”

2º semestre de 1840, n. 24, 20/09/1840, p. 188-192 e n. 24-25, 24/09/1840, p. 193-199

Título original: “Une visite à la comtesse de Rupelmonde”

Autora: Madame la Comtesse Dash (Gabrielle Anna de Cisternes de Courtiras)

Fonte: *Madame Louise de France* (1840, p. 89-126)

Origem: francesa

- “A maldição de Dominiquin”

2º semestre de 1840, n. 26, 27/09/1840, p. 205-208, n. 27, 01/10/1840, p. 209-217 e n. 29, 08/10/1840, p. 227-231

Título original: “Ribera e il Domenichino”

Autor: Giorgio Janety

Fonte: encontramos um trecho da narrativa no periódico *La moda: giornale di scenna della vita, mode di vario genere, e teatri* (06/10/1839, p. 141-143)

Origem: italiana

- “A bela ramalheteira”

2º semestre de 1840, n. 28, 04/10/1840, p. 217-224

Título original: desconhecido

Autor: Jacques Peuchet

Fonte: segundo a revista, o texto fora extraído dos “Arquivos de polícia em França”. Localizamos uma versão na obra *Mémoires tirés des archives de la police de Paris* (1838, p. 163-188)

Origem: francesa

- “Contos morais”

2º semestre de 1840, n. 29, 08/10/1840, p. 217-224

Título original: desconhecido

Autor: Gulistan de Sady

Fonte: *Jardins das Rosas* (conforme indica a revista)

Origem: persa

- “A escrava de Marienburgo”

2º semestre de 1840, n. 30, 11/10/1840, p. 234-236

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “A aparição”

2º semestre de 1840, n. 30, 11/10/1840, p. 236-240

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “A minha amada”

2º semestre de 1840, n. 31, 15/10/1840, p. 241-246

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Uma mulher morta. História d’ontem”

2º semestre de 1840, n. 31, 15/10/1840, p. 246-248

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Um desafio em Nápoles”

2º semestre de 1840, n. 32, 18/10/1840, p. 251-255 e n. 33, 22/10/1840, p. 258-262

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: inglesa. Encontramos uma versão em língua inglesa, intitulada “Un duel a Naples”, na *Revue britannique, ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne* (Mai 1838, p. 143-155). De acordo com a revista francesa, o texto havia sido retirado de um livro ou de um periódico chamado *Metropolitan*, não localizado em nossa busca

- “O doido”

2º semestre de 1840, n. 32, 18/10/1840, p. 255-256 e n. 33, 22/10/1840, p. 257-258

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: francesa. Localizamos uma versão da narrativa na *Biblioteca familiar e recreativa* (1836, n. 5, p. 60-62). Segundo o periódico português, trata-se de uma tradução do francês

- “Sarah Curran”

2º semestre de 1840, n. 33, 18/10/1840, p. 262-264 e n. 34, 25/10/1840, p. 266-267

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: inglesa. Uma versão francesa da narrativa foi publicada no periódico parisiense *La Revue de Paris* (v. XXII. 1831, p. 5-12), segundo o qual, o texto havia sido retirado de um livro ou de um periódico chamado *Scenes of irish life*, não localizado em nossa busca

- “Cristela”

2º semestre de 1840, n. 34, 25/10/1840, p. 267-272 e n. 35, 29/10/1840, p. 273-276

Título original: “Christel”

Autor: Charles-Augustin Saint-Beuve

Fonte: não localizada

Origem: francesa. A narrativa foi publicada diversas vezes. Em 1841, saiu no *Paris-Londres: keepsake français* (1841, p. 1-16), em 1842, no *La Bruyère et La Rochefoucauld* (1842, p. 253-282) e, em 1845, no *Portraits de femmes* (p. 481-498)

- “O pintor Rubens. História do 17º. século”

2º semestre de 1840, n. 35, 29/10/1840, p. 276-280, n. 36, 01/11/1840, p. 282-288, n. 37, 05/11/1840, p. 289-296 e n. 38, 08/11/1840, p. 298-301

Título original: desconhecido

Autor: Samuel Henri Berthould

Fonte: *L'honnête homme* (1837)

Origem: francesa. Localizamos uma versão da narrativa no periódico lisboense *O Panorama: jornal literário, científico e instrutivo* (08/08/1840, p. 249-252, 15/08/1840, p. 260-263 e 22/08/1840, p. 265-269). De acordo com a publicação, o texto fora extraído da obra *L'honnête homme* ou, como se chama a tradução portuguesa, *Estudos morais*

- “Fantasma viva”

2º semestre de 1840, n. 38, 08/11/1840, p. 301-302

Título original: desconhecido

Autor: E. P.

Fonte: não localizada

Origem: francesa. Encontramos uma versão em língua inglesa da narrativa, intitulada “The literary pirate foiled. An incident in the life of Anne Radcliffe”, no periódico norte-americano *The new mirror of literature, amusement and instruction* (24/06/1843, p. 181-183). Trata-se de uma tradução do francês, conforme indica a referida publicação

- “Um casamento feito e desfeito”

2º semestre de 1840, n. 38, 08/11/1840, p. 303-304

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido
Fonte: não localizada
Origem: desconhecida

- “A chave”

2º semestre de 1840, n. 39, 12/11/1840, p. 305-312

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Sem ciúme”

2º semestre de 1840, n. 40, 15/11/1840, p. 314-319

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Um dia da vida de uma rainha”

2º semestre de 1840, n. 40, 15/11/1840, p. 319-320 e n. 41, 19/11/1840, p. 321-322

Título original: “Un jour de la vie d’une reine”

Autora: Mlle. Isaure Bigot

Fonte: *Journal des demoiselles* (15/05/1833, p. 115-118)

Origem: francesa

- “Um roubo inocente”

2º semestre de 1840, n. 41, 19/11/1840, p. 324-326

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “A órfã das prisões”

2º semestre de 1840, n. 41, 19/11/1840, p. 326-327

Título original: sem título

Autor: Comte A. de La Garde (Auguste-Louis-Charles de Messence La Garde-Chambonas)

Fonte: *Brighton: scènes détachées d'un voyage en Angleterre* (1834, p. 291-297)

Origem: francesa

- “Os desposados d’ amor”

2º semestre de 1840, n. 41, 19/11/1840, p. 327-328 e n. 42, 22/11/1840, p. 330-331

Título original: desconhecido

Autor: Gustave Essards

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “Hortênsia”

2º semestre de 1840, n. 42, 22/11/1840, p. 331-336

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “A cabana”

2º semestre de 1840, 26/11, n. 43, p. 337-341

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: *Der Adler: Allgemeine Welt- und National-Chronik* (14/06/1842, p. 597)

Origem: alemã

- “A pedra do amaldiçoado”

2º semestre de 1840, n. 43, 26/11/1840, p. 342-343

Título original: desconhecido

Autor: Ambs-Dales (Jean-Baptiste Dalès)

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “O pescador de Ostend”

2º semestre de 1840, n. 44, 29/11/1840, p. 346-352 e n. 45, 03/12/1840, p. 353-355

Título original: “The fisherman of Scharpout. Two chapters from an old story”

Autor: G. P. R. James

Fonte: em 1836, a narrativa apareceu em Londres, no *The keepsake* (1836, p. 133-156), e na

Filadélfia, no *Museum of foreign literature and science* (January to June 1836, p. 151-156).

Os redatores da revista brasileira, no entanto, provavelmente usaram a versão portuguesa publicada dois anos mais tarde n’*O Beija-flor: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo* (n. 11, 24/10/1838, p. 81-86)

Origem: inglesa

- “A esposa na adversidade”

2º semestre de 1840, n. 45, 03/12/1840, p. 355-360

Título original: “A esposa na adversidade”

Autor: desconhecido

Fonte: *O Beija-flor: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo* (n. 1, 15/08/1840, p. 3-6)

Origem: portuguesa

- “A fuga do castelo de Lochlevin”

2º semestre de 1840, n. 46, 06/12/1840, p. 362-367

Título original: “A fuga do castelo de Lochlevin”

Autor: desconhecido

Fonte: *O Beija-flor: semanário d' instrução e recreio dedicado ao belo sexo* (n. 2, 22/08/1840, p. 9-12)

Origem: portuguesa

- “Uma aventura entre os túmulos”

2º semestre de 1840, n. 46, 06/12/1840, p. 367-368 e n. 47, 10/12/1840, p. 369-373

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: árabe. Localizamos uma versão em língua portuguesa n' *O Beija-flor: semanário d' instrução e recreio dedicado ao belo sexo* (n. 16, 28/11/1838, p. 121-124). É possível que a revista brasileira tenha usado a versão disponível no periódico lusitano e que esse, por sua vez, tenha se baseado nos *Comptes inédits des milles et une nuits*, uma tradução feita a partir do árabe por M. G. –S. Trébutien, em 1828. As personagens Califa Haroun e Vizir Al Raschid protagonizam alguns textos, entretanto, não localizamos essa narrativa em específico na obra

- “Seymour e Harley. História inglesa”

2º semestre de 1840, n. 47, 10/12/1840, p. 373-376, n. 48, 17/12/1840, p. 377-384 e n. 49, 20/12/1840, p. 385-388

Título original: “Seymour e Harley. História inglesa”

Autor: desconhecido

Fonte: *O Beija-flor: semanário d' instrução e recreio dedicado ao belo sexo* (n. 19, 19/12/1838, p. 145-149 e n. 20, 26/12/1838, p. 153-157)

Origem: portuguesa

- “Os dois irmãos”

2º semestre de 1840, n. 49, 17/12/1840, p. 390-391 e n. 50, 20/12/1840, p. 393-398

Título original: “Os dois irmãos”

Autor: desconhecido

Fonte: *O Beija-flor: semanário d' instrução e recreio dedicado ao belo sexo* (n. 5, 12/09/1838, p. 36-38, n. 6, 19/09/1838, p. 45-47 e n. 7, 26/09/1838, p. 53-54)

Origem: portuguesa

- “Uma viagem a Saumur”

2º semestre de 1840, n. 50, 20/12/1840, p. 398-400 e n. 51, 24/12/1840, p. 401-406

Título original: “Uma viagem a Saumur”

Autor: desconhecido

Fonte: *O Beija-flor: semanário d' instrução e recreio dedicado ao belo sexo* (n. 7, 26/09/1838, p. 49-53)

Origem: portuguesa

- “A donzela do Tarso”

2º semestre de 1840, n. 52, 27/12/1840, p. 410-416

Título original: “A donzela do Tarso”

Autor: desconhecido

Fonte: *O Beija-flor: semanário d' instrução e recreio dedicado ao belo sexo* (n. 4, 04/09/1838, p. 25-28)

Origem: portuguesa

- “A casa de Boscovel”

2º semestre de 1840, n. 53, 31/12/1840, p. 417-419

Título original: “A casa de Boscovel”

Autor: desconhecido

Fonte: *O Beija-flor: semanário d' instrução e recreio dedicado ao belo sexo* (n. 17, 5/12/1838, p. 129-130)

Origem: portuguesa

- “O giro de Willis. Legenda alemã”

2º semestre de 1840, n. 53, 31/12/1840, p. 420-424

Título original: sem título (capítulo VII da narrativa “Vendredi soir”)

Autor: Alphonse Karr

Fonte: encontramos a narrativa na obra *Romans populaires illustrés* (1856, p. 10-11).

Provavelmente ela foi lançada alguns anos antes na imprensa periódica francesa, de onde os redatores do *Correio de Modas* frequentemente extraíam artigos para a revista

Origem: francesa

2.3 Novo Correio de Modas (1º semestre de 1852)³⁷⁰

- “O serralheiro da Filadélfia”

1º semestre de 1852, n. 1, p. 3-4 e n. ?, p. 11-13, ?³⁷¹

Título original: “The Locksmith of Philadelphia”

Autor: Peregrine

Fonte: a narrativa foi originalmente publicada no *Bentley's Miscellany* (1839, p. 272-280).

Mas o tradutor brasileiro deve ter usado as versões francesas encontradas na *Revue Britannique, au choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne* (t. XXII. 1839, p. 136-154) ou na *Bibliothèque française* (t. I. 1840, p. 13-28)

Origem: inglesa

- “A morte de um pai de família”

1º semestre de 1852, n. 2, p. 9-11

Título original: sem título

Autor: James Hervey

Fonte: *Meditations and contemplations*. A obra foi publicada na primeira metade do século XVIII e logo se tornou um best-seller, ganhando ao longo das décadas seguintes diversas

³⁷⁰ Não localizamos alguns números do periódico, inexistentes nos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e em outras instituições de leitura situados nessa mesma cidade. Faltam os números 3, 4 e 16 desse semestre.

³⁷¹ O final da narrativa não foi localizado em nossa pesquisa.

versões. Por isso, fica difícil estabelecer ao certo qual foi a fonte usada pelo *Novo Correio de Modas*. Em nossa análise, usamos uma edição lançada em Londres (1748, p. 98-121)

Origem: inglesa

- “O castelo de Faria (1373)”

1º semestre de 1852, n. 5, p. 33-36

Título original: “O castello de Faria (1373)”

Autor: Alexandre Herculano

Fonte: *Lendas e narrativas* (1865, p. 201-212)

Origem: portuguesa

- “Um ogro nos mares da Índia. Conto persa”

1º semestre de 1852, n. 6, p. 41-43

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Tradutor: Henrique Veloso de Oliveira

Fonte: não localizada

Origem: inglesa (conforme indica a revista)

- “O leque e a ventarola”

1º semestre de 1852, n. 6, p. 43-45

Título original: “L’eventail”

Autor: Alphonse Brot

Tradutor: A. M. (ao final do texto apresentado pelo *Novo Correio de Modas*, aparece a assinatura A. M. Talvez essas sejam as iniciais do tradutor. A versão original, publicada no *Le conseiller des dames*, foi assinada por Alphonse Brot)

Fonte: *Le conseiller des dames: journal d’économie domestique et de travaux d’aiguille* (t. IV. Avril 1851, p. 177-180)

Origem: francesa

- “Aventuras de um artista na Califórnia”

1º semestre de 1852, n. 7, p. 49-51 e n. 8, p. 59-62

Título original: “Henri Herz: un concert en Californie”

Autor: Píer Ângelo Fiorentino (no *Novo Correio de Modas* apareceu a assinatura F. A. Fiorentino)

Fonte: é provável que a narrativa tenha aparecido originalmente em periódicos como *Le Constitutionnel*, *La France* e *Le Moniteur Universel*, nos quais o escritor trabalhava como colaborador. Mais tarde, ele reuniu parte de sua produção na obra *Comédies et comédiens: feuilleton par P. A. Fiorentino* (1866, p. 63-82)

Origem: francesa

- “O primeiro homem conta suas sensações”

1º semestre de 1852, n. 7, p. 51-53

Título original: “Des sens en général”

Autor: Georges-Louis Leclerc (conde de Buffon)

Fonte: *Oeuvres complètes de Buffon: de l’homme* (1822, p. 258-264)

Origem: francesa

- “Giraldina”

1º semestre de 1852, n. 8, p. 57-59

Título original: “Une courtisane”

Autor: Émile Marco de Saint-Hilaire

Fonte: *Les aides de camp de l’empereur: souvenirs intimes du temps de l’empire* (1841, p. 111-117)

Origem: francesa

- “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental”

1º semestre de 1852, n. 09, p. 66-68, n. 10, p.73-76 e n. 11, p. 81-84

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Tradutor do árabe: vários tradutores (Cardonne, Petit de la Croix, Caylus, etc.)

Tradutor do francês: Henrique Velloso de Oliveira

Fonte: *Les mille et une jours: comptes persans, turcs et chinois* (1844, p. 350-367), trata-se de uma tradução do árabe feita por vários literatos franceses

Origem: árabe

- “Belisário em um castelo da Trácia”

1º semestre de 1852, n. 10, p. 76-78

Título original: sem título (capítulo I da obra)

Autor: Jean François Marmontel

Fonte: *Bélisaire* (1767, p. 1-10)

Origem: francesa

- “A torre de pólvora de San Siprito em Veneza. Episódio da insurreição de 1848”

1º semestre de 1852, n. 12, p. 89-94, n. 13, p. 97-102 e n. 14, p. 105-111

Título original: “Der Bulderthurm San Spirito zu Benedig”

Autor: desconhecido

Fonte: *Lesefruchte vom Felde der neuesten Literatur* (1849, p. 231-240)

Origem: alemã

- “A ponte de Arcola: o pequeno cabo da esquadra nomeado sargento”

1º semestre de 1852, n. 15, p. 113-116

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

- “Copélio ou uma moça sem coração. História verdadeira”

1º semestre de 1852, n. 16, p. ?, n. 17, p. 129-134 e n. 18, p. 140-143

Título original: “Der Sandmman”

Autor: Ernst Theodor Wilhelm Hoffman

Fonte: segundo a revista, o texto foi extraído da obra *Contes Fantastiques* (1843, p. 279-301)

Origem: alemã

- “Joana, ou um amor contrariado”

1º semestre de 1852, n. 18, p. 137-140

Título original: “Comment on se fait aimer de sa femme”

Autor: Charles Monselet

Fonte: o texto original foi publicado na *Revue pittoresque: musée littéraire rédigé par les premiers romanciers et illustré par les premiers artistes* (1850, p. 24-27). No entanto, é possível que a narrativa tenha entrado no Brasil por intermediação portuguesa, pois um texto muito parecido, chamado “O que fez um marido para que sua mulher o amasse”, foi veiculado na *Revista Popular: seminário de literatura, ciência e indústria* (v. V. Janeiro de 1852, p. 28-30)

Origem: francesa

- “O concerto na corte”

1º semestre de 1852, n. 19, p. 145-148 e n. 20, p. 151-153

Título original: “Le concert a la cour”

Autor: Émile Marco de Saint-Hilaire

Fonte: *Les aides de camp de l'empereur: souvenirs intimes du temps de l'empire* (1841, p. 149-169)

Origem: francesa

- “As três deusas. Charada em prosa”

1º semestre de 1852, n. 19, p. 148-150

Título original: desconhecido

Autor: Antonio Pedro Lopes de Mendonça

Fonte: não localizada

Origem: portuguesa

- “A tabulagem, ou o jogo da banca. Episódio”

1º semestre de 1852, n. 21, p. 161-164, n. 22, p. 169-172 e n. 23, p. 177-179

Título original: desconhecido

Autor: Ernst Theodor Hoffman

Tradutor francês: P. Christian

Tradutor brasileiro: Henrique Veloso de Oliveira

Fonte: narrativa “La banque de Pharaon”, encontrada na obra *Contes Fantastiques* (1843, p. 224-240)

Origem: alemã

- “Viagem a Nova-York (Estados Unidos). Fragmento”

1º semestre de 1852, n. 24, p. 185-187 e n. 25, p. 193-194

Título original: sem título

Autor: M. Ramon de La Sagra

Tradutor do espanhol: M. René Baïssas

Fonte: o tradutor da revista pode ter usado tanto a versão original, em espanhol, chamada *Cinco meses en los Estados-Unidos de la América del Norte* (1836, p. 1-52), quanto a tradução francesa *Cinq mois aux États-Unis de l'Amérique de Nord, depuis le 29 avril jusqu'au 23 de septembre 1835* (1837, p. 27-82)

Origem: espanhola

- “O xale”

1º semestre de 1852, n. 24, p. 187-189

Autor: ***

Origem: brasileira

- “A ilha deserta. Apólogo”

1º semestre de 1852, n. 25, p. 194-196

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não identificada

Origem: desconhecida

- “O colar da rainha Hortênsia”

1º semestre de 1852, n. 26, p. 201-205

Título original: sem título (capítulo III da obra)

Autor: Émile Marco de Saint-Hilaire

Fonte: *Histoire populaire de Napoleon et de la grande armée* (1843, p. 608-627)

Origem: francesa

2.4 Novo Correio de Modas (2º. semestre de 1852)

- “Primeira dita e último recurso”

2º semestre de 1852, n. 1 p. 1-2

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “A grade do jardim”

2º semestre de 1852, n. 1, p. 2-4

Título original: “La grille du parc”

Autor: Frédéric Soulié

Fonte: *Un été à Meudon* (1859, p. 139-149)

Origem: francesa

- “Nanette Lollier: a ramalheteira”

2º semestre de 1852, n. 2, p. 9-12

Título original: “Nanette Lollier: la belle bouquetière”

Autor: Emilie Talbot

Fonte: *La Bibliothèque de feuilletons* (n. 9, Septembre 1843, p. 378-383)

Origem: francesa

- “O Tio Lourenço. Conto”

2.º semestre de 1852, n. 3, p. 17-20 n. 4, p. 25-28

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O pagamento de uma dívida”

2.º semestre de 1852, n. 3, p. 20-21

Título original: “O pagamento de uma dívida”

Autor: desconhecido

Fonte: *Revista Popular: seminário de literatura, ciência e indústria* (v. V. Abril de 1852, p. 11-112)

Origem: portuguesa

- “A justiça num país civilizado”

2.º semestre de 1852, n. 4, p. 30-31

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: inglesa. Uma versão francesa da narrativa, chamada “Un drame”, foi localizada em nossa pesquisa no periódico *L’illustration: journal universel* (26/10/1850, p. 266).

Segundo a publicação, o texto tem origem inglesa³⁷²

³⁷² O texto foi aberto com a seguinte introdução: “Les journaux anglais rapportent une scène de cours d’assises qui mérite d’être recueillie. Nous n’y ajoutons aucune réflexion, par respect pour la conscience et pour le coeur de ceux qui liront ce drame d’un intérêt si touchant”. “Un drame”. **L’illustration**: journal universel. 26/10/1850, p. 266.

- “Alina, ou uma vocação”

2º semestre de 1852, n. 5, p. 33-35

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O primeiro chinó”

2º semestre de 1852, n. 5, p. 35-36

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Os lindos sonhos não duram, nem se repetem”

2º semestre de 1852, n. 6, p. 41-43

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “História do navio de espectros. Conto oriental”

2º semestre de 1852, n. 7, p. 59-62

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: alemã. Encontramos uma versão em língua inglesa, chamada “The story of the spectral ship”, no *Arabian days’ entertainments* (1858, p. 32-44). Logo na contracapa, vemos que se trata de uma tradução do alemão, feita por H. P. Curtis

- “O chim na exposição de Londres”

2º semestre de 1852, n. 8, p. 57-60 e n. 9, p. 65-67

Título original: “O chim na exposição de Londres”

Autor: desconhecido

Fonte: *Revista Popular: semanário de literatura e indústria* (v. V. Janeiro de 1852. n. 1-3, p. 6-7, 13 e 10)

Origem: portuguesa

- “O Flibusteiro, ou o pirata das Antilhas. Romance do último terço do século XVII”

2º semestre de 1852, n. 10, p. 73-76, n. 11, p. 81-85, n. 12, p. 89-93, n. 13, p.97-101 e n. 14, p. 105-112

Título original: “Der flibutier”

Autor: Van der Velde

Tradutor: Henrique Andersen

Fonte: alemã

Origem: *Sämmtliche Schriften von van der Velde*, Karl Franz (v. I. 1830, p. 94-202)

- “A criada Maria”

2º semestre de 1852, n. 10, p. 76-78

Título original: “Something divine”

Autor: desconhecido

Fonte: *Household words* (1853, p. 147-151)

Origem: inglesa

- “Os ingleses misteriosos”

2º semestre de 1852, n. 11, p. 85-86

Título original: “The mysterious englishmen”

Autor: desconhecido

Fonte: *The English Reader: a key in the English language and literature* (1868, p. 18-20)

Origem: inglesa

- “Sem pés nem cabeça”

2º semestre de 1852, n. 15, p. 117-121

Autor: ***

Origem: brasileira

- “Uma passagem da juventude de um grande homem”

2º semestre de 1852, n. 16, p. 125-127

Título original: “Souvenir inédits: un trait de la jeunesse de Napoleón”

Autor: Le général M***

Fonte: *La revue de la presse: gazette des familles* (v. I. Mars 1844, p. 44-46)

Origem: francesa

- “O avarento de Southwark, ou tal vida, tal morte”

2º semestre de 1852, n. 16, p. 27-28

Título original: “Traditionary recollections of John Overs, the Southwark Miser”

Autor: Frederick Somner Merryweather

Fonte: *Lives and anecdotes of misers* (1850, p. 52-58). Segundo o tradutor brasileiro, o texto veiculado pela revista foi extraído de “uma interessante brochura intitulada – Biographia, Anedoctas, manias exquisitas de avarentos, famigerados”, não localizada em nossa pesquisa. Provavelmente trata-se de uma edição portuguesa da obra de Frederick Somner Merryweather

Origem: inglesa

- “Amor conjugal”

2º semestre de 1852, n. 16, p. 131-132

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: francesa

Obs.: provavelmente duas histórias sobre o tema do amor conjugal foram compiladas para dar origem à narrativa. Em nossa busca, localizamos apenas a primeira história, chamada “Lady Nilhisdale”, no *Dictionnaire d'anecdotes chrétiennes, puisés dans les annales de la religion* (1863, p. 59)

- “Estados Unidos. Viagem a Filadélfia. Fragmento”

2º semestre de 1852, n. 17, p. 133-135 e n. 18, p. 141-142

Título original: sem título (capítulo III)

Autor: M. Ramon de La Sagra

Tradutor do espanhol: M. René Baïssas

Fonte: *Cinco meses en los Estados-Unidos de la América del Norte* (1836, p. 53-97)

Origem: espanhola. É mais provável que o texto apresentado no *Novo Correio de Modas* tenha sido realizado a partir da tradução francesa da obra, chamada *Cinq mois aux États-Unis de l'Amérique de Nord, depuis le 29 avril jusqu'au 23 de septembre 1835* (1837, p. 83-129)

- “Hortênsia e Leonor, ou as primas”

2º semestre de 1852, n. 19, p. 149-151

Título original: “Hortense et Elenore, ou les cousines”

Autora: Virginie Ancelot

Fonte: *Paris-Londres: keepsake français* (1842, p. 263-270)

Origem: francesa

- “Dois generais russos”

2º semestre de 1852, n. 19, p. 152-153

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: localizamos uma versão em língua inglesa no *The budget of wit and amusement: being a select collection of anecdotes, bon mots, &c.* (1812, p. 81-84). De acordo com a

publicação, o texto havia sido extraído do *Sonntag's Russian*. Provavelmente a narrativa chegou ao Brasil por intermédio português, pois uma tradução portuguesa, chamada “Ingratidão para com os seus”, foi publicada no *Arquivo Popular: leituras de instrução e de recreio* (n. 35, 28/08/1841, p. 278)

Origem: desconhecida

- “História do califa Cegonha. Conto oriental”

2º semestre de 1852, n. 20, p. 157-161

Título original: desconhecido

Autor: Hauff

Origem: alemã. Para compor o texto apresentado aos leitores, o tradutor do *Novo Correio de Modas* utilizou o original alemão, conforme indica uma nota ao final do texto. Em nossa busca, no entanto, não localizamos nenhuma versão redigida nessa língua, apenas uma tradução francesa, chamada “Le calife cigone”, na obra *La caravane* (1861, p. 12-40)

- “Casa ambulante dos Estados Unidos”

2º semestre de 1852, n. 20, p. 161-162

Título original: sem data (começa no dia 1º de outubro)

Autor: M. Ramon de La Sagra

Tradutor do espanhol: M. René Baïssas

Fonte: *Cinco meses en los Estados-Unidos de la América del Norte* (1836, p. 303-307)

Origem: espanhola. É mais provável que o texto apresentado no *Novo Correio de Modas* tenha sido realizado a partir da tradução francesa da obra, chamada *Cinq mois aux États-Unis de l'Amérique de Nord, depuis le 29 avril jusqu'au 23 de septembre 1835* (1837, p. 83-129)

- “Serafia, ou o poder do cristianismo”

2º semestre de 1852, n. 21, p. 165-168

Título original: “Seraphia”

Autor: Sor Ana Catalina Emmerich

Fonte: não localizada

Origem: francesa. Localizamos uma versão da narrativa em *La verdad catolica* (1859, p. 478-481 e p. 510-516), segundo a qual, “lo essencial desta leyenda se apoya em el libro tan bello e poetico, titulado: *La Dolorosa Pasion de Nuestro Señor Jesuscristo, segun las mediciones de Sor Ana Catalina Emmerich. Véase La Verdad Católica.*” Encontramos uma edição dessa obra, publicada em 1882, em cuja capa encontra-se a informação de que se trata de uma tradução do francês (*La Dolorosa Pasion de Nuestro Señor Jesuscristo, segun las mediciones de Sor Ana Catalina Emmerich. Véase La Verdad Católica. 5ª. ed. Madrid: Miguel Olamendi, 1882*)

- “A heroína de uma noite”

2º semestre de 1852, n. 22, p. 173-176 e n. 23, p. 181-183

Título original: “L’heroine d’une nuit”

Autor: Ponson du Terrail

Fonte: desconhecida

Origem: francesa. Encontramos a narrativa no *Album littéraire et musical de la Minerva* (Mai 1850, p. 135-141), o qual indicou como fonte o *Journal de Demoiselles*. Os redatores do *Novo Correio de Modas*, no entanto, apontaram que se trata de uma tradução do inglês. Isso nos leva a crer que o texto de Pondon du Terrail pode ter entrado no Brasil por intermediação inglesa

- “Os três sábios e o lenhador”

2º semestre de 1852, n. 22, p. 176-178

Título original: desconhecido

Autor: M. A. Ferreira da Silva

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O naufrágio”

2º semestre de 1852, n. 23, p. 183-185

Título original: “The sea-side churchyard”

Autor: desconhecido

Fonte: *Household words* (1850, p. 257-262)

Origem: inglesa. A narrativa apresentada pelo *Novo Correio de Modas* parece ter sofrido intermediação francesa, pois se aproxima muito da versão chamada “Un cimetière sur la bord du mer”, encontrada na *Revue britannique: revue internationale reproduisant les articles des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne et de l’Amérique* (1853, p. 226-213)

- “A princesa de Lambale ou uma vítima ilustre”

2.º semestre de 1852, n. 24, p. 189-192

Título original: “Les femmes illustrées: la princesse de Lambale”

Autor: Alboize

Fonte: *Album littéraire et musical de la Minerve*. (Mai 1850, p. 145-148). De acordo com a revista, o texto fora extraído do *Journal des Demoiselles*

Origem: francesa

- “O anel de casamento”

2.º semestre de 1852, n. 24, p. 192-195

Título original: “The wedding ring”

Autor: desconhecido

Fonte: *Chambers’s Edinburgh journal* (15/09/1849, p. 163-165)

Origem: inglesa

- “O ermitão de Bath ou um homem misterioso”

2.º semestre de 1852, n. 25, p. 197-199 e n. 26, p. 205-207

Título original: desconhecido

Assinatura: Dr. Th. L.

Fonte: não localizada

Origem: alemã (conforme indica a revista)

2.5 Novo Correio de Modas (1º semestre de 1853)³⁷³

- “O homem da perna de pau”

1º semestre de 1853, n. 1, p. 2-5

Título original: “The marvellous history of Mynheer Von Wodenblock”

Autor: Henry Glassford Bell

Tradutor: Dr. T. H.

Fonte: a narrativa foi publicada várias vezes na imprensa britânica. Ao que tudo indica, o tradutor do *Novo Correio de Modas* usou a versão do *The Edinburgh literary journal* (03/10/1829, p. 248-249) ou do *The polar star of entertainment and popular science and universal repertorium of general literature* (1832, p. 83-94), as únicas localizadas em nossa pesquisa que apresentam a epígrafe “There was not a Dutchman who did not tremble at the sight”, também localizada na revista carioca. No entanto, curiosamente, ela afirmou que o texto foi vertido a partir do alemão

Origem: inglesa

- “Juliana de Álvares”

1º semestre de 1853, n. 1, p. 5-7

Autor: ***

Origem: brasileira

- “Os velhos retratos. Novela”

1º semestre de 1853, n. 2, p. 9-14

Título original: “Os velhos retratos. Novela”

Autor: desconhecido

³⁷³ Faltam as páginas 13 e 14 desse semestre.

Fonte: *Revista Popular: seminário de literatura, ciência e indústria* (Junho de 1852, p. 188-192)

Origem: portuguesa

- “As rainhas da Inglaterra. Mathilde esposa de Guilherme o conquistador”

1º semestre de 1853, n. 3, p. 17-19

Título original: “Les reignes d’Anglaterre: Mathilde femme de Guillaume le conquerant”

Autor: Mme. Laure Prus

Fonte: *Album littéraire et musical de la Minerve* (Janvier 1850, p. 22-24)

Origem: francesa

- “O voto das três irmãs”

1º semestre de 1853, n. 3, p. 19-21

Título original: desconhecido

Autor: Mme. Eveline Ribbecourt

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “O sino misterioso”

1º semestre de 1853, n. 4, p. 25-29

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O lago da guarda. Fragmento”

1º semestre de 1853, n. 4, p. 29-31

Título original: desconhecido

Autor: Mme. Angelique Arnaud

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “O mercador de Zamora”

1º semestre de 1853, n. 5, p. 33-36 e n. 6, p. 41-43

Título original: “Le marchand de Zamora”

Autor: M. Audibert

Fonte: *Mélanges de littérature et de histoire* (1839, p. 333-359)

Origem: francesa

- “Quanto pode o desejo de possuir ouro”

1º semestre de 1853, n. 5, p. 36-38

Título original: desconhecido

Autor: Severin

Fonte: não localizada

Origem: inglesa (conforme indica a revista)

- “Otilia. Crônica flamenga”

1º semestre de 1853, n. 6, p. 43-45

Título original: “Octilie, chronique flamengue”

Autor: Mme. Eveline Ribbecourt

Fonte: *Album littéraire et musical de la Minerve* (Mars 1850, p. 76-78)

Origem: francesa

- “Não há grande que não precise de um pequeno”

1º semestre de 1853, n. 7, p. 49-52

Título original: “Le spectacle en famille: on a souvent besoin d’un plus petit que soi”

Autor: Mme. Clemence Lalire

Fonte: peça de teatro publicada no *Album littéraire et musical de la Minerve* (Février 1850, p. 44-59)

Origem: francesa

- “A felicidade do trabalho”

1º semestre de 1853, n. 7, p. 52-53

Título original: desconhecido

Autor: Bulgarin (Faddeï Boulgarine)

Fonte: desconhecida

Origem: russa. Encontramos uma versão em língua francesa, intitulada “L’honnête pauvre ou le bonheur du travail”, no *Archippe Thaddeevitch, ou l’ermite russe. Tableau des mœurs russes au XIXe. siècle* (1828, p. 271-280), como se chamou a tradução da obra do escritor russo Faddeï Boulgarine

- “Aventura noturna”

1º semestre de 1853, n. 8, p. 57-62

Autor: ***

Origem: brasileira

- “Rodolpho e Berta”

1º semestre de 1853, n. 9, p. 65-67

Título original: sem título (capítulo XVI.)

Autor: Alphonse Karr

Tradutor: Augusto Emilio Zaluar

Fonte: *Vendredi soir* (1835, p. 291-330)

Origem: francesa

- “O passeio do fantasma. Lenda do século XV”

1º semestre de 1853, n. 9, p. 67-69

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: *O Panorama: jornal literário, científico e instrutivo* (1842)

Origem: portuguesa

- “Manfrida de Sorreze ou a expiação”

1º semestre de 1853, n. 10, p. 73-76

Título original: desconhecido

Autor: Mme. Eveline Ribecourt

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “Regina de Volberg”

1º semestre de 1853, n. 10. p. 76-78

Título original: “Régine, ou dex nuits. Opéra-comique en deux actes”

Autor: J. J. Fouqueau Passy

Fonte: *La France dramatique au dix-neuvième siècle* (1841, p. 1-26)

Origem: francesa

- “Casamento por inclinação”

1º semestre de 1853, n. 11, 81-84

Título original: “Un mariage d’inclination”

Autor: Mme. Edmêe de Syva

Fonte: *Journal des demoiselles*

Origem: francesa. Encontramos uma versão no *Album littéraire et musical de la Minerve* (Novembre 1849, p. 311-314). De acordo com uma nota apresentada no periódico, a narrativa havia sido extraída do *Journal des demoiselles*

- “Uma desgraça”

1º semestre de 1853, n. 12-13, p. 90-91

Autor: ***

Origem: brasileira

- “O albergue do poeta”

1º semestre de 1853, n. 13, p. 99-101

Título original: “La petite Maison du poète”

Autor: Affonso Esquiros

Tradutor: Augusto Emilio Zaluar

Fonte: *L’artiste: beaux-arts et belles-lettres* (1844. p. 260-261)

Origem: francesa

- “História da senhorita Bouck ou cativo entre os barbarescos”

1º semestre de 1853, n. 14, p. 105-107

Título original: “Shipwreck of the countess de Bourk on the coasts of Algiers”

Autor: Archibald Duncan

Fonte: *The mariner’s chronicle* (1835, p. 86-97)

Origem: inglesa

- “A mão esquerda”

1º semestre de 1853, n. 15, p. 113-?

Título original: “Dieu et le diable”

Autor: Alphonse Karr

Fonte: *Les cent-et-une nouvelles nouvelles des cent-et un* (v. II. 1835, p. 97-114)

Origem: francesa

- “O copo de limonada”

1º semestre de 1853, n. 16, p. 121-125

Título original: “Das glass drangenwaferl”

Autor: desconhecido

Tradutor: um maranhense

Fonte: *Oberpfälzer Anzeiger* (31 März 1846, p. 97-99)

Origem: alemã

- “Exemplo de gênio comercial no século XII”

1º semestre de 1853, n. 17, p. 129-132

Título original: “Anfredi, the merchat of Rochelle”

Autor: Jules Sandeau

Fonte: *Chamber’s Edinburgh’s Journal* (16/12/1848, p. 399-400)

Origem: inglesa

- “O papagaio de ouro”

1º semestre de 1853, n. 18, p. 137-138

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecido

- “Conto para dormir”

1º semestre de 1853, n. 18, p. 139-141

Autor: ***

Origem: brasileira

- “O álibi. Esboço dos costumes irlandezes”

1º semestre de 1853, n. 19, p. 115-117 e n. 20, p. 153-155

Título original: “The alibi, an assize anedocte”

Autor: “by the author of *Highways and byways*”

Fonte: *The New monthly magazine* (1836, p. 173-184)

Origem: inglesa

- “Quanto custou um pêssego”

1º semestre de 1853, n. 19, p. 148-149

Título original: desconhecido

Autor: Léon Gozlan

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “O passarinho agradecido”

1º semestre de 1852, n. 20, p. 155-157

Título original: desconhecido

Autor: Elie Berthet

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “Christina no convento de Nonnenwerder”

1º semestre de 1853, n. 21, p. 161-164

Título original: “Christine at the convent of Nonnenwerder”

Autor: H. AL. L

Fonte: *The Mirror of literature, amusement, and instruction* (23/05/1840, p. 337-339)

Origem: inglesa

- “Francisco I e o arquiteto primatício”

1º semestre de 1853, n. 21, p. 164-165

Título original: desconhecido

Autor: provavelmente Alexandre Dumas

Fonte: não localizada

Origem: provavelmente francesa. Os eventos apresentados na narrativa ocorrem em paralelo aos descritos em “Os dois arquitetos de Francisco I”, a qual foi veiculada nas páginas do *Novo Correio de Modas* sob assinatura de Alexandre Dumas

- “O preço da vida”

1º semestre de 1853, n. 22, p. 169-171

Título original: “The value of life”

Autor: desconhecido

Fonte: *The home companion* (1854, p. 180-181)

Origem: inglesa

- “Fragmento de uma viagem em África. Caça de leões”

1º semestre de 1853, n. 22, p. 171-173

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Bertrand e Raton”

1º semestre de 1853, n. 23, p. 177-180 e n. 24, p. 185-188

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O Lobisomen”

1º semestre de 1853, n. 23, p. 180-182

Título original: desconhecido

Autora: Maria de França

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Os dois arquitetos de Francisco I”

1º semestre de 1853, n. 24, p. 187-188

Título original: desconhecido

Autor: Alexandre Dumas

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “As doze pérolas do colar. Simples lenda das escolas chinesas”

1º semestre de 1853, n. 25, p. 193-196

Título original: “Les douze perles du collier”

Autor: Michel Masson

Fonte: *Recueil alphabétique de citations morales ou encyclopédie morale* (1867, p. 167-174)

Origem: francesa

- “O mágico e os curiosos”

1º semestre de 1853, n. 25, p. 198-199

Título original: desconhecido

Autor: M. A. Ferreira da Silva

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Rosina e Julia”

1º semestre de 1853, n. 26, p. 201-204

Título original: desconhecido

Autor: George Sand (no entanto, nas páginas da revista brasileira, o texto apareceu assinado por Mme. E. A. Survilly)

Fonte: não localizada

Origem: francesa. Localizamos apenas uma versão em língua alemã na obra *Aus der Verbannung* (1852, p. 5)

2.6 Novo Correio de Modas (2º semestre de 1853)

- “Cristovão e Leonor”

2º semestre de 1853, n. 1, p. 1-3

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Os três anéis”

2º semestre de 1853, n. 1, p. 3-5

Título original: desconhecido

Autor: Giovanni Boccaccio

Tradutor: E. de Champeau

Fonte: *Decamerão*

Origem: italiana

Obs.: a narrativa em questão foi contada por Filomena, logo na Primeira Jornada da obra (no governo da Rainha Pampineia)

- “O efeito dos romances, ou Maria por Maria”

2º semestre de 1853, n. 2, p. 9-11

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “A gruta do amor. Novela histórica”

2º semestre de 1853, n. 2, p. 12-14

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Laura de Montluçon”

2º semestre de 1853, n. 3, p. 17-19 e n. 4, p. 25-27

Título original: desconhecido

Autor: A. Jadin

Fonte: não localizada

Origem: desconhecido

- “Fragmentos de viagem”

2º semestre de 1853, n. 3, p. 19-21

Título original: desconhecido

Autor: E. Garnier

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Dos conhecimentos dos antigos”

2º semestre de 1853, n. 4, p. 27-29

Autor: ***

Origem: brasileira

- “Waterloo”

2º semestre de 1853, n. 5, p. 33-35 e n. 6, p. 41-43

Título original: “Souvenirs de Waterloo”

Autor: comte de Las Cases (Emmanuel-Augustin-Dieudonné-Joseph)

Fonte: *Mémorial de Sainte-Hélène* (1840, p. 479-481)

Origem: francesa

- “A primeira inclinação”

2º semestre de 1853, n. 6, p. 35-37

Título original: “Première inclination”

Autor: Jean Nicolas Bouilly

Fonte: *Les Mères de famille* (1837, p. 55-85)

Origem: francesa

- “Quanto pode o amor materno”

2º semestre de 1853, n. 7, p. 49-51

Título original: “Abnégation de soi-même”

Autor: J. N. Bouilly

Tradutor: F. M.

Fonte: *Les Mères de famille* (1837, p. 258-274)

Origem: francesa

- “O velho celibatário”

2º semestre de 1853, n. 8, p. 57-61, n. 9, p.65-69 e n. 10, p. 73-77

Título original: “Le vieux célibataire”

Autora: Isabelle de Montolieu

Fonte: *Douze nouvelles par Mme. Is. de Montolieu, pour servir de suite à son Recueil de contes* (t. II. 1812, p. 185-269)

Origem: francesa

- “A cantora imperatriz”

2º semestre de 1853, n. 11, p. 81-83

Título original: “Le tsar Alexis et Natalie Narychkin”

Autor: Jean Czynski

Tradutor do russo: Charles Villager

Fonte: *La Russie pittoresque, sous la direction de Jean Czynski* (1837, p. 325-328)

Origem: russa

- “Os dois métodos”

2º semestre de 1853, n. 11, p. 83-85

Título original: “Les Deux Méthodes”

Autor: J. N. Bouilly

Fonte: *Les Mères de famille* (1837, p. 206-222)

Origem: francesa

- “Conto chinês”

2º semestre de 1853, n. 12, p. 89-91

Título original: “Ho-fi of the yellow girdle”

Autor: desconhecido

Fonte: *Bentley's miscellany* (1841, p. 305-318)

Origem: inglesa

- “O sacrifício eterno”

2º semestre de 1853, n. 13, p. 97-99

Título original: “Sacrifice éternelle”

Autor: J. N. Bouilly

Tradutor: F. M.

Fonte: *Les Mères de famille* (1837, p. 86-119)

Origem: francesa

- “O busto espantoso”

2º semestre de 1853, n. 13, p. 100-101

Autor: ***

Origem: brasileira

- “O ultimo pensamento de Weber”

2º semestre de 1853, n. 14, p. 105-107

Título original: desconhecido

Autor: Pierre

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O busto espantoso. Explicação”

2º semestre de 1853, n. 14, p. 107-108

Autor: ***

Origem: brasileira

- “Quatro estados em um dia”

2º semestre de 1853, n. 14, p. 108-109

Autor: ***

Origem: brasileira

- “Hugo. Tradução teutônica do tempo dos cavaleiros da Cruz na Polônia e na Lituânia”

2º semestre de 1853, n. 15, p. 113-117

Título original: “Hugo, traduction teotonique du temps des chevaliers de la croix en pologne et en Lituanie” (imité d’un poésie polonaise)

Autora: Elisa Souty

Fonte: *La Pologne historique, littéraire, monumentale et pittoresque* (t. I. 1835-1836, p. 469-472)

Origem: polonesa

- “A carga de dragões”

2º semestre de 1853, n. 16, p. 121-123

Título original: “Une charge de dragons”

Autor: Émile Marco Saint-Hilaire

Fonte: *Souvenirs intimes du temps de l’empire* (t. II. 1856, p. 394-405)

Origem: francesa

- “Viagens de James Cook”

2º semestre de 1853, n. 16, p. 124-125 e n. 17, p. 134-135

Título original: sem título (versão resumida de diversas passagens da obra)

Autor: James Cook

Fonte: *The voyages of Captain James Cook* (v. I. 1842)

Origem: inglesa

- “Os dois castigos”

2º semestre de 1853, n. 17, p. 129-132

Autor: ***

Origem: brasileira

- “O cão de Dryden”

2º semestre de 1853, n. 17, p. 132-133

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “A rocha do diabo”

2º semestre de 1853, n. 18, p. 137-140

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Uma aventura: as montanhas de Vermont”

2º semestre de 1853, n. 18, p. 141

Título original: desconhecido

Autor: C.

Fonte: desconhecida

Origem: inglesa. Encontramos uma versão em língua francesa, intitulada “Une aventure dans les montagnes de Vermont”, na *Revue britannique, ou choix d'articles traduits des*

meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne (1835, p. 94-108). De acordo com a revista francesa, a narrativa foi extraída do *New Monthly Magazine*

- “A tempestade”

2º semestre de 1853, n. 19, p. 145-150

Título original: desconhecido

Autor: Etienne Enault

Fonte: desconhecida

Origem: francesa. Narrativa encontrada no periódico *Album littéraire et musical de la Minerve* (Juillet 1850, p. 189-194). Segundo a publicação, a narrativa havia sido retirada do *Journal des Demoiselles*

- “Esther, ou a velha irlandesa”

2º semestre de 1853, n. 20, p. 153-155

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: inglesa (conforme indica a revista)

- “Na ilha d’Elba”

2o. semestre de 1853, n. 21, p. 161-165

Título original: “Napoléon et sa garde a l’Ile d’Elbe”

Autor: Émile Marco de Saint-Hilaire

Fonte: *Histoire anecdotique, politique et militaire de la garde impériale* (t. V. 1847, p. 548-563)

Origem: francesa

- “O anel de ferro”

2º semestre de 1853, n. 22, p. 170-173, n. 23, p. 177-181, n. 24, p. 185-189, n. 25, p. 193-197 e n. 26, p. 204-209

Título original: “Le talisman”

Autor: Visconde d’Arlincourt – Charles Victor Prévôt d’Arlincourt

Fonte: *Les anneaux d'une chaîne* (v. I. 1844, p. 3-117)

Origem: francesa

- “Uma recordação”

2º semestre de 1853, n. 25, p. 197-198

Título original: desconhecido

Autor: Lady Jane ***

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Aix-la-chapelle”

2º semestre de 1853, n. 26, p. 202-204

Título original: sem título

Autor: Frances Milton Trollope (Mistress Trollope)

Tradutor do inglês: A. Sobry

Fonte: não localizada

Origem: inglesa. Encontramos uma versão em língua francesa da narrativa na obra *La Belgique et l'ouest de l'Allemagne en 1833* (t. I. 1834, p. 123-137). Logo na capa, encontra-se a informação de que se trata de uma tradução do inglês feita por A. Sobry

2.7 Novo Correio de Modas (1º semestre de 1854)

- “Benta Bestunta”

1º semestre de 1854, n. 1, p. 1-3 e n. 2, p. 9-11

Autor: ***

Origem: brasileira

- “Henda e Heggiage ou o obolo”

1º semestre de 1854, n. 1, p. 4-5

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Tradutor do árabe: Duval-Destain

Fonte: desconhecida

Origem: árabe. Localizamos uma versão francesa, intitulada “Hinda et Hégiage, ou l’Obole changé d’une pièce d’or”, no *Mercure étranger ou annales de la littérature étrangère* (t. I. 1813, p. 378-380). De acordo com o periódico, trata-se de uma tradução do árabe, feita por Duval-Destain

- “Roberto e Anna D’Arfect. Anedota sobre a descoberta da Ilha da Madeira”

1º semestre de 1854, n. 2, p. 11-13

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

Obs.: lenda a respeito da descoberta da Ilha da Madeira. Em nossa busca, localizamos diversas versões da história, a maioria publicada entre o século XVIII e XIX

- “O homem dos provérbios”

1º semestre de 1854, n. 3, p. 17-20, n. 4, p. 25-28, n. 5, p. 33-37 e n. 6, p. 41-46

Autor: Maria Peregrina de Souza

Fonte: segundo Antonio Feliciano de Castilho, a narrativa foi publicada no *Periódico dos Pobres*, em 1848³⁷⁴

Origem: portuguesa

- “A morte de Sócrates”

³⁷⁴ CASTILHO, Antonio Feliciano de. “Maria Peregrina de Sousa”. **Revista contemporânea de Portugal e Brasil**. Lisboa: Escritório da Revista contemporânea de Portugal e Brasil. Abril de 1861. p. 273-312.

1º semestre de 1854, n. 3, p. 21-22

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

- “A visão de Carlos V, rei da Suécia”

1º semestre de 1854, n. 4, p. 28-30

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

- “Fragmentos de viagem: James Cook”

1º semestre de 1854, n. 5, p. 39-40

Título original: desconhecido

Autor: James Cook

Fonte: *The voyages of captain James Cook around the world* (v. I. 1842)

Origem: inglesa

- “O barbeiro de Paris”

1º semestre de 1854, n. 7, p. 49-53

Título original: “La maison du barbier”

Autor: Paul de Kock

Fonte: *Le barbier de Paris* (t. I. 1827, p. 1-23)

Origem: francesa

- “A viagem inesperada”

1º semestre de 1854, n. 7, p. 53-54

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

- “Cepo por dote”

1º semestre de 1854, n. 8, p. 57-60

Autor: ***

Origem: brasileira

- “Profecias modernas”

1º semestre de 1854, n. 9, p. 65-67 e n. 10, p. 72-74

Título original: seleção de trechos dos artigos “Modern Prophecies” e “Fortune telling”

Autor: Charles Mackay

Tradutor: Henrique Velloso de Oliveira

Fonte: *Memoirs of extraordinary popular delusions and the madness of crowds* (v. I. 1852.

p. 222-241 e p. 242-262)

Origem: inglesa

- “Uma aventura no baile de ópera”

1º semestre de 1854, n. 9, p. 67-68

Título original: “Wandering in France. N. VI: the carnival – the opera masked ball”

Autor: desconhecido

Fonte: *The ladies’ museum* (v. I. January to June 1829, p. 183-186)

Origem: inglesa

- “Milord Stair”

1º semestre de 1854, n. 10, p. 75-77

Título original: “Anedocte concernant Mylord Stairs”

Autor: Chevalier de Langeac

Fonte: *Précis historique sur Crumwel* (1800, p. 181-189)

Origem: francesa

- “A Virgem. Tradição brasileira”

1º semestre de 1854, n. 11, p. 81-84, n. 12, p. 90-92 e n. 13, p. 97-100

Autor: Manuel Antonio Ferreira da Silva

Origem: brasileira

- “A memória fiel”

1º semestre de 1854, n. 11, p. 84-85

Título original: “Le memoire acquitté”

Autor: Émile Marco de Saint-Hilaire

Fonte: *Napoléon au Bivouac, aux Tulleries et à Sainte-Hélène: anecdotes inédites* (1854, p. 63-68)

Origem: francesa

- “Os dois mais belos dias da vida”

1º semestre de 1854, n. 12, p. 92-94

Título original: “Les deux plus beaux jours de la vie”

Autor: Émile Marco de Saint-Hilaire

Fonte: *Napoléon au bivac, aux Tuileries et à Sainte-Hélène: anecdotes inédites* (1854, p. 188-204)

Origem: francesa

- “Elisa Delville”

1º semestre de 1854, n. 13, p. 100-102 e n. 14, p. 105-107

Título original: desconhecido

Autor: Montespan (Françoise Athénaïs de Rochechouart de Mortemart)

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “A marquesa de Brinvilliers”

1º semestre de 1854, n. 14, p. 107-109

Título original: “La marquise de Brinvilliers”

Autor: desconhecido

Fonte: *La Mosaïque du midi: publication mensuelle* (v. V. Juillet 1841, p. 215-224)

Origem: francesa

- “Henriquetta de Mont-Clara. Novela”

1º semestre de 1854, n. 15, p. 110-166 e n. 16, p. 121-123

Título original: “Henriette de Montclare. Anecdote tragique”

Autor: Mademoiselle de Gaudin

Fonte: *Almanach Littéraire ou étrennes d’Apollon* (1784, p. 54-66)

Origem: francesa

- “O moderno Harun-al-rachid”

1º semestre de 1854, n. 15, p. 116-117

Título original: “Bonaparte sans argent pour payer son déjeuner”

Autor: desconhecido

Fonte: *L’écho du cabinet de lecture paroissial de Montreal* (v. II. 19/01/1860, p. 29-31)

Origem: francesa

- “Uma vida amargurada”

1º semestre de 1854, n. 16, p. 123-125, n. 17, p. 129-132 e n. 18, p. 137-140

Autor: Maria Peregrina de Souza

Fonte: segundo Antonio Feliciano de Castilho, a narrativa foi publicada no *Periódico dos Pobres*, em 1848³⁷⁵

Origem: portuguesa

- “Carlos I e seus algozes”

1º semestre de 1854, n. 17, p. 132-133

Título original: “Execution de Carlos I”

³⁷⁵ Ibidem. p. 273-312.

Autor: François Pierre G. Guizot

Fonte: *Leçons françaises de littérature et de morale, par mm. Noel et de la Place* (1848, p. 50-51). Talvez a narrativa tenha vindo para o Brasil por meio de uma tradução portuguesa publicada na *Revista Popular: semanário de literatura, ciência e indústria* (n. 22, 1854-1855, p. 169-170)

Origem: francesa

- “As esperanças”

1º semestre de 1854, n. 19, p. 145-149

Título original: desconhecido

Autor: Eugène Nyon

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “O pequeno tambor”

1º semestre de 1854, n. 19, p. 149-150

Título original: “Souvenir de l’empire: ce que prouve que le courage ne se mesure pas à la taille”

Autor: Émile Marco de Saint-Hilaire

Fonte: *L’écho des feuilletons: recueil des nouvelles, contes, anedoctes, episodes, etc* (1861, p. 404-407)

Origem: francesa.

- “A cruz e o vento”

1º semestre de 1854, n. 20, p. 153-156, n. 21, p. 161-165, n. 22, p. 169-172 e n. 23, p. 177-181

Título original: “Les croix et le vent”

Autor: Paul de Kock

Fonte: *Moeurs parisiennes: nouvelles* (t. V. 1839, p. 197-178)

Origem: francesa

- “Sonhos e sonambulismo”

1º semestre de 1854, n. 20, p. 156-158

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “A pulseira”

1º semestre de 1854, n. 22, p. 172-173

Autor: ***

Origem: brasileira

- “Os dois ribeiras”

1º semestre de 1854, n. 24, p. 185-189

Autor: ***

Origem: brasileira

- “Anedota de 1836”

1º semestre de 1854, n. 25, p. 193-195 e n. 26, p. 201-204

Título original: “La nuit du sang: anedocte de 1836”

Autor: Visconde d’Arlincourt – Charles Victor Prévôt d’ Arlincourt

Fonte: *Les anneaux d'une chaîne par le vicomte [Victor] d'Arlincourt* (v. I. 1844, p. 119-138)

Origem: francesa

- “Júlia. Conto fantástico”

1º semestre de 1854, n. 26, p. 204-206

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: *Lanterne Magique*, conforme indica o *Novo Correio de Modas*

Origem: francesa

2.8 Novo Correio de Modas (2º. semestre de 1854)³⁷⁶

- “O cavalheiro do Cruzado Novo e o cavalheiro do botão de rosa”

2º semestre de 1854, n. 1, p. 1-4, n. 2, p. 9-12, n. 3, p. 17-20, n. 4, p. 25-26? e n. 5, p. 33-36

Título original: “O cavalheiro do Cruzado Novo e o cavalheiro do botão de rosa”

Autor: Maria Peregrina de Sousa (segundo Inocêncio Francisco da Silva)³⁷⁷

Fonte: de acordo com Antonio Feliciano de Castilho, a narrativa foi publicada no *Periódico dos Pobres*, em 1848³⁷⁸

Origem: portuguesa

- “O dote de Maria. Trecho histórico”

2º semestre de 1854, n. 1, p. 7-8

Título original: “La mano improvisada. Una aventura de Miguel Angel”

Autor: desconhecido

Fonte: *Semanário Pintoresco Español* (20/04/1845, p. 134-135)

Origem: espanhola

- Título desconhecido³⁷⁹

2º semestre de 1854, n. 5, p. x-40

Título original: desconhecido

Autor: Reyre

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

³⁷⁶ Faltam os números 8 e 17 desse semestre, além de algumas páginas dos números 4 e 5.

³⁷⁷ SILVA, Inocêncio Francisco da (org.). **Dicionário Bibliográfico Português**. t. VI. Lisboa: Imprensa Nacional. p. 141-142.

³⁷⁸ CASTILHO, Antonio Feliciano de, *op. cit.*, p. 273-312.

³⁷⁹ Falta a primeira página da narrativa, por isso não sabemos seu título.

- “O meu cavalinho russo”

2º semestre de 1854, n. 6, p. 41-44

Autor: ***

Origem: brasileira

- “A marta zibelina”

2º semestre de 1854, n. 7, p. 49-51

Título original: “La marte zibeline”

Autor: Boitard (Pierre Boitard)

Fonte: *Curiosité d’histoire naturelle et astronomie amusante* (1862, p. 153-161)

Origem: francesa

- “Garcia sete orelhas”

2º semestre de 1854, n. 9, p. 65-68

Autor: F. R. da S.

Origem: brasileira

- “Uma metamorfose”

2º semestre de 1854, n. 9, p. 68-69

Título original: desconhecido

Autor: G. L.

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O vampiro”

2º semestre de 1854, n. 10, p. 73-76

Título original: “O vampiro”

Autor: desconhecido

Fonte: *Arquivo popular: leituras de instrução e de recreio* (n. 32, 06/08/1842, p. 253-255)

Origem: portuguesa

- “A torre do diabo ou o castelo de Montfort”

2º semestre de 1854, n. 11, p. 81-83

Título original: “La tour du diable du chateau de Montfort”

Autor: M. de Thibiage

Fonte: *Histoire pittoresque et anecdotique des anciens châteaux, demeures féodales, forteresses, citadelles, etc.* (1846, p. 127-131)

Origem: francesa

- “A valsa e a mortalha”

2º semestre de 1854, n. 12, p. 89-92

Título original: desconhecido

Autor: D. M. O. de Quintana

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Thalma”

2º semestre de 1854, n. 13, p. 97-99

Título original: “Thalma”

Autor: Audibert

Fonte: *Fragmentos históricos* (conforme informa a revista). No entanto, achamos o mesmo texto na *Biographie universelle et portative des contemporains* (1834, p. 1391-1394)

Origem: francesa

- “Angel ou regime judiciário da Rússia”

2º semestre de 1854, n. 13, p. 102-104

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “História do recente cativo da jovem Adelina Wilson”

2º semestre de 1854, n. 14, p. 104-107

Título original: “A narrative of the suffering of Mrs. Jane Adeline Wilson, during her captivity among the camanche indians”

Autor: desconhecido

Fonte: *Indian battles, captivities, and adventures* (1856, p. 379-391)

Origem: inglesa

- “Helena”

2º semestre de 1854, n. 15, p. 113-115 e n. 16, p. 121-123

Título original: desconhecido

Autor: Manuel de Nascimento Vieira

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Viagem de uma senhora a América do Norte. Fragmento”

2º semestre de 1854, n. 15, p. 117-119

Título original: “Moeurs américaines des États-Unis”

Autor: Mistress Trollope

Fonte: *Voyages autour du monde en Océanie* (1854, p. 9-14)

Origem: francesa

- “Romance. Um enterro e um suicídio”

2º semestre de 1854, n. 16, p. 123-124

Título original: desconhecido

Autor: R. J. de S. Neto

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “Uma página da biografia de Napoleão”

2º semestre de 1854, n. 16, p. 125-126

Título original: desconhecido

Autor: Mme. Tastu (talvez Sabine Casimire Amable Voïart)

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “O conde de Penhacerrada”

2º semestre de 1854, n. 18, p. 137-140

Título original: “O conde de Penhacerrada”

Autor: desconhecido

Fonte: *O Panorama: jornal literário, científico e instrutivo* (1843)

Origem: portuguesa

- “Um susto”

2º semestre de 1854, n. 18, p. 140-141

Autor: ***

Origem: brasileira

- “Cagliostro, o célebre alquimista”

2º semestre de 1854, n. 19, p. 145-147, n. 20, 153-156 e n. 21, p. 161-164

Título original: “Cagliostro”

Autor: Charles Mackay

Tradutor: Henrique Veloso de Oliveira

Fonte: *Memoirs of extraordinary popular delusions and the madness of crowds* (1852, p. 206-215)

Origem: inglesa

- “O doido com juízo”

2º semestre de 1854, n. 21, p. 164-165

Título original: desconhecido

Autor: Michaud

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “História espanhola contemporânea”

2º semestre de 1854, n. 22, p. 169-173, n. 23, p. 177-170, n. 24, p. 185-188 e n. 25, p. 193-196

Título original: “La porte bleu. Histoire espagnole contemporaine”

Autor: Visconde d’Arlincourt – Charles Victor Prévôt d’Arlincourt

Fonte: *Les anneaux d’une chaîne* (t. I. 1844, p. 226-298)

Origem: francesa

- “Uma corrida de touros”

2º semestre de 1854, n. 23, p. 182-183

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “As feiticeiras”

2º semestre de 1854, n. 24, p. 189-190

Autor: ***

Origem: brasileira

- “Escolha de uma profissão”

2º semestre de 1854, n. 25, p. 196-197

Título original: desconhecido

Autor: Pigault Lebrun

Tradutor: Henrique Veloso de Oliveira

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “Suzana Herbez, intitulada filha natural de Carlos X”

2º semestre de 1854, n. 25, p. 198-199

Título original: “Suzana Herbez, intitulada filha natural de Carlos X”

Autor: desconhecido

Fonte: *O Recreio: jornal da família* (Abril de 1836, p. 88-90)

Origem: portuguesa

- “A moderna Artemisia”

2º semestre de 1854, n. 26, p. 201-204

Título original: desconhecido

Autor: desconhecido

Fonte: não localizada

Origem: desconhecida

- “O poder das lágrimas”

2º semestre de 1854, n. 26, p. 204-205

Título original: desconhecido

Autor: Henri Nevire

Fonte: não localizada

Origem: francesa

- “Uma história do inferno”

2º semestre de 1854, n. 27, p. 209-212

Título original: desconhecido

Autor: Maquiavel

Fonte: não localizada

Origem: italiana

- “A boa educação recompensada”

2º semestre de 1854, n. 27, p. 212-214

Título original: “A quelque chose malheur est bon. Proverbe em action”

Autor: S. N. Cartier-Vinchon

Fonte: *La providence littéraire* (1851, p. 67-77)

Origem: francesa

3. TABELAS ORIGENS DAS NARRATIVAS

3.1 Correio das Modas (1º semestre de 1839)

ORIGEM	TÍTULO	TOTAL
Alemã	“O jogador ou o crime e a vingança”	1
Brasileira	“A missa do galo!! Legenda brasileira” “Minhas aventuras na véspera de reis” “A sorte grande. Comunicado” “Angelino. 1549-1550” “Minhas aventuras n’uma viagem de ônibus” “O poder da música” “Uma inspiração do inferno” “O encontro misterioso” “O último suspiro. Legenda brasileira” “Uma maldição” “A capela das ruínas” “Uma viagem na barca de vapor” “O ente misterioso” “Emília”	14
Francesa	“A hora da morte” “A vingança de um corso” “A morte de uma filha” “Um semblante rosado e um semblante enrugado” “Uma cena de salteadores nos Pirineus” “Matildes” “El Verdugo”	7
Inglesa	“O casamento fatal” “A filha do general” “Uma aventura no baile mascarado”	3
Portuguesa	“A fuga do castelo de Lochlevin. Novela histórica”	1
Desconhecida	“O encontro no baile ou o sacrifício louvável” “Sopas gratuitas e filantrópicas” “A vítima do ciúme” “As três irmãs. Novela” “O amante do Judas” “Dona Urânia” “Uma aventura em Berlim” “Que desgraça” “O fogo dos barraqueiros”	9
TOTAL		35

3.2 Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

ORIGEM	TÍTULO	TOTAL
Alemã	“O casamento por inclinação” “A vingança” “A cabana”	3
Árabe	“Uma aventura entre os túmulos”	1
Francesa	“A cabeça da favorita” “Costumes e usos judiciais em Bósnia” “Um acaso às vezes serve de muito. Anedota” “O prestígio da cena” “Ademdaí. Conto oriental” “Um amor na Escócia” “O juramento temerário” “O anjo da guarda” “A bela ramalheteira” “O doido” “Cristela” “O pintor Rubens. História do 17º. século” “Fantasma viva” “Um dia da vida de uma rainha” “A órfã das prisões” “Os desposados d’ amor” “A pedra do amaldiçoado” “O giro de Willis. Legenda alemã”	18
Inglesa	“O maelstron” “As desgraças de um homem abastado” “O pontapé de uma bailarina” “Um desafio em Nápoles” “Sarah Curran” “O pescador de Ostend”	6
Italiana	“A maldição de Dominiquin”	1
Persa	“Contos morais”	1
Portuguesa	“A esposa na adversidade” “A fugida do castelo de Lochlevin” “Seymour e Harley. História inglesa” “Os dois irmãos” “Uma viagem a Saumur” “A donzela do Tarso” “A casa de Boscovel”	7
Desconhecida	“Simão Pereira” “A artista por amor” “O banquete de Norwich. Crônica saxônica” “Uma mentira”	24

	“Un écarté” “Uma paixão profunda” “O mentiroso” “Sofia” “A lembrança de meu padrinho” “Como o diabo carregou com razão d’uma moça de dezoito anos” “Uma conversação” “Uma mulher espirituosa” “Elisa de Mauconseil, ou a mulher branca” “João, o bastardo” “Os olhos da noiva” “A escrava de Marienburgo” “A aparição” “A minha amada” “Uma mulher morta. História d’ontem” “Um casamento feito e desfeito” “A chave” “Sem ciúme” “Um roubo inocente” “Hortênsia”	
TOTAL		61

3.3 Novo Correio de Modas (1º semestre de 1852)

ORIGEM	TÍTULO	TOTAL
Alemã	“A torre de pólvora de San Siprito em Veneza. Episódio da insurreição de 1848” “Copélio ou uma moça sem coração. História verdadeira” “A tabulagem, ou o jogo da banca. Episódio”	3
Árabe	“História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental”	1
Brasileira	“O xale”	1
Espanhola	“Viagem a Nova-York (Estados Unidos). Fragmento”	1
Francesa	“O leque e a ventarola” “Aventuras de um artista na Califórnia” “O primeiro homem conta suas sensações” “Giraldina” “Belisário em um castelo da Trácia” “Joana, ou um amor contrariado” “O concerto na corte” “O colar da rainha Hortênsia”	8
Inglesa	“O serralheiro da Filadélfia” “A morte de um pai de família” “Um ogro nos mares da Índia. Conto persa”	3
Portuguesa	“O castelo de Faria (1373)” “As três deusas. Charada em prosa”	2
Desconhecida	“A ponte de Arcola: o pequeno cabo da esquadra nomeado sargento” “A ilha deserta. Apólogo”	2
TOTAL		21

3.4 Novo Correio de Modas (2º. semestre de 1852)

ORIGEM	TÍTULO	TOTAL
Alemã	“História do navio de espectros. Conto oriental” “O Flibusteiro, ou o pirata das Antilhas. Romance do último terço do século XVII” “História do califa Cegonha. Conto oriental” “O ermitão de Bath ou um homem misterioso”	4
Brasileira	“Sem pés nem cabeça”	1
Espanhola	“Estados Unidos. Viagem a Filadélfia. Fragmento” “Casa ambulante dos Estados Unidos”	2
Francesa	“A grade do jardim” “Nanette Lollier: a ramalheteira” “Uma passagem da juventude de um grande homem” “Amor conjugal” “Hortênsia e Leonor, ou as primas” “Serafia, ou o poder do cristianismo” “A heroína de uma noite” “A princesa de Lambale ou uma vítima ilustre”	8
Inglesa	“A justiça num país civilizado” “A criada Maria” “Os ingleses misteriosos” “O avarento de Southwark, ou tal vida, tal morte” “O naufrágio” “O anel de casamento”	6
Portuguesa	“O pagamento de uma dívida” “O chim na exposição de Londres”	2
Desconhecida	“Primeira dita e último recurso” “O Tio Lourenço. Conto” “Alina, ou uma vocação” “O primeiro chinó” “Os lindos sonhos não duram, nem se repetem” “Dois generais russos” “Os três sabios e o lenhador”	7
TOTAL		30

3.5 Novo Correio de Modas (1º semestre de 1853)

ORIGEM	TÍTULO	TOTAL
Alemã	“O copo de limonada”	1
Brasileira	“Juliana de Álvares” “Aventura noturna” “Uma desgraça” “Conto para dormir”	4
Francesa	“As rainhas da Inglaterra. Mathilde esposa de Guilherme o conquistador” “O voto das três irmãs” “O lago da guarda. Fragmento” “O mercador de Zamora” “Otilia. Crônica flamenga” “Não há grande que não precise de um pequeno” “Rodolfo e Berta” “Manfrida de Sorreze ou a expiação” “Regina de Volberg” “Casamento por inclinação” “O albergue do poeta” “A mão esquerda” “Quanto custou um pêssego” “O passarinho agradecido” “Francisco I e o arquiteto primatício” “Os dois arquitetos de Francisco I” “As doze pérolas do colar. Simples lenda das escolas chinesas” “Rosina e Julia”	18
Inglesa	“O homem da perna de pau” “Quanto pode o desejo de possuir ouro” “História da senhorita Bouck ou cativo entre os barbarescos” “Exemplo de gênio comercial no século XII” “O álibi. Esboço dos costumes irlandeses” “Christina no convento de Nonnenwerder” “O preço da vida”	7
Portuguesa	“Os velhos retratos. Novela” “O passeio do fantasma. Lenda do século XV”	2
Russa	“A felicidade do trabalho”	1
Desconhecida	“O sino misterioso” “O papagaio de ouro” “Fragmento de uma viagem em África. Caça de leões” “Bertrand e Raton” “O Lobisomen”	6

	“O mágico e os curiosos”	
TOTAL		39

3.6 Novo Correio de Modas (2º. semestre de 1853)

ORIGEM	TÍTULO	TOTAL
Brasileira	“Dos conhecimentos dos antigos” “O busto espantoso” “O busto espantoso. Explicação” “Quatro estados em um dia” “Os dois castigos”	5
Francesa	“Waterloo” “A primeira inclinação” “Quanto pode o amor materno” “O velho celibatário” “Os dois métodos” “O sacrifício eterno” “A carga de dragões” “A tempestade” “Na ilha d’Elba” “O anel de ferro”	10
Inglesa	“Conto chinês” “Viagens de James Cook” “Uma aventura: as montanhas de Vermont” “Esther, ou a velha irlandesa” “Aix-la-chapelle”	5
Italiana	“Os três anéis”	1
Polonesa	“Hugo. Tradução teutônica do tempo dos cavaleiros da Cruz na Polônia e na Lituânia”	1
Russa	“A cantora imperatriz”	1
Desconhecida	“Cristovão e Leonor” “O efeito dos romances, ou Maria por Maria” “A gruta do amor. Novela histórica” “Laura de Montluçon” “Fragmentos de viagem” “O último pensamento de Weber” “O cão de Dryden” “A rocha do diabo” “Uma recordação”	9
TOTAL		32

3.7 Novo Correio de Modas (1^o. semestre de 1854)

ORIGEM	TÍTULO	TOTAL
Árabe	“Henda e Heggiage ou o óbolo”	1
Brasileira	“Benta Bestunta” “Cepo por dote” “A Virgem. Tradição brasileira” “A pulseira” “Os dois ribeiras”	5
Francesa	“O barbeiro de Paris” “Milord Stair” “A memória fiel” “Os dois mais belos dias da vida” “Elisa Delville” “A marquesa de Brinvilliers” “Henriquetta de Mont-Clara. Novela” “O moderno Harun-al-rachid” “Carlos I e seus algozes” “As esperanças” “O pequeno tambor” “A cruz e o vento” “Aneodota de 1836” “Júlia. Conto fantástico”	14
Inglesa	“Fragmentos de viagem: James Cook” “Profecias modernas” “Uma aventura no baile de ópera”	3
Portuguesa	“O homem dos provérbios” “Uma vida amargurada”	2
Desconhecida	“Roberto e Anna D’Arfect. Aneodota sobre a descoberta da Ilha da Madeira” “A morte de Sócrates” “A visão de Carlos V, rei da Suécia” “A viagem inesperada” “Sonhos e sonambulismo”	5
TOTAL		30

3.8 Novo Correio de Modas (2º. semestre de 1854)

<i>ORIGEM</i>	TÍTULO	TOTAL
Brasileira	“O meu cavalinho russo” “Garcia sete orelhas” “Um susto” “As feiticeiras”	4
Espanhola	“O dote de Maria. Trecho histórico”	1
Francesa	“A marta zibelina” “A torre do diabo ou o castelo de Montfort” “Thalma” “Viagem de uma senhora à América do Norte. Fragmento” “Uma página da biografia de Napoleão” “História espanhola contemporânea” “Escolha de uma profissão” “O poder das lágrimas” “A boa educação recompensada”	9
Inglesa	“História do recente cativo da jovem Adelina Wilson” “Cagliostro, o célebre alquimista”	2
Italiana	“Uma história do inferno”	1
Portuguesa	“O cavalheiro do Cruzado Novo e o cavalheiro do botão de rosa” “O vampiro” “O conde de Penhacerrada” “Suzana Herbez, intitulada filha natural de Carlos X”	4
Desconhecida	Título desconhecido ³⁸⁰ “Uma metamorfose” “A valsa e a mortalha” “Angel ou regime judiciário da Rússia” “Helena” “Romance. Um enterro e um suicídio” “O doido com juízo” “Uma corrida de touros” “A moderna Artemisia”	9
TOTAL		31

³⁸⁰ Falta a primeira página da narrativa, por isso não sabemos seu título.

3.9 Tabela origens das narrativas do Correio das Modas

ORIGEM	PERÍODO	TOTAL	PERCENTAGEM
Alemã	1º. semestre de 1839	1	4,17%
	2º. semestre de 1840	3	
	TOTAL	4	
Árabe	1º. semestre de 1839	0	1,04%
	2º. semestre de 1840	1	
	TOTAL	1	
Brasileira	1º. semestre de 1839	14	14,58%
	2º. semestre de 1840	0	
	TOTAL	14	
Francesa	1º. semestre de 1839	7	26,04%
	2º. semestre de 1840	18	
	TOTAL	25	
Inglesa	1º. semestre de 1839	3	9,38%
	2º. semestre de 1840	6	
	TOTAL	9	
Italiana	1º. semestre de 1839	0	1,04%
	2º. semestre de 1840	1	
	TOTAL	1	
Persa	1º. semestre de 1839	0	1,04%
	2º. semestre de 1840	1	
	TOTAL	1	
Portuguesa	1º. semestre de 1839	1	8,33%
	2º. semestre de 1840	7	
	TOTAL	8	
Desconhecida	1º. semestre de 1839	9	34,38%
	2º. semestre de 1840	24	
	TOTAL	33	
TOTAL		96	100%

3.10 Tabela origens das narrativas do Novo Correio de Modas

ORIGEM	PERÍODO	TOTAL	PERCENTAGEM
Alemã	1º. semestre de 1852	3	4,39%
	2º. semestre de 1852	4	
	1º. semestre de 1853	1	
	2º. semestre de 1853	0	
	1º. semestre de 1854	0	
	2º. semestre de 1854	0	
	TOTAL	8	
Árabe	1º. semestre de 1852	1	1,10%
	2º. semestre de 1852	0	
	1º. semestre de 1853	0	
	2º. semestre de 1853	0	
	1º. semestre de 1854	1	
	2º. semestre de 1854	0	
	TOTAL	2	
Brasileira	1º. semestre de 1852	1	10,99%
	2º. semestre de 1852	1	
	1º. semestre de 1853	4	
	2º. semestre de 1853	5	
	1º. semestre de 1854	5	
	2º. semestre de 1854	4	
	TOTAL	20	
Espanhola	1º. semestre de 1852	1	2,19%
	2º. semestre de 1852	2	
	1º. semestre de 1853	0	
	2º. semestre de 1853	0	
	1º. semestre de 1854	0	
	2º. semestre de 1854	1	
	TOTAL	4	
Francesa	1º. semestre de 1852	8	36,81%
	2º. semestre de 1852	8	
	1º. semestre de 1853	18	
	2º. semestre de 1853	10	
	1º. semestre de 1854	14	
	2º. semestre de 1854	9	
	TOTAL	67	
Inglesa	1º. semestre de 1852	3	14,29%
	2º. semestre de 1852	6	
	1º. semestre de 1853	7	
	2º. semestre de 1853	5	
	1º. semestre de 1854	3	
	2º. semestre de 1854	2	
	TOTAL	26	

Italiana	1º. semestre de 1852	0	1,10%
	2º. semestre de 1852	0	
	1º. semestre de 1853	0	
	2º. semestre de 1853	1	
	1º. semestre de 1854	0	
	2º. semestre de 1854	1	
	TOTAL	2	
Polonesa	1º. semestre de 1852	0	0,55%
	2º. semestre de 1852	0	
	1º. semestre de 1853	0	
	2º. semestre de 1853	1	
	1º. semestre de 1854	0	
	2º. semestre de 1854	0	
	TOTAL	1	
Portuguesa	1º. semestre de 1852	2	6,60%
	2º. semestre de 1852	2	
	1º. semestre de 1853	2	
	2º. semestre de 1853	0	
	1º. semestre de 1854	2	
	2º. semestre de 1854	4	
	TOTAL	12	
Russa	1º. semestre de 1852	0	1,10%
	2º. semestre de 1852	0	
	1º. semestre de 1853	1	
	2º. semestre de 1853	1	
	1º. semestre de 1854	0	
	2º. semestre de 1854	0	
	TOTAL	2	
Desconhecida	1º. semestre de 1852	2	20,88%
	2º. semestre de 1852	7	
	1º. semestre de 1853	6	
	2º. semestre de 1853	9	
	1º. semestre de 1854	5	
	2º. semestre de 1854	9	
	TOTAL	38	
TOTAL		182	100%

3.11 Tabela origens das narrativas geral

POSICÃO	ORIGEM	PERIÓDICO	TOTAL	PERCENTAGEM
1º. lugar	Francesa	Correio das Modas	25	33,09%
		Novo Correio de Modas	67	
		TOTAL	92	
2º. lugar	Inglesa	Correio das Modas	9	12,59%
		Novo Correio de Modas	26	
		TOTAL	35	
3º. lugar	Brasileira	Correio das Modas	14	12,23%
		Novo Correio de Modas	20	
		TOTAL	34	
4º. lugar	Portuguesa	Correio das Modas	8	7,19%
		Novo Correio de Modas	12	
		TOTAL	20	
5º. lugar	Alemã	Correio das Modas	4	4,32%
		Novo Correio de Modas	8	
		TOTAL	12	
6º. lugar	Espanhola	Correio das Modas	0	1,44%
		Novo Correio de Modas	4	
		TOTAL	4	
7º. lugar	Árabe	Correio das Modas	1	1,08%
		Novo Correio de Modas	2	
		TOTAL	3	
	Italiana	Correio das Modas	1	1,08%
		Novo Correio de Modas	2	
		TOTAL	3	
8º. lugar	Russa	Correio das Modas	0	0,72%
		Novo Correio de Modas	2	
		TOTAL	2	
9º. lugar	Persa	Correio das Modas	1	0,36%
		Novo Correio de Modas	0	
		TOTAL	1	
	Polonesa	Correio das Modas	0	0,36%
		Novo Correio de Modas	1	
		TOTAL	1	
SUBTOTAL			207	74,46%
Não localizadas		Correio das Modas	33	25,54%
		Novo Correio de Modas	38	
		TOTAL	71	
TOTAL			278	100%

4. NARRATIVAS DE ORIGEM FRANCESA

4.1 Retiradas de livros do(s) autor(es)

Correio das Modas (1º. semestre de 1839)

1. “A vingança de um corso” (Emmanuel Gonzalès e Molé-Gentilhomme)

Narrativa localizada na obra *La luciole*, lançada pelos autores franceses em questão, em 1837.

2. “Matildes” (M. Mouchet)

Narrativa encontrada no *Dictionnaire contenant les anecdotes historiques de l’amour, depuis le commencement du monde jusqu’à ce jour*, publicado em Paris, em 1811. Provavelmente a versão apresentada pelo *Correio das Modas* foi retirada do periódico português *O Beija-flor: seminário de instrução e de recreio*, o qual veiculou, em janeiro de 1839, uma tradução do referido texto.

3. “El Verdugo” (Honoré de Balzac)

Narrativa publicada na obra *Oeuvres illustrées*, de 1832.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

1. “Um amor na Escócia” (Louis François Hilarion Audibert)

Narrativa localizada na obra *Mélanges de littérature et d’histoire*, de 1839.

2. “O anjo da guarda” (Madame la Comtesse Dash – Gabrielle Anna de Cisternes de Courtiras)

Narrativa publicada na obra *Madame Louise de France*, de 1840.

3. “A bela ramalheteira” (Jacques Peuchet)

Narrativa encontrada na obra *Mémoires tirés des archives de la police de Paris*, de 1838.

4. “Cristela” (Charles-Augustin Saint-Beuve)

A narrativa foi publicada diversas vezes. Em 1841, saiu no tomo IV do *Paris-Londres: keepsake français*, em 1842, na *La Bruyère et La Rochefoucauld* e, em 1845, no *Portraits de femmes*.

5. “A órfã das prisões” (Comte A. de La Garde – Auguste-Louis-Charles de Messence La Garde-Chambonas)

Narrativa publicada na obra *Brighton: scènes détachées d’un voyage en Angleterre*, lançada pelo autor, em 1834.

6. “O giro de Willis. Legenda alemã” (Alphonse Karr)

Narrativa encontrada na obra *Romans populaires illustrés*, de 1856. Provavelmente ela foi lançada alguns anos antes na imprensa periódica francesa, de onde os redatores do *Correio de Modas* frequentemente extraíam artigos para a revista.

Novo Correio de Modas (1852)

1. “Aventuras de um artista na Califórnia” (Pier Ângelo Fiorentino)

É provável que a narrativa tenha aparecido originalmente em periódicos como *Le Constitutionnel*, *La France* e *Le Moniteur Universel*, nos quais o escritor trabalhava como colaborador. Em 1866, ele lançou a obra *Comédies et comédiens: feuilleton par P. A. Fiorentino*, na qual reuniu parte de sua produção na imprensa francesa.

2. “O primeiro homem conta suas sensações” (conde de Buffon – Georges-Louis Leclerc)

Narrativa localizada na obra *Oeuvres complètes de Buffon: de l’homme*, de 1822.

3. “Giraldina” (Émile Marco de Saint-Hilaire)

Narrativa publicada na obra *Les aides de camp de l’empereur: souvenirs intimes du temps de l’empire*, de 1841.

4. “Belisário em um castelo da Trácia” (Jean François Marmontel)

Trata-se de uma tradução do primeiro capítulo da obra *Bélisaire*, lançada pelo autor em 1767.

5. “O concerto na corte” (Émile Marco de Saint-Hilaire)

Narrativa publicada em 1841 na obra *Les aides de camp de l’empereur: souvenirs intimes du temps de l’empire*.

6. “O colar da rainha Hortênsia” (Émile Marco de Saint-Hilaire)

Narrativa localizada na obra *Histoire populaire de Napoleon et de la grande armée*, de 1843.

7. “Nanette Lollier: a ramalheteira” (Emilie Talbot)

Narrativa publicada na obra *La Bibliothèque de feuillets: recueil de romans, nouvelles et feuillets*, de 1842.

8. “Serafia, ou o poder do cristianismo” (Sor Ana Catalina Emmerich)

Narrativa encontrada no t. IV da obra *La verdad catolica*, segundo o qual, “lo essencial desta leyenda se apoya em el libro tan bello e poetico, titulado: *La Dolorosa Pasion de Nuestro Señor Jesuscristo, segun las mediciones de Sor Ana Catalina Emmerich*. Vê-se *La Verdad Catolica*”. Localizamos uma versão dessa obra, publicada em 1882, em cuja capa encontra-se a informação de que se trata de uma tradução do francês.

Novo Correio de Modas (1853)

1. “O mercador de Zamora” (M. Audibert)

Narrativa encontrada na obra *Mélanges de littérature et de histoire*, publicada pelo autor, em 1839.

2. “Rodolfo e Bertha” (Alphonse Karr)

Capítulo XVI da obra *Vendredi soir*, de 1835.

3. “Regina de Volberg” (J. J. Fouqueau Passy³⁸¹)

Ópera cômica em dois atos, representada em Paris pela primeira vez no dia 17 de janeiro de 1839. A peça foi transformada em narrativa e publicada na obra *La France Dramatique au dix-neuvième siècle*.

4. “A mão esquerda” (Alphonse Karr)

Narrativa de Alphonse Karr encontrada no segundo volume de *Les cent-et-une nouvelles nouvelles des cent-et un*, de 1835.

5. “As doze pérolas do colar. Simples lenda das escolas chinesas” (Michel Masson)

Narrativa de Michel Masson publicada na 5ª. edição da obra *Recueil alphabétique de citations morales ou encyclopédie morale*, de 1867.

6. “Rosina e Júlia” (George Sand, no entanto, nas páginas da revista brasileira, o texto aparece assinado por Mme. E. A. Survilly)

³⁸¹ Segundo a publicação francesa, o autor da peça foi M. Scriby. Talvez Passy tenha sido o responsável por adaptar a peça de teatro para as páginas de uma revista, transformando-a em narrativa.

Narrativa de George Sand, encontrada na obra no *Aus der Verbannung*, de 1852.

7. “Waterloo” (comte de Las Cases – Emmanuel-Augustin-Dieudonné-Joseph)

Narrativa de Emmanuel-Augustin-Dieudonné-Joseph, mais conhecido como comte de Las Cases, publicada no tomo I do *Mémorial de Sainte-Hélène*, de 1840.

8. “A primeira inclinação” (Jean Nicolas Bouilly)

Narrativa de Jean Nicolas Bouilly, encontrada no tomo I da obra *Les Mères de famille*, lançada pelo autor, em 1837.

9. “Quanto pode o amor materno” (Jean Nicolas Bouilly)

Narrativa de Jean Nicolas Bouilly encontrada no tomo I da obra *Les Mères de famille*, lançada pelo autor, em 1837.

10. “O velho celibatário” (Isabelle de Montolieu)

Narrativa de Isabelle de Montolieu publicada no tomo II da obra *Douze nouvelles par Mme. Is. de Montolieu, pour servir de suite à son Recueil de contes*, de 1812.

11. “Os dois métodos” (Jean Nicolas Bouilly)

Narrativa de Jean Nicolas Bouilly encontrada no tomo I da obra *Les Mères de famille*, lançada pelo autor, em 1837.

12. “O sacrifício eterno” (Jean Nicolas Bouilly)

Narrativa de Jean Nicolas Bouilly encontrada no tomo I da obra *Les Mères de famille*, lançada pelo autor, em 1837.

13. “A carga de dragões” (Émile Marco Saint-Hilaire)

Narrativa de Émile Marco Saint-Hilaire localizada no segundo volume da obra *Souvenirs intimes du temps de l'empire*, de 1856. Provavelmente o texto foi publicado na imprensa periódica francesa antes de aparecer em livro. Esta deve ter sido a fonte utilizada pelo tradutor do *Novo Correio de Modas*.

14. “Na ilha d’Elba” (Émile Marco de Saint-Hilaire)

Capítulo V da obra de Émile Marco de Saint-Hilaire, *Histoire anecdotique, politique et militaire de la garde impériale*, lançada pelo autor, em 1847.

15. “O anel de ferro” (Victor d’Arlincourt)

Narrativa de Victor d’Arlincourt publicada no volume I da obra *Les anneaux d'une chaîne*, em 1844.

Novo Correio de Modas (1854)

1. “O barbeiro de Paris” (Paul de Kock)

Primeiro capítulo da obra *Le barbier de Paris*, de Paul de Kock. Em nossa pesquisa, localizamos apenas a segunda edição, lançada pelo autor em 1827.

2. “Milord Stair” (Chevalier de Langeac)

Narrativa encontrada na obra *Précis historique sur Crumwel*, de 1800.

3. “A memória fiel” (Émile Marco de Saint-Hilaire)

Narrativa publicada na obra *Napoléon au Bivouac, aux Tuilleries et à Sainte-Hélène: anecdotes inédites*, em 1845.

4. “Os dois mais belos dias da vida” (Émile Marco de Saint-Hilaire)

Narrativa publicada na obra *Napoléon au bivac, aux Tuilleries et à Sainte-Hélène: Anecdotes inéd. sur la famille et la cour impériale*, em 1845.

5. “Carlos I e seus algozes” (François Pierre G. Guizot)

Narrativa publicada na obra *Leçons françaises de littérature et de morale, par mm. Noel et de la Place*, em 1848.

6. “A cruz e o vento” (Paul de Kock)

Narrativa publicada na obra *Moeurs parisiennes: nouvelles*, em 1839.

7. “Anedota de 1836” (Visconde d’Arlincourt – Charles Victor Prévôt d’Arlincourt)

Narrativa localizada na obra *Les anneaux d’une chaîne*, de 1844.

8. “A marta zibelina” (Pierre Boitard)

Narrativa encontrada na obra *Curiosité d’histoire naturelle et astronomie amusante*, de 1862. Provavelmente o autor publicou o texto na imprensa periódica francesa antes de lançá-lo no livro.

9. “A torre do diabo ou o castelo de Montfort” (M. de Thibiage)

Narrativa encontrada na obra *Histoire pittoresque et anecdotique des anciens châteaux, demeures féodales, forteresses, citadelles, etc*, de 1846.

10. “Thalma” (Audibert)

De acordo com a revista, o texto foi extraído de uma publicação designada *Fragmentos históricos*. No entanto, achamos a mesma narrativa no quarto tomo da obra *Biographie universelle et portative des contemporains*, de 1834.

11. “Viagem de uma senhora à América do Norte. Fragmento” (Mistress Trollope)

Narrativa publicada, em 1854, no *Voyages autour du monde en Océanie*.

12. “História espanhola contemporânea” (Visconde d’Arlincourt – Charles Victor Prévôt d’Arlincourt)

Narrativa encontrada no tomo I da obra *Les anneaux d’une chaîne*, de 1844.

13. “A boa educação recompensada” (S. N. Cartier-Vinchon)

Narrativa encontrada na segunda edição da obra *La providence littéraire*, de 1851.

4.2 Assinadas por um autor francês, veiculadas na imprensa periódica de língua francesa e/ou publicadas em periódicos estrangeiros sob indicação de que se trata de uma tradução do francês

Correio das Modas (1º semestre de 1839)

1. “A hora da morte” (Abel Hugo)

Autoria da narrativa indicada pela revista brasileira e também pelo periódico *The Literary journal, and Weekly register of science and the arts*, o qual veiculou, em 1833, uma tradução em língua inglesa do texto.

2. “A morte de uma filha” (Frédéric Soulié)

Narrativa de autoria de Frédéric Soulié retirada do *Journal des enfants*, de acordo com o tradutor Josino do Nascimento Silva.

3. “Um semblante rosado e um semblante enrugado” (Anaïs Segalas)

Logo abaixo do título do texto, apareceu o nome da escritora francesa, o que nos leva a acreditar que possivelmente trata-se de uma narrativa de sua autoria. De acordo com a publicação carioca, a tradução para o português foi feita por M. E. C. Menezes.

4. “Uma cena de salteadores nos Pirineus” (Auguste Humbert)

Narrativa assinada por Auguste Humbert.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

1. “A cabeça da favorita” (Pitre-Chevalier – Pierre-Michel-François Chevalier)

Narrativa publicada, em 1842, no *L'écho des feuilletons: recueil des nouvelles, contes, anedoctes, episodes, etc.* e também no *Paris-Londres: Keepsake français*.

2. “Costumes e usos judiciais em Bósnia” (autor desconhecido)

A narrativa foi publicada diversas vezes ao longo da primeira metade do século XIX. Em 1838, saiu com mesmo título, no *Affiches, annonces judiciaires, avis divers du mans et du département de la Sarthe*. No ano seguinte, apareceu nas páginas do *Archivo Popular* e também no *Museum für Kunst, Literatur, Musik, Theater und Mode*. Alguns anos mais tarde, em 1851, foi lançada pelo periódico espanhol *La ilustración*. Tanto a edição francesa quanto a edição alemã indicaram que o texto veiculado em suas páginas fora extraído do *Gazette des Tribunaux*, provavelmente a fonte inicial de “Costumes e usos judiciais em Bósnia”.

3. “Um acaso às vezes serve de muito. Anedota” (Mme. la comtesse de Bradi – Agathe -Pauline Caylac de Ceylan)

Narrativa assinada por Mme. la comtesse de Bradi, pseudônimo de Agathe-Pauline Caylac de Ceylan, e publicada em 15 de janeiro de 1835, no *Journal des demoiselles*.

4. “O prestígio da cena” (Pietre-Chevalier – Pierre-Michel-François Chevalier)

Não localizamos nenhuma publicação anterior ao *Correio das Modas* de onde os redatores poderiam ter extraído o texto. No entanto, sabemos que a narrativa foi lançada por diversos periódicos posteriores à revista. Em 1846, ela saiu no sob título de “La prestige de la scène”, no *Journal des connaissances utiles: courrier des familles*. Em 1854, apareceu com o nome de “A carnival adventure in Milan”, no *The living age* e, em 1857, foi designada como “Een karnaval-avontuur in Milan”, na versão veiculada pelo *Nederlandsch museum: geschied- en letterkundige merkwaardigheden*. No Brasil, ganhou ainda o título de “Um caso. Um dia de entrudo em Milão”, na edição de 17 de abril de 1853 do *Jornal das Senhoras*.

5. “Adem dai. Conto oriental” (autor desconhecido)

Encontramos uma versão em língua inglesa da narrativa, lançada em 1834 pelo periódico norte-americano *The juvenile miscellany, or Friend of youth*. De acordo com a publicação, trata-se de uma tradução do francês.

6. “O juramento temerário” (Baronesa de Somtheuvel)

Narrativa assinada pela baronesa de Somtheuvel, encontrada em uma edição de 1847 do periódico norte-americano *Graham’s American Monthly Magazine of Literature and Arts*. Segundo o jornal, o texto havia sido traduzido do francês por Mrs. Jane Tayloe Worthington.

7. “O doido” (autor desconhecido)

Texto veiculado, em 1836, pela revista portuguesa *Biblioteca familiar e recreativa*. Segundo a publicação, trata-se de uma tradução do francês.

8. “O pintor Rubens. História do 17º. século” (Samuel Henri Berthould)

Localizamos uma versão em língua portuguesa da narrativa no periódico *O Panorama: jornal literário, científico e instrutivo*. De acordo com a publicação, o texto fora extraído da obra *L’honnête homme*, ou, como se chamava a tradução, *Estudos morais*.

9. “Fantasma viva” (E. P.)

Narrativa de título “The literary pirate foiled. An incident in the life of Anne Radcliffe” localizada na edição de 24 de junho de 1843 do periódico norte-americano *The new mirror of literature, amusement and instruction*. Trata-se de uma tradução do francês, conforme indica a referida publicação.

10. “Um dia da vida de uma rainha” (Mlle. Isaure Bigot)

Narrativa de Mlle. Isaure Bigot publicada no *Journal des demoiselles*, em 15 de maio de 1833.

11. “Os desposados d’ amor” (Gustave Essards)

Narrativa assinada por Gustave Essards.

12. “A pedra do amaldiçoado” (Ambs-Dalès – Jean-Baptiste Dalès)

Narrativa assinada por Ambs-Dalès como ficou conhecido o escritor francês Jean-Baptiste Dalès.

Novo Correio de Modas (1852)

1. “O leque e a ventarola” (Alphonse Brot)

Narrativa de Alphonse Brot publicada no periódico francês *Le conseiller des dames: journal d'économie domestique et de travaux d'aiguille*, em abril de 1851.

2. “Joana, ou um amor contrariado” (Charles Monselet)

O texto original foi publicado na *Revue pittoresque: Musée littéraire rédigé par les premiers romanciers et illustré par les premiers artistes*, em 1850. No entanto, é possível que a narrativa tenha entrado no Brasil por intermediação portuguesa, já que um texto muito parecido, chamado “O que fez um marido para que sua mulher o amasse”, foi veiculado na *Revista Popular: seminário de literatura, ciência e indústria*, em 1852.

3. “A grade do jardim” (Frédéric Soulié)

Narrativa encontrada na edição de 5 de março de 1844 do periódico *Le Compileur: revue des journaux françaises et étrangers*.

4. “Uma passagem da juventude de um grande homem” (Le général M****)

Narrativa encontrada na edição de maio de 1844 do periódico *La revue de la presse: gazette des familles*.

5. “Amor conjugal” (desconhecido)

Provavelmente trata-se de uma compilação de duas narrativas, ambas tratando do tema do amor conjugal. Em nossa busca, localizamos apenas a primeira, chamada “Lady Nilhisdale”, em uma edição de 1863, do *Dictionnaire d'anecdotes chrétiennes, puisés dans les annales de la religion*.

6. “Hortênsia e Leonor, ou as primas” (Virginie Ancelot)

Narrativa localizada em uma edição de 1842 do *Paris-Londres: keepsake français*.

7. “A heroína de uma noite” (Ponson du Terrail)

Encontramos a narrativa no *Album littéraire et musical de la Minerva* (Montreal: Ludger Duvernay. Maio de 1850, p. 135-141), o qual indica que a fonte utilizada fora o *Journal de Demoiselles*. Os redatores do *Novo Correio de Modas*, no entanto, apontam que se trata de uma tradução do inglês. Isso nos leva a crer que o texto de Pondon du Terrail pode ter entrado no Brasil por intermediação inglesa.

8. “A princesa de Lambale ou uma vítima ilustre” (Alboize – talvez Jules-Édouard Alboize de Pujol)

Narrativa localizada no *Album littéraire et musical de la Minerve* de maio de 1850. De acordo com a revista, o texto fora extraído do *Journal des Demoiselles*.

Novo Correio de Modas (1853)

1. “As rainhas da Inglaterra. Mathilde esposa de Guilherme o conquistador” (Mme. Laure Prus)

Narrativa assinada por Mme. Laure Prus, encontrada em um número de janeiro de 1850 do periódico *Album littéraire et musical de la Minerve*.

2. “O voto das três irmãs” (Mme. Eveline Ribbecourt)

Narrativa assinada por Mme. Eveline Ribbecourt.

3. “O lago da guarda. Fragmento” (Mme. Angelique Arnaud)

Narrativa assinada por Mme. Angelique Arnaud.

4. “Otilia. Crônica flamenga” (Mme. Eveline Ribbecourt)

Narrativa assinada por Mme. Eveline Ribbecourt, encontrada no periódico *Album littéraire et musical de la Minerve*, de 1850.

5. “Não há grande que não precise de um pequeno” (Mme. Clemence Lalire)

Narrativa baseada em uma peça de teatro, escrita por Mme. Clemence Lalire e publicada no *Album littéraire et musical de la Minerve*, de 1850.

6. “Manfrida de Sorreze ou a expiação” (Mme. Eveline Ribecourt)

Narrativa assinada por Mme. Eveline Ribecourt.

7. “Casamento por inclinação” (Mme. Edmêe de Syva)

Localizamos a narrativa em um número do *Album littéraire et musical de la Minerve*, de 1849. De acordo com a publicação, a narrativa fora extraída do *Journal des demoiselles*.

8. “O albergue do poeta” (Affonso Esquiros)

Narrativa de Affonso Esquiros, traduzida por Augusto Emílio Zaluar e publicada, em 1844, no periódico *L’artiste: beaux-arts et belles-lettres*.

9. “Quanto custou um pêssego” (Léon Gozlan)

Narrativa assinada por Léon Gozlan.

10. “O passarinho agradecido” (Elie Berthet)

Narrativa assinada por Elie Berthet.

11. “Francisco I e o arquiteto primatício” (provavelmente Alexandre Dumas)

Origem provavelmente francesa. Os eventos apresentados na narrativa ocorrem em paralelo aos descritos em “Os dois arquitetos de Francisco I”, a qual foi veiculada nas páginas do *Novo Correio de Modas* sob assinatura de Alexandre Dumas.

12. “Os dois arquitetos de Francisco I” (Alexandre Dumas)

Narrativa assinada por Alexandre Dumas.

13. “A tempestade” (Etienne Enault)

Narrativa escrita por Etienne Enault, encontrada em um número de julho de 1850 do periódico *Album littéraire et musical de la Minerve*. De acordo com a publicação, o texto fora extraído do *Journal des Demoiselles*.

Novo Correio de Modas (1854)

1. “Elisa Delville” (Montespan – Françoise Athénaïs de Rochechouart de Mortemart)

Narrativa assinada por Montespan, como ficou conhecida a escritora Françoise Athénaïs de Rochechouart de Mortemart.

2. “A marquesa de Brinvilliers” (desconhecido)

Narrativa encontrada no periódico *La Mosaïque du midi: publication mensuelle*, em 1841.

3. “Henriquetta de Mont-Clara. Novela” (Mademoiselle de Gaudin)

Narrativa assinada por Mademoiselle de Gaudin, no *Almanach Littéraire ou étrennes d’Apollon*, de 1784.

4. “O moderno Harun-al-rachid”

Narrativa publicada, em 1860, no *L’Echo du cabinet de lecture paroissial de Montreal*.

5. “As esperanças”

Narrativa assinada por Eugène Nyon.

6. “O pequeno tambor” (Émile Marco de Saint-Hilaire)

Narrativa de Émile Marco de Saint-Hilaire, localizada no segundo volume da obra *L'écho des feuilletons: recueil des nouvelles, contes, anedoctes, episodes, etc.*, de 1861. Trata-se de uma compilação de “lendas, anedotas e episódios extraídos da imprensa”, conforme indica seu subtítulo.

7. “Júlia. Conto fantástico” (desconhecido)

Narrativa extraída do *Lanterne magique*, segundo informa o *Novo Correio de Modas*.

8. “Uma página da biografia de Napoleão” (Madame Tastu – talvez Sabine Casimire Amable Voïart)

A narrativa apareceu sob assinatura de Madame Tastu. Talvez seja de autoria da escritora francesa Sabine Casimire Amable Voïart, mais conhecida como Amable Tastu.

9. “Escolha de uma profissão” (Pigault Lebrun)

Narrativa não localizada em nossa busca, assinada por Pigault Lebrun e Henrique Veloso de Oliveira. Provavelmente o escritor francês foi o autor do texto e o brasileiro, o tradutor.

10. “O poder das lágrimas” (Henri Nevire)

Narrativa assinada por Henri Nervire, não encontrada em nossa busca.

5. NARRATIVAS DE ORIGEM INGLESA

5.1 Retiradas de livros do(s) autor(es)

Correio das Modas (1º. semestre de 1839)

Nenhuma narrativa localizada.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1852)

1. “A morte de um pai de família” (James Hervey)

Narrativa publicada na obra *Meditations and contemplations*, um “best-seller” do período, lançado pelo autor na primeira metade do século XVIII.

2. “Os ingleses misteriosos” (Archibald Duncan)

Narrativa localizada na obra *The English reader: a key in the English language and literature*. Em nossa pesquisa, utilizamos como base o texto veiculado na 9a. edição, de 1868.

3. “O avarento de Southwark, ou tal vida, tal morte” (Frederick Somner Merryweather)

Narrativa localizada na obra *Lives and anecdotes of misers*, de 1850. De acordo com o tradutor brasileiro, o texto havia sido retirado de “uma interessante brochura intitulada – Biografia, Anedotas, manias esquisitas de avarentos, famigerados” não localizada em nossa pesquisa. Provavelmente trata-se de uma edição em língua portuguesa da obra de Frederick Somner Merryweather.

Novo Correio de Modas (1853)

1. “História da senhorita Bouck ou cativo entre os barbarescos” (desconhecido)

Na obra *Naufragia, or, Historical memoirs of shipwrecks and of the providential deliverance of vessels* localizamos a seguinte informação a respeito do naufrágio da condessa de Bourk:

“Shipwreck of Madame la comtesse de Bourk, on the Coast of Gigery in the Kingdom of Algiers, with the Adventures of Mademoiselle de Bourk, in 1719. Le comte de Bourk was an Irish Officer in the Spanish Service, who had been appointed Ambassador Extraordinary from the Court of Madrid to Sweden. The Contess was the daughter of Marquis de Varenne. This interesting narrative is inserted in a Voyage made to *Algiers and Tunis*, par M. Dusault, Paris, 1720, and also in the *Histoire des Etats Barbaresques*, Paris, 1725. It was also new modeled under the title of *La Belle Captive, ou Histoire du Naufrage et de la Captivité de Mademoiselle Adeline, Comtesse de Saint Forget, âgée de 10 ans, dans une partie du royaume d’Algier*, en 1782, petit in 12. A short note of the Territory of Gigery is subjoined” (*Naufragia, or, Historical memoirs of shipwrecks and of the providential deliverance of vessels*, v. II, 1806, p. 19-20).

Ao que parece, alguns autores foram inspirados pela história da menina e criaram diferentes versões a respeito de seu cativo na Argélia. Isso explica a existência de diversas obras dedicadas ao assunto, como *Voyage made to Algiers and Tunis*, *Histoire des Etats Barbaresques*, *La Belle Captive, ou Histoire du Naufrage et de la Captivité de Mademoiselle Adeline, Comtesse de Saint Forget, âgée de 10 ans, dans une partie du royaume d’Algier*. No *Mercure français* de 1720 apareceram algumas cartas sobre o naufrágio: na primeira, M. Dussault, enviado extraordinário da França junto aos bárbaros, escreveu da Argélia para o conde de Toulouse a fim de informá-lo sobre o acontecido, na segunda, Mademoiselle de Bourck dirigiu-se a seu pai e lhe contou seus infortúnios. A essas, seguiu-se um texto sobre o ataque dos franceses para libertar seus demais compatriotas e outro sobre os Bourks. O conteúdo das cartas se parece bastante com o texto encontrado em *The mariner’s chronicle* (1835, p. 86-97), de onde aparentemente os redatores do *Novo Correio de Modas* retiraram a narrativa.

2. “Viagens de James Cook” (James Cook)

Narrativa encontrada no volume I do livro *The voyages of Captain James Cook*, de 1842.

3. “Aix-la-chapelle” (Frances Milton Trollope – Mistress Trollope)

Encontramos uma versão em língua francesa da narrativa na obra *La Belgique et l'ouest de l'Allemagne en 1833*, de 1834. Logo na capa, encontra-se a informação de que se trata de uma tradução do inglês feita por A. Sobry.

Novo Correio de Modas (1854)

1. Fragmentos de viagem: James Cook (James Cook)

Narrativa encontrada no volume I do livro *The voyages of Captain James Cook*, de 1842.

2. “Profecias modernas” (Charles Mackay)

Narrativa de Charles Mackay, publicada na obra *Memoirs of extraordinary popular delusions and the madness of crowds*, de 1850.

3. “História do recente cativo da jovem Adelina Wilson” (desconhecido)

Narrativa de autor desconhecido, publicada na obra *Indian battles, captivities, and adventures*.

4. “Cagliostro, o célebre alquimista” (Charles Mackay)

Narrativa de Charles Mackay, traduzida por Henrique Veloso de Oliveira, encontrada em uma edição de 1852 da obra *Memoirs of extraordinary popular delusions and the madness of crowds*.

5.2 Assinadas por um autor inglês, veiculadas na imprensa periódica de língua inglesa e/ou publicadas em periódicos estrangeiros sob indicação de que se trata de uma tradução do inglês

Correio das Modas (1º semestre de 1839)

1. “O casamento fatal” (autor desconhecido)

Narrativa extraída de “um periódico da Irlanda”, de acordo com o *Novo Correio de Modas*.

2. “A filha do general” (autor desconhecido)

Narrativa “La fille du général”, lançada pela *Revue britannique, ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne*, em 1838. Segundo a

revista, o texto havia sido retirado do *Asiatic journal*, provavelmente uma forma reduzida usada pelo tradutor para se referir ao jornal londrino *The Asiatic journal and monthly register for British India and its dependencies*.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

1. “O maelstrom” (Edward Wilson Landor)

Narrativa publicada, em setembro de 1834, nas páginas do periódico *Fraser’s Magazine for Town and Country*.³⁸²

2. “As desgraças de um homem abastado” (autor desconhecido)

Narrativa publicada, em fevereiro de 1840, no *The New Monthly Magazine*.

3. “O pontapé de uma bailarina” (autor desconhecido)

Narrativa retirada de “periódicos ingleses”, segundo informa a revista.

4. “Um desafio em Nápoles” (autor desconhecido)

Versão francesa lançada pela *Revue britannique, ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne*, em 1838. De acordo com a revista, o texto havia sido retirado de um livro ou de um jornal chamado *Metropolitan*, não localizado em nossa busca.

5. “Sarah Curran” (autor desconhecido)

Versão francesa veiculada pela *La Revue de Paris*, em 1831. Segundo a publicação, o texto havia sido extraído de um livro ou de um jornal chamado *Scenes of irish life*, não localizado em nossa busca.

6. “O pescador de Ostend” (G. P. R. James)

Narrativa publicada, em 1836, no periódico *Museum of foreign literature and science*. Os redatores da revista provavelmente usaram a versão portuguesa lançada n’*O Beija-flor: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo*, em 1838.

Novo Correio de Modas (1852)

1. “O serralheiro da Filadélfia” (Peregrine)

³⁸² Fonte: RAMICELLI, Maria Eulália, *op. cit.*, p. 269-270.

Narrativa publicada na *Bentley's Miscellany*, em 1839. O tradutor pode ter usado também as versões francesas encontradas nas edições da *Revue Britannique, au choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne*, de 1839, ou da *Bibliothèque française*, de 1840.

2. “Um ogro nos mares da Índia. Conto persa” (desconhecido)

Narrativa de origem inglesa, conforme indica a seguinte nota publicada na revista: “traduzido do inglês por Henrique Veloso de Oliveira”.

3. “A justiça num país civilizado” (desconhecido)

Versão francesa da narrativa localizada no periódico *L'illustration: journal universel*, segundo o qual o texto havia sido retirado de jornais ingleses.³⁸³

4. “A criada Maria” (desconhecido)

Narrativa publicada no periódico *Household words*, de 1852. Trata-se de uma coleção de textos de autores britânicos organizada por Charles Dickens.

5. “O naufrágio” (desconhecido)

Narrativa encontrada no periódico *Household words*, de 1850. Trata-se de uma coleção de textos de autores britânicos organizada por Charles Dickens. É provável que o texto tenha sofrido intermediação francesa, entrando no Brasil por meio da versão publicada pela *Revue britannique: revue internationale reproduisant les articles des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne et de l'Amérique*, em 1851.

6. “O anel de casamento” (desconhecido)

Narrativa localizada no *Chambers's Edinburgh journal*, no dia 15 de setembro de 1849.

Novo Correio de Modas (1853)

1. “O homem da perna de pau” (Henry Glassford Bell)

³⁸³ A narrativa foi veiculada no periódico francês com a seguinte introdução: “Les journaux anglais rapportent une scène de cour d’assises qui mérite d’être recueillie. Nous n’y ajoutons aucune réflexion par respect pour la conscience et pour le cœur de ceux qui liront ce drame ne s’intéresser si touchant.” O tradutor brasileiro condensou essas informações, apresentando no início da narrativa apenas a seguinte sentença: “Os jornais ingleses referem o seguinte”. A partir daí, já deu início à descrição dos eventos.

Narrativa de Henry Glassford Bell, provavelmente retirada do *The Edinburgh literary journal*, de 08 de outubro de 1829, ou do *The polar star of entertainment and popular science and universal repertorium of general literature*, de 1832.

2. “Quanto pode o desejo de possuir ouro” (Severin)

Narrativa assinada por Severin. Trata-se de uma tradução do inglês, conforme indica uma nota localizada ao final do texto.

3. “Exemplo de gênio comercial no século XII” (Jules Sandeau)

Narrativa publicada no *Chamber’s Edinburgh’s journal*, no dia 16 de dezembro de 1848.

4. “O álibi. Esboço dos costumes irlandeses” (desconhecido)

Narrativa encontrada em uma edição de 1836 da revista *The New monthly magazine*.

5. “Cristina no convento de Nonnenwerder” (H. AL. L.)

Narrativa publicada no *The Mirror of literature, amusement, and instruction*, no dia 23 de maio de 1840.

6. “O preço da vida” (desconhecido)

Narrativa publicada na revista *The home companion*, em 1854.

7. “Conto chinês” (desconhecido)

Narrativa publicada em 1841, na revista *Bentley’s miscellany*.

8. “Uma aventura: as montanhas de Vermont” (C.)

Encontramos uma versão em língua francesa na *Revue britannique, ou choix d’articles traduits des meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne*. De acordo com a revista francesa, a narrativa fora extraída do *New monthly magazine*.

9. “Esther, ou a velha irlandesa” (desconhecido)

Narrativa de origem inglesa, segundo informa a revista.

Novo Correio de Modas (1854)

1. “Uma aventura no baile de ópera” (desconhecido)

Narrativa encontrada no periódico *The ladies’ museum*, em 1829.

6. NARRATIVAS DE ORIGEM PORTUGUESA

6.1 Retiradas de livros do(s) autor(es)

Correio das Modas (1º. semestre de 1839)

Nenhuma narrativa localizada.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1852)

1. “O castelo de Faria (1373)” (Alexandre Herculano)

De acordo com Viana, a narrativa veio a lume pela primeira vez no periódico *O Panorama: jornal literário, científico e instrutivo*, em 1838.³⁸⁴ No entanto, é provável que os redatores do *Novo Correio de Modas* tenham utilizado a versão encontrada na obra *Lendas e narrativas*, de 1851, que virou assunto na seção de crônicas do periódico.

Novo Correio de Modas (1853)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1854)

Nenhuma narrativa localizada.

6.2 Assinadas por um autor português ou veiculadas na imprensa periódica de língua portuguesa

Correio das Modas (1º. semestre de 1839)

Nenhuma narrativa localizada.

³⁸⁴ VIANA, Liane Cunha. “‘O castelo de Faria’: resistência à ‘perda’ do passado e da identidade nacional.” *Revista Itinerários: narrar e resistir*, n. 10. Araraquara: UNESP, 1996. p. 155-166. p. 158.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

1. “A esposa na adversidade” (desconhecido)

Narrativa publicada no periódico *O Beija-flor: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo*, em agosto de 1838.

2. “A fuga do castelo de Lochlevin” (desconhecido)

Narrativa publicada no periódico *O Beija-flor: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo*, em dezembro de 1838.

3. “Seymour e Harley. História inglesa” (desconhecido)

Narrativa publicada no periódico *O Beija-flor: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo*, em agosto de 1838.

4. “Os dois irmãos” (desconhecido)

Narrativa publicada no periódico *O Beija-flor: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo*, em setembro de 1838.

5. “Uma viagem a Saumur” (desconhecido)

Narrativa publicada no periódico *O Beija-flor: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo*, em setembro de 1838.

6. “A donzela do Tarso” (desconhecido)

Narrativa publicada no periódico *O Beija-flor: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo*, em setembro de 1838.

7. “A casa de Boscovel” (desconhecido)

Narrativa publicada no periódico *O Beija-flor: semanário d’ instrução e recreio dedicado ao belo sexo*, em dezembro de 1838.

Novo Correio de Modas (1852)

- 1 “As três deusas. Charada em prosa” (Antonio Pedro Lopes de Mendonça)

Narrativa assinada por Antonio Pedro Lopes de Mendonça.

2. “O pagamento de uma dívida” (desconhecido)

Narrativa localizada em uma edição de abril de 1852, da *Revista Popular: seminário de literatura, ciência e indústria*.

3. “O chim na exposição de Londres” (desconhecido)

Narrativa localizada em uma edição de janeiro de 1852, da *Revista Popular: seminário de literatura, ciência e indústria*.

Novo Correio de Modas (1853)

1. “Os velhos retratos. Novela” (desconhecido)

Narrativa publicada em uma edição de junho de 1852, da *Revista Popular: seminário de literatura, ciência e indústria*.

2. “O passeio do fantasma. Lenda do século XV” (desconhecido)

Narrativa localizada no periódico *O Panorama: jornal literário, científico e instrutivo*, em 1842.

Novo Correio de Modas (1854)

1. “O homem dos provérbios” (Maria Peregrina de Souza)

Narrativa assinada por Maria Peregrina de Souza, publicada no *Periódico dos Pobres*, em 1848.

2. “Uma vida amargurada” (Maria Peregrina de Souza)

Narrativa assinada por Maria Peregrina de Souza, publicada no *Periódico dos Pobres*, em 1848.

3. “O cavaleiro do Cruzado Novo e o cavaleiro do botão de rosa” (Maria Peregrina de Sousa)

Narrativa de Maria Peregrina de Sousa, publicada no *Periódico dos Pobres*, em 1848.

4. “O vampiro” (desconhecido)

Narrativa encontrada em uma edição de 1842, do *Arquivo popular: leituras de instrução e de recreio*.

5. “O conde de Penhacerrada” (desconhecido)

Narrativa encontrada em uma edição de 1843, d’*O Panorama, jornal literário, científico e instrutivo*.

6. “Suzana Herbez, intitulada filha natural de Carlos X” (desconhecido)

Narrativa encontrada em uma edição de 1836 do periódico *O Recreio: jornal da família*.

7. NARRATIVAS DE ORIGEM ALEMÃ

7.1 Retiradas de livros do(s) autor(es)

Correio das Modas (1º. semestre de 1839)

Nenhuma narrativa localizada.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

1. “O casamento por inclinação” (Mme. Johanna Schopenhauer)

Narrativa assinada pela escritora Mme. Johanna Schopenhauer. Encontramos apenas uma versão francesa, intitulada “Le mariage d’inclination”, na obra *Soirées de Chamouny*, de 1832. De acordo com a publicação, trata-se de uma tradução do alemão.

2. “A vingança” (autor desconhecido)

Narrativa de autor desconhecido, publicada no livro *Vaterlandsche letteroefeningen*, em 1839.

Novo Correio de Modas (1852)

1. “O Flibusteiro, ou o pirata das Antilhas. Romance do último terço do século XVII” (Van der Velde)

Narrativa de Van der Velde publicada na obra *Sämmtliche Schriften von van der Velde*, Karl Franz (v. I. 1830, p. 94-202)

2. “Copélio ou uma moça sem coração. História verdadeira” (Ernst Theodor Wilhelm Hoffman)

Narrativa de Ernst Theodor Wilhelm Hoffman. Segundo a revista, o texto foi extraído da obra *Contos fantásticos*.

3. “A tabulagem, ou o jogo da banca. Episódio” (Ernst Theodor Wilhelm Hoffman)

Narrativa de Ernst Theodor Wilhelm Hoffman. Segundo a revista, o texto foi extraído da obra *Contos fantásticos*.

4. “História do navio de espectros. Conto oriental” (desconhecido)

Encontramos uma versão em língua inglesa da narrativa, no *Arabian days' entertainments*, de 1858. Logo na contracapa, descobrimos que se trata de uma tradução do alemão, feita por H. P. Curtis.

Novo Correio de Modas (1853)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1854)

Nenhuma narrativa localizada.

7.2 Assinadas por um autor alemão, veiculadas na imprensa periódica de língua alemã e/ou publicadas em periódicos estrangeiros sob indicação de que se trata de uma tradução do alemão

Correio das Modas (1º. semestre de 1839)

1. “O jogador ou o crime e a vingança” (desconhecido)

A narrativa foi publicada com a assinatura C. A. C. De acordo com a revista, trata-se de uma tradução do alemão.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

1. “A cabana” (desconhecido)

Narrativa de autor desconhecido, publicada no *Der Adler: Allgemeine Welt- und National-Chronik*, em 14 de junho de 1842.

Novo Correio de Modas (1852)

1. “A torre de pólvora de San Spirito em Veneza. Episódio da insurreição de 1848” (desconhecido)

Narrativa de autor desconhecido, publicada no periódico *Lesefruchte vom Felde der neuesten Literatur*, em 1849.

2. “História do califa Cegonha. Conto oriental” (Hauff)

Narrativa assinada por Hauff. Trata-se de uma tradução alemão, conforme indica uma nota ao final do texto.

3. “O ermitão de Bath ou um homem misterioso” (Dr. Th. L.)

Narrativa assinada por Dr. Th. Segundo o tradutor, o texto foi vertido ao português a partir do alemão.

Novo Correio de Modas (1853)

1. “O copo de limonada” (desconhecido)

Narrativa extraída do periódico *Oberpfälzer Anzeiger*, de 31 de março de 1846.

Novo Correio de Modas (1854)

Nenhuma narrativa localizada.

8. NARRATIVAS DE ORIGEM ESPANHOLA

8.1 *Retiradas de livros do(s) autor(es)*

Correio das Modas (1º. semestre de 1839)

Nenhuma narrativa localizada.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1852)

1. “Viagem a Nova-York (Estados Unidos). Fragmento” (M. Ramon de La Sagra)

Narrativa encontrada na obra *Cinco meses en los Estados-Unidos de la América del Norte*, de M. Ramon de La Sagra, publicada em Paris, em 1836. É possível que tenha sofrido intermediação francesa e entrado no Brasil por meio da tradução *Cinq mois aux États-Unis de l'Amérique de Nord, depuis le 29 avril jusqu'au 23 de septembre de 1835*, lançada dois anos mais tarde, em Bruxelas.

2. “Estados Unidos. Viagem a Filadélfia. Fragmento” (M. Ramon de La Sagra)

Narrativa encontrada na obra *Cinco meses en los Estados-Unidos de la América del Norte*, de M. Ramon de La Sagra, publicada em Paris, em 1836. É possível que tenha sofrido intermediação francesa e entrado no Brasil por meio da tradução *Cinq mois aux États-Unis de l'Amérique de Nord, depuis le 29 avril jusqu'au 23 de septembre de 1835*, lançada dois anos mais tarde, em Bruxelas.

3. “Casa ambulante dos Estados Unidos” (M. Ramon de La Sagra)

Narrativa encontrada na obra *Cinco meses en los Estados-Unidos de la América del Norte*, de M. Ramon de La Sagra, publicada em Paris, em 1836. É possível que tenha sofrido intermediação francesa e entrado no Brasil por meio da tradução *Cinq mois aux États-Unis de l'Amérique de Nord, depuis le 29 avril jusqu'au 23 de septembre de 1835*, lançada dois anos mais tarde, em Bruxelas.

Novo Correio de Modas (1853)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1854)

Nenhuma narrativa localizada.

8.2 Assinadas por um autor espanhol, veiculadas na imprensa periódica de língua espanhola e/ou publicadas em periódicos estrangeiros sob indicação de que se trata de uma tradução do espanhol

Correio das Modas (1º. semestre de 1839)

Nenhuma narrativa localizada.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1852)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1853)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1854)

1. “O dote de Maria. Trecho histórico” (desconhecido)

Narrativa localizada na edição de 20 de abril de 1845, do periódico *Semanário Pintoresco Español*, publicado em Madrid por D. V. de Lalama.

9. NARRATIVAS DE ORIGENS ÁRABE OU ITALIANA

9.1 Retiradas de livros do(s) autor(es)

Correio das Modas (1º. semestre de 1839)

Nenhuma narrativa localizada.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1852)

1. “História da bela Aroya ou três amantes em raros apuros. Conto oriental”
(desconhecido)

Encontramos uma versão da narrativa na obra *Les mille et une jours: comptes persans, turcs et chinois*, de 1844. A tradução do árabe para o francês foi feita por Cardonne, Petit de la Croix, Caylus, entre outros profissionais.

Novo Correio de Modas (1853)

1. “Os três anéis” (Giovanni Boccaccio)

Narrativa de Giovanni Boccaccio, traduzida por E. de Champeau.

Novo Correio de Modas (1854)

Nenhuma narrativa localizada

9.2 Assinadas por autor de línguas italiana ou árabe e/ou veiculadas na imprensa periódica desses dois idiomas

Correio das Modas (1º. semestre de 1839)

Nenhuma narrativa localizada.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

1. “A maldição de Dominiquin” (Giorgio Janety)

Narrativa do escritor italiano Giorgio Janety publicada no periódico *La moda: giornale di scenna della vita, mode di vario genere, e teatri*, de 06 de outubro de 1839.

2. “Uma aventura entre os túmulos” (desconhecido)

Localizamos uma versão em língua portuguesa no periódico *O Beija-flor: semanario d’ instrução e recreio dedicado ao bello sexo*, de 28 de novembro de 1838. É possível que o *Correio das Modas* tenha usado a versão portuguesa disponível no jornal lusitano e que esse, por sua vez, tenha se baseado nos *Comptes inédits des milles et une nuits*, uma tradução feita a partir do árabe por M. G. –S. Trébutien. As personagens Califa Haroun e Vizir Al Raschid, que protagonizam “Uma aventura entre os túmulos”, aparecem em alguns textos, mas não encontramos essa narrativa em específico na referida obra francesa.

Novo Correio de Modas (1852)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1853)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1854)

1. “Henda e Heggige ou o obolo” (desconhecido)

Localizamos uma versão francesa, no *Mercure étranger ou annales de la littérature étrangère*, de 1831. De acordo com o periódico, trata-se de uma tradução do árabe, feita por Duval-Destain.

2. “Uma história do inferno” (Nicolau Maquiavel)

Narrativa assinada por Nicolau Maquiavel.

10. NARRATIVAS DE ORIGENS PERSA, POLONESA E RUSSA

10.1 Retiradas de livros do(s) autor(es)

Correio das Modas (1º. semestre de 1839)

Nenhuma narrativa localizada.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1852)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1853)

1. “A felicidade do trabalho” (Faddeï Boulgarine)

Encontramos uma versão em língua francesa da narrativa, no *Archippe Thaddeevitch, ou: L'ermite russe. Tableau des mœurs russes au XIXe. Siècle*, de 1828. Trata-se de uma tradução da obra do escritor russo Faddeï Boulgarine.

2. “A cantora imperatriz” (Jean Czynski)

Narrativa encontrada na obra *La Russie pittoresque, sous la direction de Jean Czynski* (1837, p. 325-328)

3. “Hugo. Tradução teutônica do tempo dos cavaleiros da Cruz na Polônia e na Lituânia” (Elisa Souty)

Texto assinado por Elisa Souty, localizado na obra *La Pologne historique, littéraire, monumentale et pittoresque*, cuja impressão ocorreu entre 1835 e 1836.

Novo Correio de Modas (1854)

Nenhuma narrativa localizada.

10.2 Assinadas por autor persa, polonês ou russo, veiculadas na imprensa periódica de uma dessas línguas e/ou publicadas em periódicos estrangeiros sob indicação de que se trata de uma tradução desses três idiomas

Correio das Modas (1º. semestre de 1839)

Nenhuma narrativa localizada.

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

1. “Contos morais” (Gulistan de Sady)

Narrativa do escritor persa Gulistan de Sady, retirada da obra *Jardins das Rosas*, conforme indica a própria revista.

Novo Correio de Modas (1852)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1853)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1854)

Nenhuma narrativa localizada.

11. NARRATIVAS DE ORIGEM BRASILEIRA

Correio das Modas (1º. semestre de 1839)

1. “A missa do galo!! Legenda brasileira” (Maciel da Costa)
2. “Minhas aventuras na véspera de reis” (Josino do Nascimento Silva)
3. “A sorte grande. Comunicado” (Luiz Carlos Martins Pena)
4. “Angelino. 1549-1550” (Maciel da Costa)
5. “Minhas aventuras n’uma viagem de ônibus” (Luiz Carlos Martins Pena)
6. “O poder da música” (Luiz Carlos Martins Pena)
7. “Uma inspiração do inferno” (Maciel da Costa)
8. “O encontro misterioso” (Carlos Menezes)
9. “O último suspiro. Legenda brasileira” (João José de Sousa e Silva Rio)
10. “Uma maldição” (João José de Sousa e Silva Rio)
11. “A capela das ruínas” (Maciel da Costa)
12. “Uma viagem na barca de vapor” (Luiz Carlos Martins Pena)
13. “O ente misterioso” (Maciel da Costa)
14. “Emília” (Maciel da Costa)

Correio das Modas (2º. semestre de 1840)

Nenhuma narrativa localizada.

Novo Correio de Modas (1852)

1. “O xale” (***)
2. “Sem pés nem cabeça” (***)

Novo Correio de Modas (1853)

1. “Juliana de Álvares” (***)
2. “Aventura noturna” (***)
3. “Uma desgraça” (***)
4. “Conto para dormir” (***)

5. “Dos conhecimentos dos antigos” (***)
6. “O busto espantoso” (***)
7. “O busto espantoso. Explicação” (***)
8. “Quatro estados em um dia” (***)
9. “Os dois castigos” (***)

Novo Correio de Modas (1854)

1. “Benta Bestunta” (***)
2. “Cepo por dote” (***)
3. “A Virgem. Tradição brasileira” (Manuel Antonio Ferreira da Silva)
4. “A pulseira” (***)
5. “Os dois ribeiras” (***)
6. “O meu cavaleiro russo” (***)
7. “Garcia sete orelhas” (F. R. da S.)
8. “Um susto” (***)
9. “As feiticeiras” (***)